

**Os efeitos das
Narrativas
Memorialísticas
entre a clínica,
a política e a estética**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
AMANDA LESSA MALTA

OS EFEITOS DAS NARRATIVAS MEMORIALÍSTICAS
ENTRE A CLÍNICA, A POLÍTICA E A ESTÉTICA

Versão original

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Área de concentração:

Estudos psicanalíticos

Orientadora:

Profa. Andréa Máris Campos Guerra

Co-orientadora:

Profa. Jacqueline de Oliveira Moreira

Belo Horizonte
2021

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

150 M261e 2021	<p>Malta, Amanda Lessa.</p> <p>Os efeitos das narrativas memorialísticas entre a clínica, a política e a estética [manuscrito] / Amanda Lessa Malta. - 2021.</p> <p>171 f. : il.</p> <p>Orientadora: Andréa Máris Campos Guerra. Coorientadora: Jacqueline de Oliveira Moreira.</p> <p>Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Inclui bibliografia.</p> <p>1. Psicologia – Teses. 2. Psicanálise - Teses. 3 .Arte - Teses. I. Guerra, Andréa Máris Campos . II. Moreira, Jacqueline de Oliveira. III. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. IV. Título.</p>
----------------------	--



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



FOLHA DE APROVAÇÃO

Os efeitos das Narrativas Memorialísticas entre a clínica, a política e a estética

AMANDA LESSA MALTA

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em PSICOLOGIA, como requisito para obtenção do grau de Mestre em PSICOLOGIA, área de concentração ESTUDOS PSICANALÍTICOS, linha de pesquisa Conceitos Fund. Psicanálise Invest. Campo Clínico e Cultural.

Aprovada em 09 de fevereiro de 2021, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Andrea Maris Campos Guerra - Orientador
UFMG

Prof(a). Jacqueline de Oliveira Moreira
PUC-Minas

Prof(a). MARCUS ANDRE VIEIRA
puc rj

Prof(a). Guilherme Massara Rocha
UFMG

Belo Horizonte, 9 de fevereiro de 2021.



*A cada qual que sustenta a existência da
universidade pública, plural e gratuita*

AGRADECIMENTOS

Na dificuldade de agradecer a todos que acompanharam este percurso, elenco alguns, a partir dos quais espero que tantos outros possam se sentir representados.

Começo agradecendo a Andréa e Jacque, as quais cito em sequência pela força de trabalho que esta dupla mobiliza. À Andréa agradeço pelas tantas trocas ao longo desses anos. Sua delicadeza proporciona a transmissão de seu rigor teórico com leveza e encanto. Obrigada, por apostarmos juntas neste percurso e por inspirar meus caminhos pela psicanálise. À Jacque agradeço pela aposta inicial e desejosa na metodologia das Narrativas Memorialísticas, a partir da qual tantos trabalhos se impulsionaram. Agradeço também por ela nos brindar com seus saberes mil, sempre embalados por boas risadas. Seu bom humor tornou este percurso mais leve em tempos tão difíceis.

Agradeço à minha família, pelo apoio de sempre. À minha mãe, Cláudia, por me apresentar aos livros, por partilhar as inquietações com o mundo, por todo o cuidado e presença. A meu pai, Renato, sou grata pelo amor incondicional, por sua delicadeza e doçura. À Tanira, pela parceria que torna esta vida mais leve, por dividir comigo este mundo que em um primeiro instante foi seu.

Ao Gui, pela vida partilhada e pelo amor que me moveu neste tempo.

Aos colegas do PSILACS, pelo percurso de pesquisa sustentando por muitos e pelas tantas trocas ao longo desses anos.

Às amigas e amigos queridos, agradeço pelas risadas nas horas de descanso e pelo aconchego nos momentos difíceis.

A Ana, Luísa e Gabi, pelas trocas virtuais das manhãs de quinta-feira e pela aposta insistente nas artes. Em tempos de isolamento, nossos encontros tornaram este percurso menos solitário.

Ao Joaquim agradeço pelas travessias feitas até aqui.

E aos jovens que construíram esta pesquisa, deixo meu agradecimento sincero e afetuosos. Meu encontro com suas histórias de vida e com seus saberes embalou e deu vida a esta dissertação.

“O inconsciente freudiano, é nesse ponto que eu tento fazer vocês visarem por aproximação que ele se situa nesse ponto em que, entre a causa e o que ela afeta, há sempre claudicação”

(Lacan, Seminário 11)

RESUMO

Malta, A. L. (2021). *Sua vida daria uma: As Narrativas Memorialísticas entre a estética, a clínica e a política*. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais.

A presente investigação busca interrogar os efeitos oriundos da metodologia de intervenção das Narrativas Memorialísticas aos jovens participantes da pesquisa *Adolescências e Leis*. Esta última foi desenvolvida ao longo dos anos de 2016 e 2018 pelo núcleo de pesquisa Psicanálise e Laço Social no Contemporâneo (PSILACS) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e teve como objetivo investigar os condicionantes subjetivos favoráveis ao enlace e desenlace do jovem ao crime. Para tal foram adotadas, como recurso para coleta de dados, as Narrativas Memorialísticas – uma metodologia de intervenção inovadora ao campo de estudos psicanalíticos –, voltadas à investigação de fenômenos sociais e divididas em três tempos: Narrar, Criar e Partilhar. No primeiro tempo citado, os jovens, em sua maioria negros, moradores de periferias urbanas da cidade de Belo Horizonte, foram convidados a narrar suas histórias de vida sobre livre associação. Essas narrativas foram gravadas e entregues, posteriormente, a artistas convidados do núcleo PSILACS que criaram obras de arte a partir das histórias de vida narradas. A esse tempo de criação acrescentamos as construções teóricas desenvolvidas pelos pesquisadores do núcleo a partir da escuta dos jovens convidados. O tempo da Partilha, por sua vez, foi des-

ABSTRACT

Malta, A. L. (2021). *Narrative Memoir among clinical practice, aesthetics and politics*. (Masters Dissertation). Graduate Studies in Psychology, Federal University of Minas Gerais.

This research seeks to question the effects arising from the intervention methodology of Narrative Memoir towards the young participants of the *Adolescências e Leis* research. The latter was developed over the years 2016 and 2018 by the Contemporary Psychoanalysis and Social Tie (PSILACS - *Psicanálise e Laço Social no Contemporâneo*) research group of the Federal University of Minas Gerais (UFMG) and aimed to investigate the subjective conditions that favors tying and untying young people to crime. For this purpose, Narrative Memoir was adopted as a resource for data collection, an innovative intervention methodology in the field of psychoanalytical studies, focused on the investigation of social phenomena and divided into three stages: Narrate, Create and Share. In the first stage, young people, mostly black, living in the urban peripheries of Belo Horizonte, were invited to tell their life stories about free association. These narratives were recorded and later handed over to invited artists from the PSILACS group who created works of art from the narrated life stories. In the Creation stage we added the theoretical constructions developed by the researchers of the group after listening to the young people. The Sharing stage, in turn, was destined to build a connection among the young people, the researchers, the

tinado à construção de um encontro entre os jovens, os pesquisadores, os artistas e as obras de arte produzidas. Posto isso, a presente investigação, tomada como um desdobramento da pesquisa Adolescência e Lei, busca, por meio de entrevistas realizadas com os jovens participantes desta última, e através da análise das narrativas cedidas e do material audiovisual da Partilha, discorrer sobre os efeitos oriundos da participação dos jovens na metodologia de intervenção das Narrativas Memorialísticas. Para tal, nosso percurso de investigação teórica partiu da pergunta: “o que é um efeito para o campo de estudos psicanalíticos?” e desdobrou-se sobre os estudos da articulação entre causa e efeito desenvolvidos, não apenas por autores centrais a esse campo, como Sigmund Freud e Jacques Lacan, mas por filósofos renomados como David Hume e Immanuel Kant. As articulações teóricas entre arte e psicanálise, desenvolvidas por Jacques Lacan ao longo dos anos 1960 e revisitadas por autores contemporâneos, também enriqueceram nosso percurso de investigação sobre os efeitos oriundos da metodologia de intervenção adotada que possui como operador lógico o objeto *a*.

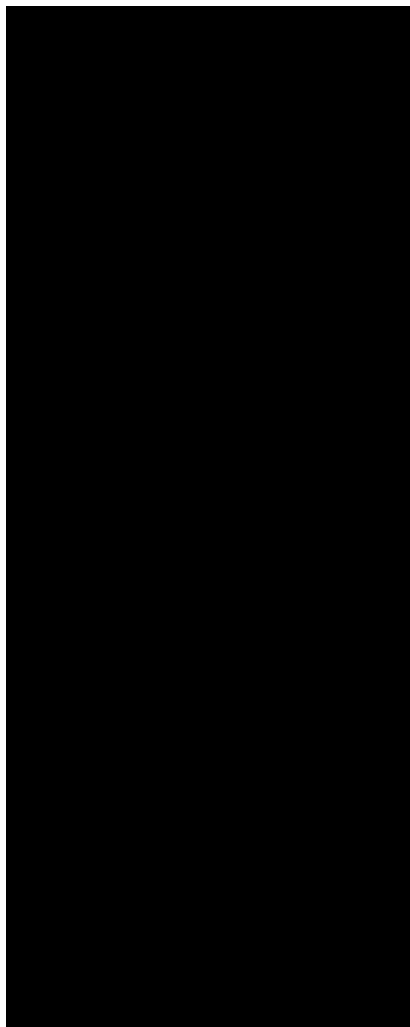
Palavras-chave: Psicanálise; Arte; Narrativas Memorialísticas; Causa e efeito

artists and the produced works of art. That said, the present investigation – taken as an unfolding of the Adolescence and Law research – seeks, through interviews with young participants of the latter, and through the analysis of the narratives and the audio-visual material of the Sharing stage, to discuss the effects arising from the participation of the youngsters in the intervention methodology of the Narrative Memoir. To this end, our path of theoretical research began with the question: “what is an effect for psychoanalysis?” and unfolded on the studies of the articulation between cause and effect developed not only by authors central to this field of studies, such as Sigmund Freud and Jacques Lacan, but by renowned philosophers such as David Hume and Immanuel Kant. The theoretical articulations between art and psychoanalysis, developed by Jacques Lacan throughout the 60’s and revisited by contemporary authors, have also enriched our research journey on the effects arising from this intervention methodology that has the object *a* as its logical operator.

Keywords: Psychoanalysis; Art; Narrative Memoir; Causa and Effect

LISTA DE FIGURAS

- 29 **FIGURA 1** Banda Moebius II
- 69 **FIGURA 2** A relação de causa e efeito na obra freudiana
- 70 **FIGURA 3** A relação de causa e efeito na obra humeana
- 75 **FIGURA 4** A relação de causa e efeito na obra *Crítica da Razão Pura*
- 82 **FIGURA 5** A relação de causa e efeito segundo os regimentos morais kantianos
- 83 **FIGURA 6** A relação de causa e efeito segundo os regimentos morais sadianos
- 83 **FIGURA 7** A relação entre causa e efeito em *Kant com Sade*
- 93 **FIGURA 8** Contraposição entre os esquemas da relação entre causa e efeito nas obras de Henri Ey e Jacques Lacan (1946/1998)
- 99 **FIGURA 9** Contraposição dos esquemas de relação de causa e efeito na obra freudiana e lacaniana
- 159 **FIGURA 10** No Show, obra de Melvin Moti (2004)



SUMÁRIO

14	INTRODUÇÃO
19	1 AS NARRATIVAS MEMORIALÍSTICAS COMO METODOLOGIA DE INTERVENÇÃO NA PESQUISA PSICANALÍTICA DE FENÔMENOS SOCIAIS
20	1.1 A FRATURA NECROPOLÍTICA: O LUGAR DOS CORPOS BRANCOS E NEGROS NA ORGANIZAÇÃO SOCIAL
23	1.1.2 Necropolítica, biopoder e estado de exceção
29	1.2 UMA SUPERFÍCIE EM CONTINUIDADE
31	1.2.1 Adolescências e Leis: Um estudo psicanalítico sobre a desistência do crime na adolescência
32	1.2.2 Os três tempos interventivos da pesquisa Adolescências e Leis
32	1.2.2.1 Narrar uma história de vida
34	1.2.2.2 O tempo de criar
35	1.2.2.3 A Partilha
37	1.3 AS NARRATIVAS MEMORIALÍSTICAS ENTRE A CLÍNICA, A POLÍTICA E A ESTÉTICA
39	1.3.1 “Conte-me sua história de vida?”
48	2 A RELAÇÃO DE CAUSA E EFEITO PARA A PSICANÁLISE
49	2.1 NOSSO PONTO DE PARTIDA
49	2.1.1 “O inconsciente freudiano e o nosso”
52	2.1.2 “A presença do analista”
54	2.2 A RELAÇÃO DE CAUSA E EFEITO NA OBRA FREUDIANA
54	2.2.1 O trauma como causalidade sobredeterminada nas neuroses históricas
57	2.2.2 O caráter sexual, a temporalidade e o recalque na equação etiológica das neuroses
59	2.2.3 A realidade psíquica como elemento ordenador da relação de causa e efeito
61	2.2.4 Entre causa e efeito opera o recalque
66	2.3 DAVID HUME E O IMPASSE DA CAUSALIDADE
66	2.3.1 O tratado da natureza humana
67	2.3.2 Investigações sobre o entendimento humano: o princípio de associação entre a causa e o efeito

70	2.4 KANT E O IMPASSE DA CAUSALIDADE
72	2.4.1 Uma crítica (não só) da razão pura
73	2.4.2 O tempo como operador lógico na relação de causa e efeito
76	2.5 UM BREVE RECOLHIMENTO SOBRE A CAUSALIDADE EM KANT COM SADE
77	2.5.1 A ética kantiana
81	2.5.2 O gozo sádico
82	2.5.3 <i>Kant com Sade</i> e o impasse da causalidade
89	2.6 A RELAÇÃO DE CAUSA E EFEITO PARA A PSICANÁLISE DE ORIENTAÇÃO LACANIANA
90	2.6.1 A relação de causa e efeito no Colóquio de Bonneval
94	2.6.2 De uma fenomenologia do sentido à formulação do objeto <i>a</i>
95	2.6.3 O objeto <i>a</i> : resto da operação constitutiva entre o sujeito e o Outro
97	2.6.4 O objeto <i>a</i> causa de desejo
98	2.7 PARA CONCLUIR: “SÓ EXISTE CAUSA PARA O QUE MANCA”
102	3 OS EFEITOS ORIUNDOS DAS NARRATIVAS MEMORIALÍSTICAS: O QUE DIZEM OS JOVENS?
103	3.1 A PARTILHA
130	3.1.2 A distância como operador lógico na Partilha
131	3.2 AS ENTREVISTAS
132	3.2.1 O efeito político para aquele que não mostra seu furo
137	3.2.2 A arte e o narrar: artifícios para a ‘materialização’ de uma história de vida
142	3.2.3 “Minha vida vale?” e os furos de uma tessitura narrativa
148	3.2.4 Aberturas e potências do objeto-obra
154	3.2.4.1 O logro da imagem
156	3.3 PARA CONCLUIR: A POTÊNCIA DESARTICULADORA DO OBJETO A ENTRE NARRAR, CRIAR E PARTILHAR
159	4 CONSIDERAÇÕES FINAIS
163	REFERÊNCIAS
170	ANEXO

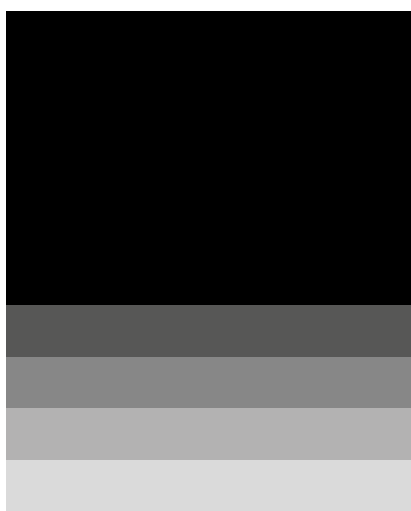




Imagem | João Victor Couto; Coleção: Pesadelo Assistido

INTRODUÇÃO

Iniciamos a construção desta introdução nos inspirando em dois textos de Sigmund Freud que, apesar de pouco explorados no corpo desta dissertação, nos apresentam contribuições importantes para pensarmos as especificidades da pesquisa que se introduzirá. Trata-se dos textos: *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/1996) e *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância* (1910/1996). No primeiro texto, ao discorrer sobre as pesquisas sexuais infantis, Freud (1905/1996) aponta para a centralidade da pulsão sexual sobre nossas primeiras pesquisas e trocas com o mundo. A pulsão sexual embala e vivifica o corpo da criança, impulsionando-a em suas buscas. O mundo da criança, porém, possui distâncias e fronteiras diferentes daquelas estabelecidas no mundo dos adultos. Assim, as zonas inexploradas não se localizam em terras distantes, localizadas a quilômetros de distância ou além-mares, são zonas erógenas do próprio corpo, orifícios a partir dos quais a criança começa a explorar o mundo e a fazer suas trocas. Com o passar dos anos essas pesquisas vão ganhando novos contornos e as crianças começam a dirigir seus olhares aos orifícios dos outros, se perguntando sobre a diferença sexual e sobre suas origens. Pois bem, apontado o caráter sexual que impulsiona as buscas infantis, Freud (1910/1996) prossegue com seus estudos sobre o recalçamento sexual, desta vez tomando as vias da sublimação e apontando, a partir de suas observações sobre o caso de Leonardo da Vinci, para a mudança de alvo que a pulsão sexual, quando sublimada, pode sofrer, transformando-se em pulsão de criação, pesquisa e trabalho.

Se Freud matricia e explica o impulso epistemofílico, a aproximação desenvolvida por Lacan, alguns anos mais tarde, entre o campo sexual e o registro do Real trará avanços notáveis a essa discussão. O Real é tomado como expressão do excedente de sentido, o que *não cessa de não se inscrever* sobre o campo simbólico e, assim, inquieta e impulsiona o circuito do desejo. Ao desvelarmos o caráter sexual que anima nossas pesquisas, nos encontramos com sua dimensão Real, com a inexistência da relação sexual que se coloca sobre o osso de uma investigação, desarticulando o par ‘perguntas e respostas’ ou qualquer desenvolvimento linear que acompanhe a tentativa de redução de uma pesquisa à articulação formal: ‘introdução, desenvolvimento e conclusão’.

Negar a pulsão sexual que impulsiona uma pesquisa é uma tarefa difícil, afinal esta última torna-se nossa parceira na cama, invadindo nossos sonhos e fantasias diurnas, dividindo nossas horas de sonho e, ainda, como se não bastasse, nos despertando no meio da noite com o coração disparado ao pensarmos nela. Assim, tomando emprestado o aforismo lacaniano, nos arriscamos a dizer, com uma pitada de bom humor, que a pesquisa não existe, assim como a relação sexual. Atravessado, insistentemente, pela dimensão Real, um percurso de pesquisa, mais do que oferecer respostas ou permitir desenvolvimentos e conclusões, nos suscita novas perguntas, impulsiona aberturas e nos apresenta sempre outras leituras possíveis. Diante dessa imensidão de aberturas e não inscrições, o que nos resta talvez seja fazer um bom uso de nossa neurose e, assim, operarmos com a castração, na medida em que esta nos permite fazer escolhas e sustentar com a perda.

Diante desse fato, nossa retomada da obra freudiana buscou ressaltar a dimensão real que perpassa a pesquisa em psicanálise. Afinal, foi a partir das aberturas suscitadas pelo tempo de concluir da pesquisa *Adolescências e Leis*, desenvolvida pelo núcleo de pesquisa Psicanálise e Laço Social no Contemporâneo (PSILACS) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) que a presente pesquisa ganhou vida. Os percursos da pesquisa *Adolescências e Leis* serão mais elucidados no Capítulo 1 seguinte, porém, para que os leitores possam acompanhar o desenvolvimento desta introdução, esclarecemos apenas que o escopo dessa pesquisa versava sobre a investigação dos elementos condicionantes ao enlace e desenlace do jovem com o crime e foi realizada adotando, como metodologia de coleta de dados, as Narrativas Memorialísticas. Tal metodologia divide-se em três tempos: no primeiro tempo foi pedido aos jovens participantes da pesquisa que narrassem suas histórias de vida sobre livre associação. Essas narrativas foram gravadas e entregues, no segundo tempo, a artistas convidados pelo núcleo PSILACS que realizaram obras de arte a partir da escuta das histórias de vida narradas. O terceiro tempo interventivo, intitulado Devolutiva ou Partilha, desenvolveu-se a partir de um encontro entre os jovens, os artistas e os pesquisadores da investigação *Adolescências e Leis*. Nesse momento foram compartilhados com os jovens os achados colhidos ao longo dos dois anos de desenvolvimento da pesquisa e lhes foram entregues, pelas mãos dos artistas, as obras de arte produzidas a partir de suas Narrativas Memorialísticas.

Como pesquisadora, participei e testemunhei os três tempos interventivos citados e, a partir de minha afetação, despertada pelo encontro com as histórias de vida narradas e com as obras de arte produzidas a partir delas, desenvolvi um projeto de mestrado que trazia como objeto a pergunta sobre os efeitos suscitados pela metodologia de intervenção das Narrativas Memorialísticas. O projeto se desenvolveu e ganhou corpo a partir da dissertação de mestrado que aqui se apresenta impulsionada pelo mesmo objeto de pesquisa: **investigar os efeitos oriundos da metodologia de intervenção em questão nos jovens participantes da pesquisa *Adolescências e Leis*.**

Esta investigação se desenvolve em três capítulos. No Capítulo 1 partimos da justificativa que impulsionou esta dissertação: a busca por metodologias de pesquisa psicanalíticas voltadas à investigação de fenômenos sociais capazes de responder ao compromisso do campo de se haver com os impasses do seu tempo e do seu território. Entre os impasses e urgências que concernem a nossa época e ao nosso país está as altas taxas de homicídio da população jovem, negra, moradora de periferias urbanas, a qual nossas pesquisas se dirigem. Em nossa busca por metodologias capazes de escutar os dizeres e modos de viver dessa população, constatamos que para tratar dessa realidade era preciso um retorno às consequências nefastas deixadas pelo processo colonizador escravagista ocorrido não somente em terras brasileiras, mas tratado nesta divisa com negação e indiferença. Nesse ponto, as obras de autoras e autores nacionais e internacionais, implicados com o desvelamento e reparação dessas consequências, foram centrais ao desenvolvimento desse debate. Entre as autoras nacionais visitadas citamos os trabalhos de Lélia Gonzalez, Neusa Santos e Andréa Guerra. Mais além das fronteiras de nossas terras, visitamos a obra do filósofo camaronês Achille Mbembe, trabalhando precisamente seu ensaio *Necropolítica* (Mbembe, 2016) e seu livro

Crítica da Razão Negra (Mbembe, 2014) Esses trabalhos nos serviram como guia, a partir dos quais foi possível elucidar o lugar atribuído aos corpos *brancos* e *negros* em nosso jogo político. O pensamento de Mbembe é fortemente influenciado pelas construções de Michael Foucault sobre os mecanismos do biopoder e do racismo de Estado, o que nos despertou o interesse em revisitar a obra do filósofo francês, nos detendo, em especial, nas lições reunidas sobre o livro *Em defesa da Sociedade* (Foucault, 1975-1976/1999), ofertadas entre os anos de 1975 e 1976 no Collège de France.

Apontada a organização racial e política a partir da qual esta pesquisa se justificou, passamos no Capítulo 1 a uma apresentação esmiuçada sobre a metodologia adotada ao longo do desenvolvimento da presente dissertação e aquela inaugurada ao longo da pesquisa *Adolescências e Leis*. Apesar de se diferenciarem quanto aos seus objetivos, métodos de coleta e análise de dados, as pesquisas podem ser interpretadas como uma superfície em continuidade, em analogia aos mecanismos operantes na banda de Moebius (Lacan, 1962-1963/2005). As aberturas e questionamentos reminiscentes da pesquisa *Adolescências e Leis*, foram tomados como causa de desejo e pulsão de trabalho no desenvolvimento da presente dissertação. O primeiro capítulo se encerra com a apresentação dos sujeitos que compuseram esta dissertação: os jovens participantes dos três tempos interventivos da pesquisa *Adolescências e Leis*, que foram introduzidos a partir de um trabalho de recorte e cola das falas oriundas de suas Narrativas Memorialísticas.

Estabelecido no primeiro capítulo o objetivo desta dissertação: escutar os efeitos oriundos da metodologia de intervenção das Narrativas Memorialísticas nos jovens participantes da pesquisa *Adolescências e Leis*, a construção do Capítulo 2 se desenvolveu sobre uma pergunta anterior: “o que é um efeito para a psicanálise?”. Os achados colhidos a partir desse questionamento partiram das (des)articulações entre causa e efeito desenvolvidas por Jacques Lacan ao longo de seu *Seminário 11* (1964/1993), em que o autor, a partir de uma retomada dos estudos kantianos recupera a noção de causa e destaca “a hiância”, que desde sempre, essa noção ofereceu “a todo saque conceitual” (Lacan, 1964/1993, p.26). Instigadas por essa “hiância”, buscou-se recuperar alguns estudos psicanalíticos e filosóficos sobre essa articulação. Sobre o primeiro campo utilizamos como referencial os estudos freudianos sobre a histeria, buscando apreender como Freud articula a noção de causa a partir de suas observações sobre os sintomas histéricos.

As buscas sobre a articulação entre causa e efeito no campo dos estudos filosóficos se estruturaram a partir das obras de Immanuel Kant e David Hume. O primeiro é apontado por Lacan (1964/1993) como uma importante referência teórica ao desenvolvimento da noção de causa, enquanto o segundo exerceu forte influência sobre os estudos kantianos a respeito da articulação entre causa e efeito. Na obra humeana exploramos suas *Investigações sobre o entendimento humano* (Hume, n.d/2004), em que o autor discorre sobre a articulação entre causa e efeito, promovendo seu enlace a partir do que ele nomeia como o “princípio do hábito” (Hume, n.d/2004). Sobre a obra kantiana, ainda que considerando sua amplitude e centralidade no campo de estudos psicanalíticos, nos contentamos em explorar, prioritariamente, a obra *Crítica da razão pura* (Kant, 1781/2005); nela Kant trabalha a articulação

entre causa e efeito a partir das categorias *a priori* e *a posteriori* do conhecimento humano. Após este percurso de busca, ainda no Capítulo 2, retornamos à obra lacaniana, desta vez nos enveredando pela leitura do *Seminário 10* (1962-1963/2005), em que Lacan, ao inaugurar a noção de “objeto *a*” e articulando-a com o campo causal do desejo, aponta a disjunção constitutiva que funda a relação entre causa e efeito no campo de estudos psicanalíticos.

O terceiro e último capítulo inaugura-se a partir da descrição das falas compartilhadas pelos jovens, artistas e pesquisadores ao longo da Partilha. A essa descrição segue-se uma apresentação das falas colhidas ao longo das entrevistas realizadas com os jovens participantes da pesquisa *Adolescências e Leis*, a partir das quais estes buscam nomear os efeitos reminiscentes de suas participações na metodologia de intervenção das Narrativas Memorialísticas. A escuta desses efeitos impulsionou nosso mergulho sobre as articulações teóricas que enlaçam os campos da arte e da psicanálise e o da estética e da política. Essa primeira articulação foi explorada a partir das formulações de Jacques Lacan (1964/1993) sobre o logro constitutivo da imagem, inaugurada pela dimensão do objeto *a* que atravessa o que vemos e o que nos olha, e também pelas elaborações de autores nacionais e internacionais que se dedicaram a esses estudos. A articulação entre política e estética, por sua vez, foi explorada nesta dissertação a partir de nosso encontro com a obra do filósofo francês Jacques Rancière, da qual extraímos seus desenvolvimentos sobre *A Partilha do Sensível* (2005)

As conclusões finais desta dissertação foram inspiradas nos efeitos de surpresa suscitados pelo bom encontro com a obra *No show* (2004), do artista holandês Melvin Moti. Nela encontramos uma preciosa referência ilustrativa que nos permitiu analisar, ainda que por seu avesso, os processos que engendram a metodologia de intervenção das Narrativas Memorialísticas, escancarando o logro constitutivo dos sentidos que atravessa as tentativas de narrar uma história de vida e a criação das obras de arte. Esse logro, instituído pela presença invisível do objeto *a* lacaniano (Lacan, 1962-1962/2005), impulsiona a potência criacionista das obras e os circuitos de gozo e desejo que se fazem ouvir a partir das histórias de vida narradas. As considerações finais contam também com a análise dos jovens sobre a articulação entre causa e efeito, colhidas a partir de um segundo momento de Partilha, em que foram compartilhados os achados colhidos ao longo da presente dissertação.

Antes de adentrarmos a leitura deste trabalho, façamos uma breve pontuação sobre a singularidade que envolve o projeto gráfico sob o qual esta dissertação se desenvolve. Este projeto nasceu de uma aposta na potência vital das obras de arte na metodologia de intervenção das Narrativas Memorialísticas. A partir dessa aposta e diante das diretrizes de formatação textual exigidas pela universidade que pareciam insuficientes para tratar a potência em questão, optamos, por nossa conta e risco, por apostar em um projeto gráfico, desenvolvido em parceria com o *designer* gráfico Leo Passos, que promovesse uma interlocução entre imagem e palavra, valorizando o texto escrito e evidenciando a potência das obras de arte que compuseram e inspiraram a construção desta dissertação.

Se a palavra é a morte da coisa, como já nos advertia Lacan (1966/1998), não nos preocuparemos em esmiuçar os referenciais gráficos que compõem o projeto gráfico desta dissertação, pontuamos apenas que as obras de arte apresentadas ao longo do trabalho compõem o

acervo virtual do núcleo PSILACS e foram todas produzidas a partir da escuta das Narrativas Memorialísticas dos jovens participantes da pesquisa *Adolescências e Leis*.

Sem mais delongas, inauguramos esta dissertação e deixamos um convite para que nossas leitoras e nossos leitores, ao longo de seus percursos de leitura, desloquem seus olhares para as margens, onde lá se encontrarão com a potência (deslocada) das obras de arte e com as marcas pretas que demarcam o início de uma nova articulação de ideias. Boa leitura!

1 AS NARRATIVAS MEMORIALÍSTICAS COMO METODOLOGIA DE INTERVENÇÃO NA PESQUISA PSICANALÍTICA DE FENÔMENOS SOCIAIS

“[...] a gente pôs o dedo na ferida deles, a gente diz que o rei tá pelado. E o corpo do rei é preto e o rei é Escravo.” (Lélia Gonzalez)

A pesquisa em psicanálise tem como finalidade preservar o sujeito, seus enodamentos pulsionais, suas formas singulares de gozo e desejo, contra qualquer pretensão universalizante dos outros discursos. À psicanálise cabe haver-se com o singular que perpassa as relações de determinado sujeito com o mundo, fazendo frente ao discurso da ciência que enrijece o sujeito na tentativa de enquadrá-lo a modelos de tratamento estandardizados ou objetificá-lo diante de saberes pré-estabelecidos. O mal estar, intrínseco à condição humana, é assim instalado como causa de produção de desejo na experiência analítica, enquanto a ciência o fixa na posição de um mal a ser combatido (Guerra, 2001).

A psicanálise, porém, apesar de fazer frente aos pressupostos éticos da ciência, apoia-se nesta na medida em que é condicionada internamente pela ciência (Pinto, 2009). Os primeiros ensaios de Freud, a fim de formalizar uma teoria psicanalítica, partiam da tentativa de validar a psicanálise como ciência do inconsciente, procurando introduzir a ela “o sujeito que dela foi ejetado para dar consistência ao saber” (Pinto, 2009, p.2). Introduzir a dimensão do sujeito ao saber implica haver-se com o que falta, com um *saber não todo* que escapa à racionalização.

A psicanálise revela um modo de abordagem do real inédito ao campo científico: “A ciência progride pela tentativa de escrever, colocar em letras e fórmulas o real a ser controlado, previsto e manipulado” (Pinto, 2009, p.12), já à psicanálise o real aparece como trauma, como fuga de sentido excedente à linguagem, “o que derrapa do que se escreve na constituição do aparelho psíquico” (Pinto, 2009, p.13). Ou, ainda, como define Miller (2001a, p.16): “como fuga do que se inscreve como saber”. A pesquisa em psicanálise, assim como a experiência analítica, inclui o real e versa sobre os processos subjetivos de enfrentamento deste, sem deixá-lo de escanteio pelo receio de sua eficácia avaliativa ou por medo de expor-se a seus riscos.

À pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais, como a nossa, caberá o desafio de se haver com o real fora da experiência do tratamento analítico, abordando o sujeito enredado aos fenômenos sociais e políticos, sustentando a subjetividade e a singularidade que envolvem suas escolhas e trajetórias de vida. A aposta da psicanálise é:

Proporcionar que cada sujeito construa um modo próprio de lidar com os impasses impostos pela formação discursiva daquele momento da civilização. Isso significa que a psicanálise se posiciona politicamente, por ser, de fato, um laço social que se dispõe a tratar esses impasses como efeitos de um dado movimento simbólico. (Pinto, 2009, p.4)

Cada período da história de uma civilização contará com produções discursivas diferentes, provocando impasses singulares a cada época e atrelados diretamente às características de controle social que dela fazem parte. O desejo do analista não é puro nem mesmo neutro, ele traz as marcas políticas de seu tempo (Brousse, 2003) e dos tempos histórico-políticos que o antecedem. Neste ponto tomamos a liberdade de um acréscimo ao dito de Marie-Helene Brousse (2003) à medida que entendemos, a partir de nosso encontro com a obra do filósofo camaronês Achille Mbembe, que a formação discursiva de determinado momento da civilização é composta pelos restos fragmentados da história, pelas marcas remanescentes dos discursos e práticas que antecederam e estruturaram esta formação.

Partindo desses apontamentos sobre a dimensão política do trabalho analítico e sobre a urgência de um retorno e escuta das estruturas silenciadas e denegadas da história de nossa civilização, que denunciam as marcas de um processo colonizador violento e assassino ocorrido não só em terras brasileiras, adentremos a obra de pensadoras e pensadores brasileiros ou de origem estrangeira que nos auxiliam a pensar sobre as necroestruturas de controle social que agenciam, e agenciaram ao longo de nossa história, a fixação cruel do corpo negro na posição de um corpo matável, justificada pelo asseguramento da primazia do gozo e do poder dos corpos *brancos*.

1.1 A FRATURA NECROPOLÍTICA: O LUGAR DOS CORPOS *BRANCOS* E *NEGROS* NA ORGANIZAÇÃO SOCIAL

Considerando as premissas expostas acima, podemos interpretar os índices alarmantes de homicídio da população negra, jovem, moradora de periferia de grandes centros urbanos, latentes não somente no atual momento histórico político de nosso país¹, mas em todo o fluxo de nossa história, como retorno sintomático dos restos fragmentados e recalçados de nossa história que fixam o corpo *negro* no lugar de corpo-objeto, de mercadoria ou na posição de um corpo matável (Mbembe, 2016).

Uma retomada histórica nos permite localizar que, partindo do processo brutal de invasão colonial das terras brasileiras, datado dos anos de 1500 e fomentado à custa de um processo silenciador e sangrento de escravização das populações africanas e indígenas, chegando até o ano de 1888, quando no Brasil foi promulgada a Lei Áurea² que previa a abolição da escravatura a partir de interesses mercantis europeus, não foi oferecido qualquer tipo de recurso ou subsídio que permitisse reconhecer a identidade negra ou indígena para além de suas posições como propriedade de seus senhores. A própria promulgação da Lei Áurea, como nos relembra Guerra (2020), se deu sem nenhuma compensação

¹ De acordo com os dados apresentados pelo Atlas da Violência (IPEA, 2019), no ano de 2017 ocorreram 65.602 homicídios no Brasil, deste total, 75,5% das vítimas eram negras. Trata-se do maior nível histórico de letalidade violenta intencional e do maior nível histórico de homicídio da população negra em nosso país. Fonte: Atlas da Violência (2019). Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo.

² Lei nº 3.353, de 13 de maio de 1888. Declara extinta a escravidão no Brasil. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. (Coleção das leis do Império do Brasil de 1888, v. I, Parte I, Tomo XXXV – Parte II, Tomo LI).

ou alternativa para os libertos se inserirem no novo Brasil livre e, assim, tomarem parte na vida em sociedade. Podemos afirmar, com Mattos e Abreu (2013), que o primeiro marco legal de valorização da identidade negra e de construção de políticas públicas compensatórias ou emancipatórias em resposta ao processo brutal de escravização africana no Brasil se deu um século depois da promulgação da referida Lei Áurea, quando, por meio do Artigo 68³ da Constituição de 1988, se reconheceu direitos territoriais aos remanescentes das comunidades quilombolas.

Outro fato histórico marcante do processo de escravização no Brasil, revelador do lugar atribuído ao corpo *negro* na história de nosso país e de nossa civilização, é a passagem em que, junto à Proclamação da República, no ano de 1889, foram queimados, por ordem atribuída a Rui Barbosa, todos os documentos referentes à escravização no Brasil (Lacombe, Silva e Barbosa, 1988 *apud* Guerra, 2020), em uma tentativa frustrada de apagar as pistas criminosas deste massacre.

Assim, nota-se que, para além dos longos anos de silêncio e descaso em que não foram oferecidas quaisquer políticas compensatórias de reinserção e reparação dos danos às populações de origem africana e indígena escravizadas em nosso país, ainda hoje promulga-se uma forte negação sobre as consequências deixadas por esse período brutal de nossa história e, conseqüentemente, sobre os lugares atribuídos aos corpos *brancos* e *negros* nessa realidade concreta. Essa negação aparece travestida em alguns mitos e discursos vigentes que trazem a mestiçagem como símbolo da identidade cultural de nosso país, dissimulando, assim, laços amistosos entre os ditos *brancos* e *negros* e ocultando o racismo endêmico sobre o qual nossa sociedade se estrutura.

A memorável psicanalista e antropóloga brasileira Lélia Gonzalez (1988) conceituará esse fenômeno, notável não apenas no Brasil, mas na grande maioria das sociedades de origem latina, como: “racismo por denegação”, em referência ao termo freudiano *verneinung* (Freud, 1925/2007), definido pelo dicionário *Laplanche e Pontalis* (2001, p.293) como: “processo pelo qual o indivíduo, embora formulando um de seus desejos, pensamentos ou sentimento, até aí recalcados, continua a defender-se dele, negando que lhe pertença”. Assim, à medida que o sujeito se comunica por meio da negação, ele denuncia o desconhecimento de si mesmo e revela seu saber insabido, o ocultamento de seus desejos inconscientes.

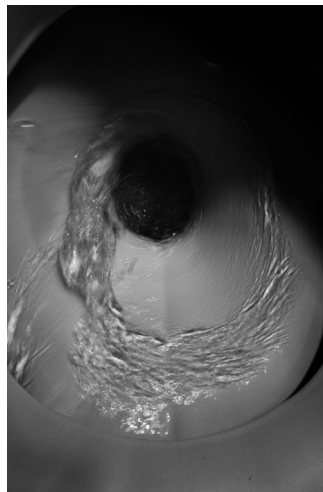
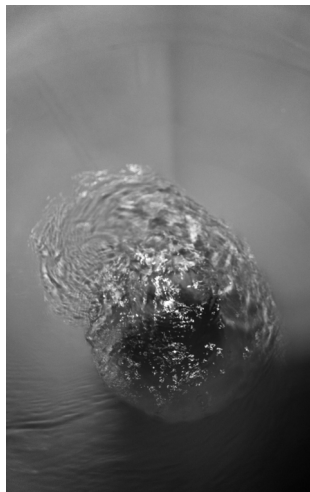
O racismo será tomado por Gonzalez (1984) como sintoma que caracteriza, por exceção, a neurose cultural brasileira na medida em que “oculta algo para além daquilo que mostra” (Gonzalez, 1984, p.224). O ocultamento do sintoma do neurótico permite ao sujeito gozar de certos benefícios e o liberta da angústia de se confrontar com sua castração. Ao que esse sujeito parece não estar advertido é que um sintoma caracteriza-se, prioritariamente, por seu caráter de retorno, assim este insistirá e persistirá até que as representações recalçadas possam, por meio de um tratamento que inclua o “dizer sobre”, revelar-se à consciência

³ Art. 68. Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos. - Fonte: Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 (1988). Brasília: Casa Civil. Disponível em: http://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/ADC1988_12.07.2016/art_68_.asp

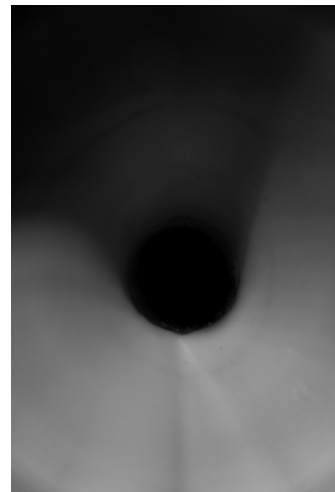
e assim tomar vias de escoamento alternativas que permitam a ascensão de sujeitos vívidos e desejantes.

Hoje, passados mais de 30 anos da propulsão do termo por Gonzalez (1970), o racismo por denegação continua estruturando as bases do projeto de dominação social branco que rege a sociedade brasileira. No dia 20 de novembro de 2020, data em que se comemora o Dia da Consciência Negra em nosso país, o vice-presidente da República, Hamilton Mourão, ao se pronunciar sobre o assassinato de João Alberto Silveira Fernandes⁴, repetiu por três vezes em rede nacional que não existe racismo no Brasil:

[...] Para mim, no Brasil, não existe racismo. Isso é uma coisa que querem importar aqui para o Brasil. Isso não existe aqui. Não, eu digo para você com toda a tranquilidade, não tem racismo. Eu digo isso para vocês porque eu morei nos Estados Unidos, racismo tem lá [...] aqui o que você pode pegar e dizer, é que existe desigualdade [...].⁵



Imagens | João Victor Couto; Coleção: Pesadelo Assistido



Negar o racismo parece-nos uma postura perversa. Afinal, é unicamente o medo da perda de gozo, conforto e deleite, que garante aos corpos *brancos* seu poder como classe dominante, o que faz com que, apesar de enxergarmos, bem debaixo de nossos narizes, as marcas do racismo estruturante de nossa vida em sociedade, ainda assim, optemos por negá-lo. Desse modo, não nos havemos como a dívida histórica de reparação das consequências nefastas de aniquilamento e opressão que mantemos com às populações negra e indígena

⁴ Homem negro espancado e morto por dois seguranças de uma loja do supermercado Carrefour na noite do dia 19 nov. 2020 em Porto Alegre (RS). Matéria disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/11/20/mourao-lamenta-assassinato-de-homem-negro-em-mercado-mas-diz-que-no-brasil-nao-existe-racismo.ghtml>. Acessado em: 03 dez, 2020

⁵ Recorte de fala extraído do registro audiovisual de reportagem publicada no Portal de Notícias G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/11/20/mourao-lamenta-assassinato-de-homem-negro-em-mercado-mas-diz-que-no-brasil-nao-existe-racismo.ghtml>. Acessado em: 03 dez. 2020

de nosso país. Ao mantermos o discurso de que o racismo não existe é possível, ainda assim, aos corpos brancos, ou àqueles que se identificam como “brancos”, gozarem com tranquilidade de seus bons drinks e banhos de sol, em que procuramos ganhar uma “corzinha”, mas sempre resguardados dos riscos de não ficarmos “pretos demais”.

1.1.2 Necropolítica, biopoder e estado de exceção

Achille Mbembe (2016), em seu ensaio *Necropolítica*, parte do conceito foucaultiano de ‘soberania’ (Foucault, 1975-1976 [1999]), tomado como poder e capacidade de ditar quem deve morrer e quem pode viver, a fim de inaugurar um debate sobre as formas contemporâneas de dominação que subjagam a vida ao poder da morte a partir do imaginário da raça. À ideia de soberania, Mbembe (2016) atrela dois conceitos fundamentais: o termo biopoder, também inaugurado por Michel Foucault ao longo dos anos 1970, e a noção de ‘estado de exceção’, abordada pelo filósofo camaronês a partir da obra de Carl Schmitt (1992). Aqui nos interessa, em especial, as conceptualizações de Mbembe (2016) sobre o primeiro termo, a fim de avançarmos em nosso debate sobre o lugar atribuído ao corpo negro na organização social.

Em sua obra *Em defesa da sociedade*, Foucault (1975-1976/1999) define o termo biopoder como um regime de controle voltado à espécie humana, uma forma de “estatização sobre o biológico” (1975-1976/1999, p.286) que abarca a regulamentação do Estado⁶ sobre processos de natalidade, de mortalidade, de longevidade ou sobre quaisquer adversidades, como desastres naturais e doenças fisiológicas, que possam ameaçar a dita integridade da espécie humana. As técnicas de biopoder começam a ganhar força a partir do final do século XVIII. Antes disso, no final do século XVII e início do século XVIII, o corpo social era regido e controlado por técnicas de poder centradas na disciplinarização dos corpos individuais com o intuito de docilizá-los e potencializá-los quanto às suas performances produtivas. Desse modo, Foucault (1975-1976/1999) diferencia a anatomopolítica do corpo humano, voltada à disciplinarização do indivíduo, da biopolítica da espécie humana, mas ressalta suas interseções na medida em que o regimento da multiplicidade dos homens redundava em corpos individuais, vigiados e treinados.

O poder biopolítico é assim, em primeira instância, o poder de fazer viver em oposição ao poder soberano de fazer morrer. Foucault (1975-1976/1999) nos advertirá que “o direito de vida e de morte só se exerce de uma forma desequilibrada, e sempre do lado da morte. O efeito do poder soberano sobre a vida só se exerce a partir do momento em que o soberano pode matar” (p.286), assim como o poder biopolítico faz viver alguns à medida que autoriza a morte de outros. É nesse ponto que o racismo é tomado como norma reguladora do direito à vida na economia do biopoder, como condição da aceitabilidade do fazer morrer

⁶ Sobre o conceito de Estado é importante ressaltar que Foucault (1975-1976/1999) não o toma como operador de poder opressivo e absoluto. Para o autor, o poder estatal irradia-se de modo microfísico, contando com toda uma rede social, composta por diversas instituições que o sustentam.



Imagem | João Victor Couto; Coleção: Pesadelo Assistido

dentro de um sistema que se articula pela primazia da vida da espécie, porém, uma espécie humana estratificada, ordenada por hierarquias de poder e sobrevivência, justificadas por bases evolucionistas ou morais, capazes de ditar a superioridade de uma raça em detrimento da aniquilação de outra.

Ainda nesse seminário, Foucault (1975-1976/1999) formaliza as duas funções do racismo. Primeiramente, **fragmentar e promover censuras no interior do contínuo biológico humano ao qual se dirige o biopoder**; em segundo lugar, instaurar uma relação positiva comandada pelo imperativo: **“se você quer viver, é preciso que o outro morra”** (Foucault, 1975-1976/1999, p.305). A morte do outro passa a ser minha segurança pessoal, a manutenção da unidade da raça justifica assim o direito de matar soberano:

Em linhas gerais, o racismo, acho eu, assegura a função de morte na economia do biopoder, segundo o princípio de que a morte dos outros é o fortalecimento biológico da própria pessoa na medida em que ela é membro

de uma raça ou de uma população, na medida em que se é elemento numa pluralidade unitária e viva. (Foucault, 1975-1976/1999, p.308)

A esse debate valioso sobre a segregação racial, Foucault (1975-1976/1999) acrescenta a noção de ‘racismo de Estado’, ressaltando que todas as instituições no interior do corpo social fazem o discurso racista funcionar como princípio de eliminação, de segregação e de normalização da sociedade. O racismo de Estado é “o racismo que uma sociedade vai exercer sobre ela mesma, sobre os seus próprios elementos, sobre os seus próprios produtos; um racismo interno, o da purificação permanente, que será uma das dimensões fundamentais da normalização social” (Foucault, 1975-1976/1999, p.73). Em síntese, trata-se do conjunto de mecanismos silenciosos, institucionalizados e enraizados na organização social que mantém viva essa engrenagem de morte, violência e segregação. Como exemplo de prática do racismo de Estado podemos retomar o já citado exemplo do mito da democracia racial ou do “racismo por denegação” (Gonzalez, 1988), através do qual as bases violentas e opressoras da segregação racial em nosso país são silenciadas em prol de um discurso que sustenta o bom convívio entre as raças reforçado pela figura do “mestiço” ou do “mulato”.

Retomando as argumentações de bases foucaultianas tecidas por Mbembe (2016) ao longo de seu ensaio *Necropolítica* e sustentando um esforço de recorte ao recolher entre suas valiosíssimas argumentações aquelas centrais à nossa exposição sobre o lugar do corpo negro na organização política de nossa civilização, frisamos a construção do autor sobre o regime da escravização tomado como uma das primeiras instâncias da experimentação biopolítica da história da humanidade. A essa argumentação Mbembe (2016) inclui uma ressalva: diferentemente da biopolítica, que opera sobre o limiar da vida e da morte, no regime escravocrata dissolve-se esta divisão. A vida do escravo é tomada como “coisa”, sua existência toma a forma de uma “sombra personificada” resultante de uma **tripla perda: “perda de um ‘lar’, perda de direitos sobre seu corpo e perda de status político**. Essa tripla perda equivale a dominação absoluta, alienação ao nascer e morte social (expulsão da humanidade de modo geral)” [grifo nosso] (Mbembe, 2016, p.131).

Assim, o escravo vive sobre a constante iminência da morte, tendo sua humanidade apagada, “rasurada pelo ferro e pelo chicote” (Mbembe, 2014, p.89). O termo “negro” é tomado por Mbembe, em seu livro *Crítica da Razão Negra* (2014), como mnema, como:

um sinal que se destina a lembrar o modo como, na política do nosso mundo, morte e vida são definidas em tão íntima relação, a que se tornou quase impossível delimitar nitidamente a fronteira que separa a ordem da vida da ordem da morte. (p.100)

Nessa mesma obra, Mbembe (2014) insiste no estatuto de criação imaginária das distinções e nomeações raciais, que emergem a partir de atividades primitivas de efabulações. Essas serão tomadas como um conjunto de discursos e práticas, alimentados imaginaria-

mente pelas narrativas de viajantes, exploradores, soldados, missionários e colonos que se aventuraram por terras estrangeiras e se depararam com o real da diferença entre os povos humanos. O encontro com o dissemelhante lança esses sujeitos na busca por contornos simbólicos, produtos de suas efabulações imaginárias, capazes de reafirmar a segregação racial, garantindo, assim, a manutenção da integridade da raça branca e a asseguuração de seus poderes e privilégios a partir da delimitação de suas diferenças em relação aos “povos estrangeiros”. Dentre os produtos das práticas de efabulação, está a dita “Razão Negra”, denominada por Mbembe (2014) como:

[...] conjunto de vozes, enunciados e discursos, saberes, comentários e disparates, cujo objeto é a coisa ou as pessoas «de origem africana» e aquilo que afirmamos ser o seu nome e a sua verdade (os seus atributos e qualidades, o seu destino e significações enquanto segmento empírico do mundo). Composta por múltiplos estratos, esta razão data da Antiguidade, pelo menos. As suas fontes gregas, árabes ou egípcias, até chinesas, originaram muitos trabalhos. (p.57)

A “Razão Negra” (Mbembe, 2014) reforça a segregação do corpo *negro* por meio dos diversos mitos que reforçam as particularidades desta raça sustentando a especificidade da anatomia de seus corpos, de seus costumes, suas danças, rituais, religiões, vestimentas, entre outros, que assim compõem a ornamental estética negra. Porém, longe de reconhecer essa raça, assegurando assim seu pertencimento na partilha social e sua condição de agente no desenvolvimento societário mundial, esse “conjunto de vozes, enunciados e discursos” (Mbembe, 2014, p.57). Sustentados pelos branco, reforçam e fixam o negro em uma posição de “exoticidade” que ainda não lhe permite tomar parte, mas estar “à parte” da partilha comum, o que impulsiona e autoriza a aniquilação do diferente.” A distinção racial é tomada pelo autor como “uma das matérias primas com as quais fabricamos a diferença e o excedente” (Mbembe, 2014, p.70). **Não há qualquer embasamento científico, organogênico, mítico, moral ou histórico que justifique a segregação da raça humana.**



Assim, à medida que a raça é tomada como fruto de uma produção em nível imaginário, Mbembe (2014) destaca as impressões inconscientes que a permeiam e que impulsionam a prática do racismo. As vicissitudes do desejo humano, seus apetites, afetos, paixões e medos, projetam-se sobre a figura do dissemelhante, tomado como um outro que não garante ao sujeito a unidade de seu ser e, assim, ameaça sua existência. A partir da leitura dos processos inconscientes que permeiam a segregação da raça desvela-se também o ‘ideal branco’ que propulsiona o racismo e aniquila o reconhecimento da identidade negra, nomeado por Mbembe (2014) como a fantasia do *branco*.

Neusa Santos (1983), em sua obra *Tornar-se Negro ou As Vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social* também debate esse ponto ao revelar que o trabalho de construção do ideal de eu da pessoa negra ancora-se no ideal do sujeito de pele branca. Esse argumento também é abordado e debatido por outras autoras e autores nacionais e internacionais que a antecederam. Dentre esses citamos com louvor a obra do psicanalista martinicano Franz Fanon (1952/2008), intitulada *Pele negra, máscaras brancas*.

Conforme nos elucida Guerra (2020) sobre a argumentação de Santos (1983), o processo de constituição identitária do sujeito *negro*, de investimento narcísico sobre sua imagem, é atravessado pela impossibilidade de se valer de subsídios simbólicos que lhe permitam reconhecer seu Eu nas lógicas sociais de representação vigentes. O ideal de Eu, oferecido pelo Outro da linguagem, nada diz sobre a imagem que o *negro* vê refletida no espelho. As consequências do regimento desse ideal são nefastas a esses sujeitos, pois além de não encontrarem meios de se fazer representar, o ‘ideal branco’ propulsiona práticas de poder e submissão:

[...] quando inconscientemente o homem branco se configura como ideal de eu, ele passa a exercer fascínio e impetrar servidão, a impor seu modelo e a interferir na configuração narcísica de toda uma população, submetendo de maneira singular e íntima um a um de seus membros. (Guerra, 2020, p.9)

Lélia Gonzalez (1988), ao debater também sobre a ideologia do branqueamento, pontua a eficácia deste projeto de dominação à medida que este produz “efeitos de estilhaçamento e fragmentação da identidade racial” negra (p.73). O desejo de embranquecimento e enaltecimento da raça e da cultura *brancas* de origem europeia é internalizado e assimilado pelos *negros* a partir da simultânea negação da própria raça e da própria cultura (Gonzalez, 1988).

Assim, podemos interpretar com Mbembe (2014), que “produzir o Negro é produzir um vínculo social de submissão e um corpo de exploração” (p.40), enquanto produzir o *branco* é garantir um vínculo social de poder e um corpo de deleite e reconhecimento. Se o *negro* é tomado como objeto inventado pelo *branco*, este último, por sua vez, é produto de uma fantasia europeia que busca assegurar os privilégios de sua classe ao tentar instituir na realidade uma verdade social efetiva assegurada pelo lugar de submissão atribuído ao corpo *negro*.

Se, por um lado, o trabalho imaginário de invocação da raça ou a tentativa de estabelecer uma comunidade racial provoca uma fratura biopolítica que demarca as vidas que se farão viver e aquelas que se deixarão morrer, da outra parte, Mbembe (2014) nos relembra, a partir de seu encontro com os trabalhos dos poetas da Negritude⁷, a força da comunidade *negra* que, por meio desta nomeação coletiva, diferente da construção mítica da “Razão Negra” enunciada pelos corpos *brancos*, constituiu uma identidade capaz de fazê-los reviver seus corpos e “salvar da decadência absoluta aquilo que foi condenado à insignificância” (Mbembe, 2014, p.68).

Concluimos assim, com Mbembe (2014), que só é possível justificar de divisão racial por meio de uma linguagem imperfeita, dúbia, desadequada, e que a prática do racismo não se inscreve de forma contingente ou aleatória. Ela é fruto de uma organização econômica, política, estética e discursiva da organização social do poder. As obras do filósofo camaronês, de Michael Foucault, Lélia Gonzalez, Neusa Santos, Franz Fanon, Andréa Guerra e de outras tantas autoras e autores geniais implicados no debate e combate ao racismo nos valem como forte arsenal de leitura para compreender as dimensões históricas, políticas e inconscientes que atravessam as altas taxas de homicídio da população jovem, negra, moradora de periferias em nosso país, a partir das quais o desenvolvimento desta pesquisa se justificou.

No cenário brasileiro, o envolvimento precoce de vários desses jovens com o tráfico de drogas, o que contribui significativamente para o aumento das taxas de homicídio desta população, apresenta-se como alternativa diante da falta de oportunidades e garantias de vida reservadas aos corpos *negros*. Muitos desses jovens encontram no tráfico um lugar de pertencimento, respeito e ganho financeiro, o que lhes permite, ainda que de forma marginalizada, participar do jogo hostil e cruel de reconhecimento social capitalista. O projeto de dominação racista mostra sua eficácia quando, ao buscar alternativas ante a fome, a segregação, a violência e a morte, o jovem *negro* morador de periferia encontra, como possibilidades de sustento, trabalhos que o lançam ao risco da morte.

Na investigação proposta por meio desta dissertação, atenta-se para as invenções e modos de viver da juventude brasileira moradora de periferia que façam frente à lógica voraz de marginalização e aniquilação destas vidas, possibilitando a estes sujeitos destinos alternativos a segregação, a exploração ou a morte. Interessa-nos escutar, debater e construir metodologias de intervenções, ações e projetos que escutem, valorizem, reconheçam e respeitem a identidade *negra*. Neste percurso, a orientação teórica psicanalítica nos possibilitou uma leitura sobre os processos inconscientes e as consequências subjetivas que afligem os sujeitos que sofrem, na própria pele, com os pactos violentos de silêncio impostos pelo racismo. Partindo dessa aposta, configura-se o objetivo deste estudo: investigar os efeitos oriundos da participação de jovens, negros, moradores de periferias urbanas, envolvidos ou não com a criminalidade, na metodologia das Narrativas Memorialísticas, adotada ao

⁷ “**Negritude** (Négritude, em francês) foi o nome dado a uma corrente literária que agregou escritores negros de países que foram colonizados pela França. Os objetivos da Negritude são a valorização da cultura negra em países africanos ou com populações afro-descendentes expressivas que foram vítimas da opressão colonialista”. O termo foi cunhado por Aimé Césaire em 1935. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Negritude>. Acesso em: 07/01/2021

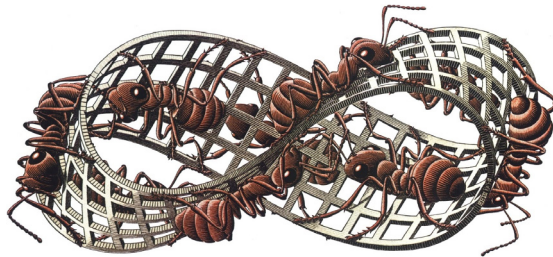
longo da pesquisa *Adolescências e Leis: um estudo psicanalítico sobre a desistência do crime na adolescência* (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais - FAPEMIG, 2017) e desenvolvida pelo núcleo de pesquisa Psicanálise e Laço Social no Contemporâneo (PSILACS) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

As próximas páginas deste capítulo serão reservadas a um esmiuçamento da diferenciação entre os objetos e as metodologias adotadas em cada um dos referidos estudos: a pesquisa *Adolescências e Leis* e a presente dissertação: “Os efeitos das Narrativas Memoriais entre a clínica, a estética e a política”.

1.2 UMA SUPERFÍCIE EM CONTINUIDADE

Apesar de se diferenciarem quanto a seus objetos e percursos metodológicos, podemos pensar as pesquisas: *Adolescências e Leis* e a presente investigação em interposição, como superfície em continuidade (Lacan, 1962-1963/2005). O objeto topológico da Banda de Moebius, criado em 1858 pelo astrônomo e matemático alemão August Ferdinand Möbius e já adotado como instrumento valioso à compreensão dos estudos psicanalíticos desde os tempos de Freud (1900/1996), nos auxilia a ilustrar esse ponto.

Figura 1: Banda Moebius II



Fonte: The M.C. Escher Company, Baarn, Holanda ⁸

A Banda de Moebius (Figura 1) é tomada por Lacan em seu *Seminário Livro 10: A angústia* (1962-1963/2005) como simulação ilustrativa do funcionamento do aparelho psíquico, dividido entre consciente e inconsciente. O autor nos chama a atenção para o efeito de torção da Banda, que nos fornece a impressão de que seja possível percorrer sua superfície perpassando seus lados interno e externo, enquanto, na realidade, não há esta distinção, trata-se apenas de uma superfície antagônica em continuidade. Essa impossibilidade de representação entre o dentro e o fora esboça o modo de funcionamento do aparelho psíquico que opera por meio desta indistinção espacial: “[...] que a junção de um direito e um avesso é alguma coisa que simboliza bastante bem a união do consciente e do inconsciente é uma coisa que vale a pena ser lembrada”, destaca Lacan (Lição 14/12/1976) alguns anos mais tarde em seu *Seminário 24: L’insu que sait de l’une bévue s’aile à mourre*.

⁸ Imagem elencada como ilustração de capa do Seminário Livro 10: A angústia, de Jacques Lacan (1962-1963/2005).

Nesse mesmo Seminário, o autor acrescenta: “a Banda de Moebius não é nada de outro senão um corte” (Lacan, Lição 14/12/1976), um corte entre um direito e um avesso. O sujeito não é nada mais do que esse corte que inaugura a distinção entre o dentro e o fora: consciente e inconsciente, sujeito e o outro. Se fizermos um corte na Banda, direito e avesso voltam a se indistinguir. A Banda de Moebius é definida por Lacan como suporte estrutural do sujeito como divisível, o sujeito subvertido pelo inconsciente.

A análise topológica da Banda de Moebius pode servir, nesta dissertação, como orientação de leitura sobre as particularidades que envolvem as duas pesquisas citadas: *Adolescência e Leis* e a presente dissertação. Para esta análise nos interessa, em especial, o enfoque que Lacan nos fornece a respeito da forma dessa figura que trata como contínuo seu avesso e seu direito, uma circularidade que retorna sempre sobre si mesma. Apesar da demarcação de diferenciações entre as pesquisas, da limitação de um dentro e de um fora, suas análises revelam uma superfície em continuidade, escancarando-se a circularidade inerente às duas investigações construídas em interposição.

O eterno efeito de retorno sobre si, revelado pela Banda de Moebius, remete também à dimensão real que perpassa as tentativas de apreensão da verdade pelo saber na pesquisa em psicanálise. Como ressalta Como ressalta Marli Piva Monteiro (2014): “[...] a Banda de Moebius é o representante do irrepresentável e permite a representação dessa abstração que é o Real. A conclusão de Lacan de que o Real está sempre voltando ao mesmo lugar está, portanto, evidente na Banda de Moebius” (p.134). O Real nos convida a um retorno sobre si, e é neste ponto que a presente pesquisa inaugurou um novo instante de ver sobre o momento de concluir da pesquisa *Adolescências e Leis*, consumando esse retorno e se debruçando sobre o Real que desta última goteja.



Imagem | João Victor Couto; Coleção: Pesadelo Assistido

Apontada essa lente de leitura, passemos a uma tentativa de delineamento e diferenciação entre os objetivos e metodologia adotados ao longo de cada uma das duas pesquisas. Começamos pela pesquisa *Adolescências e Leis*.

1.2.1 Adolescências e Leis: Um estudo psicanalítico sobre a desistência do crime na adolescência

A pesquisa *Adolescências e Leis* foi realizada pelo núcleo de pesquisa PSILACS da UFMG, coordenado pela Professora Andréa Máris Campos Guerra, vinculada ao departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH) da mesma instituição. A investigação em questão contava também com a coordenação da Professora Jacqueline de Oliveira Moreira, do departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG), o que contribuiu para um rico intercâmbio de saberes, produções e debates, não só entre os pesquisadores das duas instituições universitárias, mas entre todos aqueles que de diferentes formas por elas transitaram. A partir da investigação foram realizadas pesquisas de doutorado, mestrado e iniciação científica, às quais podemos também acrescentar o presente trabalho.

A pesquisa *Adolescências e Leis* lançou seu olhar sobre a juventude do sexo masculino de 16 a 35 anos de idade, moradora de periferia, envolvida ou não com a criminalidade. A partir dessa lente, buscou-se investigar os condicionantes favoráveis ao enlace e desenlace do jovem ao crime por meio da escuta dos modos de viver “adolescentes”⁹. Esse estudo foi tecido e sustentado por diversos corpos, dentre os quais citamos: os 16 jovens que dele participaram; os diversos pesquisadores: estudantes de graduação (bolsista ou não de iniciação científica), pesquisadores voluntários, mestrandos e doutorandos vinculados a diversas instituições e bolsistas de diversos órgãos de fomento à pesquisa; e os artistas, que a compuseram nos brindando com a genialidade de suas criações, que nos atravessaram por afetos e ampliaram nossos horizontes de pesquisa e de debate.

Quanto a mim, me situo no primeiro grupo de pesquisadores citado, tendo acompanhado a pesquisa desde seus primeiros meses como bolsista de iniciação científica¹⁰, quando ainda cursava a graduação em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais; depois me tornei pesquisadora voluntária. Foi no ano de 2018, nos caminhos do momento de conclusão da pesquisa *Adolescências e Leis*, conforme já ressaltado, que o acompanhar dessa investigação me suscitou novos questionamentos, um novo instante de ver, inaugurando, assim, a possibilidade de endereçá-los a um projeto de mestrado.

⁹ A utilização do termo “adolescente” em detrimento de uma referência à juventude marca, nesta pesquisa, um lugar de enunciação teórica, não representando uma categorização particular de nossos sujeitos estudados. A psicanálise, campo de estudos a partir do qual enuncia-se a construção da pesquisa *Adolescências e Leis*, diferentemente do campo de estudos das ciências sociais, interpretará a adolescência não só como uma construção social, mas como resposta, como sintoma da puberdade (Stevens, 1998/2015). Portanto, essa escolha não é feita sem considerar que muitos dos jovens escutados já realizaram suas travessias para a vida adulta, não se tratando de adolescentes.

¹⁰ Edital 01/2016-PIBIC/PROBIC - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – CNPq.

1.2.2 Os três tempos interventivos da pesquisa *Adolescências e Leis*

1.2.2.1 Narrar uma história de vida

Localizada a pesquisa *Adolescências e Leis*, tendo sido descrito de onde ela partiu, a quem essa se endereça e quem a sustenta, passemos à apresentação dos três tempos interventivos que compõem a metodologia de pesquisa adotada ao longo desta investigação, a qual nos serve como objeto de pesquisa na presente dissertação. Nomeamos seu primeiro tempo como: **narrar uma história de vida** (Guerra, Moreira & Silva, 2020). Nessa etapa, uma dupla de pesquisadores se dirigiu a um dos jovens com a seguinte pergunta: “conte-me sua história de vida?”, a partir da proposta das Narrativas Memorialísticas. A primeira abordagem aos jovens era mediada por alguma figura conhecida por eles, alguém de seu campo transferencial e afetivo, como os técnicos dos centros socioeducativos, os oficinairos do território onde o jovem residia, colegas de trabalho e até mesmo pelos próprios pesquisadores do núcleo PSILACS que possuíam relações próximas com alguns deles, seja por origens comuns ou por experiências de trabalho nesse campo. Contamos também com uma parceria estabelecida com a rede de profissionalização da Associação Profissionalizante do Menor – ASSPROM, também mediada por pesquisadores do núcleo e sediada na cidade de Belo Horizonte.

Assim, feito esse contato, os pesquisadores acordavam um encontro com os jovens e se dirigiam aos espaços por eles indicados, onde tinham a primeira conversa. Ali, a pesquisa era apresentada, dúvidas eram tiradas e o convite para a participação dos jovens, com o compartilhamento de suas histórias de vida por meio da metodologia das Narrativas Memorialísticas, era feito. Surpreendentemente não houve nenhuma recusa.

As Narrativas Memorialísticas, como metodologia psicanalítica de pesquisa voltada à investigação de fenômenos sociais, possuem algumas especificidades se comparadas com o seu emprego como expressão de um gênero literário (Guerra, Moreira, de Oliveira & Goes e Lima, 2017). Incorporada sob este último formato, as Narrativas Memorialísticas já foram exploradas por autores literários nacionais como o mineiro Pedro Nava, o escritor paulista Luiz Alberto Mendes, autor do livro *Memórias de um sobrevivente* (2001), e Paschoal Lemme, estudioso do campo da educação. Trata-se de obras nas quais os autores trazem à cena memórias de sujeitos acerca das próprias vidas, sejam estes os próprios autores ou não. As origens da adoção das Narrativas Memorialísticas como metodologia de pesquisa são incertas (Guerra *et al.*, 2017), o que não desautoriza seu uso e validação. Para além de sua adesão no campo de estudos da psicanálise notamos seu uso frequente na antropologia/ciências sociais, na educação e na saúde coletiva.

A partir da experiência colhida na pesquisa *Adolescências e Leis* aposta-se na relevante proximidade entre as Narrativas Memorialísticas, tomadas como metodologia de pesquisa voltada à investigação de fenômenos sociais, e o método psicanalítico. Muitas dessas aproximações já foram desenvolvidas pelos pesquisadores do núcleo PSILACS e formalizadas em artigos científicos. Apresentaremos algumas dessas aproximações.

Começamos tomando como base as ideias desenvolvidas por Guerra, Moreira, de Oliveira & Goes e Lima em seu já citado artigo: *Narrativa memorialística como estratégia de pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais* (2017). Neste trabalho, frisa-se que às Narrativas Memorialísticas é dado o desafio de se haver com o Real fora da experiência do tratamento analítico, cotejado às determinações e hierarquias objetivas da realidade socioeconômica e política, sem, porém, fugir ou negar as determinações inconscientes e pulsionais que permeiam o discurso e atravessam o corpo do sujeito. A sistematização dessa metodologia formaliza um giro sob os modelos positivistas de produção de conhecimento que consideram o saber como quantificável e reservado ao pesquisador. Em oposição a isso, seguindo a equiparação entre pesquisador e analisando no campo da investigação científica psicanalítica, no que diz respeito a seus enigmas inconscientes, propostos por Moreira; Oliveira & Costa (2018), podemos afirmar que na metodologia das Narrativas Memorialística esses agentes se comparam à medida que:

Ambos supõem no outro um saber para bordejar com palavras o real que os move. A aplicação do método da escuta do inconsciente, para além do *setting* analítico, possibilita a produção de um saber que é parcial e passível de transformação, já que se propõe a pesquisar a fonte de movimento e transformação constantes. (Moreira *et al*, 2018, p.119)

Deste modo, o pesquisador move-se pelo não saber ou, ainda, valendo-se da terminologia lacaniana, por sua “falta-a-ser”, pensada como o que permanece como interrogação, como furo na linguagem, o pesquisador é impulsionado a prosseguir em sua busca. Por não possuir o saber, ele o supõe nos sujeitos pesquisados. Destarte, as Narrativas Memorialísticas não oferecem a palavra ao sujeito, como se tratasse de um bem atribuído ao pesquisador e cedido ao sujeito pesquisado, mas sustenta que a palavra seja tomada pelo jovem, que ele possa fazer uso dela a partir da abertura de um espaço de fala que se instaura a partir da pergunta disparadora, vinda por parte dos pesquisadores: “conte-me sua história de vida?”.

Retomando a discussão sobre a posição do pesquisador nessa metodologia, podemos localizá-la como um lugar de mediação simbólica à medida que as intervenções são feitas como convite para que o jovem continue em seu discurso, sem que o pesquisador introduza novos elementos. Sua presença como testemunha ao discurso livre do sujeito, sob transferência, permite que este se posicione como autor de uma história e emergja como sujeito em cena, implicado nos caminhos e escolhas que tecem suas trajetórias de vida. Consequentemente, localiza-se a dimensão inconsciente, desejante, que perpassa o discurso dos jovens, suas escolhas, suas trajetórias, fazendo vacilar assim a dimensão de acaso ou destino que as determinaria. Revela-se, assim, a força pulsional que permeia as experiências narradas.

As Narrativas Memorialísticas, trabalhadas como estratégia de pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais, nos permitem também pensar as histórias de vida dos jovens a partir da ficção, através da qual elas são narradas, e permitem extrair do discurso dos sujeitos as

fixões explicitadoras das repetições pulsionais que enodam o enlace do jovem entre corpo, território e história (Guerra *et al*, 2017). Em seu texto *O artudito*, Lacan (2003/1972) aponta para a diferença entre *fixão* e *ficção*, localizando os termos como contrapostos à medida que a *fixão* ancora o sujeito ao real, contrapondo-se às *ficções*, aos impasses da lógica.

Para a psicanálise, a verdade tem estrutura de *ficção*, o que relativiza a busca por uma verdade factual ou totalizante. É o inconsciente que nos fornecerá as diretrizes para localizar a verdade do sujeito, mesmo que esta apareça narrada como mentira, *ficção* ou invenção. As *ficções*, através das quais o sujeito narra sua história, esboçam os enodamentos pulsionais, os processos subjetivos de enfrentamento do Real e as dimensões inconscientes, traumáticas e políticas que circunscrevem seu discurso.

De modo sucinto, seguindo a formalização estabelecida por Guerra *et al* (2017), mas tomando a liberdade de acréscimo de algumas outras construções, podemos dizer que o uso das Narrativas Memorialísticas responde às exigências éticas, metodológicas e epistemológicas da psicanálise à medida que o sujeito desliza através da palavra, tecendo a própria história sob uma dimensão que comporta o Outro, a singularidade, a dimensão transferencial, inconsciente e pulsional, assim como suas *ficções* e suas *fixações de gozo*. Elucidada essa aproximação entre as Narrativas Memorialísticas e o método psicanalítico, passemos ao segundo tempo desta pesquisa-intervenção.

1.2.2.2 O tempo de criar

Depois de formalizadas e gravadas, as Narrativas Memorialísticas foram entregues a artistas voluntários, convidados do núcleo PSILACS, que realizaram obras plásticas, literárias, visuais e performativas a partir das histórias de vida narradas. Intitulamos o período de produção dessas obras como tempo de criar (Guerra, Moreira & Silva, 2020). Trata-se de um período de suspensão do trabalho interventivo da pesquisa, mas de intenso e vívido trabalho de criação artística e de análise de dados sob a perspectiva teórica. A escuta reiterada e minuciosa das falas dos jovens por meio de suas Narrativas Memorialísticas permitiu aos pesquisadores elaborar análises conceituais que ultrapassaram o recorte sob os elementos subjetivo-políticos condicionantes favoráveis e desfavoráveis à manutenção da relação do jovem com o crime, o que seria o objetivo geral da pesquisa.

Foi possível, nesse tempo de criar, desenvolver uma leitura sobre o impacto das estruturas sociais na perspectiva da família, da escola e da profissionalização sobre o viver adolescente. Além disso, foi possível, a partir da escuta das Narrativas Memorialísticas e dos estudos baseados na proposta argumentativa de Blaise Pascal sobre a aposta e do conto de Jacques Cazotte, *O Deus Odioso, O Diabo Amoroso* (1772), capitanear os pactos (diabólicos) encarnados no cotidiano pulsional desses adolescentes, assim como colher os modos como a nomeação e as apostas psíquicas inconscientes permeiam as trajetórias dos jovens.

Podemos acrescentar, entre as produções oriundas do tempo de criação, a elaboração de dois valiosos conceitos sobre a subjetividade adolescente em contextos periféricos. Trata-se das noções de “alça” e das “famílias processuais”, desenvolvidas pelo núcleo. A primeira

pode ser definida, de modo sucinto, como um suporte de passagem que se oferece ao jovem ao longo de sua trajetória e do qual ele se vale a fim de atravessar os conflitos de ordem subjetiva e política que permeiam sua história. As “famílias processuais” (Guerra, Moreira, Malta & Galhardo, 2019), por sua vez, podem ser pensadas como composições familiares pautadas sob uma lógica processual continuísta, na qual não há mais um núcleo articulador e gerador de unidade semântica. O jovem transita, ao longo de sua trajetória, sob configurações familiares variadas e diversas, sendo difícil delimitar qual seria seu núcleo familiar central.

1.2.2.3 A Partilha

Como última etapa interventiva da pesquisa *Adolescências e Leis*, após a finalização das obras de arte, foi realizado o encontro intitulado, à época, como Oficina Interativa ou Devolutiva, inaugurado em um espaço de uso comum da cidade de Belo Horizonte: o Centro de Referência da Juventude (CRJ). Participaram desse momento jovens, artistas, pesquisadores e técnicos do programa Se Liga¹¹, que estiveram presentes por meio de convites feitos por parte de um dos jovens que não pôde comparecer.

O objetivo primeiro desse encontro era devolver aos jovens as obras de arte criadas a partir de suas Narrativas Memorialísticas. As obras, a princípio, expressavam uma forma de agradecimento, reconhecimento e retorno aos jovens sobre suas contribuições à pesquisa, por meio de uma linguagem que não fosse teórica. Visava-se também, com esse encontro, propor um espaço de compartilhamento e troca sobre os resultados colhidos na pesquisa *Adolescências e Leis* através da escuta das histórias de vida dos jovens. A fala dos sujeitos presentes na Devolutiva testemunharam que o encontro extrapolou seus objetivos primeiros e transformou-se, também, em um momento de compartilhamento dos afetos emergentes do encontro dos pesquisadores e artistas com as histórias de vida dos jovens, e destes com as obras de arte produzidas a partir de suas Narrativas Memorialísticas. Algumas dessas falas serão apresentadas no Capítulo 3 desta dissertação, em uma tentativa de transformar em texto o registro audiovisual da Devolutiva.

É importante marcar a queda entre o número de jovens que nos cederam suas narrativas, participantes do primeiro tempo interventivo (16 jovens), e o número de jovens que estiveram presentes nesse terceiro tempo interventivo (cinco jovens). Uma análise inicial nos permite dizer que suas ausências foram justificadas, em sua maioria, por dificuldades de os jovens se ausentarem de seus trabalhos, por desconfiança quanto ao convite feito pelo PSILACS e por dificuldades em se efetivar o contato, já que este foi feito por telefone. Muitos dos jovens não responderam às nossas chamadas e outros não demonstraram interesse em participar. Em contrapartida, houve aqueles que, impossibilitados de estar presentes, pediram para receber posteriormente o registro audiovisual da Devolutiva ou, conforme ressaltado, mandaram seus representantes. Todas as 16 narrativas ganharam corpo através

¹¹ O programa Se Liga oferece suporte a jovens desligados do sistema socioeducativo, traçando estratégias de fortalecimento dos seus vínculos comunitários, familiares e sociais.

da arte. As obras não entregues permanecem sob a tutela do núcleo de pesquisa, embaladas pela aposta de poder partilhá-las um dia.

Concluimos, assim, que reunir jovens, artistas e pesquisadores possibilitou, para além de um movimento diante da postura colonizadora e extrativista da pesquisa universitária, dar cara, corpo, cor e sexo às vozes que compuseram a pesquisa *Adolescências e Leis*. A diferença dos lugares reservados a cada um desses corpos na *Partilha do sensível* (Rancière, 2005) nos permitiu ler, a partir da obra do filósofo francês Jacques Rancière, a dimensão política desse encontro, o que desembocou em uma mudança de nomeação dada a esse terceiro momento interventivo: de “Oficina Interativa” ou “Devolutiva”, ele passou a chamar-se Partilha.

Logo nas primeiras páginas da referida obra, *A Partilha do Sensível* (Rancière, 2005), nos deparamos com uma valiosa nota de tradução que elucida o porquê da escolha pelo termo “partilha do sensível” em detrimento de “divisão do sensível” na obra do filósofo francês. A tradutora, Mônica Costa Neto, se vale de uma citação de Rancière, presente em seu livro: *Políticas da escrita* (1995), na qual o autor demarca a especificidade do termo “partilha”: “Partilhar significa duas coisas: a participação em um conjunto comum e, inversamente, a separação, a distribuição em quinhões” (Rancière, apud Rancière, 2005, p.7). A partir dessa distinção, Rancière desenvolve a denominação do termo “partilha do sensível”, a qual ele apresenta em seu livro intitulado com o mesmo nome:

Denomino partilha do sensível o sistema de evidências sensíveis que revela, ao mesmo tempo, a existência de um comum e dos recortes que nele definem lugares e partes respectivas. Uma partilha do sensível fixa portanto, ao mesmo tempo, um comum partilhado e partes exclusivas. **Essa repartição das partes e dos lugares se funda numa partilha de espaços, tempos e tipos de atividade que determina propriamente a maneira como um comum se presta a participação e como uns e outros tomam parte nessa partilha.** O cidadão, diz Aristóteles, é quem toma parte no fato de governar e ser governado. Mas uma outra parte de partilha precede esse tomar parte: **aquela que determina os que tomam parte** [grifo nosso] (Rancière, 2005, pp.15/16).

Rancière (2005) localiza a partilha do sensível como cerne da política, “como uma certa estética da política” (p.11), definindo a estética não como teoria da arte, mas como “regime específico de identificação e pensamento das artes: um modo de articulação entre maneiras de fazer, formas de visibilidade dessas maneiras de fazer e modos de pensabilidade de suas relações, implicando uma determinada ideia da efetividade do pensamento” (Rancière, 2005, p.13). Os modos de compartilhamento da experiência sensível em sociedade, demarcam as hierarquias de poder e visibilidade que a regem. A arte apresenta-se sob enquadramentos políticos que promovem recortes de tempo e espaço, de visibilidade e invisibilidade, de exclusão e inclusão. Há uma estética contida na base da política, segundo

Rancière (2005). Nesse sentido, uma revolução estética implica uma “re-partição da experiência comum” (Rancière, 2005, p.24), há uma realocação dos modos como uns e outros tomam lugar na partilha do sensível, desordenando as lógicas de poder que determinam essas posições.

Seguindo essas formulações, optamos por nomear como Partilha esse terceiro tempo interventivo, uma vez que o encontro dos jovens com as obras de arte produzidas a partir de suas Narrativas Memorialísticas, com os artistas que as compuseram e com os pesquisadores realocaram em cena as lógicas de poder vigentes, as ordenações de saber, de visibilidade e invisibilidade sobre as quais se pautam os discursos vigentes. Instaure-se, no momento da Partilha, uma nova ordenação sobre “o que se vê e o que se pode dizer sobre o que é visto, de quem tem competência para ver e qualidade para dizer, das propriedades do espaço e dos possíveis do tempo” (Rancière, 2005, pp. 16/17). Revela-se também o “comum” que enlaça aos jovens, artistas e pesquisadores, pautado não pelas semelhanças existentes entre suas trajetórias, mas pela radical diferença que as permeia e que assim compõe uma só lógica ordenadora da partilha do sensível. Essas formulações serão melhor assimiladas a partir do encontro dos leitores com as falas dos jovens, oriundas da Partilha e das entrevistas realizadas, descritas em nosso Capítulo 3.

1.3 AS NARRATIVAS MEMORIALÍSTICAS ENTRE A CLÍNICA, A POLÍTICA E A ESTÉTICA

Partindo dessa valiosa metodologia de intervenção, dividida em três tempos, nos interessa na presente investigação, circunscrever os efeitos reminiscentes da participação dos jovens na metodologia de intervenção adotada ao longo da pesquisa *Adolescências e Leis*. Para tal, foi preciso escutar uma vez mais os jovens que deste estudo participaram por meio da delimitação de três fontes de coleta de dados: (1) a análise das Narrativas Memorialísticas tecidas pelos jovens; (2) análise do material audiovisual do momento da Partilha¹², e (3) entrevistas realizadas com quatro dos cinco jovens participantes dos três tempos interventivos da pesquisa *Adolescências e Leis*. Interpretamos a dificuldade de contato com um dos cinco jovens participantes como uma recusa à participação na presente pesquisa, à medida que foi possível contactá-lo, nos apresentamos e introduzir os objetivos da pesquisa, mas logo após essa primeira enunciação, a ligação caiu e, a partir daí, não foi mais possível estabelecer contato com o jovem.

A partir das entrevistas pontua-se que estas são tomadas como método de coleta de dados que visa apreender os efeitos *a posteriori* emergentes da participação dos jovens nessa metodologia de intervenção inaugurada ao longo da pesquisa *Adolescências e Leis*. Elas se enquadram ao modelo de entrevistas semiestruturadas, contando com a formulação de quatro perguntas previamente elaboradas¹³, utilizadas como disparadores que animaram a

12 Este momento foi registrado pelas lentes dos pesquisadores do núcleo PSILACS: Rodrigo Góes Lima e Renato Sardine, cineasta. Todo o conteúdo registrado contou com a autorização de imagem prévia de todos aqueles que estiveram presentes.

13 Ver Anexo A

conversa e possibilitaram a abertura ao dizer. A análise do registro audiovisual da Partilha, por sua vez, permitiu escutar os efeitos emergentes do primeiro encontro entre os jovens, os artistas e as obras de arte, já a análise das Narrativas Memorialísticas, nosso outro método de análise de dados, nos permitiu revisitar o ponto de partida dessa metodologia, sem o qual os outros tempos não se desenvolveriam. Não pretendemos, a partir da análise das Narrativas Memorialísticas, extrair possíveis efeitos oriundos desta metodologia de intervenção. Entendemos, com Miller (2008), que o efeito de um trabalho psicanalítico, em nível clínico ou de pesquisa, é colhido somente no *a posteriori* da mesma. Assim, nos interessa na análise das narrativas escutar o modo como cada jovem, primeiramente, se apresentou e contou sua história de vida.

A análise e apresentação dos recortes das entrevistas realizadas e da Partilha serão introduzidas para nossas leitoras e nossos leitores ao longo do Capítulo 3 desta dissertação. Neste capítulo nos deteremos na apresentação de trechos das Narrativas Memorialísticas dos jovens, apresentando os sujeitos que junto a nós construíram esta pesquisa. As apresentações foram tecidas a partir de um trabalho de recorte e cola das falas dos sujeitos, orientado pelo que Miller (1998) nomeia, em seus seminários reunidos sob o título *O osso de uma análise*, como “operação-redução”.

Trata-se de uma operação analítica oposta à amplificação significativa que se versa em direção ao objeto *a* lacaniano, buscando isolar na fala dos sujeitos o que seria o ‘osso’, o obstáculo que se impõe em meio ao seu percurso de fala ou, valendo-nos da analogia utilizada por Miller (1998), trata-se da famosa pedra que Drummond¹⁴ sinaliza haver no meio do caminho. Sobre esse caminho, o autor (Miller, 1998) nos adverte: ele não existe sem a pedra, assim como a pedra não existe fora deste caminho. O sujeito que não se arrisca e não se lança sobre os caminhos da fala não encontrará em seu percurso essa pedra, assim como a pedra não incomodará o sujeito que não se propôs a percorrer o caminho da fala, ponto estrutural de um trabalho analítico.

Assim, Miller (1998) interpreta que a pedra que o sujeito encontra no caminho da fala é o objeto *a*: “um objeto suplementar em relação à ordem regulada pelo significante” (Miller, 1998, p.35), ponto articulador entre linguagem e gozo. O analista buscará, através das referentes operações de redução (repetição, convergência e evitação), escamotear na fala do sujeito o pequeno *a* incorporado sobre seu discurso, núcleo regente das operações lógicas que compõem a subjetividade do sujeito e regem seus processos inconscientes. Assim, “a psicanálise efetua, sobre o poema subjetivo [do sujeito], um tipo de *análise textual*, que tem por efeito extrair daí o elemento poético, a fim de destacar o elemento lógico” (Miller, 1998, p.46, acréscimo nosso). Nesse sentido, o elemento poético pode ser interpretado como as repetições das falas dos sujeitos, dos elementos de sua biografia, os quais ele narra um por um em associação livre. O elemento lógico estrutural do *falasser*, por sua vez, é da ordem do real, do objeto *a*, conforme ressaltado.

¹⁴ Refere-se ao poema escrito pelo poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade intitulado No meio do caminho (1928).

Elucida-se, assim, que a operação-redução parte, fundamentalmente, do mecanismo da repetição oriundo do convite à fala livre do sujeito. À medida que ele associa livremente é possível ao analista formalizar, isolar em meio à abundância significativa de sua fala, a lógica ordenadora de seus ditos regida por um núcleo de real que escapa à simbolização.

Articula-se à operação-redução da formalização, oriunda do mecanismo de repetição, a segunda operação-redução proposta por Miller (1998): a convergência. Esta operação busca extrair, dentre os vários enunciados dirigidos ao sujeito pelo Outro, aquele essencial do qual ele extrai os significantes-mestres para os quais converge seu destino e seu discurso. Trata-se de “uma coisa dita que para ele pode ter tomado o valor de oráculo, seja porque dedicou toda a sua existência a verificá-la, para torná-la verdadeira, seja porque o precipitou a desmentí-la” (Miller, 1998, p.49).

É preciso considerar ainda, dentre as premissas da “operação-redução”, o mecanismo da evitação que surge em oposição ao trabalho, em nível simbólico, dos mecanismos da repetição e da convergência que operam prioritariamente pela constante da presença. “Há também a repetição da ausência, da evitação, do contorno, que para o sujeito se constitui precisamente como uma pedra de tropeço” (Miller, 1998, p.65). Essa reiteração verso ao real, Miller (1998) a nomeia como evitação, reforçando sua orientação ao avesso do discurso, ao que permanece encoberto pelo significativo.

Na análise das Narrativas Memorialísticas dos jovens nos interessou, em especial, orientarmo-nos sobre os mecanismos de redução do discurso, ou seja, sobre as formalizações possíveis por meio da escuta das repetições estruturantes dos discursos dos jovens e sobre o isolamento dos significantes mestres que determinam o sujeito, trabalho orientado pela operação-redução de convergência. Ressalta-se que nas apresentações não foram acrescentados novos elementos às falas dos jovens. Foram inseridos apenas elementos de pontuação: aspas, ponto, vírgula e letra maiúscula, utilizados como conectores de uma frase a outra, formando assim a composição de um texto corrido. O uso das aspas demarca os pontos de recorte e cola das falas, em que cada frase se inicia e onde termina. Como última observação, ressaltamos que a apresentação de César comporta uma singularidade. Depois de realizada a entrevista, o jovem pediu para recontar sua história de vida, tecendo assim uma nova narrativa. Desse modo, compartilhamos com nossas leitoras e nossos leitores os ditos e dizeres de César tecidos ao longo de suas duas narrativas.

1.3.1 “Conte-me sua história de vida?”

PEDRO H. “Minha história de vida é grande”. “Vou começar de pequeno, antes deu começar a trabalhar”. “Eu sempre tive muitos problemas de família, então eu comecei a trabalhar, o que sempre me influenciou a ser uma pessoa diferente”. “Desde os 13 anos eu trabalho, trabalho não mata ninguém”. “Quando eu tinha 13 para 14 anos os meus pais foram embora de casa, ficou só eu e o meu irmão”. “Eu tenho 7 irmãos”. “O problema mesmo sempre foi a família, eu não sei falar como é ter uma família”. “Eu sempre tive

pai e mãe, mas era como se eu não tivesse”.

“Acho que uma coisa muito importante é o caminho que eu consegui seguir, tenho que agradecer muito a Deus e as pessoas que ele colocou na minha vida”. “Eu já pensei em tirar a minha própria vida, eu pensava que Deus tinha olhado para todo mundo, menos para mim. Me sentia uma pessoa excluída”. “Eu e minha irmã estamos comprando uma casa para gente. A nossa casa, eu e ela”. “A gente tem que ter um lugar só nosso”. “Na minha infância eu tinha uma bicicleta que eu tinha comprado trabalhando, nos tempo que eu tinha à toa eu andava de bicicleta então eu não era sozinho”. “Cada pessoa tem uma maneira diferente de se aliviar, a minha forma é a corrida”.



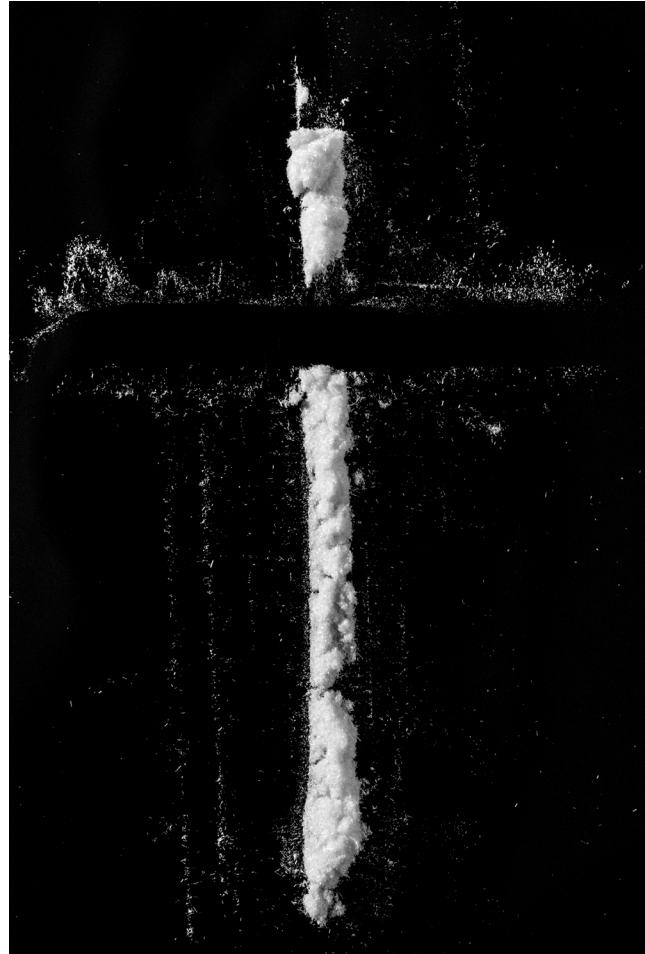
Imagem | João Victor Couto; Coleção: Pesadelo Assistido

ANDRÉ

“Você quer escolher um nome para ser identificado? Meu nome mesmo, pode colocar”. “Para contar minha história gosto de contar da minha família”. “Minha família veio do interior”, “minha casa era tijolo de adobe, dois cômodos e madeira... minha mãe se virava, sempre correndo atrás”. “Na medida do possível meus pais conseguiram dar uma criação básica para gente”, “são seis irmãs e dois irmãos, eu e meu irmão mais velho. Oito filhos no total”. “Eu fui registrado com sete anos, eu mesmo escolhi meu nome. Lá em casa minha mãe esperou juntar cinco para registrar, porque a passagem era cara, né?”. “Com 14 anos eu comecei a trabalhar, isso deu uma outra visão para mim, de que eu poderia ter minhas coisas, ter dinheiro, trabalhar”, “mas mesmo

assim comecei a usar droga”. “Perdi o emprego”, “uma vez fiquei 30 dias direto na rua”. “Nessa época eu tinha muita vontade de ter coisa cara, curtir, eu tinha aquelas vontades de infância, sabe?” “De manhã eu vendia, à noite eu curtia e à tarde eu ainda ia para a escola”. “Na rua a responsabilidade foi aumentado. Eu ficava vendendo o dia inteiro”. “Era muita violência, tinha que cobrar a droga, guardar a droga, pagar a pessoa que a gente pegava a droga com ela, tinha polícia também... era muita coisa”.

Imagem | João Victor Couto; Coleção: Pesadelo Assistido



“Quem tá na rua não pode ser bonzinho”, às vezes eu pensava que eu queria ter a ruindade que os meninos tinham”. “Tinha gente que queria me matar, mas não me matava por causa da minha mãe”. “Nesse turbilhão de coisa acontecendo eu pensei então em sair”. “Eu queria trabalhar não pelo dinheiro, mas pela dignidade”. “Meu filho tinha nascido e eu pensava: ‘o que o meu filho vai falar que o pai dele é na escola?’”. “Eu fiquei muito deprê na época e achava que eu tava daquele jeito porque eu não era batizado”. “Fui no cara que eu vendia para ele e falei que eu não queria vender mais, e eu não tava envolvido em guerra, então foi tranquilo”. “Sair desta função na rua mudou os privilégios também”. “Mas tudo isso ia me angustiando para caramba, usava droga, chorava, não sabia o que eu ia fazer, às vezes eu brigava, batia nos outros, eles vinham conversar e eu chorava, não sabia dizer porque eu tava fazendo aquilo”.

“Era 20 de Novembro de 1999” “quando eu fui para a igreja”, “a morena me levou”. “Na hora que eu saí eu senti uma paz muito grande”, “eu quero isso todo dia na minha vida”. “Meu batismo aconteceu dois anos depois de que eu estava na igreja”. “Mas eu não fiquei distante da juventude, eu acompanho os meninos”. “Quando eu vejo os meninos fumando o primeiro baseado eu já digo: ‘Ô Zé, cuidado. Fica esperto!’”.



Imagem | João Victor Couto; Coleção: Pesadelo Assistido

“Vou acompanhando. No dia que ele faz cagada eu já tô ali. Chego e converso”. “É você provocar o sujeito para ele se mover”. “Na favela é só nós por nós”. “O meu segundo filho hoje completa 20 dias”. “Quando eu tinha uns 11 anos fui tirar foto para entrar na escola, foto para a caderneta e a foto tinha que ser preta e branca porque ou tirava foto colorida ou comprava feijão”, “é por isso que eu tenho uma paixão com foto, muito por causa disso”, “tiro foto de tudo, de tudo quanto é jeito”.

CÉSAR

“Minha vida não é das mais interessantes. Eu sou um cara muito simples, passei boa parte da minha vida tranquilo em casa”. “Quando eu era mais novo só preocupava com o que eu tinha em casa: meu videogame, minha televisão, meus brinquedos, um amigo e tá bom, mas com o tempo senti falta de outras coisas, acabei ficando bem sozinho”. “Quando comecei a frequentar a igreja do bairro no dia tinha a apresentação de um grupo de dança”. “Eu decidi por entrar, foi a melhor escolha da minha vida”. “Ali eu aprendi a socializar com os outros. Na escola eu ficava muito isolado”. “Na época eu estava bem triste, foi a época da separação dos meus pais”. “Lá no grupo de dança eu sempre orientei todos”. “Mesmo eu gostando da dança eu ainda ficava

meio em dúvida se era aquilo que eu queria”. “Um dia eu fui expulso porque eu não tinha ido em um ensaio, na verdade eu tinha brigado com a minha mãe”. “Se eu não tivesse entrado no mundo da dança eu não conseguiria estar fazendo essa entrevista”. “O meu professor de dança é uma das minhas inspirações”. “Ele só não me deu mais apoio do que o meu pai, quem sempre me apoiou em tudo”. “Meu pai sempre falou: ‘vai lá e tenta’”. “Eu tenho um irmão mais novo”, “o meu pai casou de novo”. “Teve um certo problema com a minha mãe que eu não citei. Teve uma vez que eu cheguei a denunciar a minha mãe para polícia, porque ela me espancou, mas muito feio. Meu corpo ficou marcado por quase um mês”. “Hoje eu me arrependo muito disso”. “Eu tento ajudar muito meus irmãos e primos para eles não cometerem esse erro de encarar pai e mãe”. “Minha mãe é um exemplo de estudo, o meu pai um exemplo de trabalho”. “Eu tinha mais coisa para falar, mas acaba fugindo da mente”. “O meu pai trabalhou no lugar onde eu trabalho hoje”. “Ele que me incentivou a ir para a Assprom”, “meu pai foi Assprom junto com a minha mãe, no mesmo lugar”. “No começo eu não queria começar lá, queria trabalhar em um lugar que desse para eu continuar com o grupo de dança”. “Os meus amigos são muito importantes para mim”.



CÉSAR

“Eu gostaria de recontar minha história de vida, desta vez com mais pausas, mais linear”.

“Dessa vez eu não vou começar do ponto em que eu comecei, que foi os meus 10 anos”, “vou começar da minha infância”. “Eu sou literalmente um menino criado com vó, mais fresco, mais chatinho, cheio de manias”. “Eu sou muito mimado”. “Os meus pais me tiveram quando eram jovens”. “Na minha infância o meu pai não foi tão presente, ele tava sempre trabalhando”. “Metade das coisas que eu gosto vieram do meu tio, meu tio ama videogame, eu também”. “Na minha infância, adolescência eu sempre tive três melhores amigos. O [nome retirado por sigilo] era o meu amigo deficiente”. “Em 2010 meu pai e minha mãe separaram”, “foi complicado, eu não gostava do Taquaril para onde minha mãe se mudou. Eu gosto mesmo é do Alto”, “mas eu não tinha escolha”. “Tem imagens daquela época que até hoje ficam na minha cabeça”. “Foi deste ponto que eu comecei a narrativa anterior”, “porque até então eu era um cara simples, que ia para a escola, brincava com os amigos e voltava para casa. Sem nenhum problema, sem nenhuma condição a mais, sem nenhum dinheiro a mais, sempre muito simples”. “Eu junto moedas de um centavo, eu adoro aquelas moedas”. “Naquela época eu não sabia o que levar embora”. “Eu fico levando meu videogame da casa da minha mãe para a casa do meu pai”. “Eu tenho que voltar no meu último dia de aula de 2010”, “O [nome retirado por sigilo] chorando, se perguntando: ‘como eu vou fazer sem você?’”. “Foi uma despedida complicada para todo mundo”. “Em 2011 fui para a escola nova sem conhecer ninguém”. “Eu chorava muito naquela época”, “minha mãe não deixava eu ver meu pai”. “Eu era muito zoado porque eu não sabia de nada”. “Um dia eu mandei eles calarem a boca”. “2011 foi o ano, um ano que eu não fiz nada, eu fiquei completamente apático. Eu não tinha ânimo para nada”. “Em 2012 eu fui na igreja, no aniversário da pastora, e tava tendo uma apresentação de dança”, “até então eu só tinha dançado no videogame”. “Uma menina me chamou para entrar no grupo”. “A única vez que meus pais se encontraram foi em uma apresentação de dança minha”. “2013, 2014 foram idênticos, fiz praticamente as mesmas coisas: assiti futebol e dancei, joguei videogame, joguei videogame, assiti futebol, dançava, estudava...”. “Por causa da dança eu voltei a ir para o Alto”. “O meu professor de dança me viu crescer”. “Depois criamos o nosso próprio grupo de dança”. “2017 foi quando eu entrei para a Assprom, abandonei minha turma da manhã, a dança, meus amigos: ‘os três mosqueteiros’”. “Em 2018 eu voltei para a dança”.

BLITZ

“Vou começar a partir da minha vinda para o Taquaril, aliás, antes um pouquinho”. “Nasci na Zona Leste. Eu morava de aluguel, então eu circulava bastante”. “Nessa época eu comecei a me envolver com pixação”. “Cheguei aqui, esgoto a céu aberto, rua sem asfalto e várias outras situações de criminalidade e tudo... foi um choque para mim”. “A partir do momento que eu fui fazendo amizade com a galera daqui eu vi que era diferente do tipo de coisa que eu fazia, a galera fazia coisas além da pixação”. “Eu era um jovem que não tinha nenhuma perspectiva política, social”. “Eu me envolvi



Imagem | João Victor Couto; Coleção: Pesadelo Assistido

com o tráfico de droga, comecei a me envolver junto com a galera”. “A gente tava fazendo um trabalho, o serviço tava duro, o sol rachando na moleira. Em certo momento em falei com os caras: ‘minha mão tá cheia de calo, bolha, sangue, tudo mais, tá difícil ganhar essa mixaria aí.’” “Nossa meta era ganhar dinheiro e ficar de boa, nós sabíamos como tratar nosso cliente. Nós não queria mandar na favela, nós queria ganhar nosso dinheiro e ficar de boa sem ter que ralar para ganhar uma mixaria e se fuder todo”. “Durante a semana eu envolvido e final de semana eu ia para a capoeira”. “No meio dos treinos da capoeira eu conheci uma menina,” “gamei na pretinha”. “O pai dela era aqueles trabalhador vida louca”. “Nesse tempo a turma parou de andar comigo”. “Chegou uma conversa lá na praça que uns cara queria passar lá na rua para trocar ideia com a gente”, “mas ali tinha treta e nós tivemos que fazer um corre para comprar arma”. “Minha mãe começou a suspeitar, veio conversar comigo” “Comecei a ver que além de estar envolvido e estar apto a perder minha vida, minha família, a mulher que eu gostava, ali eu vi que não era minha cara ficar trocando tiro com os caras”. “Eu não tinha nem mira, eu não tinha intimidade nenhuma com a arma”. “Aí eu saí”. “Fui para o Saudade, fiquei um tempo por lá e depois vim voltando para cá de pouquinho em pouquinho”. “Aí voltei para o grupo da capoeira, me aproximei da menina de novo”, “mas tinha a dificuldade de mostrar que eu não tava envolvido mais”. “Eu tinha que convencer o pai dela e eu convenci o véio”. “Um dia lá na praça eu vi dois meninos sentados com um rádio toca-fita grandão curtindo um instrumental com um caderno na mão, escrevendo. Eu vi aquela batida,

pedi para chegar junto”, “pedi uma folha para eu escrever uma paradinha”. “Eu entrei sem saber o que era Hip-Hop”. “Ali eu podia usar meus *sprays* para fazer grafite”. “Meu primeiro show foi um fiasco”, “mas eu fui evoluindo, fui passando de grupo em grupo”. “Em 2002 eu comecei a fazer programa de Rap na Rádio Comunitária do Taquaril”. “2002, 2003 eu já fui ganhando a cidade.”. “Eu virei oficineiro”, “já trampei demais nessa vida”. “Hoje em dia trabalho como arte-educador para mim mesmo, não trabalho fichado”. “Fui trampanando, sempre no corre”. “Criamos a Casa do Hip Hop aqui em BH, onde não tinha nenhuma”, “a gente tenta interromper esse ciclo que diz que jovem não sabe de nada, que não consegue as coisas”, “a gente produz coisa demais aqui”. “A partir da nossa movimentação a gente traz outros para perto”.

Apresentados os sujeitos desta pesquisa, deixamos uma última observação sobre o porquê da eleição exclusiva, nesta dissertação, do debruçamento sobre os efeitos da metodologia de intervenção das Narrativas Memorialísticas nos jovens participantes da pesquisa *Adolescências e Leis*, uma vez que artistas e pesquisadores também a compuseram. Por que nos interrogamos exclusivamente sobre os efeitos dessa metodologia de intervenção aos jovens dela participantes?

Primeiramente, pontuamos que essa escolha não se deu sem questionamentos, vindos de nossa parte e da parte dos jovens, ao longo da construção deste estudo. Ainda no momento da Partilha, realizado cerca de nove meses antes do início desta pesquisa, escancarou-se, a partir dos depoimentos cedidos, os seus efeitos aos pesquisadores (dentre os quais me incluo) e artistas oriundos de suas participações na pesquisa *Adolescências e Leis*. Foi notável a afetação dos três agrupamentos de sujeitos que dela participaram: jovens, artistas e pesquisadores. O próprio desenvolvimento desta dissertação pode ser interpretado como efeito de minha participação como pesquisadora na referida investigação, conforme relatado anteriormente. O afeto oriundo de meu encontro com a história de vida dos jovens e com as obras de arte produzidas transformou-se em desejo e impulso de trabalho e pesquisa.

Em entrevista realizada com André, ele também nos chama a atenção sobre esse ponto. Quando o interrogo sobre a aplicabilidade da metodologia das Narrativas Memorialísticas em uma comunidade como a do bairro Alto Vera Cruz, André me responde:

Comunidade é muito amplo, né? Se virar uma metodologia, eu acho que seria bacana. Ela seria bom para quem tá contando a história, até para motivar, ver que tá dando uma importância: ‘minha história vai ser reverberada para chegar em alguém’, dá um efeito bom. Isso é legal, mas principalmente para quem está ouvindo, né? **Ainda mais se a pessoa trabalhar em algum lugar que ela vai participar de alguma construção de política pública. Aí ela não vai falar assim: ‘eu li tal livro que fala que os jovens saem da criminalidade por causa disso, disso e disso’. Ela vai contar assim: ‘eu conversei com José no Alto Vera Cruz e ele saiu foi por causa disso,**

disso e disso.”. Você perguntou qual seria o efeito para a comunidade? Se for ter efeito é esse, motivar, dar um reconhecimento, marcar a importância. Mas para as pessoas que estiverem ouvindo, se forem participar de política pública para a juventude de periferia vai intervir nisso. Vai interferir pontualmente mesmo, na vida daquela pessoa que está participando. Não sei se para a comunidade em geral. **Neste sentido, mais que para o indivíduo, para quem está ouvindo!** (André)

A fala de André confirma a importância em abordar os efeitos dessa metodologia àqueles que escutam essas histórias de vida. Ainda que cientes dessa importância, justificamos a escolha pela eleição exclusiva dos jovens como sujeitos deste estudo reconhecendo a particularidade que os efeitos dessa intervenção possui para os sujeitos *brancos* e *negros* que dela participaram. Seguindo as construções apresentadas na seção 1.1 deste capítulo, intitulada *A fratura necropolítica: o lugar dos corpos negros e brancos na organização social*, escutamos os impactos violentos das articulações políticas de dominação e poder que permeiam a construção identitária dos sujeitos *negros* e *brancos*. Desse modo, dedicarmo-nos a debater prioritariamente os efeitos dessa intervenção aos jovens que dela participaram, configura-se como um reconhecimento das particularidades destes processos de reconhecimento identitários e da urgência em dedicarmo-nos a debatê-los e pensarmos alternativas ante o homicídio doloso da população negra em nosso país, agenciado pelo Racismo de Denegação (Gonzalez, 1988).

Concluimos aqui nosso primeiro capítulo, que visou apresentar o escopo desta pesquisa. No capítulo seguinte, impulsionadas pela pergunta sobre os efeitos da metodologia das Narrativas Memorialísticas nos jovens que dela participaram, nos dedicaremos a pensar a articulação entre causa e efeito para a psicanálise, buscando nesta relação uma via possível para a abordagem do conceito de efeito para o nosso campo de estudos.

2 A RELAÇÃO DE CAUSA E EFEITO PARA A PSICANÁLISE

Inauguramos este capítulo com um adendo sobre sua estrutura metodológica, explicitando que os trilhamentos pelos quais apresentaremos nosso percurso de busca teórica serão introduzidos seguindo o movimento que se revelou no caminhar de nossa investigação. Primeiramente, tínhamos como ponto de partida em nosso horizonte de busca o objetivo primeiro desta dissertação: investigar os efeitos da metodologia de intervenção das Narrativas Memorialísticas, adotada ao longo da pesquisa *Adolescências e Leis*, nos jovens que dela participaram. Porém, uma série de questionamentos antecedeu nosso mergulho sobre a análise dos dados e a extração desses efeitos. Dentre esses questionamentos, citamos duas perguntas-chave que inauguraram o percurso de investigação estruturado neste capítulo: “o que é um efeito para a psicanálise?” e “Como é possível apreender algo da ordem dos efeitos em uma pesquisa-intervenção de caráter psicanalítico?”.

Mantendo essas perguntas em nosso horizonte, nos enveredamos na leitura do *Seminário 11* de Jacques Lacan (1964/1993) apostando que, a partir dos fundamentos da psicanálise ali apresentados, poderíamos extrair apontamentos sobre o estatuto do efeito neste campo. O encontro com o termo “efeito”, já na segunda lição desse seminário, nos revelou um horizonte de investigação diverso daquele que até então havíamos vislumbrado. Nas lições: *O inconsciente freudiano e o nosso* e *A função do analista*, Lacan (1964/1993) nos revela uma via possível ao tratamento da noção de efeito a partir de sua articulação com a noção de causa. Por meio dessa articulação iniciamos nossa investigação acerca do estatuto do efeito para a psicanálise de orientação lacaniana.

Posto isso, iniciamos este capítulo com a exposição esmiuçada das principais formulações apresentados por Lacan (1964/1994) ao longo das lições *O inconsciente freudiano e o nosso* e *A função do analista*. Conforme exposto, essas lições podem ser tomadas como o ponto de partida da investigação que se desenvolve neste capítulo, a partir do qual ramificaram-se diversos outros trilhamentos teóricos possíveis à abordagem da articulação entre causa e efeito.

O encontro com *O inconsciente freudiano e o nosso* nos permitiu recolher nomes de autores com os quais Lacan dialoga a fim de discorrer sobre a articulação entre causa e efeito. Entre eles, citamos: Sigmund Freud, Henri Ey, David Hume e Immanuel Kant. Seguindo esses achados, dedicamos as seções seguintes a um sobrevoo sobre as obras desses autores, buscando extrair destas como se articula a relação entre causa e efeito. Seguindo a advertência lacaniana sobre a necessidade de um constante retorno à obra freudiana na formação analítica, iniciaremos nossas buscas pelos estudos de Freud sobre a histeria e, em seguida, adentraremos o campo da filosofia extraindo deste as bases teóricas humeanas e kantianas acerca da articulação entre causa e efeito, tomada como categoria do entendimento humano.

A última seção é dedicada a um retorno à obra lacaniana, desta vez iniciando nossos recolhimentos sobre a articulação entre causa e efeito, datada dos anos 1940, quando, durante o Colóquio de Bonneval (1946), Lacan e Henri Ey divergem acerca de suas: *Formulações sobre a causalidade psíquica* (Lacan, 1946/1998). Perpassada essa discussão, avançaremos

alguns anos na obra lacaniana, chegando precisamente aos anos 1962/1963, período em que o psicanalista conduz seu seminário *A angústia* e formaliza a noção de objeto *a*, tomado como ‘objeto causa de desejo’.

Ao estabelecimento desta última seção, segue-se a conclusão deste capítulo, na qual debateremos a importância do desenvolvimento da noção de objeto *a* para as formulações psicanalíticas acerca da articulação entre causa e efeito. Ao formalizar o objeto *a* como objeto causa, Lacan insere uma “novidade” a esta relação e reforça a desarticulação entre os campos da causa e do efeito, interpretada não apenas pela hiância constitutiva entre a causa e o que ela afeta, mas por uma fratura simbólica própria ao registro da causa do desejo, agenciada pelo objeto *a*. Diante disso, nos indagamos por qual via é possível seguir a fim de abordarmos a categoria dos efeitos em uma pesquisa psicanalítica voltada à investigação de fenômenos sociais como a nossa. Vejamos como esse percurso se desenvolve.

2.1 NOSSO PONTO DE PARTIDA

2.1.1 “O inconsciente freudiano e o nosso”



Obra | Eraldo Leandro

Iniciemos pelo título dado a essa lição, estabelecida como a segunda dentre as conferências reunidas durante o *Seminário 11*, de Jacques Lacan (1964/1993).

“O inconsciente freudiano e o nosso” demarca o esforço do psicanalista francês em articular a noção freudiana de inconsciente, tomada como “algo da ordem do *não-realizado*” (Lacan, 1964/1993, p.28), àquela inaugurada por seu ensino: a noção do inconsciente estruturado como linguagem. Lacan introduz, na hiância em que o inconsciente se produz, a lei do significante. Porém, seu esforço não diz respeito a uma tentativa de tamponamento da hiância causal por vias significantes, Lacan defende a noção do inconsciente estruturado como uma linguagem como uma conceitualização central à explicação causal.

A hipótese do inconsciente estruturado como uma linguagem começa a ser desenvolvida por Lacan ao longo dos anos 1950, no período de seu ensino conhecido como ‘o tempo de retorno a Freud’. A conferência *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* (Lacan, 1953/1998) e o escrito *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud* (Lacan, 1957/1998) são tomados como as principais comunicações lacanianas nas quais o autor desenvolve essa hipótese, revelando a lógica simbólica sobre a qual o inconsciente se estrutura desde os primórdios dos estudos freudianos.

Nesses escritos, Lacan nos apresenta o funcionamento do inconsciente a partir de um sistema de signos, como uma rede de significantes (palavras e fonemas), articulados entre si segundo mecanismos próprios de condensação ou deslocamento. Essa articulação ignora regras gramaticais e rompe com princípios de relações lógicas que operam sobre o funcionamento consciente, tais como: a contradição, a relação de causa e efeito e a equivalência entre signo e significado. O inconsciente opera sobre a primazia do significante e é neste sentido que a técnica analítica se vale da associação livre para promover uma concatenação significativa que permita, assim, a emersão de uma possível significação, ainda que estruturada sobre o furo da linguagem.

É importante ressaltar que, à medida que Lacan avança em seu ensino, ele afasta-se das referências à linguística estrutural sem, porém, abandonar suas referências à linguagem. Dessa forma, o conceito de inconsciente, no caminhar dos estudos lacanianos, avança de sua estruturação simbólica e expressa-se também através da dimensão real dos processos da linguagem, extrapolando a cadeia significante. Nesse ponto, “o significante se torna uma linguagem privada, singular de cada sujeito, ou seja, a língua”, conforme localiza Trindade (2008).

Pois bem, apresentada a prerrogativa do inconsciente estruturado como linguagem, com a qual Lacan opera ao longo dos anos 1950 e 1960 de seu ensino, retornemos à lição *O inconsciente freudiano e o nosso* do *Seminário 11* (1964/1993), que nos serve como ponto de partida neste desenvolvimento teórico. Nessa lição, Lacan (1964/1993) propõe que os significantes sejam tomados como suportes, oferecidos pela natureza, a partir dos quais as relações humanas não só se organizam, mas se inauguram. Ainda nessa lição, a linguística é tomada como estrutura que fornece estatuto ao inconsciente: “É ela, em cada caso, que nos garante que há sob o termo de inconsciente algo de qualificável, de acessível, de objetivável” (Lacan, 1964/1993, p. 26), o que inaugura à psicanálise a possibilidade de estabelecer-se como teoria no campo de estudos psíquicos.

Seguindo nessa lição, dando continuidade às suas interrogações sobre o estatuto do inconsciente na teoria psicanalítica, Lacan (1964/1993) o aborda a partir da hiância constitutiva entre “a causa e o que ela afeta” (p. 27), recuperando assim um debate antigo, iminente ao campo filosófico: a articulação entre causa e efeito tomada como categoria do entendimento humano.

Reconhecendo os diversos impasses que a noção de causa provocou no campo de estudo das filosofias, assim como as diversas vias possíveis de abordagem desta noção, Lacan opta por recuperá-la partindo dos estudos kantianos, a partir dos quais elabora alguns

pontos fundantes à articulação entre causa e efeito para a psicanálise. Entre esses pontos, citamos: (1) “a hiância, que, desde sempre, a função da causa oferece a todo saque conceitual” (Lacan, 1964/1993, p.26); (2) “trata-se de um conceito, no fim das contas, inalisável - impossível de compreender pela razão” (Lacan, 1964/1993, p. 26/27); (3) a causa “se distingue do que há de determinante numa cadeia, dizendo melhor, da lei” (Lacan, 1964/1993, p. 27); (4) “entre a causa e o que ela afeta há sempre claudicação” (Lacan, 1964/1993, p.27); e (5) “só existe causa para o que manca” (Lacan, 1964/1993, p.27).

Por ora, não nos preocuparemos em esmiuçar o entendimento de todos esses pontos. Afinal, conforme sinalizado, estamos ainda no ponto de partida de nossa investigação sobre o estatuto do efeito para a psicanálise de orientação lacaniana. Grande parte das pontuações elencadas será elucidada no desenrolar de nosso percurso teórico neste capítulo. Por ora, faremos uma ressalva apenas no que diz respeito aos argumentos de número 3 e 4 acima referidos. A partir desses, elucidamos que a causa se distingue da lei à medida que a última determina uma cadeia em que não há hiância ou intervalo, ela enfeixa uma regularidade. Afinal, uma lei estrutura a ordem e o funcionamento dos fatores em uma cadeia, enquanto a articulação entre causa e efeito emerge a partir de uma falta simbólica, ou seja, de uma “claudicação”, de um tropeço, como pontuado por Lacan (1964/1993). Esse tropeço, essa impossibilidade de determinação dos fenômenos observados, é o que nos faz interrogar sobre suas causalidades.

Fernanda Costa-Moura (2006a) nos adverte quanto à diferenciação entre os modos como a psicanálise e o campo científico respondem à pergunta sobre a causalidade dos fenômenos observados. Enquanto a ciência se empenha em introduzir leis capazes de explicá-la e assim dispensar a implicação do sujeito em cena, a operação analítica vai tratar de isolar a dimensão da causa para um sujeito, interrogando os desejos inconscientes em jogo nesta articulação e delimitando, assim, que: “entre a causa e o que ela afeta há sempre claudicação” (Lacan, 1964/1993, p.27).

Posto isso, recuperando nos estudos kantianos a impossibilidade de apreensão da causalidade de um evento, por vias unicamente conceituais e racionais, Lacan (1964/1993) situa o inconsciente freudiano sobre a hiância constitutiva entre a causa e o que ela afeta. O autor ressalta que, desde as buscas freudianas por uma etiologia das neuroses (Freud, 1895a/1996), a interrogação sobre a causa dos sintomas histéricos culminou na hiância, na fenda, por onde a neurose se conforma a um real. É a partir dessa hiância, desse ponto de claudicação entre causa e efeito, tomado como expressão da instância inconsciente, que o impasse da causalidade é introduzido no ensino lacaniano nos anos 1960.

Segundo Lacan (1964/1993), a dimensão do inconsciente tomada como “algo da ordem do não realizado” (p.28) emerge a partir do encontro de Freud com os sonhos, atos falhos e chistes de seus analisandos. O ‘pai da psicanálise’ surpreende-se pelo “modo de tropeço pelo qual eles aparecem” (Lacan, 1964/1993, p.29) e enxerga nestes fenômenos algo a se realizar. **Assim, o que se produz na hiância entre causa e efeito é um achado, ou melhor, um “reachado”, segundo Lacan (1964/1993), afinal o inconsciente “sempre está prestes a escapar de novo, instaurando a dimensão da perda” (p.30).** A “descontinui-

dade”, o “tropeço”, a “ruptura”, o “desfalecimento”, a “rachadura”, são as formas com as quais Lacan nos apresenta o inconsciente freudiano na Lição II de seu *Seminário 11* (1964/1993), na medida em que este “manifesta-se sempre como o que vacila num corte do sujeito – donde ressurgem um achado que Freud assimila ao desejo – desejo que situaremos provisoriamente na metonímia desnudada do discurso em causa, em que o sujeito se saca em algum ponto inesperado” (Lacan, 1964/1993, p.32).

Ilustrando essa premissa, Lacan (1964/1993) vale-se do célebre exemplo do esquecimento de Freud a respeito do nome do pintor Signorelli, criador dos afrescos da catedral de Orvieto, na Itália (Freud, 1901/1897). A causa de seu esquecimento não é tomada como simples acaso ou *casualidade*, mas como fruto de trabalho inconsciente. Posto sobre interpretação esse esquecimento revela as bases estruturais do desejo a ele submersas, revelando o inconsciente como sujeito da enunciação: “é sempre ele quem nos põe seu enigma, e que nos fala”, reforça Lacan (1964/1998, p.31).

Assim, o inconsciente tomado como “não realizado”, a partir de Freud, é expressão de uma causalidade correlata da relação do desejo ao real, não mais edificada como origem e determinação, conforme proposto pelas leis científicas. Há um hiato, uma lacuna entre a causa e o efeito, e é por essas vias, apontadas por Freud e pelos estudos filosóficos, que Lacan segue a fim de discorrer sobre a articulação entre causa e efeito em seu *Seminário 11*.

2.1.2 “A presença do analista”

Dando continuidade à nossa busca sobre os desfiladeiros da noção de efeito na obra lacaniana, e apresentando a nossas leitoras e nossos leitores o ponto de partida desta busca, chegamos até a Lição X: “A presença do analista” do referido *Seminário 11* (1964/1993). Essa lição é dedicada, prioritariamente, à abordagem do conceito de transferência, tomado como uma relação conotada sobre um “signo de reserva particular” (Lacan, 1964/1993, p.120) sobre o qual se estruturam, na figura do analista, as relações particulares do sujeito. Nas primeiras páginas dessa lição, Lacan retoma uma questão central aos estudos psicanalíticos: a transferência é ou não um produto da prática analítica? O autor demarca seu posicionamento ante esse questionamento, enfatizando que a prática analítica é incapaz de dar conta do fenômeno da transferência como um todo. Afinal, mesmo onde não há analista, ainda assim é possível haver efeitos de transferência.

Na segunda parte dessa lição, tomada como aquela de maior interesse para nossas investigações sobre o estatuto do efeito em psicanálise, Lacan (1964/1993) retoma sua conceitualização sobre o inconsciente, apresentada na lição *O inconsciente freudiano e o nosso*, e nos chama a atenção para a relevância de uma proposição por ele explorada anteriormente: “[...] era preciso ver no inconsciente os efeitos da fala sobre o sujeito” (Lacan, 1964/1993, p.121). A importância dessa indicação reside no fato que, a partir dos efeitos da fala podemos determinar o “estatuto do sujeito como sujeito” (p.121), afinal são nos atos falhos, chistes, tropeços, fendas e rachaduras do campo da linguagem que se revela o sujeito do inconsciente. O sujeito é aqui tomado como efeito do trabalho inconsciente.

Ainda na segunda parte dessa lição Lacan (1964/1993), reiterando seu compromisso em “renovar sua aliança com a descoberta freudiana” (p.123) e assim “devolver ao inconsciente freudiano seu lugar” (p.121), retoma a noção de causa inconsciente tomada como “causa perdida” (p.123), destacando que o emprego do termo ‘causa’: “deve ser tomado em sua ambiguidade, causa a ser sustentada, mas também função da causa no nível do inconsciente” (Lacan, 1964/1993, p.123). Ao tomar o inconsciente como causa perdida, Lacan interpreta as repetições do sujeito como tentativas falhas de alcançar esta causa, por pressuposto, faltosa. Ao tentar alcançá-la, o sujeito lança-se ao gozo mortífero da repetição.

Pois bem, ainda desenvolvendo a noção de causa inconsciente tomada como causa perdida, Lacan (1964[1993]) retoma na terceira parte da lição a expressão latina “*ablata causa, tollitur effectus*”, traduzida pelo autor como: “os efeitos só se comportam bem na ausência da causa” (Lacan, 1964/1993, p.124). Ele joga com a significação dessa expressão, subvertendo seu sentido, traduzido por alguns dicionários em língua portuguesa como: “Eliminada a causa, desaparece o efeito”¹⁵, ou seja, não existiriam efeitos senão em concomitância com os fenômenos causais. A subversão proposta por Lacan reforça o hiato constitutivo entre a causa inconsciente e seus efeitos, já proposto ao longo da Lição II do referido seminário. Elucida-se, assim, que os efeitos, ao obedecerem à uma ordem causal inconsciente, são atemporais e assim expressam-se ou “comportam-se bem” (Lacan, 1964/1993, p.124) mesmo na ausência da causa.

Ao interpretar a dimensão da causa inconsciente como pura indeterminação, Lacan reforça que é ela “quem nos leva à função da transferência”, afinal, quando estabelecida a transferência nos proporciona o acesso “de maneira enigmática” (Lacan, 1964/1993, p.124) à indeterminação do sujeito, à sua hiância constitutiva. Ela não é, em hipótese alguma, uma “aliança com a parte sã do eu do sujeito” (p.125), conforme defendem alguns psicanalistas referenciados por Lacan.

Seguindo por essas vias, as demais páginas dessa lição, referentes às partes 3 e 4, são dedicadas a um esmiuçamento do conceito de transferência. Dentre os principais apontamentos nelas contidos, ressaltamos: (1) o caráter de resistência e fechamento da dimensão transferencial; (2) a oposição deste conceito a qualquer tipo de defesa por parte do analista, conforme sustentam algumas escolas americanas; e (3) o *objeto a* tomado como causalidade da transferência.

O objetivo de nossa investigação não requer um esmiuçamento desses argumentos, porém, considerando a relevância da noção de transferência à práxis psicanalítica, recomendamos fortemente a leitoras e leitores interessados no tema um retorno a essa lição.

¹⁵ Fonte: <https://www.dicionariodelatim.com.br/sublata-causa-tollitur-effectus/> . Acessado em: 13. Jan. 2021

2.2 A RELAÇÃO DE CAUSA E EFEITO NA OBRA FREUDIANA

Tomando a lição *O inconsciente freudiano e o nosso* (Lacan, 1964/1993) como um dos pontos de partida de onde ramificam nossas investigações acerca do estatuto do efeito para a psicanálise lacaniana, retomemos uma passagem extraída desta comunicação, na qual Lacan nos adverte de que Freud, em sua busca pela etiologia das neuroses, se deparou com a hiância causal do sintoma histérico, fenda a partir da qual se situa algo da ordem do “não realizado” (Lacan, 1964/1993), ou seja, algo da ordem do inconsciente, conforme elucidado acima.

Pois bem, por quais vias Freud recolhe esse achado ao longo de seu percurso de estudos sobre a histeria? Qual é o marco de seu ensino em que ele passa a considerar a dimensão inconsciente na causalidade da neurose? É sabido que a referência a uma causalidade inconsciente dos processos psíquicos não está posta desde o início dos estudos freudianos, pelo contrário, o ‘pai da psicanálise’ inicia suas buscas por uma etiologia das neuroses considerando, primeiramente, fatores hereditários em sua formação, conforme também sustentava seu mestre e professor Jean-Martin Charcot.

A fim de elucidar as questões postas acima, orientaremos nossa investigação a partir de uma valiosa cronologia temporal, proposta por Calazans e Santos (2007), acerca dos desdobramentos que as formulações sobre a etiologia das neuroses ganharam na obra freudiana ainda nos primórdios de seu desenvolvimento. O sobrevoo sobre esses tempos nos permitirá entender como Freud, partindo da observação dos sintomas histéricos, ou seja, de seus efeitos, articulou a relação entre causa e efeito no campo de estudos psicanalíticos. Passemos à apresentação desses três tempos.

2.2.1 O trauma como causalidade sobredeterminada nas neuroses histéricas

O texto *Charcot* (Freud, 1893/1996) e a obra *Estudos sobre a histeria* (Freud, 1895a/1996) serão as referências teóricas que guiarão nossa investigação acerca do emprego da noção de causalidade no primeiro tempo dos estudos freudianos acerca da etiologia das neuroses. O primeiro texto é uma espécie de obituário escrito por Freud (1893/1996) poucos dias após a morte de seu mestre Charcot, no qual ele narra alguns dos ensinamentos e achados dos anos de trabalho do neurologista, dentre os quais se destacam suas descobertas clínicas sobre as histerias traumáticas. Freud expressa todo seu afeto e admiração pelo professor, que era “positivamente fascinante” (Freud, 1893/1996, p.26) e que fazia de suas aulas “uma pequena obra de arte em construção e decomposição”, de modo que os ensinamentos nelas transmitidos ressoassem aos alunos pelo resto do dia, não sendo possível “expulsar de nossos ouvidos o som de suas palavras” (Freud, 1893, p.27).

O trabalho de Freud na Salpêtrière (1895 a 1896), neste período sob a direção de Charcot, é visto como um ponto crucial em sua carreira, “período em que seu interesse transferiu-se da neuropatologia para a psicopatologia – da ciência física para a psicologia” (Freud, 1893/1996, p.19), conforme nos esclarece o editor inglês da publicação em uma pequena

nota de introdução ao texto. Segundo Freud (1893/1996), Charcot foi aquele quem restaurou a dignidade da histeria – tomada naquele período como “a mais enigmática de todas as doenças nervosas” –, fazendo com que, pouco a pouco, as pessoas abandonassem “o sorriso desdenhoso com que uma paciente podia ter certeza de ser recebida naquele tempo” (Freud, 1893/1996, p.28). Ao reconhecer a “autenticidade e objetividade do fenômeno histórico” (Freud, 1983, p.28), Charcot distanciava-se do descrédito com que a medicina da época abordava o fenômeno e interrogava o “não saber” das histéricas que alegavam desconhecer a causa de seus sintomas.

A observação cuidadosa de suas pacientes histéricas permitiu a Charcot inferir a existência de um processo mental ordenador dos fenômenos físicos constatados, o que o fez apostar que “se penetrarmos na história da vida do paciente e descobrirmos alguma ocasião, algum trauma, que pudesse evocar de maneira adequada exatamente aquelas expressões de sentimentos – então tudo apontará para uma solução” (Freud, 1893/1996, p.28), afinal, as lembranças das histéricas, segundo as inferências de Charcot (p.28), não se mantinham reunidas em uma cadeia associativa, elas eram dissociadas dos afetos que as representavam. A vivência traumática tomada como gênese das paralisias histéricas, conforme sustentado por Charcot (Freud, 1893/1996), foi um direcionamento valioso ao desenvolvimento da teoria freudiana acerca da etiologia das neuroses ou, por que não dizer, fundante da mesma.

Os estudos de Freud sobre a etiologia das neuroses avançam quando o psicanalista inicia sua parceria de trabalho com Josef Breuer, a partir da qual dedicam-se às investigações sobre as histerias não traumáticas. Os recolhimentos dessa parceria culminaram na publicação da referida obra *Estudos sobre a Histeria* (1895a/1996) e permitiram avançar nas buscas pela etiologia dos sintomas históricos, à medida que os deslocavam de uma determinação causal atrelada à vivência de um fato ou acidente traumático na trajetória do sujeito, conforme proposto por Charcot (Freud, 1893/1996). Freud não abandona a causalidade traumática dos sintomas históricos, ele apenas a distancia de um compromisso de expressão a partir de um acidente ou fato traumático, passando assim a operar pelas vias da sobredeterminação do sintoma e apostando que um trauma psíquico pode ser ocasionado por diversos fatores causais. Essa formulação permitiu a Freud aplicar o modelo da histeria traumática proposto por Charcot (Freud, 1893) a outros tipos de neuroses históricas.

Sobre a noção de sobredeterminação elucidamos que este termo foi publicado pela primeira vez na obra freudiana durante os *Estudos sobre a histeria* (1895a/1996), quando Breuer pontua ser “preciso haver uma conversão de vários fatores para que um sintoma histórico possa ser gerado” (Freud, 1895a/1996, p.241). A noção de sobredeterminação ou de causas múltiplas, porém, não é um termo cunhado por Freud ou Breuer. Ela torna-se um termo articulador conceitual em psicanálise a partir do momento em que são estabelecidas bases estruturais ao inconsciente e, assim, a sobredeterminação passa a ser tomada como característica inerente não só aos sintomas históricos, mas à “interpretação dos sonhos” (Freud, 1900/1996).

A sobredeterminação dos sintomas revela diferentes cursos de pensamentos e reali-

zação de desejos inconscientes, o que origina uma diversidade de vias associativas possíveis à interpretação dos sintomas. Essa diversidade, porém, não implica um compromisso do analista ou do analisando em esgotar os sentidos e interpretações possíveis dos sonhos e sintomas, o que poderia tornar a práxis analítica extremamente invasiva e fatigosa.

A esse argumento, segue-se, na página 313 de *Estudos sobre a histeria* (1895a/1996), uma exposição de Freud sobre as vias possíveis de acesso ao material psíquico patogênico nos quadros de histeria. O psicanalista propõe que esse acesso, que acontecia à época pelas vias da fala ou por vias hipnóticas, seja feito por meio de três formas diversas de estratificação de materiais mnêmicos e a partir de um núcleo central, ao qual as memórias convergem. As duas primeiras camadas a ser estratificadas dizem respeito a lembranças conscientes, passíveis de recordação, e a terceira trata de lembranças inconscientes recalçadas, segundo Freud (1895a/1996).

Pois bem, a primeira estratificação pode ser feita seguindo uma ordem cronológica linear “infallivelmente fidedigna” (Freud, 1895a/1996, p.312), a partir da qual o paciente é capaz de se lembrar com detalhes não só dos fatos ocorridos em sua trajetória, mas da ordem e sequência temporal destes. A segunda camada da estratificação é uma espécie de desdobramento dessas primeiras memórias acessadas pelo paciente. Trata-se de um mecanismo que opera sobre o agrupamento de lembranças de ordem semelhante, dispostas em sequência linear: uma memória é capaz de evocar outras que estejam dispostas sobre o mesmo “tema”, conforme descreve Freud (1895a/1996).

Na terceira via de acesso, a estratificação do material psíquico patogênico inconsciente é feita por caminhos “irregulares e sinuosos” (Freud, 1895a/1996, p.313). Enquanto as primeiras estratificações (em nível consciente) são representadas por uma linha contínua, curva ou reta, o curso da cadeia lógica entre os sintomas e as representações inconscientes é indicado por um “sistema de linhas em ramificações” que se unem em “pontos nodais” onde “dois ou mais fios se juntam e a partir daí continuam como um só” (Freud, 1895a/1996, p.313).

Esse sistema de linhas ilustra o caráter sobredeterminista da causalidade sintomática ou da etiologia neurótica proposta à época, composta por uma multiplicidade de recordações e vivências ligadas associativamente ao núcleo patogênico. **As ramificações de diversas linhas oriundas desse núcleo, conforme proposto por Freud (1895a/1996), desfazem a ligação linear consciente entre uma vivência, tomada como fator causal, e a expressão de seus efeitos ou de seus afetos como sintomas.**

Além disso, a ilustração desse arranjo esboça uma importante formulação do autor desenvolvida alguns anos mais tarde na publicação *A Interpretação dos sonhos* (Freud, 1900/1996): a sobredeterminação do conteúdo manifesto do sonho é efeito de um trabalho de condensação na medida em que esta permite reunir em um mesmo sonho uma pluralidade de ideias latentes, assim como ocorre na manifestação do sintoma. Freud (1900/1996) demarca também que o trabalho de condensação ocorre por vias de omissão, na medida em que não é possível ao sujeito recordar-se ou nomear os diversos fatores causais em jogo na formação dos sonhos ou dos sintomas. A operação de condensação deixa como produto vias incompletas e lacunares a ser interpretadas e significadas em análise, o que Freud

(1900/1996) nomeia como o “umbigo dos sonhos”, um núcleo de opacidade que não permite interpretar todo o texto que se revela nas entrelinhas dos sonhos.

Para concluir a exposição desse primeiro tempo dos estudos freudianos, enfatizamos que as formulações recolhidas esboçam **a relação (sobre)determinada entre causa e efeito, pautada sobre uma pluralidade de elementos traumáticos decisivos à formação da neurose histérica**. Desse modo, o trauma assume o “poder causal contínuo na produção dos sintomas” (Calazans e Santos, 2007). Apesar de ser determinado por múltiplas causas, o trauma, segundo Freud e Breuer (1895a/1996), ainda está diretamente associado às lembranças específicas vivenciadas capazes de despertar o afeto não suficientemente *ab-re-agido*, responsável por sua formação e, conseqüentemente, pela expressão dos sintomas. A direção do tratamento seguida, à época, esboça essa lógica, uma vez que aposta na revelação do fato traumático – por meio da hipnose ou da fala – como via para o desaparecimento dos sintomas.

2.2.2 O caráter sexual, a temporalidade e o recalque na equação etiológica das neuroses

Passemos ao segundo tempo da noção freudiana da etiologia das neuroses, ainda nos pautando pela divisão conceitual proposta por Calazans e Santos (2007). As referências teóricas que orientarão esse tempo são três textos publicados por Freud entre 1894 e 1896: *As neuropsicoses de defesa* (1894 /1996), *Respostas às críticas a meu artigo sobre a neurose de angústia* (1895b/1996) e a *Carta 52* (1896/1996). Iniciemos pelo primeiro escrito citado, cujo título, *As neuropsicoses de defesa*, nos aponta a passagem realizada por Freud nesse período de seus estudos. Partindo de um momento intenso de pesquisa sobre as neuroses traumáticas, Freud passa a se dedicar, também, aos estudos das neuropsicoses de defesa, formalizando sua hipótese de que a defesa seria um mecanismo específico das neuroses, núcleo central a partir do qual a estrutura é formada.

A defesa contra afetos aflitivos que invadem o aparelho psíquico coloca em ação o recalque, um mecanismo de defesa capaz de impedir que as ideias, ligadas a estes afetos, possam aceder ao eu, à consciência do sujeito. Porém, o que Freud (1894/1996) demonstra é que o afeto proveniente da ideia recalçada escapa à repressão e permanece em trânsito no aparelho psíquico, podendo ser expresso como angústia, como conversões somáticas ou na expressão de sintomas fóbicos e obsessivos. Assim, a etiologia das neuroses é explicada nesse tempo dos estudos freudianos a partir do mecanismo de defesa do recalque, pelas falhas na tentativa de reter, no plano inconsciente, ideias aflitivas ou desprazerosas ao eu do paciente.

Pois bem, nesse ponto emergem alguns questionamentos sobre a teoria freudiana: qual é o caráter das ideias capazes de gerar afetos aflitivos ao aparelho psíquico? O que torna uma ideia aflitiva ao eu em detrimento de tantas outras vivências? Diante dessas questões, Freud (1894/1996) assume a hipótese de que as ideias recalçadas, tomadas como traumáticas ao aparelho psíquico por nele gerarem níveis aflitivos de excitação, são aquelas oriundas de vivências sexuais do paciente.

Em seu artigo *Sobre os fundamentos para destacar da neurastenia uma síndrome específica denominada neurose de angústia*, Freud (1895c/1996) desenvolve esse argumento e formaliza sua defesa da etiologia sexual das neuroses, o que faz com que grande parte da comunidade neuropsiquiátrica da época respondesse às suas formulações com duras críticas e questionamentos. Entre os críticos estava Leopold Loewenfeld, um afamado psiquiatra alemão da época com quem Freud possuía relações amigáveis de trabalho. O psicanalista rebate as críticas de seu ‘respeitável oponente’ em seu escrito *Respostas às críticas de meu artigo sobre a neurose da angústia* (Freud, 1895b/1996), defendendo novamente sua argumentação sobre os fatores sexuais causais da neurose em detrimento de fatores hereditários ou causas precipitantes.

Com essa argumentação, Freud (1895b/1996) elabora uma valiosa equação, denominada “*equação etiológica*”, capaz de revelar a inter-relação entre as diferentes espécies de causas envolvidas na geração de uma neurose ou de seus efeitos tomados como sintomas. Entre os elementos dessa equação estão: **(1) Precondição; (2) Causa específica; (3) Causas concorrentes; (4) Causa precipitante ou desencadeante.**

A partir da explicação fornecida por Freud (1895b/1996), entende-se a Precondição como fator em cuja ausência o efeito não se manifesta. Esses, porém, são incapazes de produzi-lo sozinhos. Já a Causa específica, tomada como objeto central nas investigações freudianas, é aquela que nunca está ausente em todos os casos em que o efeito se produz. Quando presente na quantidade ou intensidade requerida é suficiente para produzir o efeito, mas desde que as precondições também sejam cumpridas.

As Causas concorrentes, por sua vez, são fatores que não estão presentes todas as vezes que um efeito se produz. Essas também são incapazes de reproduzi-lo sozinhas, afinal, dependem diretamente da ação dos outros fatores que compõem a equação etiológica na neurose. Citamos ainda a Causa precipitante ou desencadeante, tomada como último fator nessa equação, na medida em que é o precedente imediato da emergência do efeito. O fator cronológico constitui a natureza essencial da Causa precipitante.

A partir dessa apresentação, Freud (1895b/1996) demarca seu interesse de investigação sobre as causas específicas da neurose (aquelas que se apresentam toda vez que o efeito ocorre) em detrimento das causas desencadeantes (aquelas que precedem imediatamente o efeito). A aposta de Freud é justificada pelo fato de o psicanalista acreditar que os fenômenos ou condições que antecedem imediatamente no tempo o efeito observado não necessariamente predizem sua causa, ainda que a provoquem. Por exemplo: o susto, o cansaço, o estresse, as chateações cotidianas podem influenciar o desencadeamento dos sintomas neuróticos, mas não são necessariamente tomados como causalidade destes. A etiologia das neuroses é buscada, nesse momento do ensino freudiano, em passagens do tempo anteriores à emergência do sintoma.

Assim, ainda em resposta às críticas de seu artigo sobre a neurose da angústia, Freud (1895b/1996) chama-nos a atenção ao modo como os afetos e representações recalcadas propagam-se no tempo. Afinal, há “um período em que a etiologia específica está em ação, mas no qual seu efeito ainda não é manifesto. Durante essa fase o sujeito ainda não está doente,

mas está disposto a uma enfermidade particular – em nosso caso, à neurose de angústia” (Freud, 1895b/1996, p.129). Será a vivência de um segundo tempo, conforme exposto acima, que provocará a sucumbência do recalque e assim permitirá o acesso à parte do material mnêmico recalcado à consciência.

Ao separar causas e efeitos cronologicamente, Freud redireciona a questão da causalidade em seu ensino, de modo que os efeitos passam a se comportar bem mesmo na ausência da causa, em oposição à ideia de uma concomitância temporal necessária à emergência destas duas instâncias, também contestada por Lacan (1964/1993). Há um segundo tempo determinante à eclosão do sintoma neurótico, responsável por afirmar o caráter sexual da primeira experiência recalçada pelo sujeito, vivenciada como perturbação ao eu em um período anterior à maturação sexual. **Assim, a causa do sintoma histérico passa a ser psíquica, não atual, ocorrida em um período de tempo antecedente à emergência dos efeitos e de caráter sexual.** Há uma “ação retroativa do trauma sexual” (Calazans e Santos, 2007, p.75). A partir deste argumento, Freud (1896/1996) em sua *Carta 52*, escrita a seu amigo Fliess, reforça a função central da memória na formação dos sintomas histéricos:

O que há de essencialmente novo a respeito de minha teoria é a tese de que a memória não se faz presente de uma só vez, mas se desdobra em vários tempos; que ela é registrada em diferentes espécies de indicações. (1896 /1996, p.175)

Freud (1896/1996) evidencia o regimento inconsciente da formação das memórias, fruto da ação do recalque. Diferentemente de uma função adaptativa da memória, responsável por funções de aprendizagem humana, conforme sustenta o campo de estudos psicológicos, a memória aparece à psicanálise como função desadaptativa, regente não só das lembranças do sujeito, mas de seus esquecimentos (Miller, 2001b). Mais do que um depósito de lembranças conscientes, nossa memória é formada por lembranças de ordem inconsciente, inscritas sob nosso psiquismo, porém expressas pela ordem do não saber, do esquecimento, sendo um sintoma recorrente entre os pacientes neuróticos. **O recalque, tomado como mecanismo de defesa nesse tempo dos estudos freudianos (Freud, 1894/1996), ocupa a centralidade entre a causa e o efeito, desorganizando a ligação determinista linear entre estas duas instâncias.**

2.2.3 A realidade psíquica como elemento ordenador da relação entre causa e efeito

Pois bem, finalizando a exposição dos três tempos da noção freudiana sobre a etiologia das neuroses, adentremo-nos o último destes, aquele que fornecerá à questão da causalidade em psicanálise uma função própria, um tom particular (Calazans e Santos, 2007). Tal especificidade é alcançada a partir do momento em que Freud elabora em sua teoria a noção de realidade psíquica, distinguindo-a da realidade compartilhada dos fatos em si.

A fim de explorarmos essa argumentação, tomaremos como referências bibliográficas nesta investigação a *Carta 69* (Freud, 1897/1996), também escrita por Freud a Fliess, e a *Conferência XVIII* (Freud, 1917/1996).

Iniciemos pela *Carta 69*, na qual Freud compartilha com seu amigo Fliess sua descrença na teoria que, até então, havia elaborado sobre a etiologia sexual infantil da neurose, estabelecida em dois tempos: experiência traumática e ação do recalque. É a experiência pessoal de análise de Freud que o desperta essa descrença, uma vez que seu percurso, após “contínuos desapontamentos” (Freud, 1897/1996, p.195), não o havia permitido “chegar a uma conclusão real” (p. 195), capaz de constatar as hipóteses por ele elaboradas sobre a causalidade dos sintomas histéricos. Freud (1897/1996) não localizava traços perversos no próprio pai ou em si mesmo, capazes de justificar sua passagem por algum tipo de experiência sexual traumática, como proposto anteriormente. Desse modo, ele indaga-se sobre a representação da realidade material no inconsciente, apontando a indistinção entre a verdade e a ficção neste plano. Assim, permanecia aberta a possibilidade de que os abusos ou traumas sexuais descritos pelos sujeitos fossem oriundos de suas fantasias inconscientes.

Freud (1897/1996) questiona, ainda, em sua carta a Fliess, a capacidade do inconsciente em superar a resistência do consciente, o que o leva a querer abandonar a técnica que orientava o tratamento analítico até então, baseada na tentativa de revelar à consciência traços mnêmicos recalcados no inconsciente. **A partir dessas constatações, a etiologia das neuroses na teoria freudiana vai ganhando novos contornos e passa a decorrer de conteúdos fantasmáticos inconscientes, não de experiências traumáticas reais.** Ao relatar uma cena de abuso sexual não ocorrida na dita realidade compartilhada, o sujeito denuncia a realidade em causa de seu desejo e é a esta última que a psicanálise dirige, prioritariamente, sua escuta.

A relevância da instância inconsciente na formação dos sintomas será sustentada por Freud ao longo de todo o seu ensino. Cerca de 20 anos após a referida carta enviada a Fliess, o psicanalista, em sua *Conferência XVIII* (Freud, 1917/1996), sustenta suas formulações anteriores sobre o “não saber” dos pacientes neuróticos acerca do sentido de seus sintomas, demonstrando que estes são derivados de processos inconscientes e fruto da ação do recalque: “[...] uma neurose poderia resultar de uma espécie de ignorância – um não saber acerca de acontecimentos mentais que se deveria saber” (Freud, 1917/1996, p. 288). A amnésia dos pacientes neuróticos denuncia a conexão entre a instância inconsciente e a origem de seus sintomas (Freud, 1917/1996). Freud finaliza essa conferência enfatizando que afirmar a existência do inconsciente na vida mental é dar o mais violento golpe na “megalomania humana” (Freud, 1917 /1996, p. 292), demonstrando que o ego “não é senhor nem mesmo em sua própria casa” (Freud, 1917/1996, p. 292). Sobre o funcionamento inconsciente da mente humana ainda sabemos pouco ou quase nada.

Nosso encontro com as formulações acima, colhidas a partir de extrações da obra freudiana, aponta para a centralidade que os conteúdos fantasmáticos inconscientes, provenientes da realidade psíquica do sujeito, alcançaram na tentativa de delimitar os fatores causais em jogo na etiologia das neuroses, nesse terceiro tempo. Revela-se, assim, que o que

guiará a etiologia psicanalítica a partir de então não mais será “o desejo de uma verdade, mas, antes, a elaboração da verdade do desejo” (Calazans e Santos, 2007, p.76), das causas inconscientes desveladas pela fantasia e regentes da realidade psíquica.

Assim, Freud, ao buscar a causa no “registro de problemas subjetivos” (Calazans e Santos, 2007, p.75), elimina a linearidade legalista entre a causa e a produção de um efeito. Na hiância causal do sintoma histérico o psicanalista revela as bases indeterministas de funcionamento inconsciente, tomando este registro como expressão do “não realizado”, como conteúdo latente a se realizar, senão, pelos furos da linguagem. É essa a lógica revelada por Lacan (1964/1993) ao longo da lição *O inconsciente freudiano e o nosso*, quando o autor demarca, como um dos grandes achados freudianos, a localização da instância inconsciente na hiância constitutiva entre a causa e o que ela afeta.

2.2.4 Entre causa e efeito opera o recalque

Nosso percurso sobre os três tempos da noção freudiana de etiologia das neuroses nos permite interpretar o abandono da causalidade natural dos processos psíquicos como um marco importante dos estudos freudianos. Ao distanciar-se de hipóteses etiológicas hereditárias sobre a causalidade neurótica, **Freud rompe com as tentativas científicas fisicalistas em estabelecer leis causais aos fenômenos observados, promovendo assim uma articulação indeterminada, “não realizada” (Lacan, 1964/1993) entre causa e efeito.** Esse ato permite-lhe fundar sua teoria psicanalítica pautada sobre as investigações da causalidade inconsciente dos processos psíquicos.

É nesse ponto que a noção de causa para a psicanálise adquire uma função própria, particular. Como nos relembra Miller (2001b), em sua conferência *Cómo se inventan nuevos conceptos en psicoanálisis*, proferida no encerramento da Jornada do Campo Freudiano, em 2001, dentre as especificidades da noção de causalidade em psicanálise reside o fato de esta tomar a revelação da causa inconsciente em nível consciente como uma direção no tratamento analítico. Um tratamento por vias médicas também se interroga sobre a causa dos sintomas, porém não adota o desvelamento da causa como intervenção curativa, afinal, revelar a causa do sintoma a um paciente não permite, em um contexto de tratamento médico, curá-lo. Além disso, o processo de revelação das causas em psicanálise expressa mais uma particularidade na medida em que ocorre através da fala e não por meio de exames ou procedimentos cirúrgicos, conforme opera a prática médica. Se, em um primeiro momento, a revelação desta causa é feita por via da interpretação, pela sugestão do analista ou desvendada a partir de estados hipnóticos, no último tempo da teoria freudiana esta revelação acontece através do método da associação livre, a partir do qual caberá ao analisando, à medida que este se lança na fala livre, fazer associações que o permitam aceder às representações recalçadas.

O mergulho sobre os diferentes estatutos que a noção de causa adquire ao longo da obra freudiana nos permite afirmar, em consonância com as ideias de Miller (2001b, p. 7), que **a grande elaboração do psicanalista, fruto de seu percurso de estudos sobre a**

neurose, é a noção de “dupla causa” [tradução nossa]. Essa noção é formulada na obra de Freud, depois que o autor perpassa quatro diferentes concepções da noção de causa, conforme descritas acima, a partir da divisão proposta entre os três tempos da noção freudiana da etiologia das neuroses (Calazans e Santos, 2007). Façamos um repasse dessas noções.

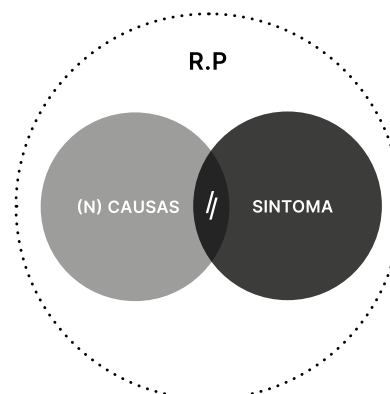
Primeiramente, Freud propõe uma **causalidade “traumática real e presente”** na formação das neuroses. Em sequência, a causa na teoria freudiana passa a adquirir o estatuto de **“causa sexual real e presente”** (Miller, 2001b, p.6), afinal, trata-se do momento em que Freud certifica-se do caráter sexual do trauma, porém ainda acredita que este seja expressão de acontecimentos factuais reais ocorridos em um curto período de tempo antecedente à expressão dos sintomas.

Logo em seguida, ainda referenciando-nos pelas formulações estabelecidas no “segundo tempo da noção freudiana da etiologia”, desenvolvido nesta seção, esse estatuto ganha novos contornos e a causalidade dos sintomas neuróticos passa a ser interpretada como **“causa sexual real e passada”** (Miller, 2001b, p.6). Afinal, Freud demarca a influência que vivências passadas, ocorridas em períodos remotos da vida do sujeito, imprimem em seu psiquismo e assim expressam-se sob a formação dos sintomas.

Como expressão da quarta formulação – sobre o estatuto da noção de causa em Freud –, podemos delimitá-la como uma **“causa sexual imaginária e filogenética”** (Miller, 2001b, p.6), pois nesse período as fantasias sexuais e a memória inconsciente, interpretadas como fator filogenético, passam a ser tomadas como causalidade na formação dos sintomas neuróticos. O discurso da “dupla causa” em Freud, seguindo o termo proposto por Miller (2001b), é pautado sobre esta última concepção de causa, e é “duplo” à medida que permite operar sobre dois tempos distintos e, assim, localizar, entre a causa e o efeito, “a interposição da repressão” [tradução nossa] (Miller, 2001b, p.7). A formação dos sintomas é articulada, segundo Miller (2001b), a partir de um “duplo gatilho” [tradução nossa] (p.7). Primeiramente, atua a causa sexual traumática, tomada como “fixação precursora da repressão” [tradução nossa] (Miller, 2001b, p.7); posteriormente, entra em ação o recalque e, como produto desta equação da “dupla causa”, estão os efeitos, tomados como expressão do retorno do reprimido como sintomático (Miller, 2001b).

Podemos, assim, formalizar essa relação de causa e efeito na obra freudiana a partir dos seguintes termos:

Figura 2 - A relação de causa e efeito na obra freudiana



Fonte: Elaborada pela autora

O campo da causa é ilustrado pelo círculo de cor cinza, enquanto o campo dos efeitos é expresso por aquele de cor preta. A ilustração do campo da causa considera seu caráter sobredeterminado, indicado pelo termo (N), uma simbologia utilizada no campo das matemáticas como expressão do conjunto infinito de números naturais. Seu emprego aponta, assim, a infinidade de causas possíveis à expressão dos fenômenos inconscientes. O campo dos efeitos, por sua vez, é expresso no esquema pelo termo ‘sintoma’. A ação do recalque, indicada pelas barras, incide sobre a interseção dos campos da causa e do efeito provocando uma desarticulação entre eles. O enlace entre essas instâncias se torna possível por vias imaginárias, a partir da ação da realidade psíquica sobre a articulação entre causas e efeitos. No esquema apresentado, a realidade psíquica é indicada pelo círculo pontilhado que envolve esses dois campos.

Conto | Vinte e nove de Mariana Nascimento

Vinte e nove

Branco.

O moleque olha para o céu e o reflexo do sol imediatamente lhe cega. Abaixo de seus pés, as pedras partidas da brita atingem seus dedos em festa, o cimento lhe colorindo as unhas com o tom acinzentado do beco.

Seus chinelos, um branco manchado com o azul intermitente que lhe pende a cabeça. O vento e a baforada quente da água exposta que sai dos canos de pvc, lhe balançam os cabelos e secam um pouco do suor que escorre da testa, fruto da intensa perseguição que se seguia.

É a cena dos oito anos: ele e o primo correndo atrás da pipa, ao som de gritos e latidos dos cachorros magros que torcem para os garotos em tom de exaltação: ora sentados, ora coçando suas pulgas, ou monitorando as disputas do alto das lajes, dançando nas nuvens, se misturando em som. Tornando-se, aos poucos, maestros que comandam em qual esquina se vira o corpo para alcançar primeiro a pipa.

Branco e calor.

*

Seus olhos perpassam os fios bagunçados do beco, que remetem ao som dos comandos pela pipa, em nome da pipa e de sua conquista, mesmo agora, quase homem feito, como diz a mãe. O trajeto para casa é sempre o mesmo: subir e descer planaltos e depressões. Cantarolando alguma coisa do Jorge Ben Jor, sonha com um walkman. As mãos no bolso da blusa furada, o capuz no alto da cabeça e a feição fechada são seus patuás no caminho de volta, depois da escola. É escuro, breu cinza, rompido apenas por uma ou duas lâmpadas laranjas, limítrofes de bairro e favela, beco e rua.

- E aí doidinho, cê não vai colar com nós lá não? – Alguém o interrompe.

- E aí meu chapa – as mãos dos rapazes se cumprimentam, explodindo em som e ecoam na ruela – eu não vou, vei. Tô cansadão já, amanhã é luta...

- Foi só arrumar esse emprego que cê ficou todo mudado, cara. Não cola mais com a gente, na sala tá todo esquisitão... qual é, tá achando que vai ficar rico, é? Trabalhando no supermercado? – O amigo força um sorriso entre os dentes e engole a gargalhada, fazendo o pescoço balançar a corrente de ouro por cima da blusa de frio. – Tá vendo esse neném dourado aqui? Cê acha que eu consegui ralando nesses empreguinhos de merda? Sai dessa, cê é mais esperto que isso, né não?

- Ih vei, onde cê arrumou isso aí? É ouro mesmo?

- Claro que é, eu vou andar com coisa de má procedência? Essa aqui que é a quente, porra! Pensa nisso, sonha com ela no teu pescoço também... cê sabe que rola. Tô mesmo precisando de um entregador, tá difícil, sabe como é, só moleque procurando o corre... Moleque comigo roda, não tô caçando menino não. A grana é boa, limpinha, na tua mão no fim do dia. Pra você comprar sua moto, agora que já tirou carteira...

- Pô cara, eu não sei não...

- Precisa falar nada agora não, só desce sabendo disso, beleza? Bora lá comigo, coisa simples, cê tá ligado como que é. Amanhã te esbarro na porta do colégio.

Três tapinhas de encorajamento no ombro em dúvida. Enquanto o amigo some na fumaça do beco, o rapaz para e observa a massa da favela: todas as janelas do beco, com ou sem grades, e as luzes por elas emanadas. O tilintar dos talheres nas panelas na atividade de fazer a janta para os filhos que estão chegando e para os filhos que não vão voltar.

De longe, um raio vermelho irrompe a harmonia, evocando um grito, e a sequência de tiros se intensifica, até virarem um só. A adrenalina de seu corpo o conduz à sua casa, forçando-o a apertar o passo. Nem olha para trás. Não importa, amanhã saberá o resultado na rádio boca a boca da favela. Com sorte, a noite terminará com um morto apenas. Mais um devedor de bagulho.

- Meu filho, graças a Deus que você chegou! - A mãe salta do sofá para abraçá-lo. O pai, a irmã e o primo estão em volta da mesa, nervoso; um misto de fome e medo. O rapaz aceita o afago e entoa, grave, "tá tudo bem mãe" balbuciando. Na novela da tevê pequena, se ouvem brigas e o tiroteio lá fora acentua seu cansaço. Senta à mesa em silêncio. O pai toma a palavra:

- Cê vai parar de chegar em casa tarde da noite, depois que formar, né? Trabalhar mais cedo... pra não precisar passar aperto na volta.

- Sim... bom, pelo menos eu espero que sim. - Enfia o garfo na boca, contrariado e, engole junto ao feijão, a insegurança das más notas. Quer ser o orgulho da família. Trabalhador e estudado como o primo. Comprar uma moto, quem sabe... ajudar nas contas de casa. Fazer parar os tiros. Sair da favela. Ter um walkman.

*

Dia seguinte, pão, manteiga e café se misturam em saliva dentro da boca do rapaz que madruga. Pede bença à mãe, bate a porta, ganha o beco e, antes de ganhar a rua, a rádio favela já anuncia: Marquin morreu assassinado.

- Quê isso, dona Rita, o que a senhora tá falando aí? - Interrompe a conversa entre comadres das janelas vizinhas.

- Ô meu filho... bom dia procê... uai. É o que tão dizendo. Parece que Marquin morreu ontem, armaram uma casinha pra ele na porta de casa.

- Mas morreu que horas, dona Rita? Como que a senhora tá sabendo?

- Diz a mãe dele que passou o dia inteiro pulando de delegacia em delegacia ontem, procurando o menino, esperando notícia. Ele não aparecia de jeito nenhum. Foi voltar hoje de manhã que avisaram pra ela o acontecido. Marquin tava fugido de dívida de droga. Deus que me livre dessas peste que é essas droga...

- Onde que ele tá?

- A polícia tá levando o corpo pro IML agora, ainda tem gente lá...

Seus pés se recordaram de repente como percorrer, velozes, os atalhos da favela até chegar à casa do amigo. A crescente multidão deu a dica de onde Marquin estaria e, antes mesmo de alcançá-lo, já conseguia enxergar a figura do corpo no chão, olhos abertos e formigas em volta. Nenhuma surpresa: a imagem da mãe segurando o filho, com a roupa manchada pelo sangue talhado, finalmente lhe atinge os olhos, enquanto a filha de Marquin se esguela no colo da namorada, que a balança na tentativa vã de acalmá-la.

Foram quatro anos de serviço fiel à distribuição de drogas na boca, em troca do prêmio: catorze tiros. Enquanto a maca soergue o corpo, o rapaz reproduz a voz do amigo na memória, ensinando-o como resolver equações de segundo grau. Era um ótimo matemático, ágil nos números, afobado. Pulava muros como ninguém. Parado, com os braços paralelos ao corpo, a gravidade lhe pesou ainda mais os ombros. A multidão se dissipa e retoma suas tarefas: cuidar da própria vida, da vida dos outros, varrer o chão e fazer o almoço. Ele também tem que trabalhar. Com sorte, a manhã se inicia com um único morto da guerra entre as bocas. E sente raiva da sorte, que escolheu Marquin como único morto.

*

Bateu ponto às sete horas, subiu com os caixotes pesados e as etiquetas de preço. Embalou sacolas, mudou três ou quatro vezes o preço das carnes de acordo com a tabela inflacionária, organizou os sacos de feijão nas prateleiras. Preguiçosamente, deixou o pensamento vagar nos padrões marrons dos grãos, procurando pedras. Grão, grão, grão... uma pedra. Uma sequência de cenas no meio dos grãos: o preço do walkman. O primo estudioso, o pai. A mãe. A corrente de ouro. O corpo morto de Marquin, o sangue. Ouviu seu nome sendo chamado pelo gerente.

Subiu as escadas. Sentou na mesa, persiana amarela em volta, cheiro de cigarro, poeira, papel adesivo, em corte seco: você está demitido. Por quê? Bem, ora, porque nós estamos falidos. O gerente estendeu o envelope pardo ao rapaz, cujo corpo desobedeceu à ordem de pegar o pagamento e continuou estático na cadeira. A mão do homem permaneceu estendida por mais alguns momentos, até que, vencida pelo cansaço, soltou o envelope na mesa, de frente ao menino para pegar o isqueiro e levar fogo à boca do fumante calvo. Consentido, tomou o papel pardo nas mãos e desceu a escada, com o fôlego rápido. Um passo atrás do outro, um atrás do outro, atravessando a avenida e excluindo a reticência que talvez o impedisse de tomar a decisão. As cordas do capuz entraram em sua boca e, cuspidas, parou em frente ao arco de entrada da favela, pronto para ir atrás do colega da boca.

Encontrou-o sentado num desnível do beco, com os cachorros magros em volta, negociando o preço de repasse dos pinos de escama com seus iguais. Enfiou o salário no bolso e, enlevado pela cólera, exigiu o estágio. O colega, orgulhoso por ter acertado a previsão, passou a mão na garganta e puxou a corrente de ouro com os dedos, gargalhando. Passou lentamente o dedo indicador curvado em gancho por cada elo da corrente, encarando a feição e as

mãos suadas do menino, que aguardava a tarefa, ansioso. Puxou do bolso a sacola verde de plástico com as buchas e pediu a ele que fizesse posto no beco 4, entre o bar e a saída para a avenida. Pegando a sacola e enfiando no bolso furado da blusa, partiu veloz em pés e pernas, até chegar ao local combinado. O sangue pulsando de dentro da cólera, irrigando as córneas, seguiu aprimorando a mira e a audição, as suspeitas de sirene e o delírio da presença delas, ilusória ou verdadeiramente.

Não só a sacola lhe foi repassada. O ferro, preto, velho e quente, pesava-lhe o bolso de trás da calça. Em mantra de ódio, amaldiçoava a vida e orava para o anjo da guarda, pedindo proteção para não cair numa cilada e acabar atirando em alguém. Na sequência, abocanha os papéis de gasto. O dia se esvaindo e a noite esparramada no céu lhe escurece a vista. Sabe que está no final da missão e sente se aproximando a presença do medo, tomando o lugar da raiva. Repassa, recebe, conta notas. É muito dinheiro, pensa. Muito bicho também. Arara, macaco, peixe e onça... lembra de Marquin mais uma vez. Decide não voltar amanhã.

*

Veloz, o camburão sobe o morro com fome de sangue, sem perguntar quê ou quem. Avança nos becos e a rádio boca a boca, eficazmente, seguiu realizando a comunicação imediata: sujou, vaza. Fecham-se as portas, as cortinas e as janelas. Silêncio e tiros. Enquanto corre de volta ao colega para entregar parte da grana do dia, um outro alguém é baleado no sofá da sala, em plena segunda-feira: a costela de porco assado no bafo ainda na boca e a letra do pagode cantarolado na mente, restos de domingo. Parado na encruzilhada do beco, vê os policiais, de longe, batendo na porta de casa: resolve fugir. Largou a turma na missão, deixou pra trás os amigos esperando, prometeu a si mesmo explicar tudo a eles, em algum momento. Algum dia. Talvez um amanhã.

O que dá pra fazer com tantos animais no bolso?, pensou, encostado na mureta, assistindo os carros na avenida. Se a polícia não o alcançasse, ninguém saberia. Mais uma batida de rotina, um arrombo de porta e o rebombo dos coturnos no chão da cozinha. A mãe não desconfiaria, o filho está na escola. O filho está trabalhando. Respostas genéricas. Coça a cabeça como quem busca no fundo do osso e o cérebro, a memória do que ela gostaria. A mão, fria e molhada, puxa as lembranças até o rosto e costura as linhas da testa, na feição carrancuda. Convicto, ele decide torrar todo o dinheiro no dia seguinte: vai comprar uma panela de pressão nova. Um sapato para o pai, o walkman. Vai largar tudo e pensar nas notas. Vai fazer o que bem entender, chutar o balde. Vai estudar e ser como o primo. A indecisão revira seu estômago, chega na ponta dos lábios com um arroto. O vento, rápido, zunido, vindo do contato dos pneus com o piche da avenida, resfria o corpo. Tremendo, espera mais um pouco para voltar. Vai ter que voltar. Não há como fugir do quarto, da casa. De mais um dia como esse.

*

Chegou na casa vazia, luzes apagadas. Silêncio e cama arrumada. Sentou no colchão e sentiu o cheiro do amaciante emanar da manta, coberta de bolinhas brancas. Arrancou, uma a uma, as bolinhas de um quadrante até deixar as lágrimas embaçarem a vista. Depois de manchar a calça com as marcas circulares, tentou levantar-se, em vão. O corpo torpe, paralisado, sem responder ou fazer perguntas, embora a dúvida de onde estaria a mãe ecoasse de longe. Esperou, então, o barulho dos tiros se dissolver, lentamente até se tornar um resquício de latidos e discussões entre vizinhos. Havia, sim, uma sirene que continuava a girar, presunçosa, tingindo com as luzes estroboscópicas cada porta morro acima, em vermelho e azul. Finalmente em pé, fechou janelas e cortinas. Tirou o ferro do bolso, deixou debaixo do travesseiro e procurou, no breu da casa, a estante onde ficava

a santa. Tirou do bolso o pagamento, separou as notas e, dobradas, deixou-as debaixo do pratinho de vidro, onde uma imagem de Nossa Senhora da Conceição mudava suas feições a cada bruxulear da chama da vela branca, já no final.

Do corredor, avistou na sala um vaso quebrado. Em passos silentes, lentos, aproximou-se até a tevê pequena, quebrada, cacos de vidro em volta e um buraco pequeno no meio.

*

Eu vou chegar lá como quem não quer nada, na humildade. Quer dizer, eu acho que o que Deus fez foi é salvar minha pele, tá ligado? Tudo o que aconteceu depois daquele dia. Conseguir o emprego, a faculdade... e olha, já tô é formando! Cê bem que disse que seria assim. Nem todo mundo sabe como as coisas são aqui e nem eu lembro direito como são, minha vida é menos tempo que o morro.

E aqui... vinte e nove e a vida plena, vivo todo dia, tô vendendo minhas coisas, lutando. Quem sabe, né? Minha mãe fala; Tô batendo de porta em porta. Vai saber... vai saber quem errou. Eu tô aí é tentando acertar. A gente saber que não é moleza: mas vou te contar. Dói viu, cara. Não era pra você ter ido cedo, assim. Cê que não sabe como foi aquele dia e eu fico voltando o filme na minha cabeça, se eu não tivesse feito o que fiz. Se eu tivesse ficado em casa, cara. Eu estaria lá, teria feito alguma coisa, sei lá, primo...

Fico lembrando da gente, correndo atrás das pipas, todo dia que eu passo naquele beco. Todo dia. Cê foi meu exemplo, sei que sabe disso. Mas essa coisa de morte engasga a gente. Deixa a gente pensando errado, meio acovardado. Ainda mais que foi de graça que cê morreu. Foi de graça...

Mas aqui. Vou levar uma foto nossa na minha carteira quando eu for pegar o canudo, beleza?

Pode esperar. Cê vai tá lá comigo.

Por: Mari Nascimento

2.3 DAVID HUME E O IMPASSE DA CAUSALIDADE

Retornemos à lição *O inconsciente freudiano e o nosso* (Lacan 1964/1993), tomada como ponto de partida para a investigação que se desenvolve neste capítulo. Nela, Lacan aponta a obra kantiana como um importante referencial teórico em suas formulações acerca da noção de causa. Um breve sobrevoo sobre os estudos kantianos, porém, nos revelou que o filósofo prussiano referenciou grande parte de sua teoria sobre a articulação entre causa e efeito a partir da obra de David Hume (n.d), um influente filósofo, ensaísta e historiador britânico, nomeado, junto a John Locke (1632-1704) e George Berkeley (1685-1753), como um dos pensadores mais influentes da doutrina empirista. Hume tornou-se célebre por seu empirismo radical e por seu ceticismo filosófico e dedicou seus estudos, prioritariamente, aos campos: epistemológico, ético, histórico e teológico. Suas ideias opunham-se, particularmente, ao pensamento cartesiano e às filosofias que se debruçavam sobre o entendimento humano a partir das perspectivas teológicas e metafísicas.

Há diversos pontos de convergência e divergência entre os estudos de Kant e Hume acerca da articulação entre causa e efeito, tomada como categoria do entendimento humano, adentremo-los para melhor discorrer sobre essa diferenciação.

2.3.1 O tratado da natureza humana

A obra magna de David Hume, *Tratado da Natureza Humana - Uma Tentativa de Introduzir o Método Experimental de Raciocínio nos Assuntos Morais* (1739-1740/2000), conforme o próprio título nos aponta, é uma tentativa do autor em aplicar o método de análise experimental newtoniano ao campo dos estudos humanísticos. Sem a pretensão de validar os méritos ou as limitações da aplicação do método experimental newtoniano no campo da filosofia, Hume (1739-1740/2000) pretendia, ao se valer deste, opor-se à representação da natureza humana fundamentada em égides racionais, escapando da primazia da consciência, conforme nos elucida José Oscar de Almeida Marques (*apud* Hume, n.d/2004), tradutor da obra humeana.

O *Tratado sobre a natureza humana* foi publicado entre os anos de 1739-1740, porém fora desenvolvido pelo autor desde 1734. Sua publicação se deu em três volumes, que abordavam três diferentes investigações, intitulados: *Do entendimento*, *Das paixões* e *Da moral*. Apesar de hoje ser considerada a principal obra do autor, no contexto em que fora publicado o *Tratado* humeano (1739-1740/2000) foi recebido com indiferença pela comunidade acadêmica, causando poucas impressões e vendendo poucos exemplares. Tal recepção se justifica, em parte, pela oposição dos círculos acadêmicos e eclesiásticos à obra do autor e por seu estilo “pesado, complexo e emaranhado” (Almeida *apud* Hume, n.d/2004, p.12). Foi através de publicações no campo da história que Hume alcançou seu devido reconhecimento autoral ainda em vida.

Decepcionado com a recepção do seu *Tratado* (1739-1740/2000), Hume inicia um trabalho de reconstrução da obra e assim reformula e republica algumas de suas seções,

dando origem a duas outras publicações: *Investigações sobre o entendimento humano* (1748) e *Investigação sobre os princípios da moral* (1751). A tradução da obra *Investigações sobre o entendimento humano e sobre os princípios da moral* (Hume, n.d/2004), assinada por José Oscar de Almeida Marques, e da qual nos valeremos nesta seção a fim de investigar a noção de causalidade na obra humeana, é um compilado das duas publicações anteriormente citadas. Vamos nos deter apenas na primeira delas, na qual o filósofo britânico discorre sobre a relação de causa e efeito.

2.3.2 Investigações sobre o entendimento humano: o princípio de associação entre a causa e o efeito

Iniciemos pela seção 3, *Investigação sobre o entendimento humano*, da referida tradução de José Oscar de Almeida (Hume, n.d/2004). Nela, Hume discorre sobre a associação de ideias e defende a conexão entre pensamentos de diferente ordens, os quais, à primeira impressão, poderiam parecer desconexos ou opostos entre si. O filósofo britânico propõe que haja três princípios de conexão entre ideias, a saber: (1) conexão por semelhança; (2) conexão por contiguidade no tempo ou no espaço; e (3) conexão entre causa e efeito. Iniciando pela elucidação do primeiro princípio proposto, podemos descrevê-lo a partir da associação entre ideias semelhantes, conectadas a partir de um traço comum. A título de exemplo, recordemos a situação trabalhada por Hume (n.d/2004) em que o encontro de um sujeito com o filho de um amigo já falecido o faz reviver a ideia correlativa associada à figura deste: diante do garoto, o sujeito rememora os bons momentos passados junto ao amigo.

O segundo princípio enlaça as ideias ou fatos, a partir de uma contiguidade, de uma coexistência em um determinado espaço ou tempo. Como exemplo, trazemos o trabalho de um historiador, também referenciado por Hume (n.d/2004). Em seu esforço de reconstrução de determinado período histórico, o historiador revisita diversos eventos ocorridos em um mesmo período de tempo e em uma mesma porção de espaço, demonstrando que, apesar da pluralidade dos acontecimentos e de suas diferenciações, há um tipo de unidade que os enlaça.

O terceiro princípio, por sua vez, nomeado como a relação entre causa e efeito, é descrito por Hume (n.d/2004) como a mais importante e usual lei de conexão, não só entre ideias, mas entre os fatos em si: “É nela que se fundam todos os nossos raciocínios referentes a questões de fato ou a existência. É só por seu intermédio que podemos alcançar alguma garantia relativa a objetos que estão fora do testemunho presente de nossa memória e nossos sentidos” (n.d/2004, p.115).

Partindo da aposta na intangibilidade da causa por meio do raciocínio lógico, Hume (n.d/2004) sustenta que **a crença na probabilidade é a unidade que une a correlação entre a causa e o efeito**, de modo que, em nossa experiência, ao nos depararmos, consecutivas vezes, com um mesmo efeito, fruto de um dado acontecimento antecedente, tomado como causa, passamos a inferir que a ocorrência deste acontecimento resultará, necessariamente, na iminência do dado efeito. Porém, note-se que, por vezes, a experiência revela algo

distinto: uma mesma ação, tomada como causa, pode revelar efeitos diversos, surpreendentes, assim como um mesmo efeito pode ser proveniente de diferentes causas. Não há garantia de que determinada causa resultará em determinado efeito, não há uma unidade capaz de assegurar a conexão entre estas duas instâncias, há entre elas uma disjunção constitutiva.

A crença na probabilidade, tomada como critério de ligação entre a causa e o efeito, advém, segundo David Hume (n.d/2004), do *princípio do hábito*. Tal princípio sustenta-se pelo recolhimento das impressões advindas de observações provenientes do campo da experiência. A propensão de um dado acontecimento gerar determinado efeito faz com que criemos hábitos, padrões de comportamento para nossas ações: um hábito só é criado quando determinados acontecimentos apresentam-se em repetição, com um pequeno padrão de variância entre si. Desse modo, elucida-se que não há nenhum tipo de raciocínio lógico ou processo do entendimento que sustente o princípio da causa e do efeito, ele baseia-se exclusivamente nas inferências probabilísticas da experiência (Hume, n.d/2004). O que nos faz esperar que da chama de uma vela emergja luz ou calor é exclusivamente o hábito, as repetidas vezes que constatamos esses efeitos, segundo o autor.

Hume defenderá também que somente o princípio do hábito “torna nossa experiência útil para nós, e faz-nos esperar, no futuro, uma cadeia de acontecimentos semelhante às que ocorreram no passado” (Hume, n.d/2004, p.77). Esse seria o fio regente de nossa experiência: sem o hábito “jamais saberíamos como adequar meios a fins, nem como empregar nossos poderes naturais para produzir um efeito qualquer. Pôr-se-ia de imediato um fim a toda ação, bem como à parte principal da especulação” (Hume, n.d/2004, p.77).

Apesar da centralidade do princípio do hábito na orientação de nossas ações e na utilidade de nossa experiência, **este preceito mostra-se incapaz de prever o poder pelo qual uma operação causal se conduz, a causa continua sendo inatingível ao entendimento humano, segundo Hume (n.d/2004)**. O filósofo britânico ilustra esse ponto a partir do célebre exemplo das bolas de bilhar. Tal exemplificação ganha especial relevo na presente dissertação, uma vez que esboça um traço comum à obra de arte produzida a partir da Narrativa Memorialística de Blitz: as bolas de bilhar. Discorreremos mais sobre a recepção dessa obra no capítulo seguinte.

Sabemos que nossa experiência permite apreender os acontecimentos e, assim, inferir que uma primeira bola de bilhar, ao chocar-se com uma segunda, provoca o seu movimento. Isso é notável, apreensível, porém a causa dos processos que geram esse movimento é inapreensível pelo campo sensorial: “apenas aprendemos pela experiência a conjunção frequente de objetos, sem sermos jamais capazes de compreender algo como uma conexão entre eles” (n.d/2004, p. 107). O efeito é, segundo Hume (n.d/2004), totalmente diverso da causa, não podendo revelar-se a partir dela.

O que verificamos por meio da experiência é, somente, algo sobre essa conjunção: um efeito é precedido por uma causa. Assim, é possível descrever o estado dos objetos no momento anterior e posterior à ação ocorrida, porém **nada sabemos sobre as qualidades que conectam as causas aos efeitos, de modo que entre estas instâncias se estabeleça uma relação determinista capaz de tornar os efeitos uma consequência infalível da**

causa e assim assegurar que o movimento de uma primeira bola de bilhar, ao chocar-se com a segunda, produzirá, invariavelmente, determinado efeito. O movimento da primeira bola não fornece nenhuma pista sobre o movimento da segunda. “Em uma palavra, portanto: todo efeito é um acontecimento distinto de sua causa. Ele não poderia, por isso mesmo, ser descoberto na causa, e sua primeira invenção ou concepção *a priori* deve ser inteiramente arbitrária” (1711-1776/2004, p.59). Assim, elucida-se que a conexão entre objetos ou entre ações se dá, unicamente, no plano dos pensamentos. Afinal, não há no campo da experiência nenhum tipo de operação capaz de garantir o determinismo entre uma causa e um dado efeito.

Discorrendo ainda sobre o terceiro princípio de conexão – causa e efeito –, Hume pontua o reiterado esforço do saber científico em estabelecer e controlar a correlação entre essas duas instâncias. Esse esforço deriva da aposta de que, ao desvendar a causalidade dos eventos, é possível prever e manipular acontecimentos futuros. Porém, o que parece inacessível à ciência, segundo Hume (n.d/2004), é o reconhecimento da imperfeição dessa cadeia causal: “é impossível fornecer qualquer definição exata de causa, salvo as que provêm de algo que lhe é extrínseco e alheio” (Hume, n.d/2004, p.115).

Valendo-nos da terminologia lacaniana, podemos indagar se o esforço do meio científico em apreender as leis que regem a relação entre causa e efeito não se configuraria como uma tentativa, ainda que frustrada, de apreensão do real dos fatos que acometem o entendimento humano. A dimensão Real pode, aqui, ser interpretada como um núcleo inapreensível de sentido que atravessa o estabelecimento de uma conexão determinista entre causa e efeito. Sabemos que no campo científico vence a partida aquele que, primeiramente, mostra-se capaz de prever, manipular e estipular leis causais ao real dos fatos. É nesse ponto que David Hume (n.d/2004) tece sua crítica à ilusão de controle e poder sustentada pela ciência, por meio das atribuições de leis universais, à relação entre causa e efeito.

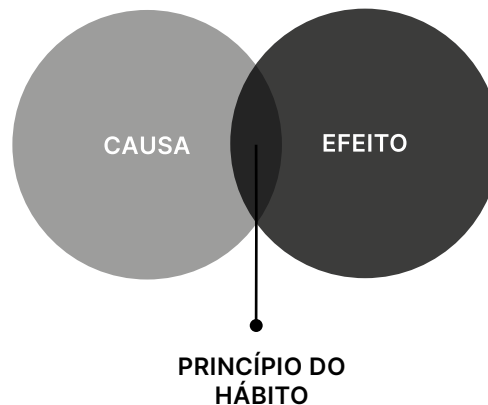
Lançando mão de mais um exemplo para ilustrar a crítica tecida por Hume, pensemos (n.d/2004) nos reiterados comandos que um sujeito envia a seu corpo a fim de produzir determinadas ações. Esses comandos reproduzem certo tipo de resposta que, em repetição, determinam um dado padrão de comportamento ou originam um hábito: “se quero me levantar, estico minhas pernas”. Desse modo, a experiência ou o princípio do hábito me faz crer que possuo o controle sobre meu corpo: “serei capaz de levantar quando quiser, basta esticar minhas pernas”. E quando o corpo não responde a esses comandos? Quando, por alguma causa desconhecida, o sujeito é incapaz de esticar suas pernas? O que se passa? É nesse instante que a crença no comando dos atos por parte da consciência é rompida e o sujeito vai ao encontro da prerrogativa freudiana, constatando que seu eu não é senhor na própria casa (Freud, 1917/1996).

A irrupção entre a causa e o efeito, proposta por Hume (n.d/2004), acompanha a lógica sobredeterminista que atrela efeitos ou sintomas a causas inconscientes no campo de estudos psicanalíticos. A impotência da volição consciente no despertar dos movimentos do corpo, citada por Hume (n.d/2004), nos remete diretamente às paralisias que atingiam os corpos das pacientes histéricas acompanhadas por Freud, Charcot e Breuer. O hiato,

a irrupção constitutiva da articulação entre causa e efeito, é um ponto de encontro entre as teorias freudiana e humeana. Porém, enquanto Freud localiza nessa hiância o inconsciente, advindo da ação do recalque, Hume articula causa e efeito a partir do princípio do hábito.

A partir desses recolhimentos podemos formalizar o esquema da relação entre causa e efeito na obra humana, a partir dos seguintes termos:

Figura 3 - A relação de causa e efeito na obra humeana



Fonte: Elaborada pela autora

2.4 KANT E O IMPASSE DA CAUSALIDADE

O pensamento kantiano sobre a articulação entre causa e efeito será explorado neste capítulo a partir de sua obra *Crítica da Razão Pura*, publicada pela primeira vez em 1781. Entendemos essa como a principal obra do autor acerca da teoria do conhecimento, a partir da qual ele localiza a relação entre causa e efeito como uma categoria *a priori* do entendimento humano. Essa relação é expressa na obra *Crítica da Razão Pura* (Kant, 1781/2008) como a “Segunda Analogia da Experiência” (p.168) compõe uma série de três princípios puros determinados a partir de ordenações temporais de permanência, simultaneidade e sucessão. A relação entre causa e efeito orienta-se sobre este último princípio: a determinação objetiva da sucessão temporal é responsável pelo enlace entre essas duas instâncias.

Elucidaremos esses pontos nos parágrafos abaixo, porém, antes, façamos uma ressalva quanto à escolha de nossa referência bibliográfica. Reconhecemos que a *Crítica da Razão Pura* (Kant, 1781/2008) não abrange a totalidade das formulações kantianas sobre o impasse da causalidade. Porém, tendo em vista o objetivo dos estudos que se desenvolvem ao longo do presente capítulo: investigar o estatuto da noção de efeito para a psicanálise lacaniana, o encontro com a obra *Crítica da Razão Pura* (Kant, 1781) mostrou-se suficiente para esclarecer as bases de entendimento da articulação entre causa e efeito na obra kantiana, das quais Lacan lança mão a fim de discorrer sobre a noção de causa em seu *Seminário 11* (1964/1993).

Passemos à apresentação dessas bases a partir de uma retomada das formulações tecidas por Kant ao longo de sua *Crítica da Razão Pura* (1781/2008).

Obra | Jui Rocha



2.4.1 Uma crítica (não só) da razão pura

Kant, diferentemente de Hume, acreditava que o conhecimento não era adquirido, unicamente, por meio da experiência; ele também adviria da razão, pois, seguindo as ideias do autor, “a experiência não fornece nunca juízos com uma universalidade verdadeira e rigorosa, mas apenas com uma generalidade suposta e relativa (por indução)” (Kant, 1781/2008, p.9). Desse modo, se seguíssemos, unicamente, regras empíricas e contingentes, em que poderíamos basear nossas certezas? De outra parte, Kant reconhece que “o uso dogmático da razão sem crítica conduz, pelo contrário, a afirmações infundadas, que sempre podem ser contraditadas por outras não menos verossímeis, o que conduz ao ceticismo” (Kant, 1781/2008, p.21).

Assim, partindo desses apontamentos, Kant (1781/2008) elabora sua teoria do conhecimento propondo a união entre dois diferentes tipos de conhecimento, denominados: *a priori* e *a posteriori*. O conhecimento *a priori* está ligado ao campo da razão e adquirido “independentemente de qualquer experiência” (Kant, 1781/2008, p.8). Ele se opõe ao conhecimento *a posteriori*, na medida em que este é adquirido por vias empíricas. A universalidade é o caráter evidente do conhecimento *a priori*, é o que garante a existência de princípios e leis que regem o entendimento humano. Esse tipo de conhecimento divide-se ainda em puro e impuro. “Denomina-se conhecimento ‘*a priori*’ puro ao que carece completamente de qualquer empirismo” (Kant, 1781/2008, p.8), enquanto o conhecimento *a priori* impuro é influenciado por experiências antecedentes. Valendo-nos do exemplo utilizado por Kant (1781/2008), podemos ilustrar o conhecimento *a priori* impuro a partir da proposição: “toda mudança tem uma causa” (p. 8). Uma primeira análise nos permitiria tomá-la como um princípio *a priori* puro, afinal, de fato, toda mudança possui uma causa. Porém, um olhar atento sobre essa proposição revela que só adquirimos uma representação do conceito de mudança a partir da experiência, não se tratando de uma noção delimitada *a priori*. É preciso testemunhar a mudança de um estágio para adquirirmos a representação desse conceito.

A distinção entre os conhecimentos *a priori* puros e impuros é reforçada pela ‘Teoria do Juízo’ em Kant, esta divide os atos e processos entre juízos analíticos, tomados como expressão de formas de conhecimento *a priori*, e juízos sintéticos oriundos da aquisição de conhecimentos *a posteriori* provenientes da experiência, conforme elucidado acima. Como forma de exemplificar e diferenciar essas categorias, Kant (1781/2008) se vale da formulação “Todos os corpos são extensos” (p.14) como expressão de juízo analítico. Nessa proposição, o predicado se identifica intimamente com o sujeito, de modo que a proposição expressa não comporta restrições: **todos os corpos, de fato, possuem uma extensão, não há suposição que faça exceção a este juízo**. Podemos, assim, tomá-lo como analítico, à medida que prescindimos da experiência, do conhecimento *a posteriori*, para apreender sua concepção.

Como expressão de juízo sintético, tomemos a proposição: todo corpo é pesado. Aqui, o predicado não se relaciona intimamente com o sujeito, pois **a propriedade do peso não é concebida *a priori*, necessitamos da experiência para identificar o peso de um corpo**.

É a partir de nossas sensações que conhecemos essa categoria e somos capazes de distinguir os objetos a partir de seus pesos.

Aos juízos sintéticos, Kant (1781/2008) acrescenta ainda os de ordem *a priori*, inaugurando uma categoria de juízos capazes de reunir conhecimentos de bases *a priori* e *a posteriori*. Kant dedicará sua *metafísica* à investigação desses juízos, apostando em uma teoria do conhecimento edificada sobre bases racionais e empíricas. Como exemplo de juízo sintético *a priori*, Kant (1781/2008) refere-se à proposição matemática: $5 + 7 = 12$. Primeiramente, inferimos que a soma de $5+7$ será igual a 12 a partir de nosso conhecimento *a priori*, por meio de nosso raciocínio lógico, porém, este mesmo resultado pode ser adquirido a partir de outras possibilidades de soma, como: $10+2=12$, $4+8=12$, $6+6=12$... Desse modo, esse juízo não conecta diretamente o sujeito ao seu predicado – o que daria origem a um juízo de ordem analítica –, ele promove uma cisão entre essas duas instâncias, demonstrando que não há um número único que compreenda os outros dois nesta operação de soma.

2.4.2 O tempo como operador lógico na relação entre causa e efeito

Ainda explorando a crítica kantiana à razão pura (Kant, 1781/2008), nos encontramos com as proposições do autor sobre as duas formas puras de intuição sensível, expressas pelas noções de espaço e tempo. Essas categorias estão estabelecidas, *a priori*, sob as faculdades do conhecimento humano, não sendo necessário valeremo-nos da experiência a fim de aprendê-las. Assim, no que diz respeito à noção de espaço, podemos pensar que nossa existência implica a ocupação de um lugar no espaço. Ao nascermos já somos capazes de discernir o que é externo e interno ao nosso corpo, revelando uma representação dessa noção constituída *a priori* em nosso entendimento.

O espaço e o tempo são unos, ou seja, apesar de comporem-se por diferentes partes, compõem uma mesma unidade, segundo Kant (1781/2008). A divisão de fronteiras, territórios ou ambientes, por exemplo, é uma invenção humana, assim como a distinção entre passado, presente e futuro. Trata-se de divisões de uma mesma representação, afinal há somente um único tempo e espaço que nos serve de fundamento. A permanência, a simultaneidade ou a sucessão de fenômenos no tempo não seriam percebidas se não tivéssemos *a priori* a representação desta unidade. O tempo é, assim, “qualquer coisa de real” (Kant, 1781/2008, p.42).

A relação entre causa e efeito, entendida como “uma relação cujo primeiro termo determina ao segundo como sua consequência” (Kant, 1781/2008, p.169), é assim determinada a partir da intuição pura do tempo, noção imanente ao entendimento humano. Para que um fenômeno seja considerado a causalidade de um dado efeito é preciso que este o proceda no tempo: “trata-se, unicamente, de saber-se quando uma percepção nos é dada em uma relação de tempo com outra (ainda que indeterminada)” (p.160). **A sucessão é assim o critério determinista da relação causal, o ordenamento das percepções no tempo é o que permite diferenciá-las entre causa e efeito.**

Kant (1781/2008) ressalta ainda que este ordenamento no tempo não se dá, exclusivamente, através dos sentidos ou da intuição. A faculdade sintética da imaginação também entra em jogo nessa operação e organiza os fenômenos da percepção a partir dessa cronologia temporal. A ideia de sucessão é tomada como fruto da experiência perceptiva, à medida que transportamos “a ordem do tempo aos fenômenos e a sua existência” (Kant, 1781/2008, p.176).

Do que foi dito acima, segue-se que as sucessões temporais são tomadas por Kant (1781/2008) como mudanças de estado de uma substância permanente. A substância ou a matéria de um fenômeno se manterá a mesma, ainda que sofra diversas modificações de estado ao longo do tempo: “sua quantidade nem aumenta nem diminui na natureza”, nos elucida Kant (1781/2008). A causalidade determina, assim, uma sucessão como alteração da forma do fenômeno, não de sua matéria. O que Kant destaca é que essa sucessão é de fato fruto da percepção, a partir dela não é possível alterar a ordem de apreensão das mudanças dos estados de um objeto. É pressuposto para a articulação entre causa e efeito que o primeiro evento, tomado como causa, preceda o segundo, tomado como efeito. Kant destaca ser necessário certo encadeamento entre a causa e o efeito, afinal, se o evento tomado como causa desaparece no tempo, este não surtirá seus efeitos, seguindo o princípio: “*ablata causa tollitur effectus*”, expressão latina à qual Lacan se refere na *Lição X* de seu *Seminário 11* (1964/1993).

Desse modo, elucida-se que a relação entre causa e efeito é tomada na obra kantiana como “analogia da experiência” (1781/2008, p.167) à medida que esta é articulada a partir do conhecimento inato do tempo e de percepções oriundas da experiência. Kant (1781/2008) justifica dizendo que as intuições puras *a priori*, de tempo e espaço, “não alcançam mais que uma relação de existência, e só podem ser princípios reguladores” (1781/2008, p.160), não deterministas da articulação entre causa e efeito. A sucessão dos fenômenos no tempo não pode ser determinada *a priori*, mas, sim, por vias empíricas e imaginárias, conforme apontado.

Elucida-se, assim, que as teorias humeana e kantiana acerca do impasse da causalidade convergem à medida que ambas explicitam a “hiância” constitutiva entre a causa e o efeito (Lacan, 1964/1993). As noções de tempo e espaço não nos fornecem qualquer tipo de determinação sobre as relações causais, estas não são mais do que a união entre duas percepções (oriundas da experiência) no tempo. Kant, assim como Hume, reconhece não haver qualquer tipo de conhecimento *a priori* capaz de garantir que dada causa resultará em um determinado efeito.

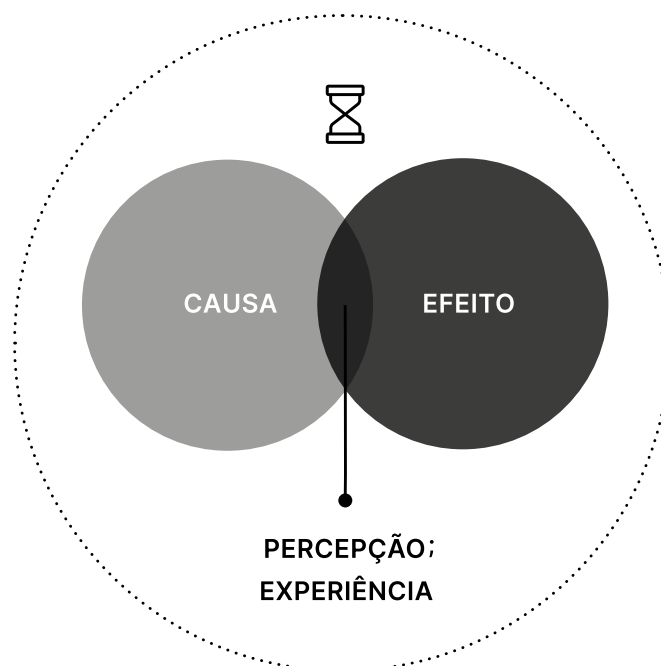
As divergências entre os filósofos revelam-se nas críticas que Kant dirige à Hume ao acusá-lo de mergulhar completamente no ceticismo ao crer ter demonstrado que “aquilo que se toma pela razão não é mais que uma ilusão geral de nossa faculdade de conhecer” (Kant, 1781/2008, p.95), afinal Hume (n.d/2004) defende que o conhecimento *a priori* seria oriundo, exclusivamente, do princípio do hábito, através do qual os fenômenos se articulariam no tempo. O filósofo britânico afasta-se, assim, de qualquer possibilidade de apreensão racional *a priori* do conhecimento humano, o que Kant rebate ao introduzir suas categorias de pensamento inatas. Sobre essas divergências, Andréa Cachel (2012) comenta:

Na filosofia kantiana, a relação de causa e efeito é qualificada como um conceito a priori do entendimento. Em Hume, todo o conhecimento sintético, enquanto dependente da relação de causa e efeito, tem origem em um princípio inato que não é transcendental, no sentido kantiano. **Não há na filosofia humeana a pretensão de encontrar um fundamento para o próprio fundamento, que é a atuação do hábito.** [grifo nosso] (p. 8)

Conclui-se assim que, apesar de reconhecer, em consonância com a tradição humeana, o significado empírico da relação causal, Kant insiste na relevância do pensamento lógico na apreensão do conhecimento, defendendo a existência de categorias inatas, estruturais, do pensamento. O filósofo prussiano, apesar de reconhecer a relevância da experiência humana individual, defende princípios universais regentes de nosso conhecimento. É nesse ponto que o pensamento kantiano pode ser tomado como alternativa ao enrijecimento do pensamento filosófico racional e ao ceticismo radical dos empiristas britânicos: a relação entre causa e efeito não pode ser simplesmente descoberta nos objetos empíricos ou nas demonstrações lógicas, ela repousa sobre a interação entre princípios inatos universais e dados sensoriais brutos, segundo Kant (1781/2008).

Desse modo, podemos formalizar o esquema da relação entre causa e efeito na obra *Crítica da Razão Pura* (Kant 1781/1998), a partir dos seguintes termos:

Figura 4 - A relação de causa e efeito na obra *Crítica da Razão Pura*



Fonte: Elaborada pela autora

Na Figura 4 o círculo pontilhado e a ampulheta posta acima das categorias de causa e efeito representam a categoria *a priori* de conhecimento do tempo, responsável por oferecer aos sujeitos esta noção. Conforme ressaltado anteriormente, Kant (1781/2008) defende que a articulação entre causa e efeito emerge a partir da percepção da sucessão dos fenômenos no tempo. Assim, faz-se necessário, primeiramente, que o sujeito tenha conhecimento da noção de passagem do tempo para, a partir daí, poder distinguir a ordem dos fenômenos sob uma cronologia temporal. Essa distinção é feita por meio da percepção e por via da experiência.

A causa é, assim, necessariamente, aquilo que antecede o efeito no tempo, e este, por consequência, é aquilo que procede à causa, seguindo a ideia de sucessão temporal descrita por Kant (1781/2008). Dessa forma, a operação acima ilustra a tentativa falha de obturação da hiância constitutiva entre causa e efeito a partir da percepção dos fenômenos no tempo, ilustrada na imagem acima (Fig. 4) pelos próprios termos “percepção” e “experiência”. A percepção nos fornece a falsa ideia de sucessão e encadeamento dos fenômenos no tempo. Esse movimento, porém, é regido preliminarmente pela categoria inata do tempo, segundo Kant. (1781/2008).

2.5 UM BREVE RECOLHIMENTO SOBRE A CAUSALIDADE EM KANT COM SADE

Inauguramos esta seção a partir do reconhecimento da centralidade e influência do pensamento kantiano no desenvolvimento da teoria lacaniana, não apenas no que diz respeito às formulações do psicanalista acerca do impasse da causalidade, mas como importante referencial teórico a partir do qual Lacan elabora preceitos fundantes *A ética da psicanálise* (Lacan, 1959-1960/1997). A partir da análise dos recolhimentos das obras de Kant, fundada sobre seus escritos *Fundamentação da metafísica dos costumes* (1784/2009) e *Crítica da Razão Prática* (1788/2003), e pensada em articulação com a obra do Marquês de Sade – por meio de seu escrito *A filosofia na Alcova* (1795/1995) –, Lacan extrai as formulações que inauguram *A ética da psicanálise* (1959-1960/1997). Uma ética com consequências clínicas fundada na articulação entre lei, desejo e gozo. As formulações lacanianas sobre esse debate não se esgotam no já referido *Seminário 7*. Alguns anos mais tarde, em 1963, Lacan publicará seu escrito *Kant com Sade*, tomado como bibliografia central na construção dessa articulação.

Nesta seção desdobramos três pontos fundantes extraídos desse escrito, a partir dos quais elucidam-se a articulação entre lei, desejo e gozo, centrais à elaboração do pensamento lacaniano sobre a ética da psicanálise e o impasse da causalidade. Entre esses pontos, citamos: (1) o princípio da universalidade como regimento da lei moral; (2) a purificação dessa lei de todo conteúdo patológico; e (3) a dor ou o gozo como produtos da resposta enrijecida e restrita à lei moral. Vejamos como esses pontos se articulam a partir da interpretação de Lacan e de seus comentadores.

2.5.1 A ética kantiana

Adentrando na ética kantiana, tomemos como ponto de partida o conceito de ‘imperativo categórico’, entendido como prerrogativa fundante à moralidade e estabelecida pelo filósofo em sua obra *Crítica da Razão Prática* (1788/2003), a partir da diretriz: “age de tal modo que a máxima de tua vontade possa valer sempre ao mesmo tempo como princípio de uma legislação universal” (Kant, 1788/2003, p.42). Ao esmiuçar esse imperativo podemos interpretar que, seguindo o pensamento kantiano, uma ação é considerada ética a partir de sua universalização, ou seja, a partir de sua aplicabilidade aos demais ou, conforme nos adverte Lacan (1963/1998): “[...] o que, lembremos sobre esse direito, não quer dizer que ela se imponha a todos, mas que valha para todos os casos, ou, melhor dizendo, que não valha em nenhum caso, se não valer para todos” (p.778). A universalidade é ponto fundante da razão prática kantiana, a partir da qual o filósofo acredita ser possível ao homem, e a todos eles, aceder à ação moral e controlar seus impulsos e suas paixões.

Partindo desse fundamento, autores como Fernando Fonseca e Hildemar Rech (2017) nos apontam o cerne de uma moral deontológica presente em Kant, em que o “prefixo grego *deon*, que significa dever, obrigação, sugere uma ação fundada basicamente no dever à lei universal” (Fonseca & Rech, 2017, p.168) e esvaziada de impulsos patológicos. Assim, podemos inferir que a ação moral em Kant não é pautada pelo bem (*das Wohl*), tomado como bem-estar em benefício ao sujeito, ela se pauta pelo princípio da razão orientado por *das Gute*, “[...] um bem para além do sentimento utilitário de prazer” (Safatle, 2003, p. 207) e protegido das ditas inclinações patológicas do sujeito, conforme nos elucida Vladimir Safatle acerca do conceito. “Enquanto *das Wohl* designa o bem-estar, *das Gute* designa o bem-para-além-do-bem-estar” (Fonseca & Rech, 2017, p.169), pautado sobre a razão.

Assim, *das Gute*, ao ser tomado como objeto da vontade do sujeito em Kant, é também uma alternativa que o filósofo encontra a fim de solucionar o impasse que se impunha sobre o objeto da vontade em sua obra. Afinal, a resposta restrita a uma lei moral universal, como proposto a partir de sua *Crítica da Razão Prática* (1788/2003), promove um esvaziamento dos desejos empíricos, fazendo emergir nos sujeitos uma “vontade livre, totalmente desprovida de objeto, vinculada unicamente à pura forma da Lei” (Fonseca & Rech, 2017, p.170). É nesse ponto que Kant insere *das Gute* como objeto primordial da vontade humana. O direcionamento das ações racionais do sujeito seria orientado pela busca de *das Gute*, interpretada também em analogia à noção de *bem supremo*, de Aristóteles.

Evidentemente, esse pressuposto esboça, de antemão, sua insuficiência em detrimento da força dos impulsos e das paixões humanas: há um excesso libidinal insubordinável ao homem, fugaz a qualquer tentativa de controle ou racionalização dos desejos. A resposta restrita a uma lei moral é incapaz de promover um apagamento completo das inclinações patológicas nos sujeitos. Contrariamente, ela impulsiona o circuito dos desejos à medida que torna o objeto da vontade inalcançável. A intangibilidade é a característica primeira do objeto do desejo, o que faz com que o sujeito permaneça sempre em movimento e se mantenha vivo, “a própria forma da Lei é o objeto *par excellence* do desejo” (Fonseca & Rech, 2017, p.169).

Demonstra-se, assim, que a lei moral kantiana é incapaz promover um esvaziamento sobre o campo das paixões, pelo contrário, ela o envaidece em função da impossibilidade de satisfação do desejo, o que impulsiona a compulsão à repetição. Assim, “no lugar de elevar o sujeito a um autocontrole pleno sobre si, o imperativo categórico de Kant só faz manter vivo, a pleno vapor, a incessante compulsão à repetição” (Fonseca & Rech, 2017, p.172). O destino dessas pulsões, das ditas inclinações patológicas do sujeito, em detrimento de um cumprimento estrito à lei universal, é, segundo Lacan (1963/1998), o ponto obturado na razão prática kantiana, o qual Sade, ainda que despretensiosamente, revela em sua obra *A filosofia na alcova (1795/1995)*, que “fornece a verdade da *Crítica*”, segundo Lacan (1963/1998, p.777).

Antes de adentrarmos nas articulações possíveis entre a ética kantiana e a obra do Marquês de Sade, tomemos mais algumas linhas a fim de esclarecer que o destino possível apontado por Lacan (1963/1998) à renúncia das paixões, imposta como máxima ao cumprimento da lei moral universal e ponto de recalçamento na obra de Kant, é a dor, e não o engrandecimento do homem como recompensa por sua busca por *das Gute*. É nesse ponto que Lacan (1963/1998) articula a dor com a noção de gozo, tomando-a como um modo satisfação mais além do princípio do prazer, pois, para além da satisfação de certa quantidade de excitação, o sujeito encontra nessa repetição incessante e cíclica de satisfação da pulsão a dor:

Assim, nas duas extensões (e na mediação precária) de que Kant se faz a alavanca, para mostrar que a Lei põe em equilíbrio não somente o prazer, mas também a dor, a felicidade, ou, igualmente, a pressão da miséria e até o amor à vida, todo o patológico, constata-se que o desejo pode não apenas ter o mesmo sucesso, mas alcançá-lo ainda com mais razão. (Lacan, 1963/1998, p.796)

Com Fonseca e Rech (2017) podemos pensar que, se por um lado, ao seguirmos obstinadamente o rigor da lei moral gozamos compulsivamente, da outra parte, podemos interrogar como uma lei restritiva poderia estar a serviço do desejo. É o que nos elucidava Safatle (2003) ao propor que: “‘unir um desejo à lei’ é dar determinação objetiva à impossibilidade do desejo em se ligar a um conteúdo objetual empírico” (p.197). Assim, as inúmeras tentativas de atribuir uma nomeação ao desejo formalizam sua não identidade capaz de unir o desejo aos objetos do mundo fenomenal.

Se o gozo se articula à lei por sua transgressão, por seu movimento mais além da satisfação, o desejo se vivifica por sua articulação direta com a lei, ou, por que não dizer, à castração, à medida que esta instaura a falta que o impulsiona. Desejo e gozo, mesmo se tomados como categorias antagônicas, se articulam e se impulsionam a partir do *objeto a* lacaniano, que assim ganha seu estatuto de objeto-causa de desejo e objeto-mais de gozar. Exploraremos mais essa articulação nas seções seguintes, ao abordarmos o uso que Lacan faz da noção de causa ao longo do *Seminário 10* (1962-1963/2005). Por ora, é pelas vias do gozo que adentraremos a obra sadiana.

Espanca

Se bem escutares
Com sentimento humano
Perceberas que ali,
Logo ali,
Almas gritam
sussurros profanos:
Magoados cantares

Num lote vazio
Lotado de má poesia
carne-músculo:
A mãe da sova morna,
O pai da libação ateia,
O rio poluído
O filho desmatado.

Se bem escutares
A mãe que sangra
Que vai, que vem
A mãe que estuda,
Que vive antes
Que ama depois
A mãe que espanca.

Se bem escutares
O pai que chora
Dentro, lá dentro
O pai de esmola
Que abandona o sentir
Que bebe, vai embora
O pai que espanca

Se bem escutares
O filho que ama
chama, clama
O filho que morre
Que se perde, se esconde
Que mata
Que morre!
Que espanca
E Espanca.

O filho oriundo de escórias,
De trabalhos e memórias

Mecânicas.
De tristezas hereditárias,
De pulso e garganta
Lamúrias várias.
Vida que segue,
Vida que espanca

O filho do álcool
O filho da droga
O filho da violência
O aborto da escola
O aborto do tempo
O aborto da memória
Filho-aborto suicida:
O Bastardo da vida

Se bem escutares
Perceberas que tenho pena.
Pena do filho,
Pena de sua vítima
assassinada
Pena da família da vítima
(Nessa ordem, mesmo)
Pena do mundo,
Que E.S.P.A.N.C.A
O mundo espanca.

2.5.2 O gozo sádico

Um primeiro olhar sobre a obra de Sade *A filosofia na Alcova* (1795/1995) nos permite lê-la como expressão máxima de uma experiência de emancipação do homem em relação à lei. Ali, os personagens à transgridem a serviço do gozo irrestrito, autorizado pela realização de suas fantasias perversas e violentas. Da outra parte, Lacan (1963/1998) nos revela que o compromisso do sujeito com a realização máxima de suas paixões na obra sadiana transforma-se em um imperativo de gozo articulado com a lei universal, acompanhando, assim, o mesmo movimento revelado na obra kantiana: há um gozo sádico encoberto no cumprimento de toda lei universal, oriundo da tentativa de apagamento das inclinações subjetivas do sujeito. Mas como essa articulação se daria na obra do Marquês de Sade?

Primeiramente, elucidamos que essa articulação na obra do escritor francês se dá por vias contrárias àquelas desveladas por Lacan (1963/1998) na obra kantiana. Se, em Kant, o que se revela diz respeito à denúncia de um gozo sádico implícito ao cumprimento irrestrito de uma lei universal, em Sade, o que se revela é o estatuto de universalidade da lei encoberta pelo imperativo de gozo, pela ordem de satisfação máxima das paixões. Na obra sadiana, o gozo, ou a dor gerada a partir do seguimento estrito à lei universal, ou seja, ao imperativo de gozo, não se encobre como em Kant, mas se desvela com ferocidade, gerando até mesmo certo desconforto ao leitor que acompanha a descrição minuciosa e sem pudor de atos sexuais perversos e violentos, sofridos ou infringidos pelos personagens de *A filosofia na alcova* (1795/1995). “A máxima sadiana desmascara a fenda, comumente escamoteada, do sujeito sem qualquer constrangimento” (Lacan, 1963/1998, p.782).

A dor gerada pelo apagamento das inclinações subjetivas dos sujeitos em cena se manifesta por vias de mão dupla na obra de Sade, seja naqueles que têm seus corpos violentados em detrimento da satisfação do outro, ou nestes últimos que, ao seguirem indistintamente o imperativo universal de gozo, renunciam às suas inclinações subjetivas ao preço de uma alienação forçada de satisfação máxima das pulsões.

Alcançamos, aqui, a elucidação dos três pontos principais de articulação entre as obras de Kant e Sade, tecidos por Lacan em seu percurso de formalização da ética da psicanálise. Vamos retomá-los: (1) o princípio da universalidade como regimento da lei moral; (2) a purificação dessa lei de todo o conteúdo patológico; e (3) a dor ou o gozo como produtos do seguimento restrito da lei moral. Nosso percurso nos permitiu evidenciar o sintoma que se produz pelo aspecto universalizante da lei, argumento que permitiu à Lacan tecer a referida articulação entre lei, desejo e gozo.

Em seu *Seminário 7* (1959-1960/1997), Lacan nos instrui a respeito de que a dimensão ética em psicanálise situa-se “para além do mandamento, isto é, para além do que pode apresentar-se com um sentimento de obrigação” (p.11). A ética da psicanálise é a ética do bem dizer, pautada pela lei do desejo em total dissonância com o regimento de uma lei moral universal que busque promover o apagamento das inclinações subjetivas do sujeito e dos rastros de seu desejo. Na contramão, a referida lei impulsiona o movimento do sujeito, vivifica-o a partir de uma busca pautada por uma pergunta sobre seu desejo, sendo capaz de

deslocá-lo da completa alienação ao campo do Outro. A ética da psicanálise é uma ética que nos permite expandir o universo da falta, que resiste ao exercício do poder ou à imposição de uma lei universal, ainda que esteja diretamente articulada com a lei simbólica da castração. Essa lei, porém, não determina qualquer tipo de conduta moral, mas é responsável pela interdição do sujeito, pela instauração de uma falta que impulsiona o circuito de seus desejos, conforme elucidamos acima.

2.5.3 Kant com Sade e o impasse da causalidade

Chegando ao final da exposição sobre as articulações possíveis entre as obras de Kant e Sade, vistas como verso e anverso da mesma superfície. Arrisquemo-nos a tecer um comentário sobre o estatuto da causalidade nos dois autores, na medida em que o impasse da causalidade é ponto central à argumentação deste capítulo, no qual busca-se investigar o estatuto do efeito em psicanálise a partir de sua articulação com a dimensão causal.

Nosso percurso nos permite evidenciar que **Kant subverte a causalidade natural em detrimento da universalidade da razão, sustentando assim uma conduta moral pautada em causas racionais, estruturadas no nível do pensamento ou da consciência. Sade, de outra parte, aposta que a conduta humana deva ser movida pelos efeitos da causalidade natural, tomando o prazer como condição da natureza a qual o sujeito deve se submeter.** Vê-se, porém, que a natureza é tomada em Sade como agente de inclinações perversas, violentas e destruidoras do homem, que ao se entregar aos prazeres das paixões naturais ou instintivas sofre a ferocidade das mesmas. **Desse modo, encontramos em Kant uma causalidade racional com conseqüências ou efeitos morais, orientados em direção ao bem comum, *das Gute*; enquanto que, em Sade, delimita-se uma causalidade natural com efeitos violentos e perversos.**

Podemos assim, por meio dos esquemas propostos abaixo (Figuras 5 e 6), formalizar a articulação entre causa e efeito segundo os regimentos morais propostos por Kant e Sade nas respectivas obras trabalhadas nesta seção. Recordamos que, sobre a obra do primeiro autor, nos orientamos pelos escritos: *Fundamentação da metafísica dos costumes* (1784/2009) e *Crítica da Razão Prática* (1788/2003). Na obra sadiana, nossa orientação seguiu o enredo apresentado em *A filosofia na Alcova* (1795/1995).

Figura 5 - A relação entre causa e efeito segundo os regimentos morais kantianos

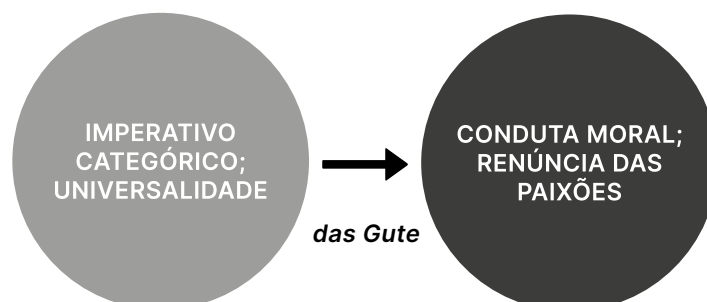


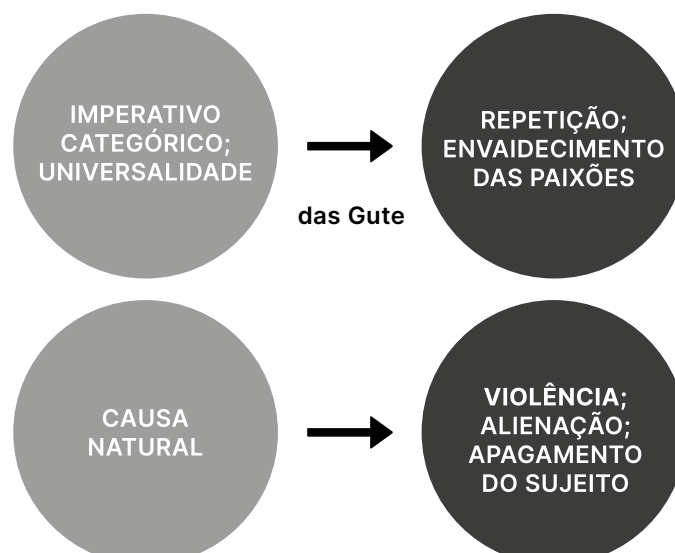
Figura 6 - A relação entre causa e efeito segundo os regimentos morais sadianos



Fonte: Elaborada pela autora

A terceira imagem proposta (Figura 7) ilustra a releitura lacaniana desses esquemas, seguindo as formulações que o autor nos fornece em seu escrito *Kant com Sade* (1963/1998). Nele, conforme expusemos acima, Lacan subverte o efeito que a conduta moral kantiana e sadiana, pautadas, respectivamente, pelo princípio da universalidade e pelo seguimento irrestrito à causalidade natural, promoveriam sobre os sujeitos. O seguimento irrestrito à lei moral universal, orientado pelo bem comum (*das Gute*), conforme propõe Kant, não promove o esvaziamento do campo das paixões ou garante o acesso a uma conduta moral universal, mas promove o apagamento do sujeito e o lança em circuito de repetição e gozo, pois a singularidade que envolve a satisfação dos desejos é incompatível com as limitações impostas pelo regimento de leis universais. Da outra parte, a entrega às causas naturais na obra sadiana, ao imperativo de satisfação dos impulsos e paixões, não permite ao sujeito o acesso a um gozo irrestrito, livre do sofrimento imposto pela castração, como propusera o autor. Esta entrega é, segundo Lacan (1963/1998), propulsora de violências e também do apagamento do sujeito, que, entregue ao imperativo da satisfação máxima das pulsões, não opera no campo do desejo, pois este é determinado, prioritariamente, por sua articulação com a lei da interdição.

Figura 7 - A relação entre causa e efeito em "Kant com Sade"



Fonte: Elaborada pela autora

Pois bem, neste ponto encerramos nosso sobrevoo sobre a obra de Immanuel Kant que teve como intuito o recolhimento de suas formulações acerca da articulação entre causa e efeito. Faremos agora um retorno à obra lacaniana, partindo de seus diálogos acerca da causalidade psíquica no campo da loucura – ainda nos anos 1940 – e chegando até suas formulações sobre o objeto *a*, datadas dos anos 1960. O objeto *a* é o ponto de articulação entre desejo e lei que foi debatido por Lacan ao longo de suas formulações sobre a ética da psicanálise. Se o gozo se articula com a lei por sua transgressão, por seu movimento mais além da satisfação, o desejo se vivifica por sua articulação direta com a lei na medida em que esta instaura a falta que o impulsiona. Desejo e gozo, mesmo se tomados como categorias antagônicas, se articulam e se impulsionam a partir do objeto *a* lacaniano, que assim conquista seu *status* de objeto-causa de desejo (Lacan, 1962-1963/2005) e objeto-mais de gozar, alguns anos mais tarde (Lacan, 1968-1969/2006). Exploraremos mais essa articulação nas seções seguintes ao abordarmos o uso que Lacan fez da noção de causa ao longo de seu ensino, precisamente entre os anos 1940 e 1960.

Conto | Onze anos de idade de Fábio Bispo

Onze anos de idade

Já passava da meia noite. Eu havia chegado ao hospital bem cedo, antes das sete. As horas nunca haviam caminhado tão lentamente para mim. Eu já tinha passado por momentos de intensa agitação, de angústia expectante, de uma morosa lassidão, de ruminções obsessivas, todos os estados de espírito a que têm direito um pai que espera nascer a primeira filha.

Eu devia estar lá dentro com Cristina. Fiquei na primeira hora, mas parece que minha presença não teve o efeito acalentador pelo qual esperávamos. Ela me pediu para sair e dar uma volta, pois estava bem acompanhada. Além do fato de que éramos amigos da obstetra que iria atendê-la, uma outra amiga fez questão de estar junto. A princípio não achava muito conveniente, mas, depois, percebi que, embora a presença dela não fizesse tanta diferença para a grávida, entretida por suas próprias cólicas e contrações, a mim me acalmava um pouco. Não a ponto de evitar que a testa suasse como uma chaleira. A noite não estava quente, o quarto estava até fresco, o que tornava meu suor frio, minhas mãos úmidas e meu corpo inquieto. Não sei se em meio a seu próprio desconforto com o trabalho de parto que se alongava Cristina teria tempo de ter tantos pensamentos quanto os que eu vinha tendo, nem sei se estava em condições de perceber meu estado. Até tentei disfarçar minha ansiedade com um sorriso amarelo para manter-me em minha função de apoio, mas não funcionou.

Fora do quarto, senti que tinha mais ares para respirar, entretanto, os pensamentos continuavam borbulhando, agora com mais intensidade, desinibidos da presença de outras

pessoas. Eu fiz de tudo para engravidar junto com Cristina, mas constatava assombrado que, até o momento, não fazia ideia do que era ter um filho. Ela sim, ela sentiu na pele o peso da barriga, sentiu nas vísceras os terríveis engulhos, sentiu fome, desejo, dor e inchaço nas pernas. Sem contar o que ela está passando agora. Para mim, ainda era uma experiência intelectual bastante incerta. Apesar de ter visto diversas vezes as imagens de ultrassom; apesar de ter tomado a frente na reorganização da casa, na compra da mobília e na decoração do quarto; apesar de ter tentado adotar hábitos mais disciplinados e dignos de um pai; apesar de tudo, ainda me via ali imaginando se havíamos tomado a decisão certa. Pensava e sentia-me culpado por ter pensado.

Depois de ter voltado ao quarto mais umas duas vezes, decidi que esperaria lá fora. Ao dirigir-me a uma máquina de café em um salão próximo à recepção, encontrei um jovem que também andava de um lado para o outro, tão ou mais inquieto que eu. Foi então que, por um momento, fui resgatado de minhas aflições e passei toda a minha atenção para ele. Acabei vendo que minha crise de pânico era circunstancial e, se tem uma história que merece ser relatada é a dele.

- Aceita um café? Ofereci solidarizando-me.
- Não precisa, respondeu reticente. Porém, sem que eu precisasse insistir muito, aceitou timidamente.
- Esperando alguém?
- Por sua inquietação e por uma espécie de empatia de quem vive um momento semelhante, já havia adivinhado a resposta.
- Não quis acompanhar?
- Não me deixaram. Ela está com a mãe dela.

- Menina também?

- Menino.

Como vai se chamar?

- Bernardo. E você? Quer dizer, é menina?

Ele tinha a metade da minha idade e vinha passando pela mesma experiência. Parece que tanto eu quanto ele precisávamos de falar. Era preciso distrair-se do tempo para que ele passasse. Eu que, no começo, falei das minhas inquietações, fui tomado de curiosidade por sua história. Quando contou sobre seu envolvimento com o crime, ficou brevemente em silêncio perscrutando qual seria minha reação. De minha parte, tive receio de perguntar mais detalhes e parecer invasivo. Ao ver que eu permanecia inerte, com um olhar meio vago, embora com interesse de não abortar a conversa, ganhou confiança e quis falar mais detalhes. Remoer a história desde o começo.

- É que eu estava cumprindo medida no Centro de Internação até outro dia. Contou já um pouco menos reticente. Também não me dou muito com a mãe dela, no fundo, preferi também esperar aqui fora.

- Ficou muito tempo?

- Fiquei quarenta e quatro dias dentro do CEIP. Aí eu fui embora. Tomei medida de internação depois que eu voltei. Fiquei lá de novo por cinco meses. Fugí e voltei depois. Fiquei mais uns 6 meses. Quando saí, já estava perto de nascer.

- Não deve ter sido fácil!

- Nó! Foi ruim demais! Tipo, é muito ruim não ter minha liberdade, não poder andar onde que eu quero, não poder fazer o que eu quero, comer o que eu quero. Mas, também, é tipo um

lugar que dá pra você refletir, dá pra você pensar melhor na vida, dá pra você ver também que o crime traz pra você só cadeia. Igual, às vezes, eles passavam umas palestras que mostravam como é que é a cadeia dos de maior. Mostra como é que é a convivência lá. Dá pra pensar muitas coisas. Você pensa também na família, no filho, pensa em tudo, nó! Aí você pensa, nó! É ruim demais!

- E difícil até imaginar. Mas, me conta, como você entrou nessa? Perguntei olhando para o relógio na parede em frente e com a sensação de que estava parado. Enquanto ele contava, acomodamo-nos em um canto do salão, completamente vazio, onde havia uma porta de vidro que dava para a rua e estava apenas semiaberta. Pela fresta, entrava um vento que deixava o tempo mais agradável. Por suas mãos suadas, vi que ele ainda estava nervoso, porém, quis falar tudo desde o início.

- Quando eu era mais novo minha mãe não me deixava muito sair de casa. Eu ficava cuidando de meus irmãos. Arrumava a casa. Bagunçava. Minha mãe me batia muito quando eu era mais novo. Daí fui crescendo, fui conhecendo más influências na escola, fui misturando com a turma. Nisso daí eu comecei a usar droga, comecei a fumar maconha, fumar cigarro. Aí eu fui, tipo, saindo da rotina que minha mãe queria me dar.

- Mãe sempre sabe o que faz, não é?

- Mas do jeito que minha mãe estava me criando eu, para mim não era o jeito certo, porque ela não sentava, não conversava. Só, tipo, qualquer coisa ela chegava, batia. Só sabia bater, aí eu comecei a fugir de casa. Fugia para a casa da minha avó. Comecei a morar um tempo com a minha vó, que foi com onze anos de idade, foi que eu comecei frequentemente a usar mais a

maconha. Parei de frequentar a escola, aí minha vó me mandou morar com meu pai, e foi nisso daí que, tipo, eu comecei a entrar para o crime mesmo. - Mas, por que ela mandou você embora, por causa da maconha?

- Ah, quando comecei a morar com ela, tipo, ela sentava, conversava comigo, estudava. Ela não fazia a mesma coisa que minha mãe, mas só que antes d'eu ir morar com ela, eu já tinha conhecido a maconha. Aí nisso daí eu conheci uns colegas com quem fumava. Tipo, ia na rua ali, daí eles me chamavam pra fumar. Eu ia lá, fumava, chegava em casa com o olho pequeno, vermelho. Minha vó sentava, conversava comigo, perguntava se eu estava fumando maconha, eu falava que não. Um dia minha vó foi trabalhar – lá era um apartamento pequeno –, daí eu e mais três colegas, a gente foi lá e fumou cigarro dentro de casa. Aí minha vó encontrou cinza de cigarro. Ela falou comigo que tinha encontrado. Aí nem teve como eu negar mais. Ela foi lá e me mandou morar com meu pai. Foi nisso daí que eu comecei a desandar mais ainda.

- Desandar?

- É. Eu fui morar com meu pai, aí eu comecei a me envolver no tráfico. Lá onde que eu envolvo, lá tem guerra. Aí não dava mais pra eu estudar, porque na escola que eu estudava era divisa das duas quebradas, aí não tinha como eu estudar. Eu larguei a escola. Na quarta série.

Eu escutava sua história, mas, ao mesmo tempo, achava curioso o tom da sua fala. Não era estereotipada. Era uma prosódia peculiar, ritmada, sem grandes afetações. Parecia acentuar levemente os finais das frases, como se cada oração fosse uma espécie de enumeração cadenciada dos eventos vividos. Era

preciso às vezes supor, nas entrelinhas, uma revolta contida a custo e que, mesmo quando expressa diretamente nas palavras, não era capaz de abalar o tom monocórdio de seu relato.

- Comecei a ficar revoltado, por que, tipo, minha mãe não deixava eu ter uma brincadeira ali na rua. Eu via meus colegas assim brincando na rua, mas, se eu saísse do portão pra fora, já era motivo pra me bater. Minha mãe foi muito rígida comigo. Começou dentro de mim assim um trem... comecei a revoltar a vida. Querer ter mais liberdade. Aí nisso daí que foi quando que minha vó me mandou morar com meu pai. Meu pai já bebia na época. Minha madrastra também já foi usuária de craque. Aí nisso daí eu comecei a ficar solto já. Comecei a ter liberdade. Eu passava ali, os meninos vendiam droga, começavam a falar comigo "ah, não sei o que, você podia vender uma droga com nós". Eu comecei a virar a fase aviãozinho, comprar marmitex, aí eu ganhava uma dobrinha de maconha ali...

- Comprar marmitex?

- É, o aviãozinho... comprava ali... tipo ia ali na padaria comprar uma coxinha pra eles, eles me davam dois reais, cinco reais. Aí nisso daí eu já fui começando a envolver. Aí eu parei de frequentar a escola por causa disso daí. No decorrer do tempo eu comecei a pegar uma droga pra vender – isso aí foi com onze, onze anos de idade. Aí peguei uma droga pra vender, comecei a aprender. No decorrer do tempo saí da escola mesmo por causa das guerras, porque eles tinham guerra lá, aí não dava mais. Aí começou a Guerra na minha vida. Com onze anos de idade. Trafiquei até os catorze. Com catorze, saí do tráfico e conheci o roubo, que é o furto. Comecei a furtar carro, estourar vidro de carro. Aí nisso daí eu fui preso, conheci o sistema socioeducativo, fui pro CEIP. Fiquei lá por quarenta e cinco dias. Saí e comecei a

frequentar a Savassi com um colega meu. Nisso daí eu comecei a conhecer a rua. Comecei a ficar na rua. Ficava na rua um dia, aí desse um dia passou pra dois, até que comecei a ficar na rua mesmo. Nisso daí eu comecei a usar pó. Aí do pó comecei a usar tiner. Eu fiquei na rua, uns dois anos na rua assim. Aí depois eu voltei pra casa, voltei pro tráfico de novo.

- Voltou pra casa, de quem?

- Da minha mãe.

- Da sua mãe?

- É, ué. Aí minha mãe viu que já não dava pra me segurar mais. Parou de me bater, não dava mais pra segurar eu dentro de casa e foi deixando eu ir. Agora eu estou aí no tráfico.

- E seus irmãos? Você é o mais velho, suponho.

- É, eu sou o irmão mais velho. Da minha mãe e do meu pai.

- São quantos?

- Eram três, agora são cinco. Tem dois que nasceram agora: um que já tem quase dois anos e o outro vai fazer três. Mas, na época eram três irmãos, que era eu, minha irmã e meu irmão. Aí minha mãe, tipo, bebia, não sei se ela usava droga, mas bebia e deixava nós dentro de casa. Eu olhando meus irmãos. Por isso que eu digo que eu não tinha liberdade de estar ali na rua brincando com meu colega de um futebol, soltando papagaio. Minha infância toda foi só eu ficar olhando meus irmãos.

- E seu pai?

- Meu pai bebia também, nunca esteve presente comigo assim. Nunca foi de levar, por exemplo, para dar um passeio, tipo, ali no parque ecológico, esses lugares. Nem parque não precisava não,

um passeio até na favela mesmo, um passeio num lugar, numa sorveteria. Nunca foi presente comigo, aí veio e eu fui revoltando também. Nisso daí, fui colocando na mente que queria virar bandido, esses trem assim. Foi indo, eu fui tomando raiva, comecei a querer envolver no tráfico, aí foi indo.

- Quer dizer então que seu envolvimento no crime foi devido a esse sentimento de revolta?

- Acho que também por causa disso.

- De onde que veio essa ideia de querer virar bandido?

- Ah, foi de pequeno, tipo, passando no pico, vendo os meninos venderem droga. Foi na escola também, a gente brincava de polícia e ladrão. Aí, pra mim, tipo, quando eu era mais pequeno, para mim era maneiro ser bandido. Os bandidos tinham respeito na favela. Eram respeitados onde que fossem, aí eu queria ter, como eles, o respeito na favela. Ninguém tirava eles não. Aí foi que deu na minha mente que eu ia virar bandido.

Devido a meu trabalho, não era a primeira vez que eu escutava histórias como aquela. Não sei se era o silêncio do lugar, ou uma linha inconsciente de pensamento que acentuava em meu espírito um sentimento paternal; só sei que senti por um momento que nunca poderia compreendê-lo. Meus ímpetos pedagógicos de aconselhamento pareciam desmantelados. Para além do costume de sempre formular explicações sociológicas para os fenômenos, acabei escutando, em sua insistência em repetir a própria idade, um ruído inconformado. Não me pareceram desculpas de um discurso pré-formulado e repetido de forma calculista. Ele não precisava contar nada daquilo. Ainda assim, parecia compelido, como um fiel que retorna insistentemente, anos a fio, para confessar o mesmo pecado e

receber a mesma penitência impessoal de um padre que não está disposto a mexer demais em algumas verdades, para não arriscar a fé do pecador. Algo nele também insistia e eu não podia salvar o seu pouco de fé, se é que havia.

- Da minha infância? Eu não tive infância, pra mim eu não tive infância não. Que minha infância mesmo, eu passei mais olhando meus irmãos e arrumando casa, ajudando a minha mãe assim dentro de casa. Minha mãe só sabia me bater, isso daí pra mim foi minha infância. Por que com onze anos de idade eu já comecei a envolver. Por que pra mim, um menino com onze anos de idade, não é pra estar envolvendo... não é que não podia envolver no crime, mas um menino de onze anos de idade, podia estar na escola, ali brincando com um colega. Mas com onze anos de idade, eu já estava envolvendo no crime. Já estava tendo maldade, assim, de matar, esses trem. Agora você olha, compara um menino de onze anos de idade aí, ele hoje está soltando papagaio... para mim, eu não tive infância não.

- Quando você ia pra escola, brincava na escola? Como é que era? Indaguei tentando encontrar naquelas memórias, algum brinquedo velho.

- Quando estava na escola, pra mim era melhor. Passei em um Projeto, não me lembro mais do nome. Sei que todo mundo chamava de Projeto. Ia no Projeto, estudava de manhã, ficava no Projeto à tarde. Tinha atividade de handebol, de futebol, além de outras atividades que eu gostava. Fazia aula de arte, que eu também gostava, e de matemática. Aí eu fui até a quarta série. Da quarta série pra lá, eu parei de estudar.

- Esse projeto era lá mesmo na escola onde você estudava?

- Sim. Que era escola de manhã e Projeto à tarde. Você fica até às quatro. Daí você tem aula de dança, tem passeio. Igual, eles já nos levaram para um clube, a gente foi no cinema... tinha umas atividades, aí sossegava mais. Eu participei até onze anos de idade. De onze anos de idade pra lá, eu parei de estudar. Já não ia mais à escola. Já estava tomado pelo crime. Aí foi indo... aí com onze anos de idade eu já estava no crime já.

- Quem o levou para o crime?

- Foi meu primo e um colega meu, que estavam envolvidos. Assim, eles ficavam na minha rua às vezes. Eu ia aprendendo a vender. Vendo como eles faziam. Como eles vendiam, como pagavam a atividade, faziam os trem. Daí eu fui aprendendo. Eles foram me ensinando o que é que faz, o que é que não faz; o que se deve fazer, o que não se deve; eu fui aprendendo. Com doze anos de idade eu já sabia picar um craque, vender um craque, aí eu fui pegando. Comecei primeiro pela maconha, vender a maconha, que é o mais fácil. Da maconha já passei para o craque, comecei a vender craque, depois comecei a vender cocaína. Aí foi indo. Estou aí até hoje. Tipo, foi criando guerra. Eles têm guerra, então a outra gangue de baixo começou a saber que eu estava envolvendo com os meninos e começaram a falar que ia me matar eu. Daí a outra com quem eles também têm guerra, que é do lado, começou a saber. Uns meninos da escola onde eu estudava também começaram a colar lá embaixo, do lado. Assim, fomos entrando em guerra entre nós mesmos. Foi indo, foi indo, aí depois que entrou de guerra eu já vi que não tinha mais como sair. Se eu saísse e fosse andar na favela, correria risco de morte. Daí eu comecei a envolver mesmo. Depois eu parei, fui pra rua.

- Não entendi. Você estava correndo risco e então começou a se envolver mais?

- Eh, ué!

- Uai, mas, por quê?

- É por causa que, tipo, se eu parar de envolver... Tipo, você está envolvendo, aí você cria guerra ali, você pega uma arma, vai lá e dá tiro no cara. Então o cara fica: "Aquele menino deu tiro em mim, não vou bobear com ele. Também, se ele bobear comigo, eu vou matar ele". Você então fica assim: "Dei um tiro num cara, se eu boiar ali, o cara pode vir aqui e pode me matar eu". Então, se eu sair daqui, não vou ficar sozinho. Se eu sair, eu colo ali, aí os caras que estão presente comigo colam comigo. Se eu vou lá e abandono, os caras não vão mais querer saber. Se eu abandonei, saí da boca, é eu pra lá e os caras pra cá, não é? Nós podemos até conversar, mas, se estourar guerra, esses trem assim, e eu não estiver com os caras, os caras não vão, tipo, me emprestar um revólver. Não vão me dar um revólver para eu ir lá e dar tiro neles não. Eu que fico pra cá e eles pra lá. Tipo, eu ia ficar sem segurança. Por isso eu tive que continuar envolvendo. Por que, se eu saísse, eu não ia ter um revólver para dar tiro lá neles. Aí eu continuei. Aí foi indo. Aí fui lá e saí. Agora voltei.

- Então, estando envolvido, você se sentia mais seguro.

- Eu já vi também altos colegas meus que saíram, daí passou um tempo, morreram. Tem altos colegas meus que foram desse jeito. Tinha até um colega que ficou uns cinco ou seis anos assim sem envolver, então eles foram lá e mataram ele. Porque ele já foi envolvido. Igual eles falam: "quem é envolvido uma vez, é envolvido pra sempre!".

- Então, o que é que faz?

- O que é que faz é que tem que procurar Deus, não é? Se sair do crime e continuar nessa, tipo, curtindo bar e esses trem assim, não vai adiantar nada. Pra eles você é envolvido do mesmo jeito.

- Só de estar lá no mesmo território?

- Ainda que eu mudasse, tipo, lá pra Pedreira, se eles me encontrarem, vão querer me matar, porque já fui envolvido com aquela parte com quem eles têm guerra. Se aquele pessoal de lá já tiver tentado matar eles, então eles podem alegar: "Aquele menino ali colou com os caras que tentou me matar, então ele também está querendo me matar, então vou matar ele".

- Parece meio paranoico.

- Como?

- Nada não, só um comentário. Mas, me conta, o que que significa procurar Deus?

- É sair do crime e ir pra igreja. Tipo, reconciliar com Deus, ficar firme na igreja, porque depois que você envolve, se você quiser sair e não caçar Deus... só Deus mesmo colocando a mão, porque... sabe lá o que é que pode acontecer.

- Você é religioso?

- Eu? Sou. Quer dizer, minha mãe é evangélica. Mas eu frequento. Eu também sou... acredito em Deus e acredito na religião Candomblé que eu participei. Já participei assim, esses negócios de guia. Mas minha religião é evangélica.

- Onde que você conheceu o Candomblé?

- Foi com um colega de Santa Luzia. Que está na rua também. Ele baixa esses negócios assim de santo já faz cinco anos, aí eu comecei a fazer guia, esses trem de guia, comecei a participar.

Era tipo, mesa branca, que é concentração. Tem a mesa branca e a mesa preta. Mesa preta é macumba e a mesa branca é concentração. Eu comecei a participar da mesa branca.

- Tem muito tempo?

- Tem já uns dois anos que eu conheci.

- Na época que você estava na rua ainda?

- Sim, foi nessa época que eu conheci.

- Mesmo assim você não conseguiu largar a droga?

- Consegui largar a maconha. Cigarro ainda não. Mas, quanto às outras, já tem um ano que eu não uso mais. Foi desde que eu fui para o Centro de Internação, ano passado. Depois desse dia, parei de usar o tiner e a cocaína. É que tive uma namorada minha que eu namorei muito tempo. Esses tempos pra trás, ela morreu de overdose.

- Ela estava com você quando morreu?

- Estava não. Na verdade, era uma ex-namorada. Que eu terminei com ela também foi no final do ano. Morreu de overdose de loló e de pó. Aí não uso loló, parei de usar loló, pó e tiner. Fiquei sabendo pela minha mulher, minha namorada atual. Ela me contou. Agora mesmo que eu não quero usar mais droga. Depois disso aí, tipo, uma pessoa com quem vivi muito tempo, dois anos e meio praticamente, não é? Eu acho que a droga não tem futuro não. Daí também eu caí na real, que a droga o que leva pra nós é a morte. Loló: você usa loló ali, aí você bate a cabeça, é perigoso morrer. Nó! É ruim demais. Mas estou ainda na maconha e no cigarro. Tentando parar também. Nó, maconha é difícil de parar! As outras drogas eu não quero usar mais não, se Deus quiser!

- Ainda mais agora, que vai ser papai.

- Pois é. Já estou pensando em sair do crime, mas, se eles não arrumarem nada pra mim, vou ter que correr atrás. Se eu não conseguir um modo de arrumar um trabalho pra ganhar um dinheiro, eu não pretendo sair do crime não. Por que aí é difícil. Tipo, eu não tive o acompanhamento de meu pai, meu pai nunca esteve presente comigo, por isso não quero dar esse mesmo futuro pro meu filho não. Quero estar presente com meu filho todo o momento. Eu sei que o mundo do crime, assim, eu estar no crime e meu filho crescer e vendo eu no crime, não vai ser uma boa influência, mas se eu não conseguir também arrumar um serviço, eu não vou poder dar a meu filho um leite, uma fralda pra ele vestir, daí fica difícil.

- Você pensa em trabalhar com o quê?

- Eu penso em trabalhar de cabelereiro. Estou fazendo um curso, mas é de mulher e meu interesse mais é de homem. Estou fazendo o de mulher que é de dois meses e vou ver se consigo correr atrás de um curso de cabelereiro de homem. Mas se não der de homem eu vou continuar no de mulher, fazendo o de mulher. Se Deus quiser e tudo der certo, eu vou começar a trabalhar, vou juntar um dinheiro e montar um salão pra mim.

- Seria ótimo! Tem que torcer pra dar certo!

- Mas é como estou falando: se eu conseguir mesmo arrumar um emprego, eu pretendo mudar de vida, mas se eu não conseguir eu vou ter que continuar na mesma vida, porque, tipo, eu não vou querer ver meu filho crescer com revolta também de mim igual eu cresci com revolta do meu pai. Eu quero dar pro meu filho um exemplo melhor também, não é? Dar a ele umas coisas boas, tipo o que eu não tive na infância, quero dar pra ele. Uma bicicleta, um videogame, coisas assim. Mas, sem dinheiro, sem

emprego a gente não consegue nada, porque dinheiro ultimamente é tudo. Sem dinheiro a pessoa não tem nada.

- É, mas você falou que sentiu falta de soltar papagaio, não foi? É fácil fazer um papagaio. Tem coisas que não precisa de dinheiro.

- Mas muitas vezes também, tipo, levar em um parque de diversão, um lugar assim, um cinema, pro seu filho ver um filme, isso é bom também às vezes. Igual, no Parque Ecológico ali, no Zoológico, pra ele conhecer os animais, é bom. Agora, eu ainda tenho a ajuda do Projeto Miguilim também. Vou procurar pedir ajuda lá. Também do curso mesmo, lá eles também podem arrumar outro curso pra mim, pode arrumar escola. Veja, eu não posso estudar na quebrada, então eles podem arrumar uma escola no Centro pra mim. Continuar estudando lá fora e tentar pegar o possível da ajuda que eu conseguir, das ajudas que eu tenho. Tentar aproveitar, porque não é muita gente que tem essa oportunidade que eu estou tendo não. Tipo, mesmo quando eu estava foragido, o Miguilim arrumou um curso pra mim, mas só que não dava por causa que eu estava foragido. Agora vou tentar aproveitar essa ajuda aí, vou procurar eles também. Tem ainda uns cinco meses até eu ficar de maior. Depois que você fica de maior, você não pode ir pra lá mais, então vou tentar aproveitar esse tempo que tenho de menor pra eles me ajudarem. Tentar seguir a vida. Tentar ser uma pessoa honesta, um trabalhador, mas se eu não conseguir, aí é igual eu falei, vou ter que continuar.

Neste instante, fui interrompido pela Flávia, que me buscava impaciente:

- Onde você estava? Que sumiço foi esse? Vem logo!

A história do garoto realmente havia me desligado um pouco da minha. Olhei para o relógio e não havia passado mais que trinta minutos.

- Logo, logo eles vêm chamar você também. Levantei-me ligeiramente puxado pela Flávia que me foi rebocando hospital adentro.

- Professor! Entoou o garoto depois de hesitar por alguns segundos. Já perto da porta, voltei-me surpreso com o vocativo.

- Não se lembrou de mim? Diante de minha expressão de confusão, tendo se aproximado um pouco mais, parou um instante e esclareceu: Fui seu aluno na quarta série, não se lembra?

Antes que eu pudesse esboçar algum gesto, Flávia puxou-me pelo braço e eu a segui, apressando-me com o pensamento de que minha filha poderia já ter nascido.

2.6 A RELAÇÃO DE CAUSA E EFEITO PARA A PSICANÁLISE DE ORIENTAÇÃO LACANIANA

Finalizado nosso sobrevoos à obra de autores centrais para a construção do pensamento lacaniano sobre a articulação entre causa e efeito – entre os quais citamos: Freud, David Hume e Kant –, é tempo de retornar à obra de Jacques Lacan, a partir da qual buscaremos extrair as construções do autor sobre a citada articulação. Nessa busca, a tese de doutorado de Roseane Lustoza (2006), intitulada *O problema da causalidade psíquica na psicanálise*, nos serviu como guia, e da qual extraímos uma valiosa divisão entre três momentos cruciais ao desenvolvimento da noção de causa na obra de Lacan.

O primeiro recorte do ensino lacaniano, proposto por Lustoza (2006), é nomeado como **“fase fenomenológico-existencial”** e representado pelos estudos dos anos 1940. Nessa fase, as investigações de Lacan sobre a causalidade psíquica são pautadas pelos campos do sentido e da linguagem, estabelecendo-se que a *práxis* analítica pouco diz sobre o mundo dos fatos, entendidos como realidades acessíveis à observação. O que está em jogo na clínica é o sentido que os fatos vivenciados adquirem para o sujeito. Em nossa investigação, tomaremos como referencial teórico à expressão dessa fase do ensino lacaniano a comunicação *Formulações sobre a causalidade psíquica* (Lacan, 1946/1998).

Como segunda divisão, a partir da qual pautamos nossas investigações, está a **“fase estruturalista”** (Lustoza, 2006) do ensino lacaniano. Nesse período, a partir de seu encontro com a obra de Lévi-Strauss e Ferdinand de Saussure, Lacan buscou subordinar o sentido às leis estruturais da linguagem, instituindo uma nova concepção de significado, não mais pautada por um ato livre de atribuição de sentido por parte do sujeito, mas por bases estruturais regentes do funcionamento da instância inconsciente: “desalojado de seu privilégio de intérprete livre dos acontecimentos, o sujeito encontra-se assujeitado à estrutura” (Lustoza, 2006, p.97). Essa fase é representada em nossa investigação pelas comunicações: *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* (Lacan, 1953/1998) e *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud* (Lacan, 1957/1998).

A terceira fase proposta por Lustoza (2006) é aquela tomada como **“fase de elaboração da noção de objeto *a*”**, expressa pelos estudos lacanianos dos anos 1960. Essa fase demarca o uso particular que Lacan faz da noção de causa, localizando o objeto *a* como objeto causa de desejo. Lacan insere no campo da causalidade um objeto indeterminado por excelência, excedente ao campo dos significantes e do sentido. A articulação da noção de objeto *a* faz fracassar as tentativas de explicação do psiquismo em termos de leis estruturalistas e impulsiona as investigações sobre a causalidade psíquica, pautadas pelo registro do Real. As formulações lacanianas sobre o objeto *a*, tomado como **objeto causa** (de desejo), serão abordadas nesta seção a partir do recorte do *Seminário 10* (1962-1963/2008) e do *Seminário 11* (1964/1993), de Jacques Lacan, em que localizamos a passagem de um Lacan estruturalista a um Lacan que valoriza, prioritariamente, o aspecto descontínuo ou “não realizado” da instância inconsciente e da articulação entre causa e efeito.

É importante ressaltar que as investigações causais lacanianas orientadas pelo registro do Real não se esgotam na comunicação dos Seminários 10 e 11 já mencionados.

Elas impulsionaram-se ao longo dos anos 1960 e 1970, orientadas pelo campo do gozo e articuladas com a noção de ‘letra’, tomada como materialidade significativa desarticulada do campo do sentido. Considerando o objetivo desta dissertação, vamos deter nossas buscas no desenvolvimento da articulação entre causa e efeito pelas vias do objeto *a*, pois apostamos encontrar nesta concepção um valioso articulador conceitual capaz de nos fornecer artifícios teóricos suficientes à leitura dos efeitos oriundos da adoção da metodologia das Narrativas Memorialísticas, na medida em que esta enlaça a matéria (não materialidade) significativa das histórias narradas ao cerne real da produção artística. Desenvolveremos mais essa hipótese no capítulo seguinte. Por ora, conforme apontado acima, adentraremos as formulações acerca da relação entre causa e efeito, recolhidas do *Seminário 10* (1962-1963/2008), pelas vias do objeto *a*.

2.6.1 A relação de causa e efeito no Colóquio de Bonneval

Carlos Kuri (2019), em um valioso trabalho de busca histórica, nos faz reviver as discordâncias entre Jacques Lacan e Henri Ey quanto às suas posições sobre a causalidade dos processos psíquicos durante a edição de 1946 do sempre instigante e controverso Colóquio de Bonneval. Organizado pelo próprio Henri Ey, esse colóquio reuniu psiquiatras e neurologistas a fim de se interrogarem sobre a psicogênese da neurose e da psicose. Elisabeth Roudinesco (2006), em seu livro *A análise e o arquivo*, aponta para o contexto histórico de realização dessa edição do colóquio: tratava-se do imediato pós-guerra, período em que cerca de 45 mil pacientes psiquiátricos encontravam-se em condição de miséria e morriam de fome nos hospitais psiquiátricos da França. Para além de se interrogar sobre a causalidade dos processos psíquicos, o objetivo daquele colóquio era redefinir os princípios humanistas do confinamento asilar e do tratamento da loucura (Roudinesco, 2006).

A conferência de abertura do colóquio foi proferida por Henry Ey (1946), que defendia a organogênese dos processos psíquicos a partir da aposta nas disfunções orgânicas como causalidade das doenças mentais. O sofrimento psíquico seria assim justificado a partir de lesões, em nível biológico, que comprometeriam o funcionamento dito normal do aparelho psíquico. Na visão de Ey, a partir da proposta de sua teoria organo-dinamicista, a atividade psíquica estaria a serviço da adaptabilidade do ser humano à realidade, o que, consequentemente, o levou a defender a causalidade dos processos psíquicos a partir de uma análise sobre a realidade do Eu.

Rebatendo as prerrogativas de Ey, Lacan, em sua conferência proferida no referido colóquio e estabelecida em seu escrito *Formulações sobre a causalidade psíquica* (Lacan, 1946/1998), é enfático e nada sutil ao tecer suas críticas sobre as teorias organicistas. Esboça-se em suas falas sua surpresa diante da constatação da significativa cisão entre suas sustentações teóricas e àquelas defendidas pelo, até então, amigo Henri Ey, com quem ele esteve por tantos anos “do mesmo lado da liça” (Lacan, 1946/1998, p.153). Lacan acusa as teorias organicistas sobre a loucura de serem conceitualizações incompletas, falsas e incapazes de remeter à gênese do distúrbio mental como tal. Seguindo a análise lacaniana, no

organo-dinamicismo proposto por Ey repousa a gênese do distúrbio mental sobre uma “interação molecular dentro da modalidade da extensão ‘partes extra partes’” (Lacan, 1946/1998, p.153), aos moldes da física clássica, o que exprime uma relação determinista entre função e variável, entre causa e efeito.

Ainda nessa conferência, Lacan (1946/1998) defende com vigor o enlace entre a loucura e o registro do sentido. O autor defende a liberdade do sujeito em atribuir uma significação à sua loucura e assim identificar, interrogar e decifrar os fenômenos que o acometem. Seguindo a argumentação lacaniana, seriam as teorias organicistas as responsáveis pelos “entraves à liberdade” dos sujeitos, não as doenças mentais em si, conforme argumenta Ey. Afinal, se a causalidade dos processos psíquicos se explica no nível organicista, fazendo dos sintomas efeitos de causalidades deterministas, a responsabilização do sujeito diante do mal-estar do qual ele se queixa, premissa que orienta o tratamento analítico desde os tempos de Freud, é apagada em nome de uma relação pré-determinada entre causa e efeito, o que não permite ao sujeito dizer sobre seu sintoma.

É preciso ressaltar ainda que, ao enlaçar o fenômeno da loucura ao fenômeno da significação, Lacan não exime o último de se haver com o excedente de sentido produzido a partir do trauma constitutivo da inserção do homem na linguagem. Ainda que nesse período de seu ensino o autor oriente seu trabalho por vias simbólicas, ele nunca defendeu, seguindo as prerrogativas freudianas, haver um esgotamento do trabalho de significação. Lacan reforça o eterno deslizar do sujeito sob a cadeia significante, fruto de suas tentativas de atribuição de sentido. O sujeito experimenta uma “hiância interrogativa” (Lacan, 1946 /1998, p.166) ao buscar atribuir sentido aos fenômenos que o acometem. A palavra é tomada por Lacan nessa conferência, ainda em 1946, não como signo, mas como “nó de significação” (p.167), “limite ao domínio do homem” (p.167), “um espaço aberto para o infinito” (p.167). É na linguagem, segundo Lacan (1946/1998), que se denuncia a dialética do ser, e é por essa via que o autor, apoiado sobre a obra hegeliana, devolve “a causalidade da loucura à insondável decisão do ser” (Lacan, 1946/1998, p.179), a partir da qual, em um só tempo, o sujeito reconhece sua libertação e desvela a “armadilha de seu destino” (Lacan, 1946/1998, p.179) .

Lustoza (2006) nos auxilia a elucidar esse ponto do texto lacaniano, ressaltando que atrelar à causalidade da loucura a decisão do ser é torná-la o resultado de uma decisão que permite dirigir-se ao sujeito como alguém livre, capaz de realizar escolhas. Porém, é de suma importância ressaltar que essa decisão, a qual se refere Lacan (1946/1998), não é consciente. O próprio autor salienta esse ponto ao retomar o dito inscrito sobre a parede de sua sala de plantão: “Não fica louco quem quer” (Lacan, 1946/1998, p. 177). A loucura seria, assim, tratada como uma escolha inconsciente, o que inaugura para o sujeito a possibilidade de interrogar-se sobre suas causalidades.

O “inapreensível consentimento da liberdade” (Lacan, 1946/1998, p.188), experimentado na loucura, diz respeito, segundo Lacan, não só à possibilidade de o sujeito dizer sobre seu sintoma, mas sobre o desprendimento das amarras do reconhecimento do Outro que ele experimenta na constituição de suas posições identitárias. É nesse ponto que Lacan (1946/1998) insere no debate sobre a causalidade psíquica a noção de *imago*, ressaltando

a força das identificações imaginárias na formação do Eu do sujeito e dos entre jogos dos registros do imaginário e do simbólico (Lacan, 1962-1963/2005). A identificação imaginária é tratada pelo autor como causalidade psíquica na neurose, em que o desenvolvimento dialético do sujeito se realiza a partir de uma identificação ideal pautada no Outro simbólico. É nele que o sujeito se identifica e se experimenta, primeiramente.

Em uma passagem do *Seminário 10* (1962-1963 /2005) – seminário no qual Lacan retoma o peso das identificações imaginárias na constituição do Eu, ponto fundante de suas formulações sobre o objeto *a* – precisamente na Lição III deste compilado, o autor relembra o recebimento, por parte da comunidade psiquiátrica, das ideias proferidas em sua conferência no Colóquio de Bonneval (1946) e destaca “o silêncio bastante prolongado” (Lacan, 1962-1963/2005, p.39) que tomou o auditório após a exposição de suas ideias. Apostando que seu discurso ainda levaria muito tempo para ser compreendido no campo psiquiátrico, Lacan refugiou-se nesse silêncio a fim de se “dedicar unicamente a fazer com que esse discurso penetrasse no meio em que sua experiência tornava-o mais apto ao entendimento, ou seja, o meio analítico” (Lacan, 1962-1963/2005, p.39). As ideias de Lacan ainda pareciam ousadas demais ao campo médico que orientava-se, prioritariamente, pelo determinismo biológico.

A retomada do texto lacaniano (1946/1998) nos permite afirmar que, ao atrelar a loucura ao registro do sentido, Lacan escapa à “tripla negativa” elencada por Lustoza (2006, p.44): a negação da liberdade, da verdade e da responsabilidade do sujeito. No momento em que o sujeito apossa-se da liberdade para dizer sobre seu sintoma, reitera-se a aposta, também feita do lado daqueles que o escutam, de que, por trás de seus ditos, ou dos tropeços dos mesmos, desvela-se uma verdade sobre o sintoma ou, por que não dizer, uma verdade sobre o sujeito. O desvelamento dessa verdade cobra seu preço e este tributo incide sobre a responsabilização do sujeito, que agora se inclui na elaboração construída sobre a causalidade de seu sintoma.

A tripla aposta de Lacan sobre a liberdade, a verdade e a responsabilidade do sujeito impede que a loucura seja tomada como resultado de uma causalidade orgânica, submetida ao determinismo da natureza, conforme defendido por Henri Ey e tantos outros colegas psiquiatras da época. **Seguindo as prerrogativas deterministas, a relação entre causa e efeito opera aos moldes de uma lei que fixa uma relação direta entre causas e efeitos, de modo que a causa X seja capaz de antecipar o efeito Y. Já no registro indeterminista do sentido, defendido por Lacan, uma causalidade X pode promover diversos efeitos possíveis, assim como um efeito Y pode ser oriundo de diversas causas possíveis, pois a causalidade do sofrimento psíquico é alcançada a partir de “um ato livre de doação de sentido por parte do sujeito”**, conforme nos elucida Lustoza (2006, p.45).

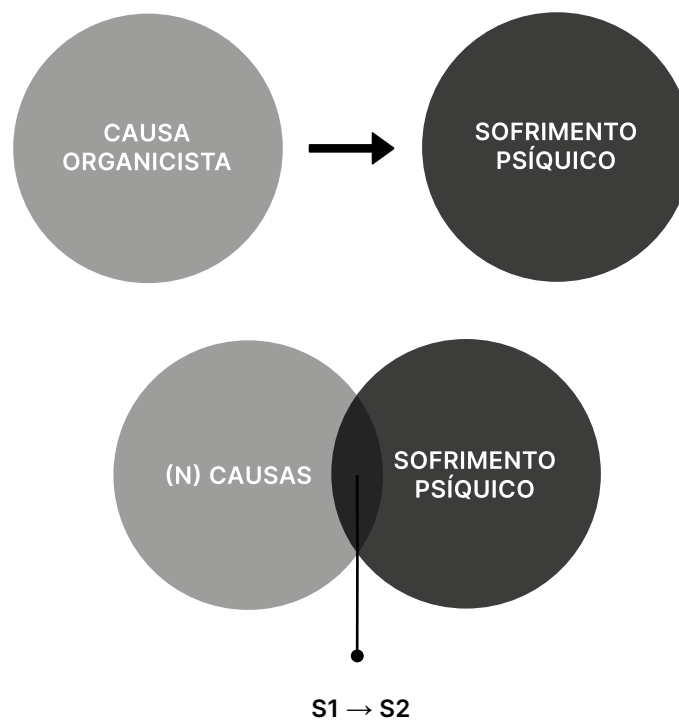
Demonstra-se, assim, como no psiquismo operamos com a imprevisibilidade, derradeira de todo e qualquer cálculo causal. Há no psiquismo uma lacuna que se preenche pelo ato do sujeito (Lustoza, 2006), graças ao qual advém o sentido que permite uma construção sobre a causalidade dos processos psíquicos. Nesse primeiro momento do ensino lacaniano (1946), essa lacuna psíquica ou o inconsciente ainda se inscreve pelas hiências das vias simbólicas, à medida que o inconsciente é estruturado como linguagem. Mais tarde ela ganhará contorno pelas vias do objeto *a*.

Nosso percurso sobre esse primeiro tempo do ensino de Lacan permite-nos afirmar que, se por um lado, a adoção de uma teoria do sentido serviu ao autor, nos anos 1940, como um embargo lógico ao determinismo físico-organicista proposto por Henri Ey, de outra parte, com o passar dos anos, Lacan cederá em sua aposta sobre a primazia do simbólico no tratamento dos sintomas, fortalecendo o registro do Real na direção do tratamento. Nessa passagem, nenhuma inscrição simbólica se faz possível diante do real do sintoma, entendido como o que não cessa de não se inscrever. Esse movimento nos faz apostar, em consonância mais uma vez com Lustoza (2006), que “a noção de sentido em Lacan foi mais importante pelo que rejeitou como falso (as teorias organogênicas) do que pelo que afirmou como verdadeiro (a primazia do simbólico)” [acréscimos nossos] (p.62).

Nossa retomada dos debates postos entre Lacan e Henri Ey durante o Colóquio de Bonneval nos elucidam também como, ao rebater o organo-dinamicismo de Ey, Lacan demarca um posicionamento não só teórico, mas ético, ante o tratamento da loucura. Arriscamo-nos a dizer que esse e outros posicionamentos de Lacan ao longo de sua trajetória conferem um tom extremamente autêntico à sua práxis e a seu desenvolvimento teórico, o que lhe permitiu, ao longo dos anos 1960, ao cindir com a escola psicanalítica a qual se vinculava, formalizar *A ética da psicanálise* (Lacan, 1959-1960/1997).

Concluimos os apontamentos desta seção apresentando o esquema da relação entre causa e efeito (Figura 8) neste primeiro tempo da obra lacaniana. Apresentamo-lo em contraponto à articulação proposta por Henri Ey sobre a causalidade do sofrimento psíquico.

Figura 8 – Contraposição entre os esquemas da relação entre causa e efeito nas obras de Henri Ey e Jacques Lacan (1946/1998)



Tomemos o primeiro esquema como ilustração da articulação entre causa e efeito segundo o pensamento de Henri Ey (1946). O neurologista propõe que a causalidade do sofrimento mental possua bases orgânicas, estabelecendo assim uma relação determinista entre causa e efeito, indicada na ilustração pelo emprego de uma seta contínua e unilateral entre estas duas instâncias. O segundo esquema, por sua vez, representa a articulação entre causa e efeito proposta por Jacques Lacan nos anos 1940 e demonstra a desarticulação entre os campos da causa e dos efeitos, já colocada pelo esquema causal freudiano. A articulação entre essas instâncias é feita por vias simbólicas, por meio da articulação significante, ilustrada no esquema por meio da relação entre os termos “S1 → S2”. A articulação significante permite ao sujeito atribuir sentido ao mal-estar que o acomete e, assim, tomá-lo como causalidade sintomática. A simbologia (N) antecedente ao termo “CAUSAS” ilustra a infinidade ou a sobredeterminação das causalidades possíveis à expressão do sofrimento psíquico, tomado como efeito no esquema apresentado.

2.6.2 De uma fenomenologia do sentido à formulação do objeto a

A retomada da conferência *Formulações sobre a causalidade psíquica* (Lacan, 1946/1998), datada dos anos 1940, nos permitiu visitar um primeiro tempo do ensino lacaniano, em que o autor orientava suas investigações sobre a causalidade psíquica por vias simbólicas, buscando por meio do campo da fala e do sentido explicações causais factuais sobre os fenômenos da loucura, em oposição à tendência diagnóstica biologista da época. Conforme nos aponta Lustoza (2006), nesse tempo as bases do ensino lacaniano fundaram-se em referenciais “fenomenológico-existenciais”, uma vez que a direção do tratamento pautava-se no sentido que os fatos vivenciados adquiriam para o sujeito, em detrimento de um esmiuçamento sobre a veracidade dos fatos em si, da realidade observável. Nesse momento, a interpretação e o movimento de historicização da trajetória do sujeito foram técnicas valiosas ao método analítico, permitindo ao analisando, sob transferência, atribuir uma significação aos fatos vivenciados. O sujeito do inconsciente emerge, assim, diante do hiato, do vácuo implícito à doação de sentido, sobre o qual se estruturava a crença na articulação entre significante e significado.

O excedente de sentido imposto pela impossibilidade de o sujeito tomar-se como agente da linguagem, fazendo desta seu instrumento, fez com que Lacan buscasse nas bases estruturalistas da linguística saussuriana e da antropologia levi-straussiana outro tipo de relação com o sentido. É nesse momento de seu ensino que o inconsciente passa a ser ‘estruturado como uma linguagem’ (Lacan 1953/1998) e a significação é tomada como efeito determinista de leis objetivas que estruturam o inconsciente, conforme elucidado na introdução desta seção. O sujeito encontra-se assujeitado à estrutura do inconsciente e, assim, não é mais tomado como causa de significação, mas como efeito da linguagem. O cuidado que se demanda nesse tempo estrutural de orientação do trabalho clínico analítico é para que não se promova o apagamento do sujeito em detrimento da articulação de leis estreitas sobre o funcionamento do aparelho psíquico.

Nota-se, assim, conforme ressaltamos anteriormente, que a aposta de Lacan sobre o campo do sentido, na primeira fase de seu ensino, por um lado permitiu-lhe tomar distância das teorias organicistas que desresponsabilizavam o sujeito sobre a causa de seus sintomas, porém, da outra parte, essa orientação mostrou-se ingênua ao tomar o sujeito como agente da linguagem e não como efeito da mesma. A orientação estruturalista, por sua vez, ao determinar leis de funcionamento ao psiquismo, permitiu que a psicanálise recebesse reconhecimento do campo científico e se validasse como teoria psíquica. De outra parte, esse enquadramento lançou a psicanálise no risco de promover o apagamento do sujeito.

A orientação do ensino lacaniano pelas vias do objeto *a*, inaugurada alguns anos mais tarde, surge como resposta aos impasses postos pelas bases fenomenológicas e estruturalistas lacanianas, convocando, assim, a responsabilização do sujeito em cena e oferecendo uma formulação estrutural sobre a constituição do Eu a partir de um vazio primordial, denominado como objeto *a*, e não mais por via de leis estruturantes de organização psíquica.

2.6.3 O objeto *a*: resto da operação constitutiva entre o sujeito e o Outro

Em seu *Seminário 10: A angústia* (1962-1963/2005), conforme o próprio título nos aponta, Lacan formaliza sua conceituação sobre o objeto *a* pelas vias da angústia, apontando ser este afeto que não engana o único índice clínico que assegura a presença deste objeto, denunciando que algo se passa na relação entre o sujeito e o objeto causa de seu desejo. O psicanalista sustenta a cisão existente entre os objetos do desejo e o objeto causa de desejo. Os primeiros podem tomar as mais variadas formas: o sujeito anseia por uma casa, um carro, “um sapatinho, o seio, seja lá o que for” (Lacan, 1962-1963/2005, p.116), porém, ele só deseja à medida que é causado pelo objeto *a*. O objeto *a* é, assim, um vazio estrutural propulsor do desejo, a partir do qual o sujeito se lança em um movimento infundável por satisfação. Os objetos do desejo, conforme nos aponta Daniela Viola (2009) à respeito do termo lacaniano, “tentam recobrir o vazio do *a* com os véus que são seus atributos, mas são sempre tentativas vãs, daí a perene insatisfação do desejo” (p.899).

Para ilustrar esse ponto, Lacan (1962-1963/2005) lança mão da função do fetiche, apontando que nele se “desvela a dimensão do objeto como causa de desejo” (p.116). Esse apontamento nos endereçou ao exemplo trabalhado por Freud em seu texto *Fetichismo* (1927/1972), no qual o autor recupera o caso de um jovem que se apaixonava pelas mulheres que possuíam certo brilho no nariz. Tomar o brilho do nariz como o objeto de desejo do fetichista pode ser um ledô engano. O fetiche “é a condição mediante a qual se sustenta o desejo” (Lacan, 1962-1963/2005, p.116), mas não o objeto do desejo em si. Nesse ponto, a novidade introduzida por Lacan diz respeito à mediação do Outro na relação entre o sujeito e os objetos de desejo existentes na realidade. A dimensão do Outro é expressa pela via significante, por meio da qual o objeto *a*, causa de desejo, é apreendido como resto resistente à simbolização. A relação do sujeito com o Outro propulsiona, para além de sua inserção no campo da linguagem, a apreensão de sua imagem especular, o que Lacan (1962-1963/2005) nos elucida no seguinte trecho:

Quanto mais o homem se aproxima, cerca e afaga o que acredita ser objeto de seu desejo, mais é, na verdade, afastado, desviado dele. Tudo que ele faz nesse caminho para se aproximar disso, dá sempre mais corpo ao que no objeto de desejo representa a imagem especular. (p.51)

A imagem especular, referenciada por Lacan (1962-1963/2005), oferece uma consistência senão faliciosa ao Eu, à medida que se sustenta por um vazio central, intransponível à significação: o objeto *a*. As formulações do autor sobre esse objeto no referido Seminário caminham em consonância com suas articulações anteriores sobre a constituição imagética do Eu e suas articulações no campo do desejo, a partir do jogo de identificação imaginária denominado “estádio do espelho”, formalizado por ele anos antes. Nesse jogo, a criança diante do espelho convoca o olhar do Outro para que este ratifique a imagem ali refletida, criando, assim, o que Lacan (1949/1998) chama de sua *imagem especular* [i(a)]. Marcus André Vieira (2008) interpretará a formulação do estádio do espelho como uma leitura lacaniana do narcisismo freudiano, apontando o que o psicanalista francês considera como a genialidade atribuída ao mito de Narciso, do qual Freud fez uso no desenvolvimento de sua teoria. Esta genialidade não se localiza na fascinação mortal do personagem por sua própria imagem, mas no modo como “a realidade de nosso próprio corpo só se constitui por intermédio da imagem” (Vieira, 2008, p.76). No estádio do espelho, Lacan institui uma abordagem que destaca “o momento em que o real do organismo é ‘vestido’ por uma imagem” (Vieira, 2008, p.76).

Com Musso Greco (2011), podemos pensar que a imagem especular da criança ocupa o lugar de “eu-ideal” e antecipa uma unidade em seu corpo desfragmentado a partir do olhar do Outro. Trata-se aqui de um corpo virtual marcado pelo significante e habitado pela libido:

[...] a visão do corpo inteiro no espelho desperta manifestações de júbilo na criança, que, imediatamente, olha para o adulto para encontrar, no olhar do outro, a confirmação do que vê no espelho, que passa a ser admirado por ela como seu eu ideal. (Greco, 2011, p.4.)

Essa imagem é, de partida, uma imagem ilusória, na qual a criança se aliena e que necessita ser reiteradamente autenticada pelo Outro para ganhar seus contornos. Desse modo, à menor distância que o sujeito toma do campo do Outro ele corre o risco de desfragmentar-se, pois, conforme pontua Vieira (2018) sobre a obra lacaniana: “nosso corpo vem do Outro” (p.147) e também do pequeno outro: a alteridade representada no espelho. Porém, é o Outro da linguagem que nos garante o distanciamento do plano imaginário da rivalidade narcísica. Lacan desenvolve essa ideia na Lição IX de seu Seminário 10 (1962-1963/2005), por meio dos fenômenos de despersonalização, que são a seu ver: “os fenômenos mais contraditórios da estrutura do eu como tal” (1962-1963/2005, p.134).

“A despersonalização começa pelo não reconhecimento da imagem especular” (1962-1963/2005, p.134), quando o sujeito não se encontra diante do espelho e, no lugar de $-\varphi$ (menos ϕ), emerge uma hiância, um furo de significação incapaz de recobri-lo, revelando aquilo que não se projeta na imagem especular. Esse resto não simbolizável, produto da operação de constituição subjetiva do sujeito, é nomeado por Lacan (1962-1963/2005) como objeto a : “é na relação do sujeito com o Outro que ele (o objeto a) se constitui como resto” [acréscimo nosso] (p.128).

Desse modo, Colette Soler (2012), em seu *Seminário de Leitura do texto lacaniano*, nos ajuda a elucidar a inscrição a partir da qual deriva o termo $i(a)$, tomado como expressão da imagem especular. Ele é composto por duas inscrições: “ i ” é expressão do primeiro investimento libidinal na imagem, enquanto “ (a) ” representa o resto inassimilável deste investimento, já que “nem tudo se investe na imagem” (Soler, 2012, p.29). Há um resíduo não imaginado do corpo, uma presença irrepresentável na imagem, nomeada como objeto a . O jogo de constituição imagética do eu fica assim submetido a esse resto operador, furo escavado no real pela linguagem e fundamento do sujeito desejante, pois isto que está perdido e não se projeta na imagem especular do sujeito é o que lhe garante a propulsão dos movimentos que o apetece (Soler, 2012).

Soler (2012) nos elucidada, ainda, como se estabelece a passagem de a a $(-\varphi)$ no ensino lacaniano dos anos 1960. Quando o objeto a chega à fase fálica, ele passa a ser inscrito com o termo $(-\varphi)$, instituindo a presença da uma falta fálica e inscrevendo a castração sobre o corpo do sujeito. A partir dessa castração se estabelece uma distância, uma mediação entre o sujeito e o objeto a . A inscrição do termo $(-\varphi)$ é, na interpretação de Soler (2012), a tentativa lacaniana de aproxima-lo do que Freud nomeou por castração. Porém, diferentemente da leitura freudiana, que aposta na emergência da angústia de castração pelo encontro com a ameaça iminente de perda do órgão, para Lacan (1962-1963/2005) ela emerge no encontro do sujeito com a carência desta função mediadora, que lhe possibilita certo distanciamento em relação ao objeto causa de seu desejo.

Assim, seguindo os apontamentos de Soler (2012), enquanto $(-\varphi)$ inscreve a falta fálica instituída pela castração, o objeto a escreve o objeto que falta na operação de constituição subjetiva do sujeito, vazio primordial oriundo de um corte que incide sobre o corpo do indivíduo e funda sua relação com este apêndice, com esta parte separada dos “envoltórios embrionários” (Lacan, 1962-1963/2005, p.136) de seu corpo. A inserção desse indivíduo na linguagem será responsável por “assujeitá-lo”, evidenciando que “ a é exterior antes de qualquer interiorização” (Soler, 2012, p.63), ou seja, é anterior à apreensão do sujeito por ele mesmo, tomado como imagem, atestada pelo Outro e ‘hystoricizada’.

2.6.4 O objeto a causa de desejo

Na Lição VI, *O que não engana*, do referido *Seminário 10* (1962-1963/2005), Lacan reconhece as inúmeras dificuldades que o isolamento da noção de causa produziu ao longo dos anos no campo epistemológico e todos os impasses inaugurados sobre esse conceito, que

há tanto já demonstrou sua insuficiência para tratar os problemas de ordem ôntica, sendo abandonado pelo campo científico. O autor, porém, justifica sua aposta nesse conceito apontando-nos a dimensão a partir da qual ainda é válido utilizá-la:

Não é a primeira nem será a última vez que terei que assinalar aqui que, se a função da causalidade se mantém, após dois séculos de apreensão crítica, é justamente por estar em um lugar diferente daquele em que a refuto. **Se há uma dimensão em que devemos buscar a verdadeira função, o verdadeiro peso, o sentido da manutenção da função de causa, é na direção da abertura da angústia.** [grifo nosso] (Lacan, 1962-1963/2005, p.88)

Pois bem, seguindo as proposições lacanianas, é na angústia que localizaremos a verdadeira função da causa, na medida em que esta é tomada como a abertura da fenda do sujeito, de sua “claudicação” – como nos diz Lacan em seu *Seminário 11* (1964/1993) –, daquilo que lhe falta e que excede o trabalho simbólico. O sujeito angustiado é aquele que se pergunta sobre a causalidade de seus sintomas, que interroga seu mal-estar à medida que este torna-se insuportável e lhe pede, em sacrifício, sua “libra de carne” (Lacan. 1962-1963/2005, p.139).

Como apontado anteriormente, a angústia manifesta-se no encontro do sujeito com o objeto *a*, no ponto onde faltam, no Outro, anteparos simbólicos e imaginários capazes de recobrir a falta constituinte do sujeito, produto da operação simbólica da castração ($-\phi$). Assim, com Costa-Moura (2006b), podemos pensar que Lacan opera uma reviravolta na noção da causa ao inserí-la, pelas vias da angústia, no campo da “objetividade”, deste objeto advindo de um corte que o significante incide no corpo por meio das tentativas reiteradas do sujeito em apreender sua imagem virtual.

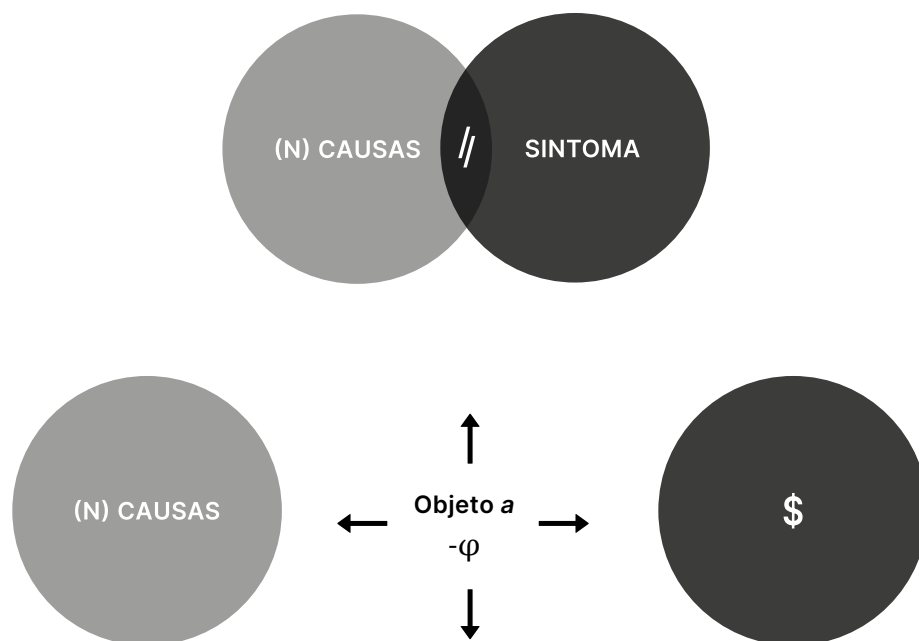
Assim, elucida-se que o que leva Lacan a se valer da noção de causa, nesse tempo de seu ensino, é sua aplicação ao campo dos problemas éticos, não ônticos. O campo dos problemas éticos na psicanálise é, prioritariamente, o campo de expressão do desejo. Assim, ao adotar a noção de causa em sua obra, Lacan a localiza neste ponto de claudicação, de fratura do campo simbólico, denominado como objeto *a*. A partir dele o desejo é causado, se vivifica e impulsiona-se em busca de satisfação. **Com essa formulação, Lacan reitera a desarticulação entre causa e efeito, a partir não só da hiância entre estas duas instâncias, mas desse ponto de não inscrição simbólica radical, responsável pela divisão estrutural do sujeito, a partir do qual a noção de causa passa a ser pensada.**

2.7 PARA CONCLUIR: “SÓ EXISTE CAUSA PARA O QUE MANCA”

O percurso de investigação teórico realizado ao longo deste capítulo nos revelou diferentes leituras sobre a hiância constitutiva da articulação entre causa e efeito, desenvolvidas pelos campos de estudos psicanalíticos e filosóficos. A partir deste último campo

encontramos, nas formulações propostas por David Hume e Immanuel Kant, tentativas de explicação e tratamento dessa hiância, justificadas pelo princípio do hábito ou pela conjunção entre categorias *a priori* e *a posteriori* do conhecimento humano. No campo de estudos psicanalíticos encontramos Freud, que localiza na hiância entre causa e efeito a ação do recalque, e Lacan, que seguirá pelos trilhamentos freudianos para pensar essa (des)articulação, porém acrescentando a esta sua novidade: o objeto *a*, tomado como objeto causa de desejo. Vejamos na Figura 9 como essa passagem se articula:

Figura 9 – Contraposição entre os esquemas da relação entre causa e efeito na obra freudiana e lacaniana



Fonte: Elaborada pela autora

A contraposição dos esquemas acima nos revela a novidade operada por Lacan na (des)articulação entre causa e efeito no campo de estudos psicanalíticos. Afastando-se das vias sexuais traumáticas dos estudos freudianos, a causa inconsciente no esquema lacaniano opera mais além da ação do recalque e instaura-se a partir desta divisão estrutural do sujeito, o que resiste à assimilação significativa no seu encontro com a linguagem, inscrito sobre a nomeação *a* ou $(-\phi)$. O emprego das diversas setas que circundam o objeto *a* no esquema lacaniano expressa a presença invisível desse objeto, o que anuncia o *lugar qualquer* sobre o qual esse logro pode se instaurar. O campo dos efeitos, por sua vez, continua sendo representado nesse esquema pela advento do sujeito barrado e de seu sintoma, tomados como efeitos do trabalho inconsciente e do retorno insistente das representações recalçadas.

Assim, conforme ressaltado na seção anterior, **ao inserir o objeto *a* no registro da causa, Lacan revela a hiância constitutiva do registro causal do desejo, não somente do ponto de enlace entre causas e efeitos.** A hiância constitutiva do registro causal im-

pede que este se articule com uma representação simbólica capaz de assegurar uma causalidade determinista aos fenômenos interrogados. Qualquer representação, tomada como causa, abarcará, por pressuposto, uma falta inerente ao registro simbólico, esboço do ponto de claudicação da relação entre causa e efeito. Essa claudicação sinaliza não somente a hiância constitutiva dessa relação, mas expressa o encontro do sujeito com a desarticulação do registro do sentido, o que o faz tropeçar, mancar, queixar-se. “Só há causa para o que manca”, como nos diz Lacan (1964/1993, p.27). A mancada expressa a impossibilidade do sujeito em localizar a causa de seu sintoma, afinal esta é atravessada pelas vias inconscientes do desejo, vias estas “não realizadas” ou prestes a se realizar (Lacan, 1964/1993, p.27) em consequência da ação do recalque. Esboça-se assim que, se atrelarmos a causa em psicanálise a um fato objetivo, cuja existência independe do sujeito para existir, ele pouco se implicará na causalidade de seus sintomas. Porém, ao deparar-se com esse tropeço, com a impossibilidade de prever uma causa específica para os efeitos que arrebatam seu corpo, o sujeito é convocado a implicar-se no mal-estar do qual ele se queixa e, assim, tomar-se como efeito de causas inconscientes.

Com Lustoza (2006) podemos pensar que a relação entre causa e efeito em psicanálise é, assim, inseparável da posição assumida pelo sujeito, sendo este responsável por aquilo que o causa. A causa, tomada como objeto *a*, não pertence ao registro objetivo, sendo, antes, aquilo que há de íntimo no registro subjetivo do sujeito. Assim, “se há algo do qual o sujeito não pode se eximir, alegando ter sido vitimado por uma fatalidade que o constrangeu, é o campo do desejo e do gozo” (Lustoza, 2006, p.182), instaurados pelo objeto *a*.

Pois bem, considerando o advento do sujeito como efeito de um trabalho em nível inconsciente, podemos pensar que a interrogação e responsabilização do sujeito sobre a causalidade de seus sintomas é precedida por uma constatação sobre os efeitos deste trabalho sobre seu corpo. É preciso, primeiramente, reconhecer esses efeitos para, em seguida, interrogarmos-nos sobre suas causalidades. Posto isso, nossas buscas evidenciaram não somente a relevância da argumentação defendida por Freud, Lacan, Miller e demais autores, ao propor a inauguração da práxis psicanalítica fundada em uma interrogação acerca da causalidade dos sintomas, mas também revelaram que o questionamento sobre a causalidade da neurose, sustentado por Freud, Breuer e Charcot, antecedeu uma descrição e uma análise minuciosa dos sintomas apresentados por suas pacientes histéricas, ou seja, um estudo rigoroso sobre o campo dos efeitos.

A partir dessa constatação, podemos ainda pensar que, se Freud e Breuer tivessem se detido apenas na descrição sintomática como método de investigação, pouco teriam diferenciado seus estudos sobre a histeria das investigações médicas vigentes. A escuta dos dizeres de suas pacientes sobre seus sintomas, lidos nesta dissertação a partir do campo dos efeitos, é o que permite a Freud e a Breuer (1895a/1996) distanciarem-se do método descritivo de observação médica e, assim, inaugurarem o campo de estudos psicanalíticos, sustentado pela aposta no saber inconsciente, tomado como alternativa ao esgotamento do saber médico na investigação dos sintomas histéricos.

Deste modo, considerando a dimensão real que atravessa a causalidade dos fenômenos em psicanálise, **podemos pensar que a relação de causa e efeito como uma operação de negativização estruturada a partir da disjunção constitutiva imposta pelo objeto *a***. A relação entre causa e efeito para a psicanálise não se dá pelas vias do princípio do hábito (Hume, n.d/2004), por meio das categorias *a priori* e *a posteriori* do conhecimento humano (Kant, 1781/2008) ou por uma relação experimental determinista, ela se constitui a partir dessa perda primitiva não significantizável que resta como corpo vivo, inquietando e impelindo o circuito pulsional dos desejos.

Para finalizar este capítulo, reforçamos nossa aposta em seguir nesta dissertação pelas vias dos efeitos, advertidas pela dimensão real do objeto *a* que atravessa esse campo, conforme nos apontou o percurso teórico desenvolvido até aqui. Sustentamos, assim, no capítulo que se segue, um esforço não interpretativo ou quantificável sobre a análise dos dados. Afinal, conforme nos pontua Vieira (2008), os efeitos em psicanálise “só podem ser avaliados em meio às representações de uma vida, desaparecendo quando se pretende o esvaziamento de toda emoção narrativa em prol da objetividade, que será sempre incompleta” (p.70).



Obra | Daniel Alves de Ligário

3 OS EFEITOS ORIUNDOS DAS NARRATIVAS MEMORIALÍSTICAS: O QUE DIZEM OS JOVENS?

“É sempre contra a corrente que a arte tenta operar de novo seu milagre” (Lacan, Seminário 7)

Inauguramos este capítulo, que tem como objetivo apresentar as construções desenvolvidas pelos jovens participantes da pesquisa *Adolescências e Leis* sobre os efeitos oriundos da metodologia de intervenção das Narrativas Memorialísticas, partilhando com nossas leitoras e nossos leitores recortes de fala de dois diferentes tempos interventivos da pesquisa *Adolescências e Leis* e das entrevistas realizadas no desenvolvimento desta dissertação.

Primeiramente, queremos convidá-los a sentarem-se conosco em roda, na sala localizada atrás do auditório do Centro de Referência da Juventude, localizado na Praça de Estação, região central da cidade de Belo Horizonte. Esse convite pode ser tomado como uma tentativa de voltar no tempo, sem o uso de atributos mágicos ou maquinário, mas pelas vias da escrita. No Centro de Referência da Juventude ocorreu, em junho de 2018, a Partilha ou Devolutiva, um momento de encontro entre os jovens participantes da pesquisa *Adolescências e Leis*, os artistas, os pesquisadores e os parceiros do núcleo PSILACS.

Conforme exposto no Capítulo 1, o momento da Partilha era destinado a devolver aos jovens os achados recolhidos e as obras de arte produzidas a partir da escuta de suas histórias de vida. Assim, a primeira seção deste capítulo, tecida a partir do registro audiovisual da Partilha, fica reservada à transcrição de algumas das falas partilhadas naquele terceiro tempo interventivo, em uma tentativa de transformarmos as imagens registradas em texto¹⁶.

Essa tentativa será seguida por uma análise do Professor Antoine Masson (Université Catholique de Louvain) sobre os operadores subjetivos que engendram a metodologia das Narrativas Memorialísticas e, assim, promovem deslocamentos e suscitam efeitos. Em seguida, na seção 3.2 deste capítulo, partilhamos com nossas leitoras e nossos leitores os recortes de fala dos jovens, oriundos de entrevistas semiestruturadas realizadas com eles. A partir das entrevistas procurávamos escutar os efeitos ressoantes da participação daqueles jovens nos três tempos interventivos da pesquisa *Adolescências e Leis*: Narrar, Criar e Partilhar. As entrevistas foram realizadas cerca de um ano depois do momento de Partilha, entre agosto de 2019 e fevereiro de 2020. Os recortes das entrevistas serão expostos e comentados, a princípio, individualmente e seguirão nosso esforço não interpretativo das falas registradas. Interessamos compartilhar com nossas leitoras e nossos leitores o que em nós ressoou a partir da escuta das falas e que impulsionou nosso trabalho de busca teórica. A partir dessa busca encontramos, na interface de estudos entre arte, psicanálise e filosofia, um rico arsenal de leitura que fomentou grande parte de nossos debates sobre os efeitos nomeados pelos jovens. A conclusão deste capítulo fica reservada a um debate sobre os pontos de enlacs e desenlacs desses efeitos.

¹⁶ O registro audiovisual da Partilha pode ser acessado através do link: https://drive.google.com/file/d/1GX7baGzrwodem4TkSpixt_6a0p3bX_kY/view?usp=sharing

Pois bem, antes de adentrarmos o momento da Partilha, façamos uma breve ressalva sobre o modo como desenvolvemos nossa metodologia de exposição e análise dos dados neste capítulo. Diante da preciosidade das falas dos participantes, colhidas ao longo desses dois tempos interventivos – Partilha da pesquisa *Adolescências e Leis* e entrevistas semiestruturadas, realizadas ao longo da presente dissertação –, a escolha por determinados recortes de fala, em detrimento de outros, foi feita considerando a atenção voltada ao nosso objeto de pesquisa: **a escuta e o debate sobre os efeitos da metodologia de intervenção das Narrativas Memorialísticas nos jovens participantes da pesquisa *Adolescências e Leis***. Os recortes apresentados seguem a cronologia temporal, a partir da qual estes foram narrados às pesquisadoras, não sendo compostos de forma aleatória ou com acréscimo de palavras ou expressões.

O uso das reticências entre colchetes [...] sinaliza que ali houve um recorte na apresentação das falas e demarca, por trás destes três pequenos pontos infinitos, a riqueza das outras tantas falas partilhadas. Os grifos feitos ao longo das falas também acompanham um olhar atento sobre nosso objeto de pesquisa. Sua adoção foi inspirada nos valiosos direcionamentos apresentados por Mario Elkin Ramírez (2012) sobre a análise de dados aplicada às investigações psicanalíticas de fenômenos sociais, em consonância, e não como equivalência, ao conceito de categorias emergentes proposto pelo autor.

A partir de um importante trabalho de retomada histórica dos manuscritos de Freud, Ramírez (2012) aproxima as categorias emergentes de o que seriam os “sublinhados” que Freud fazia em suas anotações pessoais de casos clínicos. Esses sublinhados demarcavam temas importantes das falas dos pacientes, o que contribuía para se pensar a direção do tratamento e para as formulações de uma teoria psicanalítica dos processos mentais. Desse modo, podemos pensar as categorias emergentes como pontos de saturação da fala, a partir dos quais emerge o sujeito do enunciado recalcado por uma infinidade de ditos.

Não firmamos aqui o compromisso de explorar esses ditos um a um, nem garantimos suas condensações e enlaces às categorias teóricas, como nos propõe Ramirez (2012). Interessa-nos, aqui, valer-mo-nos desses grifos como uma ferramenta de partilha de leitura e comunicação com nossos leitores. Convidamos vocês a fazer também seus grifos ao longo deste percurso de leitura.

3.1 A PARTILHA

*Estamos no Centro de Referência da Juventude - CRJ, localizado na Praça da Estação, no centro da cidade de Belo Horizonte. Em uma das salas que compõem os tantos espaços desse Centro reúnem-se jovens, artistas e pesquisadores participantes da pesquisa *Adolescência e Leis*. Estamos todos sentados em roda, corpos brancos e negros estão presentes. Como sugere a boa acolhida mineira, o pão de queijo e o café estão sendo preparados.*

As professoras Andréa Guerra (UFMG) e Jacqueline Moreira (PUC-MG) tomam a palavra, localizam a pesquisa e o objetivo do encontro: “O que motivou a gente a fazer esse encontro foi agradecer a vocês, a vida sem gentileza e solidariedade não funciona” (Andréa). Alessandro Santos, parceiro do núcleo PSILACS, é o mestre de cerimônia do dia, responsável por animar a conversa e fazer a palavra circular. De início, ele propõe “franquear a palavra” e, assim, cada um de nós se apresenta.

ALESSANDRO [...] “Não dá para escutar uma vida, escutar alguém, escutar uma voz sem que a gente dê um retorno. Este é um ponto de partida crucial que precisamos destacar: que a ideia não é ir lá escutar e pronto. E nós ficamos aqui estudando isso entre nós. Sobre a temporalidade, queria destacar que a criminalidade é um tema estudado há décadas por alguns de nós e a gente sempre tá se perguntando: ‘mas como é isso? Como é a vida na favela? Por que tanta morte, por que crime? Quais são as saídas? O que as pessoas inventam para viver diante de tantas precariedades?’. Essa pergunta é mais uma pergunta sobre a vida nas favelas do Brasil, a vida nas periferias, mas não faz sentido fazer isso sem escutar a vida dessas pessoas, quem passa por isso é quem pode dizer disso. A gente estuda, estuda, estuda, mas, e aí? Vamos escutar a vida dessas pessoas? É hora de escutar as pessoas! Essa é a ideia de escutar vocês.

Chegamos até vocês por vários contatos, várias redes. Escutamos vocês e ficamos impactados, porque a vida e as narrativas extrapolam o texto que a gente estudava. Vocês sabem disso muito melhor que a gente. Uma coisa é o texto e uma coisa é o texto que vocês produzem sobre a vida de vocês. Diante desse impacto de escutar vocês, pensamos: ‘o que a gente faz com isso?’ Vamos chamar mais gente para conversar, vamos abrir para que outras pessoas também possam compartilhar com a gente e entrar nessa. Como o André disse: ‘tamo junto’.

ANDRÉA É dar forma de uma outra forma, fazer a voz aparecer.

ALESSANDRO Fazer ecoar. A ideia é produzir ondas, como uma pedra na lagoa. A ideia é esta, estamos aqui produzindo ondas. Então, em um terceiro momento foram apresentados esses relatos para os artistas. **Os artistas trouxeram um olhar sobre o que escutaram. A ideia hoje é devolver o presente pelo olhar dos artistas, mas como voz para a gente também é importante, a gente quer escutar vocês sobre o que os artistas escutaram.** Na minha terra chamamos isso de ‘troca-troca’. É um troca-troca que vamos fazer hoje: devolve, mas volta de novo para continuar ecoando. Tem uma temporalidade nisso. Você quer falar sobre o troca-troca, Blitz? (Risos)

BLITZ Para mim isso é muito louco, porque eu canto Rap, então eu canto a minha vida e a vida das pessoas ao meu redor e hoje estarão contando a minha vida. É **a inversão dos papéis** e eu tenho que dizer que fiquei surpreso com o convite, porque, como o Ales-

sandro falou, tem muito isso mesmo: **‘Venha a nós, mas ao nosso reino nada’**, mas quando veio o convite eu falei assim: ‘opa!’. Aí a parada vai mudando, é outra cena. Parabéns pela iniciativa e é uma iniciativa que faz bastante diferença no campo. Quando voltarem na comunidade já vamos ter um olhar diferenciado sobre esta equipe aqui, o qual nós não temos por outras.

ANDRÉ

Para mim, **também é a primeira vez que eu recebo este convite.**

ANDRÉA

Descobrimos isso ao longo da pesquisa: ninguém está sozinho no mundo. Sempre que escutamos uma voz, pensamos alguma coisa sobre aquela pessoa. Nem todos nós conhecíamos vocês, nós conversávamos entre nós, a princípio sobre pessoas anônimas que nós queríamos que tivessem cara, corpo, origem, cor, sexo, né? **Então, encontrar vocês teve a ver com fazer com que essa voz tenha um corpo, uma presença, mas teve a ver também com o que nos afetou.** Como as pessoas não vão lá devolver as pesquisas, talvez vocês não saibam que a vida da gente se transforma muito quando a gente conhece a vida de vocês. Porque a gente também tem que repensar a nossa vida, as nossas escolhas, as nossas decisões, os nossos silêncios, as coisas que a gente não faz e deveria fazer às vezes, as que a gente faz e são importantes. A gente também se repensa. E a gente descobriu, nesta pesquisa, que isto em que um afeta o outro, a gente não sabia muito bem como traduzir e falar. E aí veio a ideia dos artistas, que veio a partir de uma crítica que a gente recebeu sobre a forma como a gente trabalhava. Vocês estão elogiando, mas, às vezes, a gente é criticado no meio. Veio então essa ideia de ver se alguém poderia traduzir, falar de uma outra maneira, de uma linguagem mais diferente. Porque a nossa linguagem é muito técnica, é muito científica, é uma linguagem que às vezes não fala com o outro e a gente não queria repetir isso. Então, quando fizemos esse convite e vocês generosamente aceitaram, é a generosidade de cá, a generosidade de lá, e aceitaram fazer este trabalho. O que aconteceu com a nossa equipe de pesquisa? A gente viu gente, a gente viu muito gente viva! O que mais apareceu nas obras de vocês foram as pessoas, o que tem de humano em cada um de nós. Então, quando a gente vê o humano, o que é comum do humano na história de vocês, cada um se humaniza. Aí, não dava mais só para ficar fazendo, por exemplo, um artigo, que é o que a universidade espera da gente. Precisávamos devolver para vocês. A pesquisa era assim: o que é do jovem nas escolhas dele e o que é da sociedade nas ações, omissões, nas formas de representar o jovem, né? E vocês todos falaram muito disso: o que é ter um corpo negro, um corpo homem, andar pela cidade, não andar, andar só pelas quebradas em algumas situações. O que é o encontro com a polícia, o que é um encontro com um branco, com o outro branco em um espaço que deveria ser para todos. Nós fomos descobrindo, nesta pesquisa, que essas afetações nos determinavam, a todos nós: jovem, equipe, e nós queríamos dizer isso para os artistas também [...] O que nós fomos percebendo? A vida é a soma desses afetos. Nós não queremos ser vistos como aquele que desapropria, que tira e não devolve.

Nós não acreditamos nessa forma de vida. Assim, pensamos que tínhamos que agir também pela forma como a gente acredita, por isso este encontro também. Como isso vai transformando a gente! Então, a ideia deste encontro, como Alessandro coloca. Aí, acho que cada um podia tomar a palavra para dizer da sua experiência antes de fazermos essa troca. Foi uma experiência de compartilhar e vimos que o outro pode ser uma porta aberta, uma porta fechada, um tapa na cara, ele pode ser um carinho... E cada um de nós, fazendo um corpo maior, que é a vida nas quebradas, na favela, no asfalto, na cidade. Cada ação nossa, nós pudemos entender na pesquisa, cada ação é uma interação. Estamos sempre agindo uns sobre os outros e o que a gente fala modifica o lugar da pessoa que tá escutando. Este foi um grande aprendizado. Se a gente puder dizer sobre o que a pesquisa nos ensinou é que essas relações determinam as nossas posições, e que umas pessoas resistem, outras inventam coisa nova, outras acabam acreditando no pior, né? Não no melhor, porque recebem tanto olhar do pior... Então a gente quis fazer essa devolução para compartilhar o que a gente aprendeu, por uma linguagem que é esta nossa do dia a dia, que não é só na universidade.

JACQUELINE A gente aprendeu uma coisa que todo mundo sabe, que a vida é vivida, com suas escolhas, com suas dificuldades, e a vida é partilhada. Nós queremos fazer isso: viver a vida e partilhar. Queríamos que estivesse todo mundo, mas fazer o quê?

ANDRÉA Esta devolutiva é um momento nosso de dizer que toda vida vale a pena [...]

A palavra circula, os artistas partilham suas experiências a partir da escuta das Narrativas Memorialísticas e da produção das obras¹⁷.

TIAGO AGAR Então, é muito delicado tomar esta fala porque são vias duplas, triplas que acontecem, que se constrói a partir da vivência, da obra. Houve, para mim, uma reformulação do meu pensamento enquanto artista. Uma coisa que eu estava conversando com o Alessandro antes de começar é que eu entrei na faculdade neste semestre. E eu percebo que, mesmo estando na faculdade de artes, nós temos que tomar um cuidado enorme para que a gente não perca o nosso foco e a nossa tranquilidade enquanto artista. Porque dentro da universidade há conceitos, há enquadramentos e grades que realmente te prendem; e isto, para um artista, é desesperador. Porque você perde sua autonomia, o seu lugar e o seu prazer. Parece que a universidade te dá um molde, meio que por fora, ela não assume isso, mas ela vai te colocando no lugar. No ano passado, quando eu recebi a história, o convite, de forma muito louca, que foi como eu entrei neste projeto, eu não esperava ouvir e vivenciar nas minhas memórias, na

¹⁷ Seguindo o objetivo deste trabalho, apresentamos apenas algumas das falas dos artistas. Há outros testemunhos e falas feitos ao longo da Partilha que não foram reproduzidas nesta dissertação, mas que poderão ser acessados através do link disponibilizado na nota de rodapé anterior.

minha vida, no que eu ouvi, o que eu senti. É o que vocês disseram: uma coisa é você ler um texto e ter uma ideia a partir do texto, de um filme, de uma obra, mas outra coisa é você estar de fato com uma pessoa que vivenciou esse lugar, então te coloca... Eu me senti destruído, mas com profundo respeito. Empatia é muito pouco! Profunda admiração e cuidado. Eu tive muito zelo em fazer o projeto, em fazer uma ideia que realmente colocasse esse jovem realmente no lugar desta obra, ele falar da minha voz a partir do meu entendimento. Porque é muito fácil a gente, como artista, sem querer, tomar um lugar e meio que tomar conta, tomar espaço de algo que não é nosso. Então foi e está sendo uma experiência de desconstrução, de reformulação, porque a profissão de artistas, o ofício é muito frágil e nós estamos nessa ondulação o tempo todo. Quando eu recebi o áudio, a história, é como se traçasse uma linha: ou eu fico e não tomo parte disso ou eu vou e vou munido de cuidado, de respeito e com todos os olhares abertos. Senão seria somente mais uma obra, mais um lugar que teria meu nome para falar: “eu fiz isso”, não daria lugar e voz a realmente quem precisa.

Eu estou tendo uma discussão quase diária sobre ‘lugar de fala’. Nós temos que repensar, não só os artistas, mas todas as pessoas, como a gente usa um lugar como laboratório, mas como a gente cuida e devolve para este lugar o que precisa. Porque senão a gente só usa e não devolve. A gente foi lá bebeu da fonte, mesmo que seja dolorida, que seja difícil, mas para enaltecer nosso trabalho, então é muito importante manter a voz, dar voz a pessoas e grupos que, enfim, uma sociedade maior diz que não há separações, não há minorias, mas que há. Então, de ressaltar essa voz, de mudar o campo em jogo, trazer quem está embaixo para cima, colocar voz, potência, força. Não adianta só falar: ‘eu acho que deve ser isso, não pode ser isso’. Não! É preciso colocar este corpo, esta vivência, a história deste lugar.

É isso que eu consigo falar no momento. Eu me sinto profundamente honrado em estar participando deste processo, de ter escutado, de estar vivenciando este lugar, e agradeço muito a todas as vidas, aos jovens que resistiram muito para estar aqui neste lugar, que acredito que poucas pessoas conheciam.

Que seja à mais, que seja ocupado, que seja enraizado, sabe? De outra forma, de outro jeito. Parar com este discurso de achar o que o outro vive e passa, mas realmente ir neste lugar e contar sua história. Acho que é por aí.

[...]

ANA DRAWIN

Sobre poder devolver aquilo que a gente vivenciou. Eu acho até muito curioso que este momento de devolução seja raro. Eu posso falar com tranquilidade, do fundo do meu coração, onde eu escutei. Eu estava sentada, o que eu estava fazendo, como era a garrafa de água que estava do meu lado... Eu vou chorar, gente, desculpa! O que estava acontecendo comigo, o que eu estava sentindo quando eu escutei o relato pela primeira vez. É uma coisa tão forte que é impossível não querer devolver isso para o mundo e para a pessoa que me deu aquilo. Porque eu sei o frio que estava fazendo, da pouca luz que estava vindo, era um fim de tarde, e de todas as sensações que eu tive de

escutar aquilo ali e eu precisava muito gritar para alguém, qualquer pessoa que fosse (pausa). Eu precisava muito gritar para alguém aquilo que eu ouvi. Por mais que seja uma situação muito diferente daquilo que eu convivo, porque eu não posso esquecer que, por mais que eu tenha dado, eu tenha recebido, e recebi de braços abertos a possibilidade de poder escutar, mais do que ter recebido este carinho da pessoa ter me dado a história dela, eu sou uma pessoa que vem de outro lugar, um lugar de privilégio, então eu tinha que receber aquilo com muito cuidado. Nada mais justo do que eu devolver para o mundo aquilo ali. Gente, foi uma coisa muito forte, para eu lembrar assim com detalhes o que eu vivi, o que eu senti, o que eu pensei e o tanto que aquilo me mudou e me tocou. É impossível! Eu precisaria escrever 4.000 páginas, subir na praça e gritar: 'prestem atenção nisso aqui!'. Por mais que isso não seja a minha vida, porque eu venho de um lugar muito diferente, eu não sei quem foi, qual de vocês, por mais que seja um lugar muito diferente e que tivesse muita dor até na voz. O que eu mais conseguia escutar ali era amor, e eu não sabia o que eu fazia com aquela informação, porque era um lugar de muita violência, de muita dor, e eu ali pensando: 'meu Deus, como pode ter tanta dor no jeito de falar e tanto amor naquele contexto que é de muita violência?'

Dois momentos que me marcaram muito quando eu estava escutando e quando eu estava escrevendo. Foi ele falando do amor dele pelo irmão e da violência por causa da tentativa dele de proteger o irmão, a violência que se formou em torno disso. Me perguntava como aquilo era possível, em meio a tanta violência, tanto amor! Nos relatos ele contava que a namorada dele estava grávida e que ele queria uma menina, se possível. E quem estava entrevistando perguntou: 'você tem algum nome, alguma ideia?' E ele disse que queria que se chamasse Sofia, se fosse uma menina. E eu comecei a chorar, eu não aguentei. É muito difícil, é muita gente falando que você não pode fazer, que você não é capaz. O tempo todo, a sociedade, o mais alto escalão, o mais baixo, todo mundo falando que você não dá conta. E aquela vida ali, ele me vira e fala, no meio daquela dor, que ele queria colocar o nome da filha de Sofia, que significava sabedoria. Eu falei: 'Ah! meus Deus, tem poesia, delicadeza, maior que isso?' Você conseguir, no meio das pedras, catar todos os cacos e falar: 'eu sou maior que todas estas dificuldades, eu vivi as dificuldades, sei quais são elas, mas eu tenho muito amor para dar para o mundo, eu tenho tanto amor que eu escolhi um nome que é sabedoria, para dar para um outro ser que ainda nem chegou no mundo, que ainda nem se sabe se vai ser menina ou não'. É de uma beleza que eu fiquei muito tocada, e só tenho a agradecer.

[...]

**GABRIEL
PORTELA**

Acho que por toda essa questão que você falou, que a gente fica em uma caixa, que a gente é moldado, eu, pelo menos, eu fiquei muito mecânico, meu dia a dia era muito mecânico. E eu não tinha mais tempo de sentir, por exemplo, nada, tanto que eu não escrevia há muito tempo, eu não tinha inspiração. Ouvir a entrevista foi para mim um reencontro com a inspiração, porque eu lembro que eu também escutei no ôni-

bus e eu fui ouvindo. Eu não sei o que eu senti, não sei se foi amor, mas eu senti um sentimento de vida que eu não entrava em contato há muito tempo. Então, eu é quem agradeço.

[...]

Blitz pede a palavra: “deixa eu falar uma parada aqui” e canta um Rap:

“Nunca subiu na favela para falar do que cê fala
 Só demagogia atitude de canalha
 Em sua pretensão nunca teve lá para ver
 Mas sempre critica o meu jeito de ser
 Diz que sou bandido, pilantra e vagabundo
 Fale o que quiser, pois não pertença ao seu mundo
 Não sou eu quem subo o morro atrás de farinha
 Não sou em quem fico enchendo com várias tretinhas
 Na sua classe social quem tem não vai dividir
 E eu faço o meu Rap só para você refletir
 E quem espanca gato não mata um leão por dia
 Com um salário mínimo sustento a minha família
 Na minha marmita: arroz, feijão e ovo
 Neste Brasilzão é a comida do povo
 Você com grana, vive isolado na mansão
 Como tem dinheiro come de tudo que é bom
 E eu lá no morro sem uma casa para morar
 E você com várias casas com piscina a beira-mar
 Fala da minha classe, da minha condição
 Mas compra meu som para curtir os bandidão
 É daquele jeito me chama de vagabundo,
 mas curte meu som e espalha para todo mundo.
 Quem espanca gato não mata um leão por dia,
 aqui é muleque doido, crescido em periferia”.

(Longo aplauso)

Alessandro e Blitz se abraçam.

Inicia-se a partilha das obras.

Blitz recebe sua obra das mãos de Ana Carolina Dias, pesquisadora do núcleo PSILACS. O artista que a criou não esteve presente no momento da Partilha.

Blitz abre o embrulho, fica um tempo analisando a foto recebida.



Obra | João Victor Couto; Coleção: Pesadelo Assistido

BLITZ Eu sei o que é, é uma mesa de sinuca, eu pego o Pedrinho direto lá no... (Inaudível).

Blitz exhibe aos outros a obra com um sorriso no rosto.

BLITZ A vida é um jogo, né, gente? E a gente tem que saber jogar e quando a gente joga, a gente envolve outras pessoas no jogo. E quando a gente encaçapa a bola, já fazendo um trocadilho com meu presente, quando a gente encaçapa a bola na caçapa logo de cara, conseguimos ter resultados inimagináveis, tanto para a gente quanto para o lugar que a gente mora. E nós estamos neste jogo lá no Taquaril, com a casa do Hip-Hop, com a Cultural, e estamos conseguindo envolver as pessoas neste jogo. E com certeza todos nós sairemos ganhadores deste jogo. Muito obrigada! Não sei se vai para o meu quarto, se vai para a casa do Hip-Hop. Vou fazer uma exposição! (Risos)

Pedro Henrique recebe sua obra das mãos de Ana Carolina. O artista que a criou não pôde estar presente no momento da Partilha.



PEDRO H.

Eu tenho que agradecer. Diferente das outras pessoas, vocês tentam ver o que realmente acontece onde a gente mora, na comunidade. Porque a gente se sente excluído. Não é querendo fazer de vítima da sociedade, mas é a verdade, e quem está lá dentro sabe como é. Eu trabalho no Tribunal de Contas e a gente costuma ver as pessoas criticando muito a comunidade. Por exemplo: tem um caminho ali que se pode passar pela favela para ir em algum lugar, e a pessoa pergunta ‘Ah, será que é perigoso?’ As pessoas só veem isso e não veem que tem muitas pessoas bacanas lá e que tem pessoas que precisam de ajuda. Talvez se tivesse aqui e conhecesse poderia seguir um rumo totalmente diferente. É isso!

**JULIANA
MORGANTI**

A fala do Pedro bateu forte em mim porque eu sempre pensava assim: ‘vou estudar muito, vou ser foda, vou ler demais e eu vou sair de onde eu moro. Eu vou sair deste lugar, vou sair dessa vida’. E eu saí, que vergonha de pensar assim! (Choro). Me desculpe, gente. A gente tem que voltar!

PEDRO H.

Você falou em sair, muitas pessoas já me perguntaram se eu quero estudar para sair de lá. Isso é uma coisa que a gente vê que é um preconceito das pessoas. Eu sinto isso como um preconceito. Por que sair? A gente tem o poder da escolha, independente do lugar que a gente estiver, a gente vai poder escolher o caminho que a gente vai seguir, independente da situação. Não é porque você mora em um lugar que o crime domina que você tem que seguir o crime, a gente tem escolha. Eu gosto de morar, eu não tenho vergonha, eu tenho orgulho. Se tiver que sair, não vai ser por preconceito. Vai ser porque talvez seja melhor para mim. Por outros motivos, mas nunca por isso, porque eu tenho muito orgulho, muito orgulho mesmo.

**JULIANA
MORGANTI**

Há uma diferença entre mudar de lugar e mudar o lugar. E, assim, a pessoa que vai ser presenteada, que eu acho que foi o contrário, em que fui presenteada, ele é uma pessoa que muda o lugar. Eu vou ler! A Ana falou do amor, eu também senti amor, mas senti também uma vontade de liberar um grito, sabe? E eu sentia que quando eu escrevia eu queria colocar um tom mais agressivo, mas não é agressivo, é bravo mesmo com tudo isso. É bravo amorosamente, igual a mãe fica brava com a gente. Então saíram duas coisas. A primeira é: “Meu nome”, para o André. Ele conversou com a gente¹⁸ e falou: ‘põe meu nome’.

Leitura do poema “meu nome”

Meu nome

Juliana Morganti

Não vendo minha miséria
Para dar a seu estudo lume
Não viro lata na vida
Vivendo pra fazer meu nome
Meu nome é quebrado
Na quebrada é nome próprio
Roteiro de uma vida inteira
Rondó de mundo opróbrio
Meu nome! Fale, escreva
Meu nome, pra virar homem paguei com liberdade
Meu nome na sua boca, respeita
Meu nome na minha boca, respeita!

Poema | Meu nome de Juliana Morganti

¹⁸ Juliana Morganti participou da pesquisa Adolescências e Leis como pesquisadora e artista, tendo participado ativamente do momento de recolhimento das Narrativas Memorialísticas dos jovens, da análise dos dados e da produção das obras.

André recebe outra obra, também de autoria de Juliana Morganti.

Poema | Re-voltar de Juliana Morganti

Re-voltar

Juliana Morganti

Vem aqui o poeta a me escutar

Dar-me voz para por mim falar

Volta aqui, volta de novo, já te revejo revoltado

Revolta em meu nome, sou escrito renomado

Refletido, reincido

Reeducado, repenso

Redimido, remendo

Remexido, renegado

Reescrito (re)voltado

Revire seus versos

Repoemas controversos

Juliana e André se abraçam emocionados.

ANDRÉ

Eu estava pensando nisso, que às vezes começa um trabalho eterno, que vocês têm um **start** lá para começar o trabalho e a história diz de **starts na vida das pessoas**. Da mesma forma, os jovens e as nossas histórias têm a história e têm um **momento de start**. Encontra as suas histórias com as nossas e, aí, são dois **momentos de start também**. **As nossas histórias, a gente vê que deu um momento de start no trabalho de vocês, é a maior satisfação!** E a gente encontra aqui e, às vezes, **tem outro start também**, até para nós. Eu estou vendo como vocês levaram a sério isso e **como o nosso start tocou vocês**.

César recebe sua obra das mãos de Jean, o artista que a produziu. Ele declama um trecho da obra.

Performance

Podem entrar, esta ponta é o meu pedaço de infinito particular. Por favor, sentem-se, não se acanhem. Podem se sentar em qualquer lugar, menos nesta cadeira azul desbotada. Aí não pode. (Silêncio). Esta cadeira é sempre reservada para algo que pode a vir acontecer. Eu vou me apresentar de modo que eu seja incompleto (pausa) ainda estou me formando. Sou isso que vocês estão vendo (pausa) até agora. Estes brinquedos espalhados são meus, sim, são o que restou da minha infância. (Silêncio). Talvez tenham restado outras coisas, algumas marcas de lágrimas, um pouco de saudade, (pausa), eu já nem sei, algumas lembranças boas. Se eu colocar um travessão no próximo parágrafo (pausa) minha fala seria tão dramática quanto Shakespeare. E meu quarto, ah, meu quarto seria o cenário de um drama mui íntimo. Prefiro:

— Agora posso me apresentar um pouco mais (pausa), caso ache que eu tenha sido muito vago. O teatro tudo transforma. Ao teatro tudo transforma. (Silêncio). Eu gosto de palco. (Silêncio). Por quê? Ah, eu sou um dançarino. Dançar é o porquê...

Silêncio.

— Quando eu era criança, tinha apenas um amigo. Alguns brinquedos. Na minha introspecção, era o suficiente. Então minha mãe me levou à igreja...

Silêncio.

— (gritando) Mãe! Mãe! (Silêncio). (volta o tom normal) Minha mãe é uma santa. (gritando) Mãe, você me desculpa? Me desculpa, mãe! (volta ao tom normal) Ela e eu temos uma relação complicada. Já brigamos diversas vezes, me arrependo tanto. Houve um dia que até denunciar ela para à polícia, eu denunciei. (Silêncio). Foi uma briga que me ardeu a pele. (gritando) Mãe! Eu te desculpo também, mãe. (volta ao tom normal) Minha mãe sempre foi o meu maior exemplo em questões de estudo. Ela esta na segunda graduação dela. Que orgulho dessa mulher.

Silêncio.

— Como eu ia falando... Minha mãe não se dava por satisfeita, então, me levou à igreja e nesse dia teve uma apresentação de dança. Uma apresentação de dança, linda. Aquilo me encheu os olhos. (Silêncio contemplativo). Talvez esta

seja a parte mais lírica da minha história e se eu tirar os travessões no próximo parágrafo e quebrar as linhas, como numa dança quebro meu corpo, minha fala então seria um poema.

Dança, menino, na luz azul

Que da música se faz vida nova

Quebra teu corpo

Estende tua alma

E o demônio se acalma

Dança que a solidão

Caída aos teus pés

É palco, tua morada

Dança que no vazio da noite

Começa a tua longa, longa jornada.

A prosa irá nos acompanhar a todo momento, volta drama, entra poesia. Para que meu corpo seja a morada da arte. (Silêncio). Ah, sim! Meu pai. Meu pai sempre me apoiou muito. Entrei na companhia de dança, fiz aulas. Eu pude finalmente sentir meu corpo de uma forma que nunca havia sentido. E sempre que me via longe de toda aquela gente, e aquela música, estar longe até mesmo do suor, me deixava triste. Meu pai sempre me apoiou muito, sim. Seguir a dança, aonde estes passos podem levar, é um caminho árduo. Segue-se o drama:

— (mudando a voz) "Dança não dá futuro". (volta o tom da voz) Eles disseram.

Silêncio.

— O tempo já vai apressado, né? Estamos atrasados? Sempre tenho a impressão de que algo corre a minha frente (levanta-se). Podem fotografar os brinquedos, mais cedo ou mais tarde só nos restaram as sombras do passado. Uma folha seca para marcar o tempo que passou. Não, a cadeira azul, não!

Silêncio.

— Algumas coisas sempre ficam entaladas nas nossas gargantas. Das quais, no meu caso, só posso liberar em passos, em alguns passos de dança. Às vezes me pego dançando na rua, no ônibus, onde quer que a arte esteja. A dança quebra meu corpo, expõe minha alma. Me fez ser menos triste. Me fez ter mais amigos. Conheci pessoas maravilhosas. Das quais quero sempre estar perto, por isso

a cadeira azul. Caso algum amigo chegue de surpresa, uma adorável surpresa... possa ter onde se sentar. (começa a dançar).

Silêncio.

Dança por algum tempo. Entristece-se. Para. Silêncio.

— Se pudermos dizer (pausa) hoje (pausa) aos amigos de vocês o quanto gostamos deles, (pausa) mudariam a forma com que vocês enxergam a vida. Há alguns anos perdi um amigo, ele me visitava todos os dias (pausa) para me abraçar. É uma luz que, (pausa) quando este palco apagar, (pausa) eu nunca me esquecerei.

Vão-se os amigos

Ficam as cadeiras azuis

Os sorrisos macabros

E o gosto amargo na boca.

O gosto d'uma palavra presa

Que hoje muito escondida

Tampa a boca de uma represa

De água salina.

Vão-se os amigos

Ficam as cadeiras num canto qualquer

Que nem depois da dança

Serve para descanso de pé.

Há muito para ser dito e tão pouco tempo nos resta. É chegada a hora da partida. Muitas histórias virão depois do fim. E é preciso ir para vivê-las. Conto-as se algum dia me for dada a oportunidade. Agora eu vou, vou fazendo o que faço de melhor. Em drama:

— Adeus meu ouvintes. Vou viver histórias no horizonte do ponto final. Vou fazendo o que faço de melhor: dançando.

Sai dançando. Cortina. Fim.

JEAN

Meu texto é híbrido, eu escolhi o gênero narrativo e dramático justamente com a coisa que vocês falaram no começo, que eles fizeram tantas coisas e, então, um gênero só não daria conta de recortar tudo aquilo que eles fizeram. Então eu precisava misturar as coisas. Isso me mudou porque eu mudei a forma de como eu escrevo, eu não escrevia assim.

CÉSAR

Eu não sou muito bom em comentar, também não sou muito de falar assim, também sou meio tímido, meio quieto, gosto de ficar meio afastado. **Eu gostei muito do modo como você escreveu, com pausas e silêncios, reflete muita coisa que aconteceu comigo. A parte que eu mais me sinto tocado é quando você falou do amigo.** Eu não tenho tanto medo de falar dessa história, eu até gosto de falar, para ver até o quanto eu fui errado e isso me fez mudar. Que é como a gente age com os outros, às vezes com preconceito, vergonha. Eu gosto de contar essa história para muita gente. Esse meu amigo era deficiente mental, tinha problema para fazer qualquer coisa na escola, mas tinha um amigo que ajudava ele: eu sempre estava do lado dele, ensinando, brincando, sem vergonha dele, sempre do lado. Mas começou a passar o tempo e eu me afastei dele, deixei ele meio de lado. Eu lembro um dia na escola, o último dia de aula, todos nós nos despedindo, assinando as camisas: ‘vou lembrar sempre de vocês’. Ai ele chegou em um canto, ajoelhou e fez isso aqui: (César faz um gesto com as mãos, erguendo-as com os dedos indicadores esticados) ‘Obrigada Deus pelo meu amigo. Obrigada Deus porque eu gosto muito dele!’ Apontou para mim e disse: ‘eu te amo, muito obrigada’. Eu fiquei muito sentido nesse dia e, depois de um tempo, eu perdi o contato com ele. Ele tinha ido para uma escola especial, sofria com doenças, todo dia passava lá em casa para tentar conversar, mas eu nunca estava, estava estudando. Um dia ele conseguiu passar lá em casa e eu tava lá, ele chegou e me abraçou: ‘Senti sua falta, sinto muito mesmo, quero um dia brincar com você de novo’. E eu: ‘beleza, em um dia que você puder vir aqui e eu tiver aqui, a gente brinca’. Ele adorava as cartinhas de Yu-gi-oh!, que eu tinha várias, mas ele nunca pôde brincar direito porque não sabia. Depois de uns meses, ele passou lá em casa de novo, mas eu estava saindo e não deu para brincar. Dois anos depois eu, na escola, tinha acabado de sair do vôlei, gostava de jogar com meus amigos, eu recebi uma ligação do meu pai:

- *Lembra do seu amigo?*

- *Lembro, o que é que aconteceu com ele?*

- *Ele faleceu agora de manhã.*

Eu fiquei muito tocado, porque às vezes eu deixava de brincar com ele para fazer outra coisa. Eu percebi o quanto eu fui ingrato com ele, ele sempre tentou ir lá conversar comigo e eu nunca pude dar atenção para ele.

BLITZ

Mas você fez sua parte na escola lá.

CÉSAR Mas depois disso eu não fiz, não fiz minha parte como amigo. E serviu para eu poder valorizar quem estava do meu lado.

BLITZ Foi um aprendizado.

CÉSAR Eu consegui ajudar ele quando eu tava perto, mas depois eu não pude mais ajudá-lo.

BLITZ Mas você nunca vai poder ajudar todo mundo.

CÉSAR Isso foi um pensamento que passou na minha mente: ‘eu não vou conseguir ser salvador do mundo, mas até onde eu puder ajudar eu vou’, mas depois de um tempo eu não conseguia mais. Mas eu fico triste porque teve uma vez que eu ignorei ele, é aí que tá o problema, aí que eu fiquei sentido. Aí eu falei: ‘Pô, agora eu não posso’. Eu lembro que depois eu entrei lá em casa e liguei meu videogame, eu ignorei ele. Eu fico até hoje triste por causa disso, e depois eu não consegui mais ver ele. Ele foi para mim um aprendizado, para eu valorizar meus amigos. Esse cara que tá aqui do meu lado todos os dias, eu tenho que valorizar porque depois ele pode não estar mais por aqui. Por isso que eu fico até emocionado.

ANDRÉ Você marcou a vida dele.

(Salva de palmas)

TIAGO
AGAR Quando eu estava escutando o relato, o áudio, teve um momento que o Luiz falou o nome dele no áudio e vocês que estavam coordenando disseram que depois daria para cortar e tal. E ele falou: ‘não, pode deixar, não tem problema!’. Foi um nome que eu nunca esqueci e é muito engraçado estar sentado agora de frente para você. Quando eu peguei para escrever este relato, era como se eu estivesse cara a cara com você, como eu estou agora. Para eu colocar o meu lugar, a minha fala enquanto artista e você enquanto a pessoa que me deu essa história. Nesta obra tem, em alguns momentos, as minhas falas e também as suas falas e eu fiz um registro. A obra chama ‘*Registro a redenção*’ e eu dividi em vários pedaços.



Obra | Registro à Redenção de Tiago Agar

O voo

Pensávamos que era seguro
Eu, aos oito, nove, pousei
Sob o pano escuro, a imagem santa nos dava certeza
Feito pedra (que chora)
Sem ele, no ato abandono
Sem ele, já
Voávamos sem asas.

“Eu estava cavando minha própria cova”

Aos prédios e amontoados fomos apresentados
Sem cerimônia.
Como um tiro grosso, passante
As fotografias ficaram para trás
A realidade socava-nos.
O que via, enxergava claramente nos borrões
Meu corpo se aprontava, como gato
Caos próximo

“É uma fase da minha vida que eu só andava pra trás”

Do béque

O fumacê começara cedo
O carrinho, o pega, o giz de pedra foi logo dispensado
Gritos azuis abafados pela tosse repentina
Flores secas, sensações inconscientemente esturpadas
Betânia tava logo ali, já
De um pulo do começo ao céu, que nem amarelinha
Pulou o céu e seguiu

“Já passei por muita humilhação”

Desejo como a borboleta cinza querendo se colorir
Os amigos já não eram só de uma mão, e mãe
Alguns já não tinham.
Mas exacerbadamente calcinhas de ouro preto
De lá pra cá, como um avião
Lento e leve – pra quem vê
As bocas já não me apontavam
Sentia no fundo o grito em tecidos sutis

“Aquilo tudo é ilusão”

Caos sem saber (até)

Em final à noite, em Palmeiras, descia
Foco em berço, ao caminho
Sobre duas rodas foi-se
Lançado à beira quebrada
Não lucidez clara
Corpo quebrado (sem eufemismo)
Clavículas dilaceradas
Dali para três, estático. E por sorte.

“Do jeito que eu voei era pra eu ter morrido”

Paternidade

O buraco era notável
Ele, que pensava como meu já se declarava a outros
Doia
Por vezes, o caminho poderia ter sido mudado
(Em sua ignorância)
O porta retrato era moldura, só
Distanciava-se.
Duro, rispido, covarde, egoísta
Não nos cobria, encontrávamos à mercê em anos

"Meu pai nunca foi presente."

Era retornado à vida por um anjo caído
Vizinho de vida, de experiências desesperadas
Ele se colocou a frente, como um colete
Acudia-me e me livrava
Se colocava no fogo cruzado sem hesitar
Ou pelo menos disfarçava bem
Homem forte, que foi responsável pela ponte ao divino
Tomava o lugar daquele que se foi
Agradeço.

"Ele me deu amor e me mostrou o mundo do outro lado"

Vivência ao inferno

Tentações de ouro, brilhantes
Mulheres, pilhas monetárias, fogo a todo tempo
Paz não tinha
Guerras diárias
Autoridades fedidas, desmilitarização é pedida
Chão sujo de sangue, morro sem subida
E eu estava, lá, em tudo
Amedrontado e firme. Feito pedra vendida.

"A polícia até faz o seu papel, mas as vezes abusam. Não tem conversa"



Ponto sangue

Início a partir do vermelho
Foi preciso da bala próxima para se parar
O esquema não funcionou, naquela vez
Dia enterrado a horrores
Sentidos trocados, explosão seca constante
Ele partiu, e deixou
Deixou escorrido a infância do que
Beirando aos 9 tempos
Morreu a seco, o braço

“Eu não tinha paz não”



Pós, respiro

Tempos leves agora
Após os chutes, mortes, e trocas é encontrada a liberdade
Como passarinho querendo sair da gaiola
Descobriu-se as asas e se aventurou
Ao afago da mãe, com a coragem de si
Admite-se e reconhece todo trajeto
Sem justificativas
Foram tempos sem ar
E a tranquilidade hoje deve permanecer
Por mérito.

“Hoje em dia meu pensamento é diferente. Tenho paz”

Vai ser engenheiro, biólogo, entrar no exército
O mundo é, e sempre será seu, José
Em traços de Drummond, ele aguenta
Apartado da guerra não há mais tantas perguntas duras
A liberdade te vaga e os caminhos brilham em cores quentes
O passo, passado, te torna forte
Deus há
Confiança também;
O prazer do ouvinte/escritor permanece até a última linha
Agradeço como artista
Com respeito e aliviado

Vai voar

O país que a gente vive é um país de ladrão.

Deu um bocado na costela, tapa na minha cara.
- Eu quero um revólver depois.

O país que a gente vive é um país de ladrão.

Os dois se abraçam emocionados.

(Aplausos)

LUIZ

Sem palavras mesmo. Não tem nem muito o que falar, tá ligado? Sempre enxerguei ódio, que falava mais alto no meu coração e tudo. Quando você tocou na morte do... (se emociona e coloca as mãos sobre o rosto). Isso é muito forte!

Quando eu conheci a Laura, todos vocês, eu não conseguia contar isso, véi. Eu te agradeço demais mesmo, eu não conseguia falar disso com ninguém (diz, olhando para Laura¹⁹). Hoje só deu saber que eu tenho essa ajuda, eu não tinha esperança que eu ia viver mais, eu não tinha. Realmente ou era a morte ou era aquilo, o crime, o ódio... Eu só tenho a agradecer a vocês por ter dado outra visão que é a visão que eu tenho hoje. Hoje em dia, eu perdi meu pai tem um ano ou mais, e hoje ele não pode ver o que eu me tornei e o que eu vou me tornar, infelizmente. Eu só não fui eu mesmo, no caso do meu coração mesmo, porque não tem como, véi, você... Isso dói muito dentro de mim, véi, não poder ver seu pai, você não poder falar com ele, demonstrar o que você sente. Isso dói muito dentro de mim. Ele tá aí com todos os problemas dele, porque ele nunca foi presente, mas independente de tudo, eu queria pelo menos ter uma família normal. Infelizmente não deu para ele, mas meu Deus me deu uma pessoa que hoje em dia está comigo em tudo, meu pastor, e Deus também me deu todos vocês, porque vocês aqui para mim, agora, são minha nova família. Só tenho a agradecer, sério mesmo. Vocês contaram as histórias desses jovens, igual a do Igor, que eu fiquei tipo impactado. Porque olha o pensamento, um cara com esse pensamento que ele tem hoje, de querer crescer, fazer um curso, fazer uma faculdade ali, véi. O cara tem que ter muito foco, porque até hoje o crime chama, o crime é aquilo ali. Se você tá ali, ele te chama, até hoje, porque é tentação. A tentação tá aí, 24 horas, véi. Para o cara poder superar isso tudo, porque muitos não têm essa força e voltam para trás no caminho, até morrem, outros ficam presos anos na cadeia e tudo [...] Isso é muito importante, porque o jovem tem que ter a mente aberta para novos ares, novos mundos, porque a gente não pode só focar naquilo, não, o jovem tem que crescer na favela. Ver o cara vendendo droga, isso é muito triste, mas a pessoa às vezes não tem escolha. A pessoa cresce naquilo ali, o que ela vai querer ser? Ela vai querer ser aquilo ali. Mas eu, véi, hoje em dia agradeço a Deus pelas pessoas que Deus colocou na minha vida. Se Deus está colocando todas essas pessoas aqui na minha vida é porque tem algo muito grande a vir. É isso que eu queria falar e muito obrigado a todos mesmo, principalmente a você, Laura, que me deu muita força e tudo. Muito obrigado mesmo, gente! Só isso que eu queria falar.

Luiz e Tiago se abraçam mais uma vez.

(Aplausos longos)

Os outros artistas apresentam suas obras. Ana Drawin apresenta seu conto “Chegaria antes (Laço)” e Gabriel Portela declama sua poesia “As Flores”.

Laço

Ana Drawin

Chegaria antes. Era preciso, com a agilidade dos pés de bola, descer, passar do beco da alma, atravessar a Doze e seguir até o final. Foram três ou dois, coisa que um dedo de raiva teima por fazer a hora esquecer, seguidos de, apesar dos quase roucos suspiros, um gemido longo e empostado.

Em algum quando, com tanto rasgo de cinto sentido nas costas, o vivido se diminuiria pelo chiado do pulmão afogando em sangue grosso. Os anticoagulantes foram, invadindo a semifinal no campinho do Pavão - União contra Floramar -, a entrega de mais um:

- Onde você colocou minha aspirina, Pedro?

-Não peguei não, senhor.

- Pegou sim, moleque fedido. Você e seu gêmeo só prestam pra eu escutar o barulho do couro quebrando!

Dezoito, com pausa de dez segundos entre uma e outra. Espumava que era para arder mais, ficar na dor e sentir o couro puxando a pele. Porrada seguida deixa o corpo mole em anestesia.

Expondo o oco da boca em gengiva, como quem conduz música, as chicotadas de início faziam respingar um zunido vibrante, notas em que o pigarro, carne e muco, era engolido num som pareado com tempo da violência. De tanto mover o braço e todo dia ver a fivela do cinto fazer espocar o ombro, cansado do riso, tio Abel se esticou no sofá da casa de dois cômodos e, sem querer estar, encontrou a cartela rosa junto às bitucas de San Marino empilhadas por ele mesmo no assoalho de ardósia.

- Agora posso ir para o jogo, senhor?

- O solavanco te deixou mais burro, foi? Quer agora levar tiro na cara, seu bosta? Já deu hora do jogo e você não pode mais entrar em campo, viadinho desgraçado. Que horas chega seu irmão? Quem sabe não foi aquela merda que disse preu jogar o remédio no chão...

Mesmo esparsa, regularmente, em dia que a chuva vem à Alameda do Doze, com todos os bueiros faltando e chão de terra batida, a rua toma como apropriada a condição de lamaçal. E se pelo córrguin fosse menos perigoso? Para-choques de carro, pontas de prego, animais sem crânio boiando e pneus.

Sentia a lama pressionando para que o ar do peito escapasse antes de a respiração remontar o alento pela sobrevivência. Um pé depois do outro fustigavam, em dissonância, o barro, como um soco após o outro, ao ritmo daquela boca murcha, que babava até para fumar cigarros, acendendo o fundo de um na ponta do seguinte.

- O que aconteceu, Pedro?!

- O neném tá bem, amor?

- Sim. Tá mexendo normal.

- O que foi? Por que veio correndo na lama? O que foi?

- Atirei nele.

- O quê?!

- Sei lá quantos tiros. Ele tentou bater no André, daí eu gritei “no meu irmão não” e peguei a arma

As Flores

Gabriel Portela

Assim procede:
Senhor! É tempo de granizo.
De gelo que se mata,
Se more.
O gelo cuja forma
Imita flores.

Senhor! Teu filho faz dilúvio.
Agasta-se-m teu coração,
Tua família
E por família se mata,
Se morre.
E o que não é se não flores?

Senhor! Teu filho troca neve
Por diamantes
pedras rijas
Gelo-em-flor.

Ele planta teu sobrinho
Sem água, sem giz,
Ele pranta a teu sobrinho
Pranto só não faz raiz.

Senhor! Um demônio perdigueiro
Caça o filho-perdiz
Entorpece
Fogo-em-gelo
Flor de liz.

O granizo amassa o campo
O dilúvio afoga
a neve queima
A natureza mata e morre.
E renasce.

Teu filho morre e renasce:
Uma vez encontrado, Senhor,
Abraça-o!
Colha as flores de sua poesia.

ANDRÉA

Alguém gostaria de falar mais alguma coisa?

BLITZ

Eu sou muito durão, mas confesso que deu vontade de chorar. Eu só tenho a agradecer, deixar o espaço do Taquaril aberto para todos, para poder chegar. Para a pesquisa, para fortalecer, para doar algum recurso humano que tiver. Dizer que independente da classe social que a gente vive, que a gente se encontra, independente da cor da pele, o que ficou aqui hoje foi seres humanos, a pessoa, o carinho, o companheirismo, o coletivo. É isso o que a gente sempre busca, particularmente falando do Taquaril, e é isso que faz com que a gente cresça individualmente e coletivamente. Lá no Taquaril a gente tem esse lema: ‘juntos somos mais fortes’. Entendo que cada um de nós somos super-heróis e temos superpoderes e estamos juntos aqui, unidos nisso tudo para poder melhorar a alma. Então foi muito benéfico para mim esse encontro aqui, poder ouvir a história de vida de outros que muda só o nome da favela, muito legal para mim e até por eu sentir que é uma dor e um sofrimento que eu não carrego sozinho, outras pessoas compartilham disso também. É bom? É legal? Não é! O interessante é que não carregassem isso, mas como a gente carrega, então a gente saber que não carrega esse papo sozinho, é muito bom. E muito mais saber que a partir disso tudo a gente trilhou outros caminhos e conseguiu passar por cima desses obstáculos.

Como ele falou o crime é muito tentador, se você não tem uma oportunidade afirmativa ali, reta, para você poder seguir, que você vai agarrar e vai ir, você fica refém. Eu digo sem vergonha nenhuma, seis meses atrás eu estava em uma situação em ir à ‘boca’ e pedir para os caras para voltar a vender droga lá no Taquaril, porque eu tava sem grana. Ontem eu escrevi no Facebook: “Deus é muito bom e o Hip-Hop sempre me salvou”. Me salvou uma vez e está me salvando de novo. Ontem eu arrumei um trampo. É uma coisa que é a prioridade do mundo, do capitalismo, a sociedade nos cobra tanto que, às vezes, ficamos sem saber que lado a gente vai, ficamos naquele labirinto ali que só tem aquele caminho para ir. Porque as contas não esperam, a pensão não espera, a vida não espera, a gente tem que vestir, tem que comer, tem que sobreviver. E aí, se você não tem oportunidade, a mais fácil que tem você agarra. Aí, se você não tem um foco, não tem uma cabeça, você desperdiça uma história de uma realização, de uma conquista, que eu estava prestes a desperdiçar na minha vida. Deus é muito bom, o Hip-Hop, pessoas como o Alessandro que me deram a minha primeira oportunidade lá no Taquaril para eu me descobrir enquanto educador, enquanto um protagonista da minha comunidade, no fazer mesmo do trabalho. É nessas pessoas que a gente tem que se amparar e pensar que, quando estiver lá no final do poço, significa que vai melhorar, enquanto tiver ‘trem fudendo tudo’, tá normal, mas quando tiver a ‘fudeção’ total, pode ter certeza que vai vir uma parada e vai melhorar. É manter a cabeça erguida, sempre tranquilo, naquele foco, que as coisas acontecem. Seis meses atrás eu tive esse fraquejo, essa coisa, mas continuei o foco e falei: ‘vou ir passando as dificuldades tudo até ir, mas eu acho que não é o momento’. E outras pessoas

chegam perto da gente, igual a vocês, e trocam uma ideia e tal, diz: ‘não, não vai não, que isso e aquilo outro’. A gente vai se virando aqui, se virando ali, e hoje, seis meses depois, eu continuo na correria do morro, mas não voltei para o crime, Graças a Deus!

O encontro é encerrado com cada um dizendo uma palavra a partir de sua vivência naquele dia.

3.1.2 A distância como operador lógico na Partilha

Conforme exposto na introdução deste capítulo, a experiência de troca e partilha com o professor Antoine Masson²⁰ (Université Catholique de Louvain), realizada durante o Seminário Científico *Narrativas Memorialísticas na pesquisa psicanalítica* (2020)²¹, nos permitiu o encontro com uma valiosa leitura sobre os processos que engendram a criação e a produção da metodologia das Narrativas Memorialísticas, focalizando, especialmente, as particularidades de seu terceiro tempo interventivo: a Partilha.

Masson (2020) toma a distância existente entre o artista e sua obra, e aquela localizada entre o jovem e sua história de vida, à medida que esta é mediada pela criação artística, como um importante operador propulsor dos efeitos dessa metodologia de intervenção. Sobre essa primeira distância, entre artista e obra, Masson (2020) nos aponta ser ele a permitir que a obra continue ou nunca feche um sentido, afinal o artista nunca sabe ao certo: “o que é aquilo que ele faz” (Masson, 2020). O professor ainda complementa, pontuando que o inconsciente opera justamente a partir desse jogo de distanciamento, entre o sujeito e a execução da própria obra.

Pensando na distância entre o jovem e sua história de vida, Masson (2020) interpreta a criação artística o que propicia esse distanciamento, permitindo ao jovem encontrar a “distância justa” (Masson, 2020) em relação à sua própria obra, que é sua trajetória de vida. O encontro com a obra produzida a partir de sua Narrativa Memorialística ou com esta “esfera externa” permite-lhe enxergar-se tomando certa distância de si e, assim, “reconhecer a si próprio” (Masson, 2020) pelas lacunas da obra produzida. Masson (2020) interpreta a entrada do jovem no crime como uma “obra falha”, em analogia ao ato falho psicanalítico, na medida em que esta revela efeitos do trabalho inconsciente, ou seja, dessa distância que separa sujeito e ato. Ao não possuir uma distância suficiente dele mesmo, o jovem ou o adolescente, nos termos de Masson (2020), falha nesta tentativa de “fazer obra” e, assim, entra para o crime. O dispositivo da pesquisa, segundo Masson (2020), acolheria o desejo de criação do jovem, mas desta vez oferecendo-lhe o suporte da obra de arte como operador desse distanciamento.

Neste ponto, ainda que considerando os possíveis atravessamentos no esforço de tradução de uma língua, questionamos os termos utilizados por Masson (2020) em sua formulação, indagando o que seria essa “distância justa” a qual ele se refere. A “distância justa”

²⁰ Antoine Masson é professor da Faculdade de Direito e Criminologia (*Faculté de droit et de criminologie*) da *Université Catholique de Louvain*, Bélgica.

²¹ Por tratar-se de uma comunicação oral, a menção às construções de Masson não contaram com referências indicativas de página.

nos remete a ideia de uma distância certa, de uma medida exata. Os recolhimentos de nosso trabalho, nos fazem apostar que se trataria mais de uma certa medida, do que da medida certa ou justa. A distância entre artista e obra e aquela entre o jovem e sua história de vida, a qual se refere Masson (2020), nos soa também como uma espécie de hiato que rompe a relação determinista entre sujeito e obra, interpretando esta última como a invenção do sujeito. Esse hiato é, sobretudo, evidente na adolescência, ou na juventude, período em que o sujeito transita entre processos de alienação e separação do grande Outro. Operar com essa certa distância é o que permite ao jovem deslocar-se da alienação ao discurso do Outro, permitindo-o enxergar-se, afinal, ver só é possível quando se toma uma distância qualquer de si ou do objeto.

A potência da metodologia das Narrativas Memorialísticas, segundo Masson (2020), estaria também no compromisso dos pesquisadores e artistas em devolver a obra feita a partir das Narrativas Memorialísticas dos jovens, afinal a história de vida do jovem é sua matéria significativa, um bem precioso com o qual ele opera e busca soluções. Assim, “é essencial que o artista, depois que ‘obre’ a história de vida do adolescente, a devolva, afinal esse obra é, primeiramente, de autoria do jovem.

Passemos agora à apresentação do que os jovens nomeiam como os efeitos de suas participações na metodologia de intervenção das Narrativas Memorialísticas, recolhidos através das entrevistas realizadas ao longo deste estudo.

3.2 AS ENTREVISTAS

Conforme apontado no Capítulo 1, a realização das entrevistas semiestruturadas é tomada, na presente dissertação, como método de coleta de dados que visa a apreender os efeitos *a posteriori* emergentes da participação dos jovens na metodologia de intervenção das Narrativas Memorialística, inaugurada durante a pesquisa *Adolescências e Leis*. No momento em que as entrevistas foram realizadas já havia transcorrido cerca de um ano desde o último encontro entre os jovens e os pesquisadores.

Seguindo seu modelo semiestruturado²², as entrevistas foram tomadas como via de acesso à palavra dos sujeitos, não havendo qualquer compromisso de exaustão ou resposta sobre as perguntas apresentadas. Estas eram tomadas como possibilidade de abertura a outros dizeres. As entrevistas foram realizadas individualmente, contando com a minha presença e a do jovem entrevistado, e aconteceram em diferentes locais da cidade de Belo Horizonte.

A entrevista com Pedro Henrique aconteceu em seu ambiente de trabalho. A entrevista com César foi realizada em um consultório particular, na região central da cidade, um espaço possível por ser próximo do local onde, na época, ele realizava seu curso de computação gráfica. A entrevista com André foi realizada em sua “quebrada”²³, no Centro Cultural

²² Reforçamos que as perguntas trabalhadas ao longo das entrevistas encontram-se relacionadas ao final desta dissertação, no Anexo A.

²³ Significante utilizado pelo jovem.

de seu bairro, espaço onde ele trabalhou por muitos anos e ao qual ele ainda hoje sente-se pertencente. A entrevista com Blitz aconteceu em uma praça da comunidade onde ele reside e trabalha. Ressaltamos que os nomes a partir dos quais os jovens são identificados nesta pesquisa são, a pedido deles, seus nomes próprios ou seus nomes artísticos. A decisão por identificá-los dessa maneira foi pautada também em uma análise sobre as ressonâncias desses nomes nos efeitos dessa intervenção.

Nas subseções a seguir, cada entrevista será trabalhada individualmente e contará ao final com um breve comentário, tecido a partir da escuta dos dizeres dos entrevistados sobre os efeitos da metodologia das Narrativas Memorialísticas. Nesses comentários, a retomada e a citação direta da fala dos jovens serão feitas utilizando o recurso das aspas. Cabe ressaltar também que a transcrição das falas das entrevistas não sofreram nenhum tipo de ajuste afim de normatiza-las às regras gramaticais da língua portuguesa, elas são apresentadas da forma como foram enunciadas pelos jovens.

3.2.1 O efeito político para aquele que não mostra seu furo

AMANDA Vou começar lhe perguntando o que fica para você depois de ter participado da pesquisa *Adolescências e Leis*, depois de ter participado desse processo em que, primeiro você narrou sua história de vida, depois aguardou um tempo, o tempo de produção das obras, e, por último, foi chamado para aquele encontro em que você recebeu uma obra de arte, feita por um artista a partir da sua história de vida. O que fica para você?

PEDRO H. Para falar a verdade, no início, quando eu fui chamado e a Cláudia me chamou, eu não criava tanta expectativa, não achava que seria tão marcante. **E eu vi no dia do encontro que as pessoas que estavam ali no encontro não sabiam o que acontecia na periferia. A partir do momento que elas viram as coisas que falamos, viram que é uma coisa completamente diferente. Parece que todo mundo enxergou do jeito que tem que ser enxergado e se sensibilizaram com isso.**

AMANDA E como é esse jeito que você acha que tem que ser enxergado?

PEDRO H. Eu acho que as pessoas devem ser tratadas independente da classe social, todo mundo tem que ser tratado igualmente. **Independente do cargo que a pessoa exerce, ela tem que ser chamada pelo nome, tratada da mesma forma. Eu sei que isso é uma coisa que nunca vai existir.** Eu não gosto muito disso, inclusive eu estou em um lugar que eu tenho que tratar as pessoas desse jeito. É claro, educação sempre, em primeiro lugar, mas eu acho que a gente colocar uma pessoa como ‘Deus’ também não é certo, **todos deveriam ser tratados iguais. Desde quem chega aqui e faz uma faxina na sala, quanto uma pessoa que assina o processo aqui, entendeu?** Independente de ser aqui no meu local de trabalho, mas na rua. Por exemplo, se a gente não tivesse os garis, com a falta de educação que tem na nossa cidade, no nosso país,

as ruas estariam assim... na maioria das vezes eles não têm o respeito que deveriam ter, ou o salário que deveriam ter [...] As pessoas que estavam presentes naquele dia souberam reconhecer cada detalhe. Eu trabalho aqui, mas eu moro em periferia, eu sei quem é quem, quem faz as coisas erradas. Nem por isso eu trato as pessoas de uma forma diferente, nem por isso quer dizer que eu tenho que andar com elas, **tem que ter respeito por todo mundo, mas o respeito tem que ser dado até um certo limite também, no limite com que a pessoa te trata.**

AMANDA Você sentiu esse respeito nessa intervenção?

PEDRO H. Com certeza, só de pensar eu já fico muito feliz. **O que eu vi naquele dia é uma coisa que a gente não vê em qualquer lugar, o respeito que teve**, a sensibilidade das pessoas ao ouvir as histórias e as obras também que foram dadas a partir das histórias... Foi sensacional, não tenho palavras para explicar. Muito bom!

AMANDA Qual foi a obra que você recebeu?

PEDRO H. **Eu recebi uma imagem, um desenho que tinha um menino, que era eu, e estava em uma trilha.** Nessa trilha tinha uma bifurcação, para um lado tinha uma escola e para o outro lado tinha uma prisão. A vida é assim, tem escolhas.

[...]

Pedro Henrique compartilha a diferença notada entre pessoas que possuem trajetórias de vida semelhante, mas, ainda assim, fazem escolhas diversas, como a entrada ou não no crime. A entrevistadora pergunta-lhe o que seria isso que, na visão dele, faz com que alguém se envolva ou não com a criminalidade.

PEDRO H. Na verdade, nem eu sei responder essa pergunta, muita gente me pergunta isso. Eu posso dar exemplo da família. Minha família sempre foi a mais simples, já meus primos sempre tiveram tudo. Meus primos se envolveram no caminho errado e eu e meus irmãos, não. As pessoas perguntam: 'Por que aconteceu isso? Deveriam ser vocês!', não dizendo que a gente deveria entrar, mas que poderia ser a gente porque a gente nunca teve nada.

Eu imagino que seja uma coisa que tem dentro de nós, eu não sei se é uma essência. Não é querendo me exaltar por isso, mas é alguma coisa que tem dentro de nós.

[...]

A minha família, eles sentem que eu sou um pai para eles, eu nunca deixei faltar nada. Eu comecei a trabalhar com 13 anos, com 15 anos eu já tinha comprado minha primeira casa. Agora já comprei a segunda, já estou construindo.

[...]

Eu acho que, com certeza, eles se inspiram bastante em mim. Eu sou uma pessoa que às vezes eu fico triste, mas quando eu fico triste eu não gosto de mostrar para eles. Eu mostro muito para a minha namorada, mas não para eles. **Eu quero parecer sempre forte para eles se sentirem fortes, independente da situação.**

AMANDA Então você tem com quem contar também...

PEDRO H. Eu penso que a gente tem que ter uma pessoa que a gente saiba que ela possa ser nosso espelho, nossa motivação. **Eu sei que sou isso para eles, todos dizem isso, que eu sou um diferencial, um orgulho para eles. Na minha família todos dizem isso. Eu nunca deixei o mundo me levar, sempre tentei me guiar.**
[...]

AMANDA Pedro, você me diz da sua surpresa em se deparar com o 'não saber' dos pesquisadores, né? Tinha algo ali que a gente parecia não entender muito sobre uma realidade que vocês vivem. O que você pensa sobre isso?

PEDRO H. **Eu vejo isso no meu dia a dia, por isso que eu não criei expectativa.** Eu vejo as pessoas aqui dizendo: 'eu entrei na favela, ai que medo!' e lá a gente percebia, quer dizer, eu acho que poderia ter antes, mas **depois que a gente conhece as pessoas, a gente para. Porque, querendo ou não, é um preconceito,** mas não intencional, porque a gente vê o mundo como ele é. Então você não quer pagar para ver se aquela pessoa que está do outro lado da rua é uma pessoa de bem ou um assaltante. Então a gente tem esse preconceito, **todo mundo tem por não saber quem é quem.** Antes de conhecer as pessoas, a gente cria algo na mente, mesmo que a gente não conte para ninguém. **Depois que a gente conhece aquela pessoa, a gente vê que é totalmente diferente.** Quando eu vi aquelas pessoas, pelo **jeito que trataram a gente,** eu vi que elas eram de um mundo diferente, mas tratando como se fossem as mesmas pessoas, como deve ser em todo lugar. Eu achei muito, muito legal.

AMANDA O que você sentiu quando você recebeu essa obra de arte?

PEDRO H. **Senti como se a pessoa estivesse na minha história, realmente eu tinha duas opções e realmente eu escolhi a melhor. Ela soube entender tudo o que foi falado e transformou em uma imagem sensacional que eu tenho até hoje.**

AMANDA E você a guarda em algum lugar?

PEDRO H. Ela está comigo.
[...]

AMANDA Alguma coisa, em especial, que fica para você do que foi dito, do que foi conversado ao longo desse processo?

PEDRO H. **O respeito. Acho que esta palavra é essencial, ela traduz bem demais.**
[...]

AMANDA Algo mais que você queira colocar?

PEDRO H. Não sei... Eu trabalho na base de perguntas, né?

AMANDA Já fiz aquelas que gostaria de fazer...

PEDRO H. Quando eu recebi a obra, quando eu vi a imagem, **eu me senti bastante tocado, porque eu senti mesmo que a pessoa estivesse na história**, como se eu tivesse duas opções e a pessoa tivesse sentido isso.
Um amigo meu também estava lá e ele recebeu uma imagem, isso também me deixou bastante tocado, senti bastante com essa imagem. Eu consigo lembrar dessa imagem. Qualquer pessoa que chegar e olhar vai dizer que é simplesmente uma bola, uma sinuca, mas eu já me senti várias vezes nesta sinuca de bico. Imagino que, pela história dele, ele também tenha se sentido.
[...]

Cada pessoa pode ter um ponto de vista diferente do que o outro recebe. Eu acho que talvez outras pessoas que possam ver a minha imagem possam sentir uma coisa diferente. O que eu vi, eu senti. No caso da dele, eu senti alguma coisa também. Acho que todo mundo um dia passa por uma situação que pode ser realmente uma sinuca de bico, e a gente não sabe como sair.

AMANDA Será que existe algo comum entre a sua história e a dos outros jovens?

PEDRO H. **Eu acredito que em todas as histórias vai ter algo em comum, e algo em comum que possa ter talvez seja a discriminação. Todos nós sofremos discriminação. Teve uma vez que eu fui no shopping, no meu bairro, e o segurança me seguiu. Imagino que isso possa acontecer com eles também. Essa discriminação, esse preconceito, isso tem que acabar!** Não é legal, porque se entra alguma pessoa em algum lugar de terno e gravata pode ser um ladrão também. Porque ninguém vai atrás dessas pessoas? Na verdade não deveria ir atrás de ninguém, a pessoa pode transitar em qualquer lugar sem ser perseguida. Acho que o que deve ter bastante em comum entre as histórias é essa discriminação, esse preconceito.

Aos moldes do trabalho de um oleiro, Pedro Henrique inventa e constrói a partir do nada, sempre orientado por essa “coisa que temos dentro da gente”. A falta, escancarada por uma trajetória de vida marcada pela miséria e pela violência, obtura-se na fala de Pedro Henrique por seu esforço em ser um “exemplo”, “um orgulho” ou “um diferencial” para os irmãos e, assim, não lhes deixar “faltar nada”. São constantes as tentativas de Pedro Henrique de tamponar essa falta constitutiva, expressa sobre o registro imaterial do objeto *a*. Assim, mais do que causado pelo vazio propulsor do desejo, Pedro Henrique apresenta-se como aquele que acredita domar seu furo, “se guiar”, e assim poder apresentar-se como imagem inteiriça, como *eu ideal* aos olhos dos irmãos. “Trabalhar só com perguntas” parece ser também um modo de operar com a linguagem que lhe oferece respaldo diante da possibilidade de encontro com o real revelado pelo deslize significante.

O encontro de Pedro Henrique com as obras de arte, seja com aquela produzida a partir de sua Narrativa Memorialística ou com a fotografia da bola de sinuca recebida por seu colega, subverte sua invenção e escancara-lhe a “bifurcação” ou a “sinuca de bico”, a partir das quais o sujeito divide-se e precisa fazer apostas e escolhas que implicam, por pressuposto, uma perda.

A voracidade da violência vivida pelo preconceito racial, denunciada diversas vezes na fala de Pedro Henrique, escancara os lugares de enunciação e pertencimento do corpo negro no discurso social vigente, conforme trabalhamos no Capítulo 1 desta dissertação, e assim perfura, mais uma vez, a imagem inteiriça sobre a qual o jovem tenta se erguer. A oscilação constante entre a construção de uma imagem e os atravessamentos e rachaduras sofridas por esta, marcam não somente a entrevista de Pedro Henrique, mas seu corpo ao longo de sua trajetória de vida. Em seu trabalho com os *Restos*, Marcus André Vieira (2008) recupera as marcas insuportáveis e infinitas do racismo a partir de uma análise sobre cenas e notícias cotidianas, anunciadas diariamente nas manchetes de jornais de nosso país ou presentes no “nosso ônibus de todo dia” (Vieira, 2008, p.34).

A partir delas, o autor escancara as estratégias perversas dos discursos vigentes que nomeiam, sobre a figura do “negrinho”, do “pivete”, do “malaco”, o Outro da angústia (Lacan, 1962-1963/2005). Nota-se que todas essas figuras ocupam lugares marginalizados na série performativa de identidades que detêm poder e dominação em nossa sociedade. Não por acaso, o objeto *a* partilha desse lugar marginalizado, ocupando a cena com sua presença invisível e fazendo exceção a toda e qualquer tentativa de nomeação ou fixação identitária. Assim, trocar o objeto causa da angústia por um objeto concreto de ódio, temor e violência, como nos apontam o jovem Pedro Henrique e Marcus André (Vieira, 2008), parece uma tentativa, covarde, de proteção ante o desamparo que a indefinição desse Outro nos suscita. Não sendo representado por nada ou ninguém, o Outro da angústia pode estar em qualquer lugar e apresentar-se nos lugares mais íntimos do nosso ser, afinal, sua dimensão de estranheza lhe confere a capacidade de falar “[...] mais de nós do que aqueles que nos costumam representar” (p.37).

3.2.2 A arte e o narrar: artifícios para a ‘materialização’ de uma história de vida

AMANDA André, o que fica para você após sua participação nessa metodologia de intervenção dividida em três tempos?

ANDRÉ **O principal que fica para mim foi, primeiro, a devolutiva. Muita gente faz pesquisa na comunidade e não traz o retorno, o que foi feito ao final da pesquisa, os objetivos... Só vem aqui, colhe dados e vai embora.**

Outro que fica é que eu fiquei pensando muito na criatividade da galera de **pegar histórias e materializar de alguma forma**. Outra coisa que eu acho bacana é quando você pega a história de uma pessoa, que às vezes ela viveu uma história que para ela é até difícil contar, até certo momento, depois ela começa a ter gosto de contar **por saber que tem gente interessada na história dela. Quando ela vê que alguém deu importância para o que ela viveu, a pessoa começa a ver que ela não está sozinha**. Sabe qual é?

AMANDA E você acha que essa importância é marcada através da obra de arte?

ANDRÉ **Uma coisa que ela viveu, que ela acha que vai ficar no esquecimento, através da arte materializou aquela história dela, de certa forma, sabe?**

[...]

A pessoa vê a história dela, às vezes ela até poderia achar que está esquecida, mas a história fica materializada através da arte. Aí a pessoa pensa: ‘poxa, mais pessoas ouviram a minha história, ouviram o meu lado, o que eu senti’. Elas veem o impacto.

Muitas pessoas têm experiência e alguns conceitos, alguns paradigmas de favela, de vida de jovem e de trajetória, muito através de livro, através do estudo, da televisão, **mas, às vezes, não ouve a pessoa que passou**. Vindo da pessoa, a partir disso aí, quando você ouve a dificuldade de outra pessoa, você pensa: ‘pôxa, eu tô fazendo é corpo mole’ e isso pode, às vezes, orientar a pessoa na vida pessoal dela.

A importância disso, do efeito na vida das pessoas, de você ajudar as pessoas a ver as coisas de outra forma.

Eu já possibilitei para alguns grupos fazer pesquisa com os meninos e é para isso mesmo, para as pessoas verem as coisas como elas são, não como contam ai fora. Eu acho que isso é importante, a importância da pessoa que tá contando valorizar essa importância.

[...]

AMANDA Qual foi a obra que você recebeu?

ANDRÉ Foi um texto da Juliana.

- AMANDA** Que tipo de texto?
- ANDRÉ** Um poema.
- AMANDA** E o que você sentiu quando o recebeu?
- ANDRÉ** **Achei legal a criatividade do pessoal de pegar uma história e conseguir materializar ela como uma obra de arte.**
- AMANDA** E você acha que essa obra de arte consegue retratar algo de fato?
- ANDRÉ** **Retrata, tem que entender também que é através da ótica de outra pessoa, até onde ela conseguiu extrair da conversa. Eu acho que foi fiel porque, assim, dentro da ótica da pessoa, não teve nada que eu dissesse: ‘nossa, isso aqui não tem nada a ver!’ [...]**
Foi o que a pessoa conseguiu extrair, o sentimento dela, o que gerou nela. Aquilo ali foi gerado na pessoa. Isso que é legítimo. Acho legal isso.
- AMANDA** E o que você pensa? Os efeitos seriam diferentes se vocês estivessem construindo uma obra de arte a partir da história de vida de vocês?
- ANDRÉ** **Eu não sei se eu tinha capacidade de reproduzir, a minha obra de arte já é a minha vida. A pessoa tentou fazer uma reprodução através do olhar dela. Acho legal isso, a ideia de materializar uma história através da arte.** Eu não sei se eu conseguiria, não. Meu jeito de fazer arte talvez fosse: ‘ah!, eu vou fazer um Rap que conte sobre a minha vida’ [...]
 Eu acho que é diferente, sim. A pessoa que viveu e a que escutou fariam coisas diferentes, sim. Era isso a pergunta, né? É diferente por isso, eu acho que a pessoa sente essa satisfação porque **é um jeito de eternizar a história da pessoa. Uma coisa assim: ‘Pô isso aqui cairia no esquecimento, mas, pôxa, a pessoa fez alguma coisa com a minha história’. Fazer vida com aquilo que viveu motiva a pessoa a continuar a trajetória dela.**
 [...]
 Se fosse continuar com essa metodologia seria importante para isso, para o jovem e para o adolescente que foi ouvido, ele trazer à memória as coisas que ele viveu: ‘nossa, eu tô aqui por causa disso, eu sobrevivi, a minha história chegou em outras pessoas’. **Traz até um pouco de responsabilidade também, né? ‘Pô, essa trajetória tem que continuar, né?’.** Dele ver tudo isso que ‘eu contei, que foi assim, assim e assim, então eu não posso repetir aquelas mesmas coisas que eu contei’, se tratando dessa história de comunidade, criminalidade, superação. **Ela vai materializar através da arte, mas vai materializar também na cabeça da pessoa.**

Às vezes ele tinha um pensamento meio solto: ‘vivi isso, vivi aquilo’, mas às vezes nem ligava as coisas umas com as outras. Do lance da trajetória, porque às vezes antes da pesquisa a pessoa não chegou para contar para alguém. Porque na pesquisa condensa tudo e fala: ‘sua história é isso aqui’. Não que seja fiel, mas materializou aquilo que ele contribuiu. Aquela coisa que materializou, toda vez que ele ver que ele tá repetindo aquilo ali, ele vai pensar que aquela arte produzida representa que ele chegou até ali. ‘Se eu fizer alguma coisa que tá inserida aqui, pode ser que eu esteja regredindo’. **A arte marca um tempo, do hoje, do ali para frente.**

A pessoa é ouvida, porque muitas vezes as pessoas não ouvem a vida uma das outras. Muitas vezes vai ouvir sabe aonde? Na delegacia, o que você fez e tal. Muitas vezes vê alguém falando mal dela, mas ela nunca teve a oportunidade de contar na visão dela, não só os acertos, mas os erros também. A pessoa vai contar os aprendizados, os pesares, os sentimentos, as alegrias.

AMANDA Acho legal essa palavra que você diz: “materializar”. O que é?

ANDRÉ **É, materializar é tornar visível.**
[...]

AMANDA Algo mais André, que te venha à cabeça?

ANDRÉ O principal eu já falei, de ter um momento de retorno, que eu acho que é o mais importante: é a questão do **tornar visível a história que não é visível para a pessoa e para outras pessoas também. Eu acho que deveria ter mais espaços para as pessoas contarem suas histórias, as pessoas de comunidade. Tem muita gente fazendo políticas públicas a partir da visão deles,** apesar do pessoal ter buscado conhecimento para fazer coisa com participação popular, mas quando você fala de criminalidade, de homicídio, de juventude, tem muita gente vindo com coisa pronta. Mesmo a pessoa que mora em comunidade, mesmo ela tendo uma vivência em comunidade, a questão da criminalidade ainda é um mundo à parte, se não for uma pessoa que conhece essa faceta de lá de dentro, destes comportamentos, do certo, do errado... Porque a marginalidade tem uma vida à parte, um mundo à parte com leis diferentes, com princípios diferentes.

AMANDA Esse tipo de saber nós não conseguimos nos livros.

ANDRÉ **Sabe por quê? Porque se trata de juventude. Se trata de adolescência e juventude, só os nomes e o momento da fase da vida já é uma coisa muito dinâmica, independente da classe social é dinâmico. Aí, no meio disso, você coloca arma, família, você coloca droga, você coloca relacionamento, violência policial, olha**

que bomba que deu! Como você arreda isso de tudo da pessoa e vai tratar só o indivíduo? Você tem que considerar isso tudo que aconteceu na vida da pessoa.

Para você construir alguma coisa com os meninos na rua aqui, você tem que desconstruir um tanto de coisa, como você desconstrói sem considerar essas coisas?

[...]

Você não vê os meninos contando história do crime, né? **Mas você sabia que é uma prática muito grande aqui? A gente fica em roda contando histórias, mas os meninos não contam isso, quer dizer, tem momentos.** Mas é do cotidiano parar na esquina, na padaria, na hora do futebol, e contar o que aconteceu nas noite anterior. Por um lado é ruim, porque banaliza, não tem aquele sentimento: ‘nossa que tristeza, que ruim’. Tipo assim, conta a história que fulano morreu e tal, sofreu violência, que fulano vacilou, mas na mesma hora já fala do futebol, quem ganhou, se foi Cruzeiro, se foi Atlético, já vai embolando tudo.

E tem os momento da igreja também, onde os jovens conta suas histórias, quem teve esses momentos de rompimento com o crime, com a violência... A pessoa recém-saída de um presídio, recém-sofrida de um atentado, aí a pessoa conta aquela história ali. E às vezes tem ouvintes ali que estão passando pelo mesmo momento, precisando tomar uma decisão, aí falta um incentivo e, quando ela ouve uma história parecida, alguém que conseguiu sair do crime, aí uma história vai fortalecendo a outra. Porque o estado mesmo não participa desta entrelinha da vida das pessoas. Você tem que se apresentar como cidadão para poder ter direito e querer alguma coisa ou se prontificar para correr atrás, não tem ninguém que vem e diz: ‘vem cá que agora eu vou te arrumar, vou te botar de pé, vou te arrumar e agora nós vamo correr atrás’. A pessoa tem que ir lá e se apresentar, quem está no submundo é assim, por todo o histórico de família, o histórico da comunidade, essas coisas todas.

[...]

AMANDA

André, você diz da dificuldade dos meninos que estão envolvidos com o crime de contar suas histórias de vida. Qual você acha que é, de fato, a dificuldade que está em jogo para que não role essa abertura por parte deles?

ANDRÉ

Eu acho que não tem esse espaço, acho que temos que criar uma estratégia para eles contarem de outras formas. Às vezes você ouve eles contando, mas de uma forma heroica: ‘eu fiz, eu plantei, eu fui preso, lá foi assim, e tal’. Não tem um momento de reflexão até para quem está ouvindo, às vezes isso é contado e, ao invés de causar em quem está ouvindo, ele é visto como herói: ‘nossa, você é cabuloso mesmo!’. Tinha que ter uma metodologia de escuta, de roda de conversa, de reflexão: ‘nossa, isso não foi bacana, não’. Até quem está contando também, né? Tem um jeito de contar a história dela em uma forma de reflexão. Umás partes soltas. Na igreja, a galera, quando conta o testemunho, já é algo que tem um jeito de contar que é de começo, meio e fim. Sempre é com uma reflexão no final e tal, a pessoa conta os pesares,

ela já não conta heroicamente: ‘nossa, eu era o cara. Fazia isso, fazia aquilo... sigam o meu exemplo’. **Contar na rua é um jeito e contar através da fé e da religião é de outro. Quem ouve, já tá ouvindo e criando expectativas para ouvir como foi a virada do cara.** Não conta muito com pesar, aí talvez não cause muito efeito bom, cause mais é encorajamento.

Uma ideia se reitera ao longo da entrevista com André: a “materialização” das histórias de vida em obras de arte é vista como potencialidade da metodologia de intervenção das Narrativas Memorialísticas. Ao ser questionado sobre o significado dessa expressão, André nos elucida: “materializar é tornar visível”, e complementa dizendo que na metodologia em questão: “algo se materializa através da arte, mas também na cabeça da pessoa”. Seguindo os dizeres de André, isso que se “materializa na cabeça da pessoa” parece ser efeito da tentativa do jovem em narrar sua história de vida. O esforço de rememoração e historicização de sua trajetória devolve ao sujeito a mensagem de que se está vivo: há uma trajetória percorrida que lhe permitiu “chegar até aqui”. A obra de arte, tomada como “materialidade”, faz uma marcação no tempo e no espaço, delimitando “um tempo do hoje, do ali para frente”, conforme pontua André. O encontro com a obra permite ao jovem um olhar sobre a trajetória vivida e o vislumbre do que está por vir.

Esses apontamentos de André nos remetem às formulações desenvolvidas ao longo do *Seminário 10* (1962-1963/2005), a partir das quais Jacques Lacan equiva o trabalho de “objetalização” a uma tentativa de atribuir forma e materialidade àquilo que é a da ordem do real, do imaterial. Desse modo, o objeto *a* adquire outras facetas e passa a ser nomeado por uma série de outros “*as*”, os quais Lacan nomeia como *objeto voz*, *objeto olhar*, *objeto anal*, *objeto oral* e *falo*. Colette Soler (2012) nos auxilia, mais uma vez, a elucidar esse ponto da obra lacaniana e recupera a diferenciação entre o *objeto caído* e a série de *objetos cedidos*, ainda que ambos sejam denominados por Lacan como objeto *a*. O ‘objeto *a* caído’ é singular, “ele não tem imagem, nem nome, nem significante” (Soler, 2012, pp. 147/148), já os objetos cedidos se manifestam no nível dos fenômenos: são apreensíveis no plano da realidade e podem ser tocados, trocados, manipulados ou historicizados. Assim, ao plano dos objetos cedidos nomeados por Lacan, podemos acrescentar muitos outros, a partir dos quais a imaterialidade do real busca adquirir contornos. O encontro com esses objetos escancara, para além daquilo que eles buscam representar, o vazio central a partir do qual se constituem.

Feito esse percurso, retomemos as falas de André sobre a potência da “materialização” das obras de arte na metodologia de intervenção das Narrativas Memorialísticas. A partir delas podemos pensar a obra de arte como um desses objetos cedidos, a partir dos quais o real que atravessa as vivências de uma trajetória de vida busca ganhar novos contornos ou “tornar-se visível”, conforme pontua André.

Outro importante efeito, nomeado pelo jovem, sobre a aplicabilidade da metodologia em questão, é a abertura de um espaço de escuta inaugurado a partir do convite à fala no primeiro tempo interventivo. A instauração desse espaço permite não apenas a troca e par-

tilha de saberes, ela é interpretada por André como uma forma de demarcar a importância dessas vidas e fazer frente ao esquecimento dessas trajetórias. Sem esse espaço de escuta não é possível fazer ecoar essas narrativas que testemunham não apenas a história de vida de um sujeito, mas a história de uma civilização. Aí está colocada a importância das rodas de conversa que acolhem o livre dizer dos jovens e permitem reflexões sobre esses ditos, o que as diferenciam das histórias contadas cotidianamente nas esquinas da comunidade ou nos espaços de testemunho das igrejas, como nos aponta André.

Sobre o lugar da obra de arte nessa metodologia de intervenção, André demarca que esta “materializa” a história de vida do sujeito, porém não é capaz de representá-la ou representar o sujeito que a narra. A obra apresentada pelo artista segue a “ótica de outra pessoa, até onde ela conseguiu extrair da conversa”. A obra extrai um olhar, uma escuta possível entre as lacunas que compõem uma história de vida e, assim, permite tantas outras possibilidades de interpretação. Ao operar com o limite representacional da obra, marcado na fala de André pela expressão “até onde cada um conseguiu extrair da conversa”, escancara-se a infinidade de interpretações e óticas possíveis sobre a criação e recepção de uma obra e de uma narrativa.

3.2.3 “Minha vida vale?” e os furos de uma tessitura narrativa

AMANDA César, o que fica para você depois de ter participado da pesquisa *Adolescências e Leis*? Esta pesquisa dividida em três tempos onde, primeiramente, você narrou sua história de vida, posteriormente, aguardou a produção das obras de arte e como última etapa recebeu, em mãos, uma obra de arte produzida a partir de sua história de vida?

CÉSAR Eu vou dizer uma coisa que eu acho que é um dos efeitos, **a gente começa a pensar como podemos contar nossa história, como podemos fazer isso**. Como eu conto minha trajetória, por exemplo, de quando eu era pequeno até os meus 10 anos? Dos meus 10 anos até os meus quinze? E dos quinze até o momento... Como eu posso contar esta história sem atropelar alguma coisa? Quando eu contei do meu amigo deficiente, esta história se rendeu de 2007 a 2010, depois, quando eu fiquei sabendo que ele morreu, foi em 2015. Eu comecei a contar minha história de 2010 para frente, depois voltei em 2007 e, depois, voltei mais para frente, acaba embolando as coisas. **Aí eu pensei como eu poderia contar minha história de uma forma que tudo fique em ordem? Sem embolar? Sem voltar?**

AMANDA E o que você concluiu? Existe essa forma?

CÉSAR Existe, mas para fazer isso demanda muito tempo. Você tem que parar especialmente para isso. Você tem que parar na frente do computador ou do papel e escrever etapa

por etapa, não precisa ser certinho em data, mas, sim, em épocas. Etapas de dois, três anos com o que você se lembra.

AMANDA Mas parece que você me diz de um processo mais gráfico, né? De escrita. E na fala? Será que conseguimos abarcar tudo isso?
[...]

CÉSAR Eu, no ônibus com a minha mãe, começou assim. Estávamos no ônibus indo assistir Vingadores, começamos conversando:
- Você está precisando de um tênis. Seu tio tem um tênis.
- Mas ele é preto? Porque quero um preto.
- Acho que ele é azul.
- Ah, azul é mais ou menos, mas também serve, quero um tênis. Mas será que esse tênis vai apertar meu pé?
- Na minha época de Assprom eu usava um tênis que apertava meu pé.
Aí ela começou a lembrar da época dela de Assprom, 1990 e poucos ou 1998/1999. Aí continuou, já saímos do tênis e passamos para a Assprom e da Assprom foi para o filme de novo. De tênis foi para filme, isso que eu acho muito engraçado e quando eu comento isso a gente começa a rir porque é engraçado: ‘você tem noção de onde a conversa começou?’
Uma coisa que eu adoro é falar, se deixar, eu falo o dia inteiro.

AMANDA César, isso que você diz, dessa fala livre que vai desembocando nos lugares mais diferentes possíveis. Você sentiu essa fala livre ao longo da sua participação na pesquisa *Adolescências e Leis*? Você se sentiu bem à vontade para poder contar sua história de vida naquele momento em que lhe fizemos o convite? Você sente que sua narrativa seguiu esse caminho?

CÉSAR Sim, às vezes isso até me incomoda, **porque quando a gente começa a falar às vezes a gente perde o rumo**. A gente tá indo aqui ó, seguindo o caminho, aí, do nada, a gente começa a sair dele. Aí, depois, a gente tenta voltar e acaba passando direto, até voltar. A gente não consegue seguir a mesma ideia. Por que isso acontece? **Porque é só a gente falando. Quando eu tenho uma pergunta vindo, eu sei como me orientar. Deixando livre demais, a gente se perde. Quando tem uma pergunta é mais fácil!**
[...]

Teve uma coisa sobre o evento que eu fiquei um pouco incomodado quando eu fiquei sabendo dele, mas ao mesmo tempo eu me senti interessado, que era: ‘o conflito do jovem com a lei’. Eu não tive nenhum problema com lei, eu não tenho problemas nas ruas, envolvimento com drogas, com o crime, eu não tenho nenhum desses tipos de problema. Então, por que eu participei do evento? Eu praticamente estava fora de

tudo. Aí, eu vou te responder: porque consegue perceber o contraste do que acontece na favela, entre um que tem problemas maiores que os outros. Eu não tive esses problemas na minha vida. Algumas coisas aconteceram na vida deles que não aconteceram na minha. Eu sou da época moderna, televisão, videogames e tudo mais, mas eu peguei o final dos anos 2000, de 2000 até 2010, minha infância foi ali. Eu cresci com videogame dentro de casa, mas eu só fui ter o meu primeiro videogame em 2009. Até lá eu brincava com meu amigo todos os dias. Ia para escola de manhã e de tarde, mas não mexia com tecnologia. Eu assistia televisão, brincava com meus brinquedos, meus carrinhos, minha bola, que eu não gostava tanto, era ruim... depois que eu fui mexer.

AMANDA E onde você passou sua infância?

CÉSAR No Alto Vera Cruz, exceto entre os anos de 2010 a 2014, que eu fui morar no Taquaril, depois que meus pais se separaram. Depois de 2014, quando eu tive um desentendimento com a minha mãe, eu voltei a morar no Alto com o meu pai. Até 2016, quando meu pai foi morar na Serra e eu continuei morando no Taquaril, com os meus avós.

César começa a recontar sua história de vida:

[...]

AMANDA Vamos retomar a questão dos efeitos da intervenção. Você pode descrever qual foi a obra que você recebeu?

CÉSAR **Foi o texto “Performance”, eu até tentei lembrar o nome do autor, mas eu não consigo lembrar. Eu lembro do rosto dele, mas não consigo lembrar do nome. Eu achei interessante o modo como ela foi escrita, com a narrativa, com pausas, narrativa, vai falando, pausas. Uma forma de narrar um pouco mais baixa, com algumas pausas, sussurros** (ele sussurra enquanto diz). **Achei isso bem interessante.**

AMANDA Esse modo de narrar lhe trouxe alguma lembrança sobre sua própria história?

CÉSAR **Me lembra, às vezes o jeito que eu converso.** Às vezes eu tô conversando numa boa, depois eu vou e aumento o tom. Às vezes eu vou e faço um pouquinho mais baixo. Me lembra também do jeito como eu vou reagindo, às vezes eu vou mexendo, falando, gesticulando. Depois que eu li, eu fui reparar. Até mesmo aqui, ó, eu não paro nem um pouco. Fico inquieto, sempre falando, sempre variando o tom, sempre mudando o jeito de falar. Às vezes rindo, às vezes um pouco mais sério. Depois que eu li, eu fui explorando isso, achei interessante. **O que mais me trouxe dessa intervenção foi o modo de conhecer a mim mesmo. Isso foi a melhor coisa que eu consegui tirar da intervenção.**

- AMANDA** Como? Conhecer a si mesmo como?
- CÉSAR** **Reparar no jeito que eu falo, no jeito como eu faço as coisas. O que eu falo, mas não faço, no que eu faço, mas não falo. Reparar em tudo, tudo. Até mesmo o modo como eu conto as histórias.** Quando eu fui perceber, eu embolei muito a história, mas se alguém prestar atenção e ler uma, duas vezes, consegue entender o que eu falei, consegue entender a história.
Foi muito mais para autoconhecimento, começar a pensar: ‘quem sou eu? Qual é a minha história? Será que a minha vida realmente não é interessante? Será que eu sou um cara desinteressante se alguém olhar para ver o que eu estou falando? Será que ela vai se sentir interessada ou não?’ Eu parei para pensar nisso, que é uma coisa que eu nunca tinha feito, nunca tinha pensado nisso. Aí, serviu para eu refletir sobre toda a história, sobre tudo.
- AMANDA** Essa pergunta: será que minha história é interessante? Surgiu para você durante o processo ou depois daquele momento da devolutiva?
- CÉSAR** Quando eu fiquei sabendo da entrevista (ele se refere, aqui, ao primeiro tempo interventivo: narrar uma história de vida). A Cláudia chegou na sala e perguntou quem queria participar, ninguém quis participar, mas aí eu pensei: ‘eu posso participar, sim’. E aí eu fui, na coragem. Aí, depois que eu me candidatei, eu fiquei pensando: **‘por que eu me candidatei? Será que minha história é interessante? Será que vale a pena? Será que alguém se interessaria em parar e escutar minha história?’**
- AMANDA** O que você acha que é isso que o fez levantar a mão?
- CÉSAR** Sinceramente eu não sei. Não consigo pensar em um motivo claro, mas eu acho que às vezes é **tentar incentivar outras pessoas a fazerem também, ou vontade de falar, pôr para fora alguma coisa que precisava.** Igual, por exemplo, eu seguro muito, tem coisas que eu mesmo guardo muito a fundo e não falo com ninguém, como a história de 2010 quando meu pai e minha mãe se separaram. **Eu segurei por muito tempo para contar essa história para outras pessoas, sem ser os que eu já conhecia. Poucas pessoas sabem dessa história, só os meus amigos sabem disso.**
[...]
- AMANDA** E você se lembra o que você sentiu quando recebeu aquela obra de arte?
- CÉSAR** **Eu fiquei um pouco... eu fiquei feliz, porque ao mesmo tempo que parece que o artista teve dificuldade para fazer, eu vejo que ele também se superou para fazer aquilo, porque ele teve um problema. Ele mesmo falou. Eu lembro dele**

falando que foi realmente complicado colocar toda a história em palavras, em um texto. Então eu vejo que foi positivo, tanto a minha história complicada quanto ele produzir o texto todo, toda a história, conseguir ligar tudo. Foi bem, como eu posso dizer... me alegrou muito, porque eu gostei do texto. Ele está guardado até hoje lá em casa, ainda tenho ele. Está na gaveta, junto com vários outros papéis, documentos, desenhos que já recebi, desenhos que eu já fiz. Eu achei incrível como todos lá tiveram uma história, todos receberam uma forma diferente, foi muito bacana! Você vê sua vida pelos olhos de outras pessoas, é exatamente isso.

Às vezes, por eu ser um dançarino, ser um artista também, eu penso um pouco diferente: ‘quem está vendo? O que ele está vendo?’ Isso faz uma diferença.

[...]

AMANDA

Teria algo que você mudaria, acrescentaria, retiraria nessa intervenção?

CÉSAR

Eu prefiro manter, porque com tudo que tem lá a gente consegue aprender. Eu, por exemplo, no dia que eu fui escrever lá que eu ia participar, que minha mãe assinou o papel, eu fui junto com um amigo meu, o Cristian. A Claudia falou que tinha que colocar um nome, mas que não precisava ser meu nome, mas eu pensei: ‘mas eu quero colocar meu nome. Por que colocar outro nome? Por que me esconder?’. Vou colocar meu nome mesmo, não tem para quê. Você vê que foi o que o André fez.

Às vezes eu não gosto de falar tanto disso, mas a única coisa que eu faria é que eu mudaria e **colocaria o meu próprio nome, a única mudança que eu faria, mas o resto eu prefiro manter, porque com isso a gente aprende, a gente vê o que aconteceu. Eu até toparia refazer esta entrevista desta história. Eu estava pensando em refazer a entrevista. Ou até mesmo uma parte 2.** [...] Às vezes a gente está à toa em casa, deitado antes de dormir, ou quando a gente acorda, ou mesmo tomando banho, a gente começa a pensar neste tipo de coisa. **Eu pensei na entrevista: ‘nossa, como foi legal! Imagina fazer de novo?’** Mexendo no computador, eu pensei: ‘Dá mesmo para contar de uma maneira mais interessante, como eu poderia fazer isso?’ Eu imaginei que eu poderia contar a história mais **pausada, focando em épocas.**

[...]

Para mim, foi um efeito mais pessoal, um efeito que trabalhou muito a minha mente.

[...]

Uma coisa que eu gosto sempre de comentar e que você mesmo falou que fica muito claro na minha história, são os meus amigos. Para mim, se tem uma coisa que eu passei a valorizar, tanto quanto a minha família, são meus amigos.

Como o principal efeito de sua participação na metodologia de intervenção das Narrativas Memorialísticas, César nomeia o “conhecimento de si mesmo”. Isso seria, em suas palavras, “a melhor coisa que eu consegui extrair dessa intervenção”. Primeiramente, seu encontro com o convite para narrar sua história de vida, no primeiro tempo interventivo da pesquisa *Adolescência e Leis*, suscitou nele perguntas sobre seu ser, sobre o reconhecimento de si e de sua trajetória de vida para o outro: “Quem sou eu? Qual é a minha história? Será que a minha vida realmente não é interessante? Será que eu sou um cara desinteressante se alguém olhar para ver o que eu estou falando?”.

Essas são algumas das tantas perguntas que o acompanharam antes do aceite ao convite feito por Claudia. Outras tantas se desdobraram depois. Antes de tecer sua narrativa, César ainda se interroga: “Como eu poderia contar a minha história de uma forma que tudo fique em ordem? Sem embolar? Sem voltar?”. A tentativa de resposta a essas perguntas o impulsionou a recontar sua história de vida e, assim, acordar com a pesquisadora outro encontro, para que ele pudesse contá-la de modo que “tudo fique em ordem”. César busca, assim, reconstituir o “rumo” destituído por sua fala livre, em oposição à orientação pelas perguntas que tornam as coisas mais “fáceis”. Nessa tentativa ele denuncia o “real fisgado pelo significante” (Vieira, 2018, p.145), que se manifesta nas entrelinhas de sua narrativa.

Sua participação nos três tempos interventivos da metodologia permitiu-lhe começar a reparar no jeito como ele faz as coisas: “O que eu falo, mas não faço. No que eu faço, mas não falo. Reparar em tudo, tudo. Até mesmo o modo como eu conto as histórias”. O encontro de César com a obra de arte produzida a partir de sua Narrativa Memorialística gerou um efeito de “autoconhecimento”, conforme ele o nomeia. O modo como o texto da obra recebida foi escrito, lembra-o também “o jeito como às vezes eu converso”, capta algo de sua gesticulação e da variação de seu tom de voz. A descrição feita por César nos remete à dimensão de *lalangue*, o real do gozo que anima e embala o corpo do sujeito.

Além disso, o encontro de César com a obra de arte nessa intervenção possibilitou-lhe “ver sua vida pelos olhos de outras pessoas”. Essa formulação nos endereçou aos apontamentos de Antoine Masson (2020) sobre os mecanismos que engendram a metodologia das Narrativas Memorialísticas, porém, de acordo com os dizeres de César, esse outro modo de ver se tornou possível não apenas pela “distância de si” operada pela obra, mas a partir de um olhar comum que ele partilha com o criador desta, afinal, os dois são artistas e, assim, possuem visão comum sobre a criação e recepção de uma obra.

Ao final da entrevista, ao ser perguntado sobre as modificações que faria na metodologia de intervenção das Narrativas Memorialísticas, César responde que se identificaria pelo próprio nome e recontaria sua história de vida. As modificações citadas nos soaram como efeitos de sua participação nos três tempos interventivos da pesquisa *Adolescências e Leis*, aos quais acrescentamos ainda o tempo de realização dessa entrevista. A vontade de refazer sua narrativa parece ser efeito não só do encontro de César com os furos da linguagem que atravessam suas tentativas falhas de contar cronologicamente, em ordem ou sem furos, sua história de vida, mas fruto da apreensão de um “conhecimento de si”, que lhe desperta o desejo de recontar essa história e, desta vez, assiná-la em seu nome.

3.2.4 Aberturas e potências do objeto-obra

- AMANDA** Blitz, vou lhe pedir para dizer o que fica para você dessa intervenção dividida em três tempos.
- BLITZ** **Para mim, foi muito importante poder expressar um pouco a vivência que eu tenho aqui na quebrada.** Compartilhar minha história, que é em comum com outras pessoas que participaram junto, e juntamente com isso consegui estar **me envolvendo em um espaço no qual nem todos nós temos muita oportunidade e convívio, né?**
- AMANDA** Qual espaço?
- BLITZ** **A faculdade. Não é todo dia que temos a oportunidade de estar convivendo, de estar ali, fazendo trabalho junto, de estar levando lá pra dentro essa realidade que a gente vive aqui fora. O que ficou para mim foi nesse sentido. Não é todo mundo que está interessado em saber disso.** Tem gente que tem equipamento, tem espaço e não está interessado em saber, tá nem aí do que a gente passa, o que a gente vive, o que a gente vê as pessoas vivendo. Foi uma oportunidade muito boa nesse sentido. **Poder compartilhar e levar essa informação lá para dentro e para as pessoas envolvidas neste trabalho. O que marcou mais foi nesse sentido.**
- AMANDA** Foi a primeira pesquisa universitária de que você participou?
- BLITZ** Nesta característica, sim, com esse processo, mas eu já tinha participado de outras entrevistas. Já tive a oportunidade de ir lá para dentro, fazer trabalho nas universidades. Teve um momento que eu fiz uma oficina na Faculdade de Educação da UFMG. [...]
- AMANDA** Blitz, voltando um pouco. Qual foi a obra que você recebeu? De quem você recebeu?
- BLITZ** Foi um quadro com uma fotografia emoldurada. Nessa fotografia era uma mesa de sinuca com uma bola branca indo em direção à caçapa. O que eu achei bastante criativa a forma como o fotógrafo interpretou a história. A minha história, como eu contei, ela foi muito... ela teve vários caminhos e, ao mesmo tempo, ela teve entradas e saídas que representam a caçapa **e eu achei que eu seria a bola.** Eu achei muito doido, porque até então nunca tinha acontecido comigo, deu ter recebido algo nesse sentido a partir de um trabalho, de uma colaboração minha. Foi muito legal para mim essa resposta. Para mim, soou como uma **homenagem, uma homenagem mesmo. Foi inédito também porque sempre fui acostumado a participar das coisas sem receber, não tinha esse estímulo para eu poder participar das paradas, essa**

contrapartida. Quando veio, achei louco demais. Falei: ‘da hora, da hora mesmo!’
Aí, tá pregado lá no meu quarto, decorando, tá pregado lá.

AMANDA Você recebeu a obra das mãos do artista?

BLITZ Não, não recebi. Ele tava morando fora, eu acho, mas foi muito louco. Eu gostei muito, não só do meu trabalho, mas do de outros participantes. Ficou muito legal, muito ‘da hora’.

AMANDA Você acha que foi diferente ter recebido ou não das mãos do artista?

BLITZ Não, a emoção foi a mesma. A diferença foi só eu não ter conhecido pessoalmente a figura do artista. Mas o ato singelo foi bastante importante e foi a mesma coisa. Foi uma parada nova, nunca tinha recebido. Foi especial!

AMANDA “não conheci pessoalmente”. Sente que conheceu de alguma forma aquele artista?

BLITZ Sim, pela questão da característica, do traço, do estilo. Dá para entender que ele foi dedicado, criativo, viajou demais na proposta.

AMANDA Quando você diz que sentiu que era aquela bola. E essa bola? É a bola que entrou no buraco? A bola que triunfou? Que bola é essa?

BLITZ Ah, no buraco eu não entrei, não. Eu tô permanecendo aí até hoje. Eu achei outros caminhos que me levaram a situações diferentes, que gerou outras repercussões no geral, o trabalho que a Casa desenvolve, as coisas que eu venho fazendo no dia a dia na comunidade, eventos, as revelações aqui da comunidade. Os moleques que despontam dentro do Rap, que despontam dentro do trabalho social na quebrada, os moleques que deixou de morrer, que deixou de ser preso... Então ninguém caiu no buraco, não. Tá todo mundo aí, firmão! E os que entraram no buraco, nós demo a mão e tiramo eles do buraco.

AMANDA Estou lembrando que na fotografia é a bola branca, né? Aquela que não cai. Na lógica do jogo da sinuca, a branca é a que não pode ser encaçapada, certo?

BLITZ Se ela entope, entala no buraco, o jogo acaba. Como eu ainda não caí no buraco, o jogo não terminou. Para eu cair no buraco tem que ser um buracão.

AMANDA Também faço essa aposta, não vai cair. [...] Blitz, se você pudesse compartilhar o que você sentiu quando recebeu aquela obra, o que lhe tocou a partir dela?

BLITZ Alegria, eu fiquei muito feliz em receber a obra. A primeira coisa que eu senti foi : **‘Ai, mais um objeto de decoração para o meu barraco’. E depois, por receber algo em troca pelo que eu tinha feito... e a satisfação de adquirir algo**, é sempre bom! No dia a dia, com o nosso trabalho, para atingir a juventude, a gente sempre oferta alguma coisa. E aí eu me vi nessa situação. Aqui no meu trabalho eu oferto tipo: ‘você vai aprender a cantar, eu vou te dar um palco, e vou te dar um som para você cantar’. **Nesse dia eu me vi na troca de papel, não sou eu quem está oferecendo algo em troca para atingir as pessoas. Eles ofereceram algo em troca para me atingir, me envolver no projeto. Foi bacana, recebi com muita felicidade. Naquele momento, como se fosse um troféu. Como foi inédito, nunca tinha recebido uma obra de arte construída de acordo com a minha história de vida e com o olhar de uma outra pessoa que nem me conhecia, nunca tinha me visto, que nunca conviveu comigo para saber no dia a dia como é meu trabalho.** Seria muito fácil um artista ficar comigo aqui um mês, dois meses, vendo o meu corre aqui e tal, e fazer um trabalho neste sentido, mas uma pessoa que nunca teve esse contato, nem com o meu trabalho, nem com isso pessoalmente, conseguir me representar daquela forma? Eu achei muito criativo, com uma imaginação muito aguçada e com um olhar muito diferenciado também.

AMANDA Então, o fato de ter sido um objeto, de nós termos retornado a vocês um objeto concreto, isso fez diferença para você, certo?

BLITZ **Sim, porque foi uma parada diferente do que eu já tinha recebido. Em outros momentos, em alguns trabalhos que eu já tinha feito, eu recebi financeiramente pela minha contribuição. Tipo, dava uma palestra e aí eles me pagavam, me davam uma infraestrutura, um transporte, uma alimentação, alguma coisa assim, mas retornar uma contribuição de um ofício meu com um objeto que é durável, que pode ser mantido durante a vida inteira, depois que eu morrer fica para a família e, se a minha família não quiser, vai para um museu. Só se alguém jogar fora, alguma coisa nesse sentido. Foi muito legal!**

AMANDA O objeto faz uma marca que pode ser transmitida para além da sua trajetória.

BLITZ **É sólido, né? É sólido. Dinheiro você gasta ele, se você não adquire algo que vai te trazer essa recordação: ‘isso aqui eu conquistei devido ao trabalho que eu fiz ali’, ele desaparece e, daqui uns anos, você nem lembra que você fez aquele trabalho e que recebeu por ele, mas o quadro não. ‘Eu lembro que foi um trabalho que eu fiz e que eu fui recompensado por ele, com aquele objeto que está ali’. Ao mesmo tempo que ele está ali, decorando, ele está mantendo uma memória do que aconteceu. As pessoas que entram no meu quarto e olham, elas perguntam: ‘o que é esse quadro aqui?’ E eu explico: ‘isso aqui é um trabalho que eu fiz**

e um artista me representou com esse quadro aqui'. E os caras falam:

-Mas isso aqui é o quê? Uma lua?

-Não, isso aqui não é uma lua. É uma bola de sinuca.

-Ah, agora que eu vi a caçapa aqui.

Alguns dizem:

-É uma lua com um buraco negro?

-Não, não é uma lua com um buraco negro, não.

Eu viajo, eu frito, vou desembolando...

- AMANDA** Então o pessoal tem feito essa pergunta?
- BLITZ** Vários. Primeiro, perguntam o que é o quadro. E à medida que eu vou falando: 'ah, achei que era outra coisa'.
- AMANDA** Então eles vão dando a interpretação deles, e será que através do quê eles enxergam como os seus traços de personalidade?
- BLITZ** Acho que sim. Eles sabem que para mim o jogo não acaba. O jogo pode acabar ou não acabar, e a galera sabe que, para mim, o jogo não acaba. Porque eu nunca fui de ficar tentando acertar o buraco, acertar a tacada. E, aí, tem até aquela fala, né? 'Eu confio no meu próprio taco, né?'. Eu falo com a galera: 'Eu sou um excelente jogador de sinuca, eu não erro a tacada, não, vou para acertar!'.
Como isso verdadeiramente representa a vida. Eu não jogo para errar, eu jogo para acertar, sempre tô lá na luta, procurando vencer, acertar, trazer algo de vitória de renovo para as pessoas.
[...]
- AMANDA** Blitz a sua participação na pesquisa teve uma especificidade, você participou de outros eventos com a gente depois. O tempo da devolutiva parece que não terminou ali. Como foi para você continuar com esse trabalho?
- BLITZ** **Para mim foram novos ares, mais uma oportunidade de trazer à tona uma realidade que a gente vive aqui, de estar com pessoas diferentes e de manifestar a minha arte. Acima de tudo, manifestar a minha arte e ao mesmo tempo trazer novas possibilidades, novos olhares, mostrar que é possível a gente fazer outros tipos de coisas para além do que foi feito.** Eu lembro que depois de tudo foi escrito um projeto, mas eu acho que não foi aprovado. A galera ficou de dar um retorno, mas não rolou [...] As várias possibilidades que um trabalho pode gerar, né? O fato de ter ido lá para a faculdade, de ter feito uma atividade após os três momentos, foi isso. Porque, até então, era 1,2 e 3 e acabou, mas desmembrou e caminhou para um outro viés. Depois que terminou, aquilo ali gerou outra ideia, que já gerou um outro

tipo de trabalho e tal. Essa é a ideia, a continuidade, né? Depois que terminar esse, vai gerar um outro... Por aí vai. Isso que é interessante. A frase que pode simbolizar isso é: 'a ideia nunca morre'.

AMANDA A ideia nunca morre e a arte nunca morre!

BLITZ Sempre vai ter um que vai estar aí, puxando o bonde.

AMANDA E algo desse objeto aí, que você diz que nunca morre... que pode ser transmitido.

BLITZ **Isso aí, até o momento que tiver alguém para contar uma história o objeto não morre. Tudo o que não tiver afeto não vai ter valor. Enquanto tiver prazer, alegria, felicidade para desenvolver, a parada sempre vai estar viva.**

[...]

AMANDA E você se lembra do primeiro momento dessa intervenção? De tecer a narrativa, de contá-la?

BLITZ Não muito, o que me vem na cabeça é mais o encontro lá no CRJ... Engraçado, não lembro mesmo do dia da narrativa... Engraçado isso, né? Não lembro quem me entrevistou, em que espaço foi feito isso... Não lembro mesmo. **O contato físico, mais pessoalmente, várias pessoas, ouvir várias histórias, isso marca, né?** Entrevista por entrevista, eu já dei várias, acaba ficando superficial, mais uma história contada. Agora tô tentando puxar na mente, mas não tô lembrando sobre a narrativa.

O terceiro tempo interventivo da metodologia das Narrativas Memorialísticas é aquele a partir do qual Blitz consegue nomear alguns dos efeitos de sua participação na pesquisa *Adolescência e Leis*. Sobre o primeiro tempo interventivo, narrar uma história de vida, ele pouco sabe dizer, o que se imprime no jovem são efeitos de esquecimento.

A fotografia recebida por Blitz, na medida em que se apresenta como um “objeto que é durável”, “sólido”, “emoldurado”, é tomada como um bem, um troféu em “homenagem” e reconhecimento pelo trabalho realizado, pela trajetória de vida traçada até ali. Esse objeto-obra, em oposição ao dinheiro que pode ser gasto e assim desaparecer com o tempo, possibilita, para além da ornamentação de “seu barraco”, a transmissão de uma herança e a preservação de uma memória, pois “pode ser mantido durante a vida inteira, depois que eu morrer fica para a família... Se a minha família não quiser, vai para um museu”.

Masson (2020) já nos apontava, em sua interpretação sobre os efeitos da metodologia utilizada, a possibilidade de a obra ser tomada, pelo jovem, como herança que restitui o que é seu por direito, fruto e usufruto da construção de uma trajetória de vida. Além da possibilidade de apropriar-se de sua herança, Blitz nos aponta a possibilidade de transmissão desta por meio do objeto-obra, que se perpetua no tempo, para além de seu tempo em vida, permitindo a transmissão de seu legado.

Para aquele “acostumado a participar das coisas sem receber”, o encontro com o objeto-obra é um gesto que afirma e reconhece o valor de sua participação na partilha do sensível, da divisão dos quinhões no jogo político, permitindo-lhe gozar da “satisfação em poder adquirir algo”. Blitz denuncia em sua fala os valores sonogados a tantos corpos, em sua maioria *negros*, que sustentam o jogo político de produção capitalista, sem, porém, obter a restituição de suas partes, frutos de um alto custo de exploração, investimento e trabalho. Essa destituição assegura e mantém vivo o funcionamento do maquinário sociopolítico, à medida que transforma o excedente de produção em lucro para alguns.

Outras posições que sustentam nossa organização sociopolítica também vacilam no encontro com o dispositivo de intervenção das Narrativas Memorialísticas. Blitz diz experimentar uma “troca de papéis” no momento da Partilha, afinal, ali ele não era quem oferecia algo “para atingir ao outro”, como o faz persistentemente em seu trabalho com o Hip-Hop na comunidade onde vive. Naquele momento eram os pesquisadores que lhe ofereciam algo, buscando envolvê-lo no projeto.

Seguindo ainda os dizeres de Blitz, sua participação no Colóquio Internacional Adolescências e Leis, realizado em agosto de 2018, na UFMG, dois meses após a Partilha, inaugurou um quarto tempo interventivo, a partir do qual também nos foi possível escutar os efeitos suscitados. Blitz foi convidado pela equipe organizadora do evento para fazer um pequeno show e conversar com o público sobre suas tantas criações. Ele diz que sua participação nesse quarto tempo permitiu-lhe não apenas respirar novos ares e circular por um espaço “no qual nem todos nós temos muita oportunidade e convívio”, mas, “acima de tudo”, manifestar sua arte. Nesse ponto, outro giro opera sobre as posições experimentadas pelos sujeitos na Partilha do Sensível (Rancière, 2005), e Blitz responde de sua posição como artista, para além daquela experimentada anteriormente onde fora o receptor da obra.

Como último ponto, a partir da escuta das entrevistas de Blitz e André, salta-nos aos ouvidos a importância que eles atribuem à “materialização” ou “objetalização” das narrativas através das obras de arte. André já nos aponta que as obras recebidas a partir das histórias de vida narradas são uma perspectiva possível, “até onde a pessoa conseguiu extrair da conversa”, porém, é Blitz quem evidencia em sua fala a dimensão de rasura da criação artística (Souza, 2015), composta por fendas e aberturas que permitem a constante reinvenção do sentido.

A fotografia recebida por Blitz, a seus olhos, toma a forma de uma bola de sinuca, aos olhos dos amigos ela se assemelha a uma lua ou a um buraco negro. O sentido da obra sustenta-se até o próximo instante, quando um novo olhar ou uma nova interpretação são lançados sobre ela. A bola de sinuca, interpretada anteriormente por Blitz, no momento da Partilha, como uma conquista, o triunfo de um jogo jogado “junto”, fruto da articulação comunitária, ao longo da entrevista se transforma também em uma bola encaçapada pela confiança em ‘seu taco’. Blitz se identifica com essa bola, com aquela que “não cai no buraco”, à medida que move seu trabalho de mobilização comunitária buscando sempre “trazer uma vitória” e “um renovo” aos seus, mantendo todos “firmões”. A confiança no próprio taco, porém, é atravessada em sua fala por alguns atos falhos que confundem o acerto da tacada

com o encaçapamento da bola branca²⁴, o que acarretaria no fim do jogo, e pelo mecanismo da Negativa (Freud, 1925/2007) que afirma, através da negação, que Blitz é aquele que: “não erra a tacada, não”.

Aos tantos sentidos possíveis atribuídos à obra, podemos acrescentar aquele suscitado nos pesquisadores, que também a interpretaram como uma bola de sinuca, porém tomando-a como expressão de “uma sinuca de bico”, um retrato da divisão subjetiva do sujeito, em oposição à interpretação triunfante de Blitz. Em uma conversa²⁵ com João Vitor Couto, artista criador da obra, ele nos contou sobre o processo criativo da mesma e compartilhou o efeito criado pelo enquadramento da fotografia, que deixa em aberto se se trataria de uma “sinuca de bico” ou não, já que não é possível ao espectador ver o restante da composição do jogo na imagem registrada. O artista compartilha ainda um impasse que o tomou ao longo da criação da obra:

A minha dúvida era se eu colocava uma bola preta ou uma bola branca. Mas o jogo é jogado com a bola branca, né? O jogo acaba quando a bola branca cai, não é? Então eu botei ela na boca ali, entre a vida e a morte, sacou? E qualquer tentativa de saída é muito arriscado à vida. É muito difícil sair dali com vida. É disso que eu estou falando. Ela vive nessa berlinda, nessa fronteira entre vida e morte o tempo todo, nessa corda bamba e tal. Então foi essa a ideia. Eu fiquei na dúvida disso, se colocava uma bola preta ou uma branca, mas eu optei pela branca. Pensei nisso, nessa questão do racismo, sabe? Isso é forte porque eu não preciso nem saber da cor das pessoas, porque eu já sei. A maioria deles, a cor que eles são. Mas hoje eu acho que foi até melhor eu colocar a bola branca, que, de certa forma, sei lá, não tenta forçar a barra... Sei lá! Eu gostei, eu gostei bem dessa foto. Eu achei que ela resume bem. (J. V. Couto, comunicação pessoal, 9 de Dezembro de 2020).

3.2.4.1 O logro da imagem

A pluralidade de sentidos atribuídos à obra por parte de Blitz, de seus amigos ou dos pesquisadores parece dialogar com a intenção do artista que, no processo de produção da obra, ainda que sem intenção, se valeu da presença oculta do objeto *a* que atravessa o enquadramento da imagem e permite a abertura a uma infinidade de sentidos.

Lacan, em suas lições ofertadas ao longo do ano de 1964, reunidas no *Seminário 11*, desdobra suas formulações apresentadas no ano anterior, durante o *Seminário 10: A angústia* (1962-1963/2005), quando toma o olhar como uma das versões do objeto *a* e destaca o

²⁴ “Eu nunca fui de ficar tentando acertar o buraco, acertar a tacada” (Blitz).

²⁵ Deixamos aqui os devidos créditos e agradecimentos a Rodrigo Góes Lima, pesquisador do núcleo PSILACS que nos ce-deu a entrevista realizada com o artista João Victor Couto. Agradecemos também ao artista por autorizar sua reprodução.

logro constitutivo sobre o qual esta função se estrutura. Um olhar é sempre um enquadramento. Ao enxergarmos algo, cegamo-nos a tudo aquilo que escapa ao nosso campo visual e, assim, nos olha. Enquanto vemos de um único ponto, somos olhados de toda parte. Aquilo que está no mundo olha o sujeito, o preexistindo-o assim como a linguagem. Nesse sentido, Lacan (1964/1998) demarca o triunfo do olhar sobre o olho. Primeiramente o sujeito é olhado, posteriormente ele olha.

Na esteira do pensamento de Lacan (1964/1993), Didi Huberman (2010) nos elucida que “ver é sentir que algo inelutavelmente nos escapa”, nos olha. Ver não é apreender ou ter, é experimentar “o que não vemos, o que não mais veremos – ou melhor, para experimentar que o que não vemos com toda a evidência (a evidência visível) não obstante nos olha como uma obra (uma obra visual) de perda” (Didi-Huberman, 2010, p.34).

A função *mancha*, desenvolvida por Lacan no referido *Seminário 11* (1964/1993), contribui para a elucidação deste argumento que toma a pulsão escópica como logro constitutivo, “terreno em que o objeto *a* é mais evanescente em sua função de simbolizar a falta central do desejo” (Lacan, 1964/1993, p.103). A caveira localizada aos pés dos embaixadores na obra de Hans Holbein (1533), retomada por Lacan (1964/1993) e tomada como ilustração da capa daquele *Seminário 11*, representa bem essa função na medida em que torna visível “algo que não é outra coisa senão o sujeito como nadificado – nadificado em uma forma que é a encarnação imajada do menos fi da castração” (Lacan, 1964/1993, p.88). A mancha, tomada como objeto *a*, é o logro constitutivo a partir do qual uma imagem é composta. Essa, ao ser atravessada pela opacidade do real do objeto, distancia-se de qualquer equivalência com a representação ou regulação da forma. De outra parte, a opacidade real do objeto permite a manutenção da fenda criacionista imagética, a partir da qual sentido e forma se reinventam constantemente.

A esse debate, acerca do logro constitutivo da imagem suscitado pelas diversas significações atribuídas à obra recebida por Blitz, acrescentamos as formulações de Tania Rivera (2018) de seu ensaio *Kosuth com Freud: A imagem e a palavra*. Ao abordar o conceito de imagem para a psicanálise, Rivera (2018) apresenta um arsenal de leitura capaz de elucidar parte dos processos estético-criacionistas que compõem a metodologia de intervenção das Narrativas Memorialísticas e esboçam a dimensão de rasura das obras (Souza, 2015).

Em seu ensaio, a autora parte da noção de imagem adotada por Rancière (2003), tomada como “operações, relações entre o dizível e o visível” (*apud* Rivera, 2018, p.63) para, a partir dela introduzir a novidade operada pela psicanálise a esta conceitualização. O rigor teórico da escrita ensaística de Tânia Rivera nos conduz a um retorno a Freud (1900) e aos seus estudos sobre os sonhos, em que encontramos, primeiramente, uma equivalência entre imagem e palavra, afinal a interpretação dos sonhos consistia em um trabalho de tradução de imagens em palavras. O avançar desses estudos levou Freud ao encontro com o *umbigo dos sonhos*, núcleo de opacidade do trabalho onírico que não permite decifrar ou interpretar todo o texto que se revela nas entrelinhas da imagem sonhada, fazendo com que algo ainda permaneça velado entre imagem e texto. Para Freud, esse “umbigo” estava associado ao sexual enigmático intransponível da barreira do recalque; para Lacan, porém, ele é tomado

como a expressão pura do registro do Real, “ponto cego, insondável, que resiste à simbolização e insiste em pôr em risco – em rasgo – a representação” (Rivera, 2018, p.67). Estamos aqui, novamente, diante dos atravessamentos que objeto *a* opera sobre a criação imagética.

Pois bem, dito isso e retomando as construções lacanianas dos anos 1960 e as formulações de Tânia Rivera (2018), a novidade introduzida pela psicanálise ao conceito de imagem diz respeito ao atravessamento do registro do Real nesta composição, o qual “retira da imagem a possibilidade de correspondência direta com um referente” (Rivera, 2018, p.66). Desse modo, promove-se a desarticulação da imagem a qualquer “significância” e apontam-se os desfiladeiros do desejo inconsciente em causa, o que torna uma imagem sempre incerta e oscilante.

No sonho ou no encontro com as imagens, giramos em torno desse ponto de matéria bruta resistente à simbolização – expresso primeiramente pelo umbigo do sonho na teoria freudiana e, posteriormente, pelo objeto *a* com o avanço da teoria laciana – que vela e revela as desarticulações do desejo inconsciente e garante a manutenção da dimensão de rasura da obra. Aos moldes da interpretação analítica, como nos relembra Tânia Rivera acerca das advertências lacanianas, desta vez no prefácio ao livro *Olho Clínico: ensaios e estudos sobre arte e psicanálise*, de autoria de Guilherme Massara Rocha (2008), a desarticulação do sentido é o que permite que o encontro do sujeito com a obra continue a produzir ondas.

3.3 PARA CONCLUIR: A POTÊNCIA DESARTICULADORA DO OBJETO A ENTRE NARRAR, CRIAR E PARTILHAR

A escuta dos efeitos oriundos da participação dos jovens na metodologia de intervenção das Narrativas Memorialísticas nos revela a presença irrepresentável do objeto *a* que atravessa os três tempos interventivos da pesquisa *Adolescências e Leis*: (1) a tentativa de narrar uma história de vida; (2) a criação das obras de arte e as produções teóricas tecidas a partir da escuta das narrativas; e (3) o encontro dos sujeitos com as obras de arte no momento da Partilha. Esse mesmo objeto, tomado como expressão do real, resto desarticulador do sentido e da forma, atravessa também a relação entre causa e efeito, demonstrando que as tentativas de apreensão da causalidade dos fenômenos, para a psicanálise, é permeada pela ação do inconsciente e pela irrepresentabilidade do campo do desejo, provocando assim uma cisão desarticuladora entre os campos da causa e do efeito e impossibilitando uma relação determinista entre estes, conforme apontado no Capítulo 2 desta dissertação.

Nota-se que grande parte dos efeitos oriundos da participação dos jovens na metodologia de intervenção das Narrativas Memorialísticas gira entorno da potência desarticuladora do objeto *a*. Tal potência revela-se na fala de Pedro Henrique diante de suas tentativas falhas de tamponamento do corte propulsor do desejo que cinde seu eu e perfura a imagem ideal de si, criada como anteparo aos irmãos. César, ao tentar narrar sua história de vida, encontra-se com o deslizar da cadeia significante, com a dimensão real do objeto, capaz de desarticular o sentido de sua narrativa, interrogar o valor atribuído a esta e revirar o ordenamento temporal a partir do qual ele se orientava na tentativa de apreender o real que atra-

vessa suas vivências. Nas falas de André e Blitz, a dimensão do objeto *a* revela-se quando, ao apostarem no poder de “objetalização” ou “materialização” de uma história de vida em obra de arte, os jovens encontram o vazio estrutural que sustenta essas criações, desarticulador da forma e do sentido e propulsor das mais diversas interpretações sobre as obras.

Constata-se, assim, que as tentativas de dizer sobre efeitos, incluindo aqui não somente os efeitos oriundos da metodologia de intervenção das Narrativas Memorialística, mas todos aqueles que arrebatam aos sujeitos, frutos das mais diversas causalidades ao longo de suas trajetórias de vida, são permeadas pela presença oculta do objeto *a*, porção de real que excede o campo simbólico e engendra o circuito pulsional, penetrando a fala, a escuta e o olhar. Diante disso, nosso percurso de pesquisa permitiu constatar que **para apreender algo da ordem dos efeitos, em psicanálise, é preciso se haver com a dimensão real, proveniente da não inscrição do objeto *a* sobre o campo dos sentidos**. Em Freud, esse resto resistente à simbolização, que atravessa o sujeito e desbanca a primazia de sua consciência, é fruto da ação do recalque, enquanto que no ensino lacaniano, este resto é originário de um tempo pré-subjetivo, tomado como produto da operação de inscrição do sujeito no campo do Outro.

Além disso, a escuta das falas dos jovens a respeito dos efeitos oriundos de suas participações na metodologia de intervenção das Narrativas Memorialísticas nos revelou a **potência irruptiva das obras**, a partir da qual as criações artísticas ganharam relevo especial nesta metodologia. As hiências, fendas, aberturas ou rasuras da obra propiciam o deslizar do sentido e rompem com as tentativas de fixá-la a um modelo representacional. Essa fixação poderia ser extremamente danosa à metodologia das Narrativas Memorialísticas, pois, tratando-se de obras de arte criadas a partir de histórias de vida, a crença em um modelo representacional artístico poderia gerar como efeito a fixação do jovem nas insígnias do Outro, calando toda e qualquer possibilidade de resposta, abertura ou deslocamento subjetivo a partir do encontro com a obra.

As obras de arte literárias, visuais e performativas compostas a partir da proposta da metodologia de intervenção em questão, ao revelarem por suas brechas o vazio que as impulsiona, oferecerem um tratamento, por vias simbólicas e imaginárias, ao Real que atravessa as histórias de vida dos jovens. Tratar o Real se diferencia de qualquer tentativa de tamponamento deste registro e diz respeito a uma aposta corajosa em lidar e percorrer os solos áridos desse registro. Como nos advertem os artistas, nessa árdua travessia é preciso que façamos nossas invenções e, assim, criemos nossas obras, que podem ser, conforme nos sugere Masson (2020), nossas próprias trajetórias de vida.

À guisa de conclusão deste capítulo, faz-se uma breve articulação entre a formulação apresentada por Masson (2020) - a partir da qual ele equivale a trajetória de vida do jovem à obra de autoria deste-, e algumas formulações feitas por Guilherme Massara Rocha (2008) sobre os deslocamentos operados pela arte. Em seu texto *Arte e psicanálise ou o encontro de Sigmund Freud e Marcel Duchamp*, Rocha (2008) questiona se a arte não seria “aquilo que resulta de um ato de **ruptura com os significados do que se apresenta imóvel aos sentidos e ao pensamento**” [grifo nosso] (Rocha, 2008, p.249), e prossegue pontuando que

a arte cumpre função semelhante àquelas designadas aos acordos e desacordos que acompanham a história da cultura humana, ou seja, a de **interrogar o sentido da realidade em que nos vemos irremediavelmente inseridos**. O autor ainda complementa, dizendo que os objetos da arte “fornecem os signos que **presentificam a história perdida de um povo, de uma cultura e, não menos, das subjetividades que nela existiram**” [grifo nosso] (Rocha, 2008, p.249).

Nota-se que muitas das funções e deslocamentos operados pela arte, apontados nesse ensaio, são semelhantes às impressões, efeitos e deslocamentos suscitados nos artistas e pesquisadores a partir da escuta das Narrativas Memorialísticas dos jovens. O encontro com esses sujeitos e com suas histórias de vida, a partir das quais revelam-se modos de viver operantes sobre o limiar entre a vida e a morte, nos fizeram interrogar, em consonância com os apontamentos de Rocha (2008), o sentido da realidade em que estamos inseridos e questionar os significados imóveis, ancorados sobre o discurso perverso da necropolítica (Mbembe, 2016) que envolve muitos de nossos sentidos e pensamentos. Além disso, o acervo composto pelas obras e narrativas da pesquisa *Adolescências e Leis* testemunham a história de um povo, de uma comunidade e das subjetividades que nela existem, seguindo o que nos apontou Rocha (2008) sobre a potencialidade de uma obra. Esse efeito já havia sido citado por André ao dizer, em sua entrevista, sobre a inscrição temporal operada pelas obras e narrativas que demarcam o que se passou, o hoje, e o “ali para frente” (André).

O encontro entre as formulações de Rocha (2008), Masson (2020) e o jovem André reforçam a força de criação, resistência e deslocamentos que se esboçam no encontro com uma obra de arte e com as trajetórias de vida dos jovens. Não por acaso, Masson (2020) insistiu em aproximá-las.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Figura 10 - No Show, obra de Melvin Moti (2004)



Fonte: Monteiro, J. 2019. *O que a Esfinge ensina a Édipo: os limites da interpretação, o demoníaco e o infamiliar na arte contemporânea*. 2019, 207 p. Tese (Doutorado em Filosofia) - Departamento de Filosofia, PUC-Rio, Rio de Janeiro.

Inauguramos estas considerações finais valendo-nos do encontro precioso com a instalação artística *No show* (2004), do artista holandês Melvin Moti²⁵, a partir da qual achamos uma valiosa referência ilustrativa que nos permitiu analisar, ainda que por seu avesso, os processos de operação que engendram a metodologia das Narrativas Memorialísticas. O encontro com a instalação aconteceu a partir da leitura da tese de doutorado de Juliana de Moraes Monteiro, intitulada *O que a Esfinge ensina a Édipo: os limites da interpretação, o demoníaco e o infamiliar na arte contemporânea* (PUC-RJ, 2019). Infelizmente, não tivemos a oportunidade de experimentar a instalação do artista ao vivo e, assim, a descreveremos a partir dos relatos de Moreira (2019) e de outras buscas realizadas.

No Show (2004) é um projeto audiovisual. Trata-se de uma instalação composta de um vídeo de 24 minutos, em 16mm, acompanhado por um livro que contém informações sobre uma pesquisa desenvolvida pelo artista Melvin Moti a partir dos arquivos do Museu Hermitage, localizado em São Petersburgo, na Rússia. O trabalho de busca realizado pelo artista revela um importante episódio da história do museu, o qual deu origem à instalação *No Show*. No ano de 1943, um grupo de soldados visita o Museu Hermitage acompanhado por um guia. Até então, a visitação parece ser mais uma entre tantas que aconteciam cotidianamente naquele que é considerado como o segundo maior museu de arte do mundo.

²⁵ Melvin Moti (Rotterdam, 1977) é um jovem artista contemporâneo atuante no campo de produção de vídeos e mídia.

Seria mais uma visita, não fosse pelo fato de não haver quaisquer obras de arte instaladas nas salas do museu. Todos os quadros haviam sido retirados do local e levados a um abrigo, buscando preservá-los dos ataques nefastos da Segunda Guerra Mundial que, naquele período, já caminhava para seu fim.

“As paredes do museu exibiam apenas as molduras dentro das quais havia antes pinturas de Fra Angelico, Rembrandt e outros artistas da história da arte europeia” (Monteiro, 2019, p.29). Tal fato, porém, não impediu que aquele guia apresentasse e descrevesse minuciosamente cada obra como se elas estivessem diante dos soldados. Na instalação de Moti (2004), esta cena se reproduz e o espectador é convidado a usar sua imaginação ao percorrer, com o suporte do filme, as salas cheias de molduras vazias do Museu Hermitage. A visitação é acompanhada por um áudio que descreve minuciosamente as obras ausentes.

Sobre o achado de Moti (2004), Juliana Monteiro (2019) ressalta em sua tese o movimento de tessitura da linguagem que se inaugura a partir da perda visível das obras: “a performatividade da palavra abre um caminho diante da visibilidade ausente. Nesse sentido, as palavras fazem viver algo que não mais se encontra em seu próprio lugar” (p.30). O poder soberano da linguagem, como nos diz Monteiro (2019), não se dá sem a lida com a perda, com um logro fundante que permite o deslizamento e encadeamento da cadeia significante.

Pois bem, se Monteiro (2019) ressalta, a partir da análise da instalação *No Show* (Moti, 2004), que o encontro com o vazio das obras, tomadas como imagens, promove um trabalho de criação por vias simbólicas, escancarando o poder soberano de negativização da linguagem, a partir do qual uma imagem se cria, podemos pensar que na metodologia de intervenção das Narrativas Memorialísticas esse caminho é percorrido na contramão: é a materialidade do furo da linguagem que atravessa as tentativas de narrar uma história de vida, oriundas do primeiro tempo interventivo desta metodologia, o que permite aos artistas criarem suas obras a partir da escuta das Narrativas Memorialísticas dos jovens. Oferece-se, assim, um contorno, por vias imagéticas ou textuais, ao Real que atravessa à linguagem,

Longe de comunicar um sentido que permita ao jovem ou ao seu ouvinte delimitar, datar ou quantificar marcos e acontecimentos de uma trajetória de vida, o convite à fala livre, impulsionado pela metodologia das Narrativas Memorialística, revela o furo da matéria significante do jovem, a partir da qual é possível “fazer obra com a obra jovem” (Masson, 2020). É pelas brechas significantes da narrativa, pelo resto resistente à simbolização que atravessa o campo da linguagem, que as obras ganham vida e tomam distância de qualquer compromisso representacional. Essa construção se esboça na fala dos artistas quando, ao longo da Partilha, muitos dizem não saber se “entenderam bem” o que o jovem dizia, “se fizeram certo”, “se era isso mesmo”. Ao se perguntarem sobre esse mal-entendido, os artistas revelam aquela que é a potência criacionista de suas obras: o resto inassimilável pelo sentido.

Assim, seguindo um movimento contrário ao daquele sustentado pelo genial e anônimo funcionário do Museu Hermitage nos anos 1940, a partir do furo da linguagem, e não pela ausência da visibilidade, é possível fazer obra na metodologia das Narrativas Memorialísticas. A criação se impulsiona nessa metodologia, primeiramente, pelo encontro com o logro constitutivo do dizível, em oposição ao encontro com a visibilidade ausente que con-

voca a performatividade da palavra no episódio ocorrido no Museu Hermitage. Narrar e criar tornam-se possíveis através das brechas da linguagem, porém, são as fendas e rachaduras da imagem, esboçadas no terceiro tempo interventivo, que tornam possível ocupar com a arte as molduras vazias de uma trajetória de vida que acontece distante dos museus.

Encerrando nossas considerações finais, tomamos nosso último fôlego de escrita para compartilhar com nossas leitoras e nossos leitores algumas breves considerações sobre um segundo momento de Partilha, inaugurado a partir do percurso desta dissertação. Nossa participação na pesquisa *Adolescências e Leis* e a escuta dos efeitos oriundos desse terceiro tempo interventivo impulsionaram nossa aposta em não recuar diante do compromisso de devolver aos jovens o que lhes é seu por direito: seus quinhões na construção desta pesquisa. Sendo assim, a Partilha neste estudo, divide-se em dois tempos: um momento de trocas e devolução aos jovens que construíram esta pesquisa e, posteriormente, a Partilha com o campo acadêmico.

Diferentemente do momento de Partilha da pesquisa *Adolescências e Leis*, esse segundo momento de trocas contou com os atravessamentos da pandemia pela COVID-19, que acometeu todo o mundo, exigindo que nos isolássemos em nossas casas e inventássemos novas formas de **compartilhamento** através das telas. Sendo assim, o encontro aconteceu *on-line*, reunindo as pesquisadoras e os jovens através de uma plataforma digital de reuniões. Seguindo os efeitos deste tempo causal de vida “*em-linha*”, nosso encontro contou com atravessamentos de conexão, imagens congeladas e falas interrompidas, o que fez com que Blitz deixasse a sala ainda no início do encontro. Por outro lado, o formato *on-line* foi o que nos possibilitou o encontro nestes tempos de isolamento.

Passados mais de um ano desde a realização das entrevistas, encontramos todos os jovens bem nesse dia. Em um primeiro momento de reencontro e conversa, muitos nos contaram sobre as conquistas feitas nesse tempo passado e sobre os planos que estavam por vir. Dessa vez, o encontro não contou com a partilha de obras de arte, partilhamos os achados recolhidos ao longo de nosso percurso de busca teórica e escuta dos jovens.

Partimos da pergunta: “o que é um efeito?”, justificada pelo escopo da pesquisa que buscava escutar os efeitos da metodologia de intervenção das Narrativas Memorialísticas. O termo “efeito” foi definido pelos jovens como “uma consequência” (Blitz), como “retorno” (André), como “tudo”, devido à dificuldade de Pedro Henrique em explicar o conceito, já que muitas coisas passavam na sua cabeça, ou, ainda, definido por César, como algo da ordem dos “efeitos especiais, como aqueles que aparecem nos filmes”.

À pergunta feita, seguiu-se uma apresentação sobre a articulação entre causa e efeito para a psicanálise, na qual se destacou o atravessamento do objeto *a* nessa relação. A exposição suscitou alguns questionamentos por parte dos jovens, que propuseram uma leitura do esquema causal apresentado através da problemática da violência policial. O debate seguiu com pontuações e perguntas sobre a causa e os efeitos dessa violência: “Às vezes a causa da violência policial pode ser a mesma, mas os efeitos vão ser muito diferentes para aqueles que têm determinada cor de pele ou para quem vive dentro ou fora da comunidade” (André). “A violência policial é a causa ou o efeito de tantas outras formas de violência?” (Amanda). Ao que Pedro Henrique responde:

Eu acho que o efeito está na mente da pessoa. Porque duas pessoas podem passar pelas mesmas coisas, pelas mesmas causas e é a mente da pessoa que vai determinar o efeito para ela. Tipo, eu e meus primos passamos por coisas parecidas, eu e meus irmãos passamos até por coisas piores, mas o efeito foi diferente na gente. Nós não nos envolvemos, e eu acho que é aí que a mente entra, sabe... para cada um vai ser diferente.

Em sequência, André nos relembra: “tem as causas sociais também, né? Elas sempre geram efeitos!”, e César pontua: “eu acho legal a gente pensar na minha história e na do André, nós viemos de um mesmo lugar, mas os efeitos sobre mim e sobre ele são muito diferentes”. A essa fala de César, André responde:

Acho que tem a parada de geração, né? Tipo, eu cresci vendo luta por água e luz dentro da comunidade. Você já nasceu em um contexto diferente, a comunidade já tinha crescido. E eu torço para que isso prossiga, né? Para que cada vez melhore mais!

O encontro segue com a partilha de recortes de fala de cada um dos jovens, colhidos ao longo das entrevistas. O ponto de enlace entre os discursos evidenciava o furo do sentido revelado pelo encontro com a obra de arte ou pelas tentativas de narrar uma história de vida. Alguns se surpreenderam com as falas apresentadas: “Que isso, que chique o que eu falei, heim? Ficou da hora!” (André).

Encerramos a Partilha tirando uma foto, ou melhor, uma captura de tela. Nessa captura reuniram-se as diversas outras telas através das quais marcava-se nossa presença naquele momento. Feito o registro, ao olhá-lo de perto enxergamos nas mãos de André um objeto. Tratava-se de um boneco do personagem Pantera Negra. A partir dos recolhimentos deste percurso de pesquisa, nos indagamos se, ali, na figura do Pantera Negra, não se esboça a mancha da imagem, presença irrepresentável que atravessa o enquadramento da imagem e revela o que resta como corpo vivo, imaterialidade propulsora de um circuito incansável de desejo e resistência.

REFERÊNCIAS

- Brousse, M. H. (2003). *O inconsciente é a política*. São Paulo, SP: Escola Brasileira de Psicanálise.
- Cachel, A. (2012). Elementos da causalidade em Hume a partir de um possível debate com Kant. *Revista Controvérsia* 8 (1), 01-11. São Leopoldo, RS. Recuperado de: <http://revistas.unisinus.br/index.php/controversia/article/view/5519>. Acesso em: junho de 2020.
- Calazans, R., & Santos, J. L.G. (2007). A pré-história da noção de causa em Freud. *Paidéia*, 17(36), 69-78). Recuperado de <https://www.scielo.br/pdf/paideia/v17n36/v17n36a07.pdf> . Acesso em: junho de 2020.
- Cazotte, J. (1772). O diabo amoroso. In *O Deus odioso, o Diabo amoroso: psicanálise e representação do mal*. Leite M. P. S. São Paulo, SP: Escuta, 1991.
- Costa-Moura, F. (2006a). A incidência real da causa na psicanálise. *Revista do Departamento de Psicologia - UFF*, 18 (1), 117-130. Rio de Janeiro, RJ. Recuperado de: <https://www.scielo.br/pdf/rdpsi/v18n1/a10v18n1.pdf>. Acesso em: julho de 2020.
- Costa-Moura, F. (2006b). O inconsciente entre a causa e o que ela afeta. *Revista Psychê*. Ano X (19), 81-94. São Paulo. Recuperado de: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psyche/v10n19/v10n19a06.pdf> . Acesso em: julho de 2020.
- Didi-Huberman, G. (2010). *O que vemos, o que nos olha*. (P. Neves, trad.). São Paulo, SP: Editora 34.
- Fapemig - Fundação do Amparo à Pesquisa de Minas Gerais. (2017). *Adolescências e Leis: Um estudo psicanalítico sobre a desistência do crime na adolescência*. Belo Horizonte, MG: Autor.
- Fanon, F. (2008). *Pele negra máscara brancas*. (R. Silveira, trad.). Salvador, BA: EDUFB. (Trabalho original publicado em 1952).
- Fonseca, F.F.A, & Rech, H.L. (2017). Zizek com Lacan em: Kant sem Sade. *Liberdade como reapropriação do gozo*. *Revista Transformação*, 40 (1), 165-186. Marília, SP. Recuperado de: <https://www.scielo.br/pdf/trans/v40n1/0101-3173-trans-40-01-0165.pdf>. Acesso em agosto de 2020.
- Foucault, M. (1999). *Em defesa da sociedade: Curso do Collège de France (1975-1976)* (M. E. Galvão, trad.). São Paulo, SP: Martins Fontes.

Freud, S. (1972). Fetichismo. In *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, (Vol. XXI, pp. 175-187). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1927).

_____. (1987). Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana In *Edição Standard Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, (Vol. VI) Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1901).

_____. (1996). Charcot. In *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, (Vol. III, pp. 21-34). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1893).

_____. (1996). As neuropsicoses de defesa. In *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, (Vol. III, pp. 53-66). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1894).

_____. (1996). Estudos sobre a histeria. In *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, (Vol. II). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1895a).

_____. (1996). Respostas às críticas de meu artigo sobre a neurose da angústia. In *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, (Vol. III, pp.123-137). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1895b).

_____. (1996). Sobre os fundamentos para destacar da neurastenia uma síndrome específica denominada neurose de angústia. In *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, (Vol. III, pp.93-115). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1895c).

_____. (1996). Carta 52. In *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, (Vol. I). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1896).

_____. (1996). Carta 69. In *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, (Vol. I). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1897).

_____. (1996). A interpretação dos sonhos. In *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, (Vols. IV e V). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1900).

_____. (1996). Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, (Vol. VII). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1905).

_____. (1996). Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, (Vol. XI). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1910).

_____. (1996). Conferência XVIII. In *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, (Vol. XVI, pp. 323-336). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1917).

_____. (2007). A Negativa. In *Escritos sobre a psicologia do Inconsciente*, (Vol. III, pp. 145-157). Sigmund Freud (2007). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1925).

Gonzalez, L. (1984). Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, ANPOCS, 2, 223-244. Brasília, DF.

Gonzalez, L. (1988). A categoria político-cultural da amefricanidade. *Tempo Brasileiro*, 92/93, 69-82. Rio de Janeiro, RJ.

Greco, M. (2011). Os espelhos de Lacan. *Revista Opção Lacaniana*, 2(6). Recuperado de <http://www.opcaolacanianana.com.br/nranterior/numero6/texto9.html>. Acesso em: maio de 2020.

Guerra, A. M. C. (2001). A lógica da clínica e a pesquisa em psicanálise: um estudo de caso. *Revista Ágora*, Vol. IV (1), 85-101. Rio de Janeiro, RJ. Recuperado de: <https://www.scielo.br/pdf/agora/v4n1/v4n1a06.pdf>. Acesso em: março de 2020.

Guerra, A. M. C., de Oliveira Moreira, J., de Oliveira, L. V., & e Lima, R. G. (2017). *The Narrative Memoir as a Psychoanalytical Strategy for the Research of Social Phenomena*. *Psychology*, 8, 1238-1253. Recuperado de: <https://doi.org/10.4236/psych.2017.88080>. Acesso em: março de 2020

Guerra, A. M. C.; Moreira, J. O.; Malta, A.L., & Galhardo, L. (2019). A família processual: pensando a transmissão e a filiação na contemporaneidade. *Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 19(1), 206-222. Rio de Janeiro, RJ. Recuperado de: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/43014>. Acesso em: março de 2020.

Guerra, A. M. C. (2020). O Papel da Psicanálise na Desconstrução do Racismo à Brasileira. *Revista Subjetividades*, 20 (Especial 2). Recuperado de: <http://doi.org/10.5020/23590777.rs.v20iEsp2.e9547>. Acesso em: janeiro de 2021.

Guerra, A. M. C.; Moreira, J. O., & Silva, A. C. D. (no prelo) Narrativas Memorialísticas e arte na cena da pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais. *Revista Psicologia em Estudo* do Departamento de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá. Maringá, PR.

Hume, D. (2000). *Treatise of Human Nature*. Norton, D. F. & Norton M. (Eds.) Oxford, England: Oxford University Press. (Versão original publicada em 1739-1740).

Hume, D. (2004). *Investigações sobre o entendimento humano e sobre os princípios da moral*. (O. de Almeida, trad.). São Paulo, SP: UNESP. (Versão original publicada em 174-).

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. *Atlas da Violência 2019*. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Brasília, DF: Rio de Janeiro, RJ: São Paulo, SP: Autor, 2019.

Kant, I. (2008). *Crítica da razão pura*. (J. R. de Mereghe, trad.). [Versão para eBook] *Acrópolis*. (Trabalho original publicado em 1781). Recuperado de <https://www.marxists.org/portugues/kant/1781/mes/pura.pdf>.

_____. (2003). *Crítica da Razão Prática*. (V. Rohden, trad.). São Paulo, SP: Martins Fontes.

_____. (2009). *Fundamentação da Metafísica dos costumes*. (G. A. de Almeida, trad.). São Paulo, SP: Barcarolla.

Kuri, C. (2019). Introducción al problema de la causalidad en Lacan. *Revista de Filosofia do IFCH da Universidade Estadual de Campinas*, 3(5). Campinas, SP. Recuperado de: <https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/modernoscontemporaneos/article/view/3880>. Acesso em: junho de 2020.

Lacan, J. (1976-1977). *O Seminário, livro 24: L'insu que sait de l'une bévue s'aile à mourre*. Inédito.

_____. (1993). *O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais em psicanálise*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar. (Trabalho original publicado em 1964).

_____. (1997). *O Seminário, livro 7: A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1959-1960).

_____. (1998). *O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada: Um novo sofisma*. In *Escritos*. V. Ribeiro, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1945).

_____. (1998). *Formulações sobre a causalidade psíquica*. In *Escritos*. (V. Ribeiro, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Zahar. (Trabalho original publicado em 1946).

_____. (1998). *O estádio do espelho como formador da função do Eu*. In *Escritos*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1949).

_____. (1998). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In *Escritos*. (V. Ribeiro, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Zahar. (Trabalho original publicado em 1953).

_____. (1998). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In *Escritos*. (V. Ribeiro, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Zahar. (Trabalho original publicado em 1957).

_____. (1998). Kant com Sade. In *Escritos*. (V. Ribeiro, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Zahar. (Trabalho original publicado em 1963).

_____. (2003). O aturdido. In *Outros escritos*. (V. Ribeiro, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1973).

_____. (2005). *O Seminário, livro 10: A angústia*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1962-1963).

_____. (2006). *O Seminário, livro 16: De um Outro ao outro*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1968-1969).

Laplanche, J. (2001). *Vocabulário da Psicanálise*: Laplanche e Pontalis. (P. Tamen, trad.). (4a ed.). São Paulo, SP: Martins Fontes.

Lustoza, R.Z. (2006). *O problema da causalidade psíquica na psicanálise*. (Tese de doutorado, Instituto de Psicologia/ Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, UFRJ). Rio de Janeiro, RJ.

Masson, A. (2020, 14 de Setembro). *Récits Mémoires*. Trabalho apresentado no Seminário Científico Narrativas Memorialísticas na pesquisa psicanalítica. Recuperado de: <https://www.youtube.com/watch?v=83CRKeY6ZnE>.

Mattos, H. & Abreu, M. (2013). Lugares do tráfico, lugares de memória: novos quilombos, patrimônio cultural e direito à reparação. In H. Mattos (Org.), *Diáspora negra e lugares de memória: a história oculta das propriedades voltadas para o tráfico clandestino de escravos no Brasil imperial*. (pp. 107-119). Niterói, RJ: EdUFF.

Mbembe, A. (2016). Necropolítica. In *Arte & Ensaios* - Revista do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes - UFRJ. 32, 122-151. Rio de Janeiro, RJ.

Mbembe, A. (2014). *Crítica da Razão Negra*. (M. Lanza, trad.). Lisboa, Portugal: Editora Antígona.

Mendes, L. A. (2001). *Memórias de um sobrevivente*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.

- Miller, J.A. (2008). *Efeitos terapêuticos rápidos em psicanálise: conversação clínica com Jacques-Alain Miller em Barcelona*. Belo Horizonte, MG: Escola Brasileira de Psicanálise.
- Miller, J. A. (1998). *O osso de uma análise*. Salvador, BA: Biblioteca - agente.
- Miller, J. A. (2001a). Um real para a psicanálise. *Revista Opção Lacaniana*, 32, 15- 18. São Paulo, SP.
- Miller, J.A. (2001b). Cómo se inventan nuevos conceptos em psicoanálisis. *Virtualia - Revista digital de la Escuela de la Orientación Lacaniana*. Año 1(3). Caracas, Venezuela. Recuperado de: <http://www.revistavirtualia.com/articulos/746/destacados/como-se-inventan-nuevos-conceptos-en-psicoanálisis> . Acesso em: novembro de 2020.
- Monteiro, M. P. (2014). A topologia de Lacan. *Estudos de psicanálise*, n.41, pp.133-140. Belo Horizonte. MG. Recuperado de: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ep/n41/n41a13.pdf>. Acesso em: junho de 2020.
- Monteiro, J.M. (2019). *O que a Esfinge ensina a Édipo: os limites da interpretação, o demoníaco e o infamiliar na arte contemporânea*. (Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Puc-Rio). Rio de Janeiro, R.J.
- Moreira, J.O; Oliveira, N.A., & Costa, E.A. (2018). Psicanálise e pesquisa científica: o pesquisador na posição de analisante. *Tempo Psicanalítico*, 50(2), 119-142. Rio de Janeiro, RJ. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382018000200007 . Acesso em: setembro de 2020.
- Pinto, J. F. (2009). Uma política de pesquisa para a psicanálise. *Revista Clinicaps - Impasses da Clínica*, 7. Belo Horizonte, MG. Recuperado de: https://www.clinicaps.com.br/clinicaps_pdf/Rev_07/Revista%207%20art%202.pdf. Acesso em: abril de 2020.
- Ramírez, M.E. (2012). El método clínico de Freud aplicado a la investigación de fenómenos sociales. In *El psicoanálisis y la investigación em la universidad*. (1a ed.), pp.129-142. Buenos Aires, Argentina: Grama Ediciones.
- Rancière, J.A. (2005). *Partilha do sensível: estética e política*. São Paulo, SP: EXO Experimental, Editora 34.
- Rivera, T. (2018). *O avesso do imaginário: arte contemporânea e psicanálise*. São Paulo, SP: Cosac Naify.
- Rocha, G. M. (2008). *Olho Clínico: ensaios e estudos sobre arte e psicanálise*. Belo Horizonte, MG: Scriptum.

- Roudinesco, H. (2006). *A análise e o arquivo*. (A. Telles, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Sade, M. (1995). *A filosofia na alcova*. (Trad. anônimo). Apresentação de Eliane Robert Moraes, Salvador, BA: Ágalma. (Trabalho original publicado em 1795).
- Safatle, V. (2003). O ato para além da Lei: Kant com Sade como ponto de viragem do pensamento lacaniano. In *Um limite tenso: Lacan entre a filosofia e a psicanálise* (V. Safatle, org.). São Paulo, SP: UNESFJ.
- Santos, N. (1983). *Tornar-se Negro ou As Vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social* (2a ed.), Vol. 4. Rio de Janeiro, RJ: Graal.
- Schmitt, C. (1992). *La notion de politique. Théorie du partisan*. Paris, França: Flammarion.
- Soler, C. (2012). Seminário de Leitura de texto ano 2006-2007: Seminário *A angústia*, de Jacques Lacan. (Elynes Barros Lima, Lia Carneiro Silveira & Sonia Maria Coni Campos Magalhães, trads.). São Paulo, SP: Escuta.
- Souza, E. L. A. (2015). Faróis e Enigmas: Arte e Psicanálise à luz de Sigmund Freud (Posfácio). In: *Arte, literatura e os artistas / Sigmund Freud*. (E. Chaves, trad.). (1a ed.), pp.317-331. Belo Horizonte, MG: Autêntica.
- Stevens, A. (2015). Adolescência como sintoma da puberdade. *Curinga*, nº 20. Belo Horizonte, MG. (Trabalho original publicado em 1998).
- Trindade, M.L.A. A. (2008). *A Estrutura de Linguagem do Inconsciente e os Novos Sintomas*. (Dissertação de mestrado, Programa de pós-graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba). João Pessoa, PB.
- Vieira, M.A. (2008). *Restos: uma introdução lacaniana ao objeto da psicanálise*. Rio de Janeiro: Contra Capa.
- Vieira, M.A & De Felice, T. (2018). *A arte da escrita cega: Jacques Lacan e a letra*. (M. A. André Vieira e Thereza de Felice, orgs.). Rio de Janeiro, RJ: Subverso.
- Viola, D. (2009). A formulação do objeto a a partir da teorização lacaniana acerca da angústia. *Revista Mal-estar e Subjetividade*. 19 (3), p. 867-903. Fortaleza, CE.

ANEXO

ANEXO A – Roteiro para realização de entrevistas semiestruturadas. Pesquisa: Os efeitos das Narrativas Memorialísticas entre a clínica, a estética e a política (UFMG /FAFICH).

ROTEIRO PARA ENTREVISTA

Nome do participante:

Data da entrevista:

- 1** O que fica com você depois de ter participado da pesquisa *Adolescências e Leis*? Esta pesquisa dividida em três tempos onde, primeiramente, você narrou sua história de vida, posteriormente, aguardou a produção das obras de arte e como última etapa recebeu, em mãos, uma obra de arte produzida a partir de sua história de vida?
- 2** Qual foi a obra de arte que você recebeu?
- 3** O que você sentiu (efeito sobre o corpo) ao receber essa obra de arte?
- 4** Você faria algo diferente nessa intervenção? Acrescentaria ou retiraria algo?

